

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — **Batista Pereira: Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.
- 2 — **Pandiá Calogeras: O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.
- 3 — **Alcides Gentil: As Idéias de Alberto Torres** (síntese com índice remissivo).
- 4 — **Oliveira Vianna: Raça e Assimilação** — 3.ª edição (aumentada).
- 5 — **Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822)** — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. — 2.ª edição.
- 6 — **Batista Pereira: Vultos e episódios do Brasil**. — 2.ª edição.
- 7 — **Batista Pereira: Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos). 2.ª edição.
- 8 — **Oliveira Vianna: Populações Meridionais do Brasil** — 4.ª edição.
- 9 — **Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
- 10 — **Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro** — 3.ª edição (ilustrada).
- 11 — **Luis da Camara Cascudo: O Conde d'Eu** — Vol. ilustrado.
- 12 — **Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Vol. ilustrado.
- 13 — **Vicente Licínio Cardoso: A margem da História do Brasil**, 2.ª edição.
- 14 — **Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira** — 3.ª edição.
- 15 — **Pandiá Calogeras: Da Regência á queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — **Alberto Torres: A Organização Nacional**, 2.ª edição.
- 17 — **Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro**, 2.ª edição.
- 18 — **Visconde de Taunay: Pedro II**, 2.ª edição.
- 19 — **Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII)**, 2.ª edição.
- 20 — **Alberto de Faria: Maná** (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — **Batista Pereira: Pelo Brasil Maior**.
- 22 — **E. Roquette-Pinto: Ensaios de Antropologia Brasileira**.
- 23 — **Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil**.
- 24 — **Pandiá Calogeras: Problemas de Administração**, 2.ª edição.
- 25 — **Mário Marroquim: A lingua do Nordeste**.
- 26 — **Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas**.
- 27 — **Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas**.
- 28 — **General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia** — 4.ª edição.
- 29 — **Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil** — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — **Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada, 2.ª edição.
- 31 — **Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual**.
- 32 — **C. de Melo-Leitão: Visitantes do Primeiro Império** — Ed. ilustrada. (com 19 figuras).
- 33 — **J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira**.
- 34 — **Angione Costa: Introdução á Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada.
- 35 — **A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada — 2.ª edição.
- 36 — **Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recô do Meridiano** — 2.ª edição.
- 37 — **J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil** — (Ed. ilustrada).
- 38 — **Rui Barbosa: Mocidade e Exílio** (Cartas ineditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
- 39 — **E. Roquette-Pinto: Rondonia** — 3.ª edição (aumentada e illustrada).
- 40 — **Pedro Calmon: Historia Social do Brasil** — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª edição. Ilustrada (com 13 gravuras).
- 41 — **José-Maria Belo: A intelligencia do Brasil** — 3.ª edição.
- 42 — **Pandiá Calogeras: Formação Histórica do Brasil** — 3.ª edição (com 8 mapas fóra do texto).
- 43 — **A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra**.

- 44 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no português do Brasil — Ed. ilustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Viana: Bandeiras e sertanistas balanços.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — Ed. ilustrada. (com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: Projeção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Otavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guaraní.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeografia dinamica.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Accioly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Expilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefacio e notas de Gastão Penalva.
- 57 — Flausino Rodrigues Vale: Elementos do Folclore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos Indios Guaicurús — Edição ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.
- 63 — Raimundo Morais: Na Planicie Amazonica — 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freire: Sobrados e Mucambos — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 69 — Prado Maia: Através da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: Conceito de Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hochne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira: Machado de Assis — (Estudo Critico-Biografico) — Edição ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...) — 2.ª edição.
- 75 — Afonso A. de Freitas: Vocabulario Nhêngatú (vernaculizado pelo português falado em S. Paulo) — Lingua Tupi-guaraní. (com 3 ilustrações fora do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicção de Pedro I" — Edição ilustrada.
- 77 — C. de Melo-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbu — Sua Vida e sua atuação na politica nacional — 1840-1869.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição ilustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Sotainz do Primeiro Imperio — Frei Caneca — Ed. ilustrada.
- 82 — C. de Melo-Leitão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espírito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. ilustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: A' Margem do Amazonas — Ed. ilustrada.
- 87 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Imperio — (Subsidios para a História da Educação no Brasil) —

- 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1883.
- 89 — Helio Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 90 — Alfredo Ellis Jun'or: Evolução da Económica Paulista e suas Causas — Edição ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco. — Edição ilustrada.
- 92 — Almirante Antonio Alves Câmara: Ensaio Sobre as Construções Navais Indigenas do Brasil — 2.ª edição ilustrada.
- 93 — Serafim Leite: Páginas de História do Brasil.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia — Edição ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Süsskind de Mendonça.
- 96 — Osorio da Rocha Diniz: A Política que Convém ao Brasil.
- 97 — Lima Figueirêdo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 98 — Fernando de Azevedo: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. de Melo-Leitão: A Biologia no Brasil.
- 100 — Roberto Simonsen: Historia Economica do Brasil. Edição ilustrada em 2 tomos 100-100-A.
- 101 — Herbert Baldus: Ensaio de Etologia Brasileira. — Prefacio de Afonso de E. Taunay. — Edição ilustrada.
- 102 — S. Fróes Abreu: A riqueza mineral do Brasil.
- 103 — Sousa Carneiro: Mitos Africanos no Brasil. — Edição ilustrada.
- 104 — Araujo Lima: Amazonia — A Terra e o Homem. (Introdução à Antropogeografia).
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Camara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870) — Edição ilustrada.
- 108 — Padre Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões comentados por Pedro Calmon.
- 109 — Georges Raeders: D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondencia inedita).
- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — Washington Luis: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indigenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruls: A Amazonia que eu Vi — Obidos — Tumuc-Humac — Prefacio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.
- 114 — Carlos Süsskind de Mendonça: Silvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliografica — Edição ilustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos: Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda: Estudos Piauienses — Edição ilustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado, Descritivo do Brasil em 1587 — Comentarios de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.ª Edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: Através da Bata — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Edição ilustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Filósofo — V da de D. Pedro II. Edição ilustrada.
- 121 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 3.º volume — 1854-1889.
- 122 — Fernando Saboia de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da America.
- 123 — Hermann Wätjen: O Domínio Colonial Holandês no Brasil — Um Capitulo da História Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: A Côrte de Portugal no Brasil — Notas, documentos diplomaticos e cartas da Imperatriz Leopoldina. Edição ilustrada.

- 125 — João Dornas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira.
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes — Em dois tomos — Edição illustrada. — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 127 — Ernesto Ennes: As Guerras nos Palmares (Subditos para sua história) 1.º Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — Almirante Custodio José de Melo: O Governo Provisorio e a Revolução de 1893 — 1.º Volume, em 2 tomos.
- 129 — Afranio Peixoto: Clima e Saúde — Introdução bio-geografica á civilização brasileira.
- 130 — Major Frederico Rondon: Na Rondônia Ocidental — Edição illustrada.
- 131 — Hildebrando Acloly: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição illustrada com 8 mapas fora do texto.
- 132 — Sebastião Pagano: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 — Edição illustrada.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo.

As idéas de Alberto Torres

(2.^a edição, refundida)

1386

Série 5.ª

BRASILIANA

Vol. 3

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

ALCIDES GENTIL

As idéas de Alberto Torres

(SINTESE COM UM ÍNDICE REMISSIVO)

(2.ª EDIÇÃO, REFUNDIDA)



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto-Alegre

1938

A' GUIZA DE PREFACIO

Este livro é um livro opportuno. Chega no momento mesmo em que a desorientação dos espiritos está pedindo um pensamento director, uma palavra de ordem.

Torres é pouco conhecido, ainda entre os que lêem e pensam entre nós. Pela inacessibilidade da sua obra, só uma pequena minoria o poudes lêr. Pela complexidade da sua concepção social e philosophica, só uma minoria ainda mais reduzida o poudes comprehender.

Embora imperfeitamente conhecido, o seu pensamento, entretanto, está trabalhando lentamente a mentalidade das nossas elites, e sente-se que os espiritos com inclinações innovadoras, — e são todas as intelligencias moças do presente, — estão tendendo sensivelmente para elle, como attrahidos para um centro de gravitação ideal. Esta influencia de Torres seria incomparavelmente maior se outra tivesse sido a divulgação das suas obras, ou si, editadas, tivessem a larga rède de distribuição que vae ter esta pequena synthese que lhe preparou

Alcides Gentil, com os seus methodos originalissimos de leitura e assimilação.

Se se póde dizêr que ha uma philosophia "torrista", uma sociologia "torrista", uma politica "torrista", Gentil é, no Brasil, o seu mais seguro conhecedor, a sua maior autoridade. Elle estava talhado, como ninguém, para esta missão delicadissima, para realizar esta tarefa preciosa e inestimavel de exegeta e synthetizador. Dos discipulos de Torres elle é o que mais de perto conviveu com o mestre, na sua intimidade de philosopho e de evangelista, aquelle que mais completamente lhe assimilou o pensamento, mais perfeita e integralmente se conservou fiel ao espirito da sua philosophia social e politica. Todos os outros se desviaram; menos Gentil, que ficou sendo o orthodoxo do grupo.

Este grupo, que cercou Torres, era pouco numeroso. Nos serões semanaes da sua casa de Copacabana, e, depois, das Laranjeiras, os discipulos que sentavam em torno do Mestre não chegavam, penso eu, á metade dos que seguiam Jesus pelas estradas da Galliléa: Gentil, Saboia Lima, Por-

firio Netto, Antonio Torres, Carlos Pontes, Mendonça Pinto e eu, o menos frequente e o mais esquivo de todos, e talvez o que tivesse maiores pontos de dissidência com o pensamento de Torres. Nesses serões, ás segundas-feiras, era Torres, em regra, quem falava; nós ouviamos, limitando-nos, uma vez ou outra, a aproveitar a oportunidade, aliás rara, que se abria, para interferir com um aparte. Torres tinha uma palavra fácil, colorida, vibrante, fluentissima, de uma fluencia quasi incontida e incoercivel. Falava alto, em tom oratorio, como se estivesse em estado permanente de exaltação. Uma das cousas que mais me impressionava em Torres, nestas palestras feitas ao modo de discursos, era a facilidade, mais do que isto, a segurança absoluta com que elle, depois de pontilhar a sua exposição com uma série de interrupções, digressões e devaneios incidentes, voltava ao topico inicial, retomando o fio do raciocinio inconcluido, para continuar o seu pensamento, expondo-o com lucidez perfeita, e ardente, exaltadamente, como sempre.

Do seu convívio eu não recebi apenas a impressão de uma das mais poderosas e surprehendedentes organizações intellectuaes da nossa raça; mas, principalmente, a impressão de uma das mais nobres consciencias civicas que tenho até agora conhecido. Ninguém poderá imaginar, a não sermos nós, que viviamos dentro da sua affeição e recebiamos as suas confidencias, ninguém poderá imaginar o que havia de sinceridade, de devoção, de abnegação, de patriotismo exaltado e puro nesse typo perfeito de cidadão, que era Torres. Este homem, dotado de uma sensibilidade quasi mistica, fez-se uma especie de caixa de resonancia de todas as agonias e tristezas da sua patria. A cada golpe vibrado contra as leis, o direito, os interesses nacionaes pelos politicos desalmados que governavam (ou desgovernavam) o paiz, eu o via soffrer não apenas moralmente, mas mesmo physicamente, agitar-se, exaltar-se, indignar-se, ou cahir em estado de desanimo irritado, que lhe ia abalando, aos poucos, a saúde e acabou arrebatando-lhe a vida. Ah! como os politicos fizeram soffrer a Tor-

res! Que testemunho posso eu dar de como elles, esses tremendos egoistas, o fizeram consumir-se lentamente. Dia a dia se queimava, entre dôres cruciantes, nas chammas do seu proprio civismo indignado, todas as vezes que esses "donos do Brasil", os generaes Pinheiros omnipotentes, desferiam os seus costumados golpes de força contra o paiz, elles que sempre viram com lucidez os interesses do seu grupo, ou do seu partido, mas nunca souberam vêr como elle, Torres, e muito menos sentir, com o mesmo alcance, os interesses superiores da sua nacionalidade e da sua patria.

Felizmente os ideaes deste grande patriota, cuja grandeza civica não é menor do que a sua grandeza intellectual, ahí estão resumidos, pela dedicação do seu mais fiel discipulo, nesta pequena synthese em que se contém toda a sua philosophia social e politica.

Esta synthese é tambem um guia para os que quizerem se aventurar no oceano alto do pensamento de Torres, pela leitura directa das suas obras; Gentil a fez de tal fórma que ella nos con-

duz, em cada paragrapho ou em cada inciso, ás fontes originaes, isto é, a toda a bibliographia do pensador fecundo.

Espero que este resumo seja um estímulo para a leitura integral das obras de Torres. Essas obras estão mal conhecidas; entãõ, precisam ser lidas; mais: devem ser lidas. O presente ahi está confirmando todos os seus julgamentos; o futuro irá confirmá-los naquillo que constitue as suas chamadas utopias. Como todo homem de genio, Torres ultrapassou o seu tempo; nas suas expressões mais altas e ousadas, ò seu pensamento é prophético, representa uma antecipação e irá encarnar-se em gerações ainda por virem, que ainda estão muito distantes de nós e cujos germens o futuro ainda não semeou siquer no seio das suas matrizes creadoras.

Niteroi, 1932

OLIVEIRA VIANNA.

As idéas de Alberto Torres

(2.^a edição, refundida)

INDICE DOS CAPITULOS

I — Critica do Conhecimento	19
II — Evolução historica e progresso em geral	64
III — Politica e Governo	81
IV — Politica Mundial	112
V — Guerra	146
VI — Militarismo	168
VII — Sociedade e individuo	172
VIII — Economia em geral	181
IX — Questão social	191
X — Patria e Nação	206
XI — Direito	221
XII — Moral	227
XIII — Raças	236
XIV — Emigração	246
XV — Religião	252
XVI — Imperialismo	263
XVII — Origens da nação brasileira	266
XVIII — Politica Nacional	268
XIX — Politica internacional brasileira	309
XX — Nacionalidade brasileira	317
XXI — População nacional	325
XXII — Evolução historica e progresso na- cional	335

XXIII	—	Organização constitucional	341
XXIV	—	Economia nacional	380
XXV	—	Espírito nacional	408
XXVI	—	Educação e Ensino	411
XXVII	—	Viação e Transportes	419
XXVIII	—	Imigração	422
XXIX	—	Agricultura e Pecuaria	427
XXX	—	Geografia, geologia e climatologia .	433
XXXI	—	Defesa militar	436
XXXII	—	Higiene	443
		Abreviaturas	446
		Exposição preliminar	451

CAPITULO I

CRITICA DO CONHECIMENTO

1. — O habito de reduzir tudo a sistema não nos permite, as mais vezes, apanhar um pensamento complexo sem o auxilio de uma representação esquematica: PM, 6; PN, 68.

2. — [v. n.º 12]. — A nossa ciencia, — a ciencia academica —, é uma ciencia de verdades laterais. Ocupa-se, de preferencia, com os fatos de relevo. O homem precisa conhecer, entretanto, a sua vida normal: PM, 11-12, 100.

3. — Discutir o poder do nosso conhecimento é uma questão essencialmente metafisica: PM, 97.

4. — Abusa-se, porém dessa palavra, para concluir-se que é metafisico todo o conhecimento que não se funda na matematica: PM, 98.

5. — O calculo não resolve os problemas da vida: esse é um campo em que ele não póde suprir

os dados dos sentidos, da experiencia e da imitação: PM, 98; ON, 135; CH.

6. — [v. ns. 10 e 123]. — A vida contém, efetivamente, elementos que ainda não foram registrados pelos nossos instrumentos de pesquisa ou pelos poderes da nossa intelligencia: PM, 98-99; ON. 274.

7. — Se no dominio da biologia teorias houve, realmente ousadas, que acabaram desmentidas pelos fátos, ou que vieram esbarrar em obstaculos insuperaveis, isso foi obra da excessiva fidelidade dos especialistas a metodos inadequados: PM, 99.

8. — [v. n.º 131]. — Toda verdade, como toda idéa puramente teorica, que não responde ás interrogações da sua hora e do seu logar, é nociva: PM, 99-100, 182; PN, 25, 46; ON, 138-139, 202 [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 60].

9. — Os desvios, como o atrazo, dos nossos conhecimentos derivam da estreiteza do nosso golpe de vista e da sedução que a logica e o trabalho profissional exercem sobre os especialistas: PM, 100; ON, 62, 139, 273-274.

10. — [v. n.º 6]. — O certo é haver, ao lado das verdades e dos fátos reunidos em sistemas, um mundo de outros fátos, sobre os quais agimos, e que agem, por sua vez, sobre nós, mas ainda não

registrados pelo nosso conhecimento: PM, 100; ON, 169-170.

11. — Daí a teoria da intuição de Bergson, destinada a preencher esse vazio do conhecimento. Mas, com certeza, a ação do espirito sobre este mundo é mais penetrante e mais variada que o da intuição: PM, 101-102.

12. — [v. n.º 2]. — O saber e os seus métodos, colocados pelo espirito de erudição no primeiro plano da nossa mentalidade, não é, afinal, senão a paisagem escolhida pelo gosto estético das inteligencias sobre o fundo das cousas complexas e graves da existencia: PM, 101.

13. — No que concerne á vida pratica, as invenções e as descobertas são realizadas por gradações sucessivas. Dar-se-á que isso promane da intuição? Evidentemente não: PM, 102; ON, 138, 274.

14. — E' impossivel, por emquanto, traçar o quadro dos processos do espirito, na elaboração do nosso conhecimento: PM, 102; ON, 170, 274.

15. — O defeito dos homens de estudo, reside em que, embora reconhecendo os vacuos do seu saber, não têm, entretanto, a coragem de romper a prisão em que se acham, indo buscar alhures novos especimes e novas hipoteses: PM, 102, 183. [v. *Organização constitucional*, 102].

16. — [v. ns. 36 e 75]. — Para os que se ocupam com a realidade humana, nessa atmosfera de cousas e idéas úteis ao homem e à sua vida, a questão é outra. Trata-se de registrar, e, em seguida, de exercer sobre os documentos uma serie de operações mentais, capazes de fazer-nos representar, com antecedencia, os acontecimentos: PM, 103 [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 7; *Politica e Governo*, 7, 95].

17. — Ora, se todo homem de intelligencia média pratica diariamente, com o auxilio desses processos vulgares denominados comumente bom senso e senso comum, operações sobre os diversos problemas da sua vida e da de outrem, — operações mentais de que não tem consciencia — o trabalho mental dos homens de maior capacidade é feito de uma série de operações inteiramente diversas das dos nossos estudos: PM. 103.

18. — Na pratica das profissões a bagagem dos nossos estudos é quasi inutil. A profissão é exercida com idéas de experiencia e de observação, completamente alheias ás idéas teoricas: PM, 103.

19. — Como denominar os poderes que fazem a diferença entre a méra perfeição técnica de um artifice e a grande arte de um espirito creador? No dominio da ação do espirito sobre a materia eis aí uma questão que não é facil de resolver. Ora, se nos elevarmos ás creações intellectuais que se

não corporificam, a cousa é ainda mais complexa: PM, 104.

20. — [v. n. 166]. — A invenção e o pensamento são inacessíveis á compreensão do publico em geral e pairam acima do espirito critico da época. Poucos avaliam o merecimento das invenções do espirito abstrato. Em verdade, o preço dos grandes poemas e dos grandes sistemas filosoficos é feito mais de estima que de verdadeira cotação no commercio do espirito. De sorte que será impossivel, em toda a evolução humana, medir o valor intrinseco de um pensamento pelo prestigio que haja adquirido: PM, 104; ON, 167.

21. — Todavia a ninguem é licito contestar a realidade desse valor, verificando que os pensadores gregos se adiantaram em pesquisas, senão mesmo em soluções em voga: PM, 104; ON, 130-131.

22. — [v. n.º 129]. — A existencia de um poder de percepção superior, especie de faculdade de generalizações rápidas e obscuros calculos abreviados, não póde ser contestada por espiritos verdadeiramente observadores: PM, 104; ON, 273-274.

23. — Para afirmar a existencia desse poder de percepção basta a historia da administração e da politica. Na ordem privada a capacidade de administrar é um talento que nada tem que vêr

com a intuição e muito menos com a inteligência, no sentido de faculdade de conhecer. Ha homens iletrados que são excelentes administradores, ao passo que homens de alta cultura e vasto saber técnico naufragam na direção de pequenos negocios: PM, 104-105.

24. — [v. n.º 161]. — E na politica? Poder-se-á negar a influencia exercida sobre os destinos dos povos pela ação de homens que o acaso dotou do privilegio de transformar em átos as suas concepções?: PM, 105.

25. — [v. n.º 111]. — Ao contrario, a nossa vida é obra da atuação dos grandes dominadores de homens. Tal o caso de Napoleão, tal o de Washington: PM, 105. [v. *Sociedade e individuo*, 22].

26. — [v. n.º 155]. — E mais fácil resolver um problema politico do que um problema de psicologia individual: PM, 105-106; ON, 174.

27. — [v. ns. 33, 34 e 136]. — Sobre a realidade social, a Historia, com o estudo comparado das sociedades, permite aplicar todo o conjunto dos nossos poderes intellectuais e dos nossos métodos. A analise é fecunda, no estudo da economia e da estatica social; mas o método carateristico da politica é um método de conjunto, de vastas sinteses, de largas associações e generalizações de idéas sobre os fátos correntes da opinião e da ação pública. PM, 106.

28. — E justamente porque essa massa instável de fenómenos obedece á pressão de leis físicas e os movimentos de cada unidade se multiplicam indefinidamente é que o seu conjunto apresenta uma fôrma sintética compacta, onde a analyse não penetra, mas cujas linhas de relevo avultam nitidamente: PM, 106.

29. — Sobre esse ritmo dos movimentos humanos para os seus destinos futuros podemos descrever uma “historia moral do homem” e uma “geografia dos sentimentos e das idéas”. As nossas primeiras conquistas intellectuais guardam, para com as nossas primeiras invenções materiais, a mesma relação existente entre o sentimento afetivo pe'lo torrão natal e a necessidade de um abrigo no interior de uma caverna: PM, 106-107.

30. — [v. n.º 205]. — Os fátos da evolução material formam como que a estrutura física, a que os fátos da evolução espiritual servem de atmosfera; mas do mesmo modo que a atmosfera não teria existencia sem o seu planeta, tambem a vida psiquica do individuo, da familia, da comuna, da patria e da humanidade se manifesta como a emanação do ser que vive e das coletividades que se agitam sobre a Terra: PM, 107; ON, 136.

31. — Essa atmosfera recebe, nos seus contornos, a fôrma do corpo central; mas se no estudo dos fenómenos físicos nos apoiamos sobre a ana-

lise, subindo da poeira dos fatos microscópicos às leis gerais, esse método é um instrumento quasi inútil na pesquisa das leis do movimento social: PM, 107.

32. — O estudo analítico do movimento social conduzir-nos-ia a uma especie de virtuosidade sociológica, de bisantinismo, de casuismo: PM, 107; FV, 39.

33. — [v. n.º 143]. — Cabe á politica, reduzindo a largas unidades e submetendo a exame os relevos das grandes correntes da evolução, apanhar os elementos reguladores do seu conjunto: PM, 107-108; ON, 139-140, 148.

34. — [v. ns. 27 e 135]. — A ciencia social é uma ciencia de generalizações e de sínteses, baseada sobre verdades diretoras e sobre o conhecimento dos meios de ação dessas verdades: PM, 105.

35. — Determinando como finalidade do trabalho evolutivo da Historia o *interesse da vida*, de que o bem do homem, na saúde e na alegria. é o complemento; exprimindo o progresso pela sua mais perfeita adaptação ao meio; e considerando a expansão da sua energia produtora como a força dinamica do seu ser social, chegaremos a dar á ciencia um metodo superior a tudo quanto dirigiu até hoje, o pensamento moral e politico dos povos: PM, 109; ON, 114 [v. *Moral*, 1 e 2].

36. — [v. ns. 16 e 75]. — O método das soluções historicas resultará da aplicação continua desse ideal pratico, por meio de generalizações retificadas pela sua representação futura: PM, 110.

37. — Dirigir os sentimentos de solidariedade, que sempre dominaram por sobre as flutuações das lutas, e coordenar os interesses particulares com esse objetivo, bem póde ser o esboço do processo habitual de solução dos problemas sociais: PM, 110. [v. *Politica e Governo*, 95].

38. — [v. ns. 8, 131, 150 e 159]. — O futuro guarda as riquezas, os bens e as alegrias da humanidade. Resolver um problema não é senão subtrair um desses bens aos misterios dos dias por virem. Os grandes benfeitores da nossa especie são esses aventureiros que se não intimidaram com os riscos dessa exploração no infinito das verdades ignoradas: PM, 110; BU.

39. — [v. n.º 140]. — Os problemas sociais não são insoluveis. A verdade é que nunca se tentou a solução deles. O que se tem por “principios de ciencia social e política” são um conjunto de idéas dogmaticas, de regras preconcebidas e convencionaes, de aplicações irrefletidas de crenças religiosas e preconceitos empiricos: PM, 110; ON, XXV-XXVI, 130, 174, 202, 272; FV, 44; AC.

[v. *Politica mundial*, 66 a 68; *Politica e Governo*, 76].

40. — E' necessario substituir esse amalgama de sistemas e de doutrinas *a priori* pela observação e experimentação da nossa natureza e da natureza da sociedade, para fazer surgir, das lições do proprio funcionamento de uma e de outra, **uma sociedade** em que nem Deus, nem qualquer outra autoridade (seja qual fôr o seu titulo) possam agir como inimigos do homem: PM, 110; PN, XIV; FV, 26-27.

41. — [v. n.º 182]. — Esta obra a inteligencia humana ainda não pode realizar, por varias razões. O pensamento não tem exercido influencia senão indireta sobre as sociedades. Fraco em si mesmo, por mal orientado, teve sempre contra si os governos: PM, 111; 117-118; 182-183; PN, X; ON, 130 a 132. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 42, 43].

42. — [v. n.º 69]. — Desse obstaculo á eficacia dos seus trabalhos nasce essa especie de virtuosidade a que o pensamento se resignou: PM, 111, 183; PN, X; ON, XIV.

43. — As verdades praticas não são idéas de ciencias especiais, mas sinteses complexas, como todo o fáto de organização, e moventes, como toda a vida. E' necessario alguma cousa mais do que

uma ou de que varias ciencias para lhe vigiar os desenvolvimentos: PM, 111; ON, 170.

44. — O principio de contradição não tem inteira realidade nos fenómenos da vida: PM, 114-115; ON, 109; AP. [v. *Politica Mundial*, 115].

45. — [v. n.º 227]. — Nem a verdade nem o bem que se realizam pelo retorno ao passado, ou por saltos no desconhecido. A idéa é um guia, mas pôde tambem ser uma ilusão, emquanto não surgem as condições que tornam possivel realiza-la. Ha mistér possuir o genio de um Dante para dar, como ele deu, em meio ás trevas do seculo XIII, á imagem da paz a fórmula da realização de um pensamento: PM, 115.

46. — [v. n.º 145]. — A intenção que não conhece o seu objetivo não pôde ser medida nos seus efeitos: PM, 120.

47. — [v. n.º 153]. — Quando os fatos se adiantam ás idéas e o fim atingido não foi previsto, a tradição subsiste ás suas causas e passa a funcionar no vacuo, procurando novos pontos de apoio: PM, 120. [v. *Guerra*, 69].

48. — [v. n.º 114]. — Os problemas humanos — dizem os negativistas — resolvem-se pela força natural das cousas e pela marcha espontanea dos acontecimentos. Ora, na vida real nada ha que seja espontaneo, que nasça e evolva meca-

nicamente, como que impulsionado pela mola de um motor despercebido. Não ha cousa mais metafisica do que a concepção desse determinismo: PM, 127; CS.

49. — [v. ns. 112 a 114 e 154]. — Sob o impulso de elementos psiquicos, a vida social é feita de uma soma de átos e de relações. Tudo isso é deliberado: PM, 127, 178, 183; ON, 205-206; CS. [v. *Moral*, 22].

50. — [v. ns. 109 e 205]. — Cada um de nós, sendo governado um pouco por si mesmo, e menos do que supõe, é governado por átos e relações de todo o mundo; e sobre esse peso, a tradição, os costumes e as instituições do passado fazem cair os embaraços de uma infinidade de entraves: PM, 127, 177-178; PN, 39. [v. *Politica Nacional*, 31].

51. — [v. ns. 174 a 176]. — O passado, naturalmente oposto á civilização e ao progresso, é o primeiro regulador dos nossos passos; e nisso se verifica o maior erro da noção classica do conservantismo: conserva as idéas e os costumes, contra o interesse em conservar as cousas e as pessoas: PM, 127; ON, X, nota, 280; FV, 44-45; AF. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 9].

52. — Esses elementos não são forças nem parecem espontaneas senão porque não reagimos sobre eles, com a nossa razão esclarecida pela cri-

tica dos seus efeitos: PM, 127-128, 178; PN, 128-129.

53. — [v. n.º 114]. — Mas enquanto a razão desinteressada se abstém de vigiar os acontecimentos, uma razão ha que os utiliza: a razão dos appetites e dos interesses pessoais. E' esta a verdadeira divindade desses pretensos poderes do mecanismo social. Esteve, outróra, em mãos dos soberanos e das aristocracias; está hoje nas dos homens de negocios: PM, 128, 178; PN, 128-130; ON, XVII-XVIII. [v. *Politica e Governo*, 32].

54. — No mundo politico, entretanto, toda a gente está de acôrdo em que os fátos da vida social se traduzem em problemas e que estes problemas pedem soluções. Nisso a politica se mostra mais scientifica do que muitas ciencias: PM, 128.

55. — Os militaristas classicos entendem que os problemas desta época devem ser solvidos pelas nações superiores, apoiadas nas armas: PM, 128.

56. — Os imperialistas literais apoiam-se erradamente em Darwin para esperar que tudo se resolva pela seleção, esquecendo-se, todavia, que a estrutura fisica do nosso organismo seria incapaz de produzir *toda a vida que temos realizado*, se não fôsse dotada de certos poderes ainda não comprehendidos pelas ciencias — os das nossas funções psiquicas, sobre os quais a vida em sociedade opéra

transformações que os caracteres morfológicos não podem exprimir: PM, 128; ON, 138; CS.

57. — Os libertarios e socialistas entendem que os problemas desta época devem ser solvidos pela revolução: PM, 128; CS.

58. — Os liberais da escola classica apontam como solução o *laissez aller*: PM, 128; ON, 104.

59. — Para os crentes e os melhoristas a solução está na obra da divina providencia: PM, 129. [v. *Politica Nacional*, 74].

60. — O negativismo passivo e o negativismo finalista precisam saber, entretanto, que no individuo, como na sociedade, todo trabalho do espirito obedece a uma determinação, que não é menos conciente nem menos deliberado pelo fâto de resultar dos antecedentes: PM, 129.

61. — Necessario é que se aproveite a contribuição das idéas e das energias adquiridas pelo homem e pelos seus antepassados, para preparar o futuro. Bem ou mal, aliás, nenhuma sociedade, em época alguma, procedeu de outro modo: PM, 129.

62. — A não ser a ação deliberada das intelligencias, do mestre escola aos homens de governo, não ha outro elemento com que se distingam as sociedades que avançam das sociedades que esta-

cionam; e as possibilidades de progresso estão em proporção com a ação dessas inteligencias: PM, 129; CS. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 42, 43 e 45].

63. — [v. n.º 114]. — Se as inteligencias se abtêm de agir, os espiritos praticos, os politicos e os homens de negocio tomam a direção, e, sem conduzir os acontecimentos, corrompem as soluções e desviam a sociedade: PM, 129, 150, 178, 180 a 183; CB [v. *Patria e Nação*, 46].

64. — [v. n.º 83]. — Não somente a guerra, mas as revoluções, as vacilações, a falsa direção da politica são, afinal, os efeitos da cupidez, conduzida pela ignorancia. E' esta a realidade que se ha por marcha espontanea das cousas: PM, 129, 178-179. [v. *Politica e Governo*, 38; *Evolução historica e progresso em geral*, 42, 43; *Economia em geral*, 17 e 18].

65. — A humanidade tem sido governada pelo espirito e pela vontade dos que se apossam dos meios de poderio. Os que o negam, admitindo uma força mecanica a dirigir o mundo, cometem o erro de attribuir aos desenvolvimentos da existencia uma realidade estranha á sua realidade psiquica, uma vida independente da sua vida mental, cousa que seria, afinal de contas, uma superfetação introduzida no ser humano. Por outro lado, os que aceitam a influencia inevitavel desse poderio

esquecem que o poderio não é senão um meio de realizar a existencia e que os abusos desse meio revelam apenas uma fâse da evolução, em que nem o homem nem a sociedade haviam chegado á consciencia dos meios positivos de adaptação: PM, 180-181; ON, XVII-XVIII; BG.

66. — [v. n.º 106]. — As descobertas do pensamento humano, fundadas nas leis dos fenómenos, são abstrátas; e a sua applicação á vida se traduz em problemas tão arduos como se essas leis não existissem, pois são todas elas insufficientes para explicar isoladamente qualquer fenómeno e para produzir qualquer efeito que interesse á vida e á ação: P M, 184; ON, XXIII, 170.

67. — [v. n.º 182]. — O que é pratico, não tendo sido lembrado senão para satisfazer interesses immediatos das classes superiores, é inutil ou nocivo, pela estreiteza dos seus efeitos ou por falta de um estudo comparativo desses efeitos com outros aspectos do problema e outros fátos da vida e da sociedade: PM, 184; ON, 187-188. [v. *Politica Mundial*, 105].

68. — No desenvolvimento da especie é já tempo de compreender o principio da diferenciação que assina a cada orgão uma função propria. E se todo orgão é feito para funcionar, todo sentimento e toda idéa nascem para se transformarem em átos. As criações da arte, como a especulação

metafísica, vão até aí, indiretamente. E' a esterilidade forçada do pensamento que explica os seus insucessos: PM, 184; ON, 167.

69. — [v. n.º 42]. — A ausencia de soluções preestabelecidas não é razão para que a sociedade viva em estado de alienação mental: PM, 184.

70. — [v. n.º 214]. — Se os sistemas inteiriços não tiveram exito, é que a vida não é suscetivel de ser submetida a sistemas: PM, 184, 190; PN, X, 16, 86; ON, IX, nota XXV-XXVI, 168, 171; BI.

71. — [v. n.º 144]. — O pensamento que se deve colocar na direção das sociedades não é o pensamento lateral dos especialistas nem o pensamento atravancado dos sabios de profissão: PM, 185; PN, 109; ON, XXIV, 130.

72. — O conjunto desse pensamento acharia a sua expressão completa numa “filosofia pratica das cousas, dos fátos e da vida”, e numa “politica de experiencia”: PM, 185; PN, 32-33. [v. *Politica e Governo*, 80, 121].

73. — Essa filosofia faria vêr a vida e os seus movimentos como um eterno processo evolutivo, que nunca se interpretará por meio de regras, nem será jamais reduzido a sistema, mas do qual se podem acompanhar as transformações e os progressos, afim de lhes permitir a livre sucessão so-

bre a terra, com todos os elementos de assimilação, íntima e fundamentalmente livres, em meio á evolução dos outros seres: PM, 185. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 39].

74. — A politica, colocando o pensamento nessa atitude de vigilancia e de exame, seria a ação permanente dessa filosofia pratica: PM, 185.

75. — [v. ns. 16 e 33]. — As operações dessa ciencia e dessa técnica de conjunto se resumiriam neste problema de todos os instantes: compreender o método de ação dos fenómenos, para acompanhar o desdobramento e os giros das nossas vidas sobre o plano da sociedade: PM, 185 [v. *Politica e Governo*, 89].

76. — Esse desdobramento vai realizando-se por meio de crises, numa existencia de revoluções, em cada pessoa e em cada sociedade. Não será, pois, difícil compreendê-lo: PM, 185.

77. — Filosofia e politica deveriam, então, convergir para um oportunismo colocado entre a experiencia e o ideal: PM, 786.

78. — O sentimento é cego perante os grandes problemas humanos. Para entendê-los, é necessario que o pensamento intervenha: PM, 186; PN, 33; CS. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 39].

79. — Dar-se-á que o governo das nações e do mundo mereça ficar abandonado aos impulsos, aos apetites e aos calculos dos individuos? Seria recusar ao nosso espirito, na politica, a capacidade de que deu provas em outras manifestações da vida: PM, 212; FV, 45. [v. *Politica Mundial*, 74, 152; *Questão Social*, 24 e 25; *Politica e Governo*, 14].

80. — A vida dos homens que atravessam crises revolucionarias é toda feita, igualmente, de revoluções pessoais: PN, VIII.

81. — A inteligencia contemporanea atravessa a crise de mais anarquia a que jamais chegou o espirito humano: PN, X.

82. — Contra o despotismo mental da autoridade: PN, IX; ON, 21; FV, 41.

83. — [v. n.º 64]. — O habito da vida, em desordem varre dos espiritos o criterio da normalidade, que deve formar a base da consciencia social: PN, XV. [v. *Economia em geral*, 17].

84. — As sinteses humanas são tanto mais arrojadas quanto mais arbitrarías: PN, 3.

85. — Filosofia, ciencia, arte e politica são sistemas de abstrações e conceitos que nada revelam, quando se não vitalizam como elementos motores da vontade de um povo: PN, 8.

86. — Na pratica, cada terra e cada povo tem a sua filosofia, a sua ciencia, a sua arte e a sua politica, que não alteram as idéas gerais, aliás limitadissimas, do saber humano, mas fundam e desenvolvem fórmãs e processos autonomos de viver: PN, 8. [v. *Organização Constitucional*, 43 e 170].

87. — Está na logica das cousas que a illustração aplique em ardor e intensidade de critica e de combate as energias que não dispõem de materiais proprios para construir: PN, 16; [v. *Politica Nacional*, 41; *Espirito Nacional*, 8].

88. — Toda a nossa biologia e toda a nossa psicologia podem resumir-se nesta ultima sintese: o homem é o ser em quem o fenómeno da vida reuniu as condições e as propriedades mais complexas da “adaptatividade”, — afirmação da generalidade indefinida do nosso poder de desenvolvimento: PN, 17.

89. — Reconhecendo no homem capacidade para administrar os *universais*, ainda que limitados ao presente, religião e politica reconheceram-lhe, implicitamente, a faculdade de prevêr as consequencias futuras dos átos da sua gestão social: PN, 23; ON, XIV-XV. [v. *Politica e Governo* 51].

90. — Para contestar ao homem a faculdade de prevêr as consequencias futuras dos átos da sua gestão social, seria necessario optar pelo anar-

quismo, ou retroceder ao governo espiritual da providencia divina, pelo órgão, bem entendido, dos seus mandatarios na terra: PN, 23; ON, XIV-XV.

91. — [v. n.º 96]. — Ha, na ciencia, muitas idéas, como a da desigualdade das raças, que obedecem exclusivamente ás sugestões do interesse politico: PN, 45 a 47, 52, 111, 136-137; AS. [v. *Politica nacional*, 9; *Guerra*, 38; *Raça*, 17; *Educação e Ensino*, 14 e 38].

92. — [v. ns. 106, 123 e 141]. — Não é ainda hoje possivel, em qualquer das categorias do conhecimento, arriscar generalizações definitivas. A ciencia vai diferenciando os objetos dos seus estudos, ao ponto de quasi restringir-se a um conjunto de métodos e dados de contra-prova: cada fenómeno é a operação de uma multidão de leis; cada fáto, a resultante de uma infinidade de causas: PN, 45-46; AP.

93. — Andam, assim, errados o materialismo historico e o idealismo hegeliano: PN, 46, 127; CS.

94. — [v. ns. 8 e 131]. — Ha, contudo, um asserto, que se póde afirmar, sem temor: ao lado dos descobrimentos realmente e totalmente scientificos, a historia das idéas encerra um sem número de verdades e meias verdades, que equivalem a perversões do criterio racional: PN, 46.

95. — O pensamento humano, em fins do século XVIII, passou por um periodo caracteristicamente politico; as faculdades do homem, longamente reprimidas pelas velhas instituições despoticas, desabrocharam numa primavera de idéas simpaticas, liberais, humanitarias, que refluíram sobre os estudos ciêntificos: PN, 46.

96. — [v. n.º 91]. — A esse periodo succedeu a reacção dos interesses radicados nas velhas correntes historicas. Daí a luta contra o principio da igualdade humana, com a tése da necessidade das aristocracias e da superioridade das raças: PN, 46-47.

97. — A teoria da molestia funda-se na curiosidade do anómalo, ao inverso de toda a logica indutiva, pois recorre a uma só das categorias, e exactamente a excepcional: PN, 79; CQ.

98. — De sorte que se a medicina tem, de algum modo, progredido, ella é ainda uma arte imperfeita, no que toca ao conhecimento da relação precisa entre o fáto da saúde e o fáto da molestia: PN, 79.

99. — Nascida da observação de casos mórbidos notaveis, ella não conhece da ciencia da saúde senão a sua expressão negativa. Definuiu o normal por exclusão do anormal, o que decorre de um erro inicial de logica, erro, aliás, de todas as cien-

cias incipientes: a presuposição de uma unidade, que seria a sanidade física: PN, 79-80; CQ.

100. — Ora, essa unidade não existe, em nenhuma secção da natureza, em nenhuma das manifestações da vida: PN, 80.

101. — A *saúde*, em absoluto, é um preconceito, filho daquele erro inicial de logica: PN, 80.

102. — [v. n.º 133]. — A evolução do saber humano prescreve á ciencia do organismo e da vida do homem uma transformação radical. Ela tem de se transformar de ciencia das molestias e dos remedios em ciencia da vida e da saúde, applicando outro método diverso do que se usa em laboratorios e gabinetes: PN, 80, 120; ON, 164-165; CQ.

103. — [v. ns. 133 e 226]. — As noções de saúde e de molestia serão forçosamente transformadas por força desta nova orientação: PN, 80.

104. — Na quasi totalidade dos casos, entre um tipo suposto são e um tipo verificado de doente, é difficil, e será muitas vezes impossivel formular juizo sobre a probabilidade da morte ou sobre a aptidão vital de um e de outro. Fenómenos comuns de inferioridade fisica ou psiquica resultam, não raro, de causas muito mais graves do que as causas mórbidas: PN, 81-82.

105. — A desorientação é carateristica da nossa época, em toda a parte, e assinaladamente

nos centros cultos das velhas civilizações. O mundo que vai acabando foi um mundo de sistemas *a priori*; e a sensação de que ele cái inspira aos tímidos o receio das soluções e aos arrojadados a ilusão de que aos sistemas mortos devem suceder novos sistemas: PN, 86.

106. — [v. ns. 33, 66, 92 e 138]. — Nenhum fáto social pode ser estudado isoladamente: PM, 124 a 125, 144-145; PN, 96-97; ON, XXIV, 130, 222, 241 a 242; FV, 19 a 20, 47; AB; CS. [v. *Política Nacional*, 127; *Direito*, 22].

107. — [v. ns. 114, 125, 126 e 210]. — Se não é absolutamente certo que a humanidade tem sido dirigida por idéas, é rigorosamente exáto que as idéas, como fátos psíquicos, possuem um poder sugestivo; são fontes de impulsos e de emoções: PN, 108; FV, 41; BL; CB; CS. [v. *Moral*, 22; *Evolução histórica e progresso em geral*, 56].

108. — As leis da mecânica, como as de qualquer outra ciência exáta, não têm relação prática com os fátos da sociedade: PN, 126-127; ON, 135 a 137, 202.

109. — [v. n.º 50]. — Certas interpretações mecanicistas dos processos da evolução transformaram em axioma a idéa de desvalia, ou, pelo menos, de insignificancia da ação dos governos e dos individuos na marcha dos acontecimentos e na direção da vida social: PN, 127; ON, 161.

205-206. [v. *Sociedade e individuo*, 30, 31; *Politica Nacional*, 74, 106, 108].

110. — Entretanto a fâse da evolução humana a que chegamos, se caracteriza pelo predomínio do fator politico sobre os fatores cosmicos e sociais do desenvolvimento: PN, 127-28; ON, 135 a 136, 205 a 206; AJ; AP; BF; BL; CS. [v. *Sociedade e individuo*, 30, 31].

111. — [v. ns. 25, 144 e 216]. — Mais do que os interesses, as aspirações e as necessidades dos povos, pesam sobre os seus destinos a vontade dos chefes temporais e dos chefes espirituais: PN, 128; ON, XV-XVI, 110-111, 115 a 118; AF; CS. [v. *Economia em geral*, 18; *Evolução historica e progresso em geral*, 2; *Politica Nacional*, 106 a 108; *Sociedade e individuo*, 30].

112. — [v. n.º 48]. — A evolução social não obedece, por outro lado, a nenhuma força, energia, atividade, poder ou tendencia, imanente á organização coletiva, de não se sabe que misteriosa propriedade mistica, magnética, ou sugestiva, com efeitos forçados para determinadas finalidades: PN, 128; ON, XXX-XXXI, 111, 202. [v. *Raças*, 30; *Politica Mundial*, 71; *Evolução historica e progresso em geral*, 35; *Sociedade e individuo*, 27].

113. — [v. n.º 49]. — O homem é uma energia viva e a sociedade é a soma dessas energias. As forças sociais reduzem-se, em ultima análise, a

vontades, atos e relações: PN, 128; FV, 41; BL; BZ. [v. *Sociedade e individuo*, 37].

114. — [v. ns. 48, 49, 53 e 64]. — De sorte que as unicas forças da sociedade, que se poderiam dizer espontaneas, caminham para realizar desejos e satisfazer a necessidades de caráter individual: PN, 128-129; ON, 173; AF; BL; CB. [v. *Sociedade e individuo*, 28; *Patria e Nação*, 46].

115. — A substituição da realidade pelas imagens e pelos simbolos é sinal de enfraquecimento mental: PN, 141-142.

116. — As obras politicas sérias são forçosamente difíceis e tanto mais difíceis quanto mais práticas: ON, XLI.

117. — Nem todos os fatos são realidades: ON, XLI. [v. *Politica Nacional*, 94].

118. — Precisamos distinguir o bom senso do senso comum. O bom senso consiste no respeito ás leis naturais da vida; o senso comum está na soma dos preconceitos, acumulados no nosso espirito, acerca dos fins da existencia: ON, 49].

119. — A faculdade de conhecer os homens e de saber escolhê-los é muitissimo rara: ON, 50.

120. — Os habitos sociais perduram emquanto permanecem as condições que os alimentam: ON, 57-58.

121. — A época em que vivemos representará um periodo de balanço e de liquidação de idéas, conhecimentos e habitos mentais. A obra educadora do nosso tempo terá de fazer nas inteligencias um trabalho de sapa, que não é ousado equiparar-se ao da civilização dos selvagens: ON, 82.

122. — [v. ns. 92, 141 e 201]. — Sendo certo que o conjunto dos fenómenos naturais é regido por uma infinidade de leis, umas conhecidas, outras desconhecidas, tambem é certo que raros são os fátos que a inteligencia humana possa dizer regidos por uma lei determinada, ou em que possa avultar a ação de uma lei predominante: ON, 135-136; FV, 46; AP.

123. — [v. ns. 6 e 201]. — Em quasi todos os fenómenos da vida a determinação causal escapa ao dominio das chamadas leis científicas: ON, 135 a 136.

124. — [v. ns. 30, 108, 110 e 205]. — O determinismo dos fenómenos sociais é, por excellencia, um determinismo de natureza psiquica e a sua ação dece das coletividades para os individuos: ON, 136 a 137; BL; BR. [v. *Sociedade e individuo*, 17].

125. — [v. n.º 107]. — O fenómeno mais importante da evolução do espirito humano é este: o espirito humano evolve do imaginario para o positivo e do emotivo para o racional, na razão

diréta do desenvolvimento da razão e na inversa do imperio das necessidades: ON, 136 a 137. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 2].

126. — De sorte que o homem e a sociedade quando obedeciam a necessidades simples e materiais, *sonhavam soluções*; e, á proporção que têm necessidades mais complexas e mais espirituais, *observam e raciocinam*: ON, 136; CS. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 3].

127. — Resulta disso que se por um lado os fenómenos sociais escapam ao dominio do calculavel, por outro lado a evolução humana se apresenta exatamente oposta á logica que permitiria traçar-lhe a rota no passado, porquanto se afasta do dominio da razão e da experiência á medida que se distancia para as primeiras idades: ON, 136-137.

128. — E em virtude da adaptação do homem ao meio não ter obedecido á intelligencia das suas necessidades reais, é que as ciencias abstrátas estão longe de corresponder ás exigencias da sua applicação á vida do homem e da sociedade: OM, 137, 170.

129. — [v. ns. 22 e 192]. — O cerebro humano possúe um processo de raciocinio, não inconciente, porém mudo e inexpresso, que o dirige na atividade prática: ON, 138; BI.

130. — Com relação aos problemas da sociedade essa faculdade é o motor e o senso da poli-

tica: ON, 138, 273-274. [v. *Educação e Ensino*, 10].

131. — [v. ns. 8, 38, 94 e 106]. — Um dos grandes erros do desenvolvimento social foi, e é, a autonomia dos ramos especiais do conhecimento, promovendo pesquisas e iniciando reformas, ao influxo de estímulos particulares e para fins isolados: ON, 138-139; 187-188. [v. *Política e Governo*, 48; *Evolução histórica e progresso em geral*, 60].

132. — A alma da ciência não adquiriu ainda a elevação que a deve conduzir a compreender o amôr ao semelhante como estímulo á pesquisa, e a interpretar a atividade intelectual como um trabalho de elucidação prática da própria natureza, a bem da adaptação racional dos atos aos seres, dos fatos ás cousas, da vida ao meio: ON, 164 a 165.

133. — [v. ns. 102 e 225]. — O que, por enquanto interessa á ciência não é a vida; são os males: ON, 165. [v. *Moral*, 1 e 2].

134. — [v. n.º 182]. — Toda a atividade intelectual tem sido movida até hoje apenas por curiosidade, sentimento, ou ambição, material ás vezes, mas, quasi sempre, de autoridade ou de gloria: ON, 165. [v. *Educação e Ensino*, 3 e 17].

135. — [v. ns. 34; 184 e 211]. — Não ha, nem haverá jamais, provavelmente, uma “ciência

social”, nem uma “ciencia política”: ON, 170; AF; BC; BD; BJ.

136. — [v. ns. 27, 34 e 201]. — Toda a dificuldade, no estudo da vida social, não está na obscuridade dos seus fenómenos, mas no cuidado em atingir os seus fluxos reais: ON, 174, 202. [v. *Política e Governo*, 112].

137. — A medicina até agora se tem limitado a curar as molestias dos que se podem tratar: ON, 164.

138. — [v. ns. 106 e 131]. — Assinalar a precedencia, ou a magnitude, de um problema não significa que o possamos desligar das suas relações naturais com todos os outros: FV, 19 a 20; AP. [v. *Política Nacional*, 98; *Nacionalidade Brasileira*, 23].

139. — As idéas boas têm a magia de regenerar os conceitos mais odiosos: FV, 31.

140. — [v. n.º 39]. — Os problemas humanos não os pode dizer insolúveis uma ciencia que ha milênios explora os arcanos do ceu, e ainda não gastou dez anos no estudo dos problemas do homem e da sociedade, a ponto de não ter cogitado até agora de um centro destinado a realizar esses estudos; nem muito menos poderá dizê-lo uma civilização que organiza poderes e dirige serviços mais complexos e mais avultados do que a admi-

nistração necessaria para fazer o bem-estar de muitos povos: FV, 44. [v. *Politica Mundial*, 117 e 151].

141. — [v. ns. 92 e 209]. — E' um vicio do espirito o atribuir fatos complexos a causas singulares: FV, 46; AK.

142. — Uma cousa é a necessidade ditada pela realidade; outra cousa é a maturidade da idéa na opinião pública: AD.

143. — [v. ns. 33 e 111]. — Emquanto é evidente, para todos, que o progresso individual demanda esforço, todos, porém, acreditam que a sociedade e a nação caminham *da se*, por obra dos progressos parcelados de pessôas e grupos sociais. Ora, o que se passa, em toda a parte, é exatamente o contrario: AF. [v. *Patria e Nação*, 55 e 56].

144. — [v. n.º 71]. — Cada cerebro tem as idéas e os conhecimentos com que lida, como as pessôas têm as suas relações de familia. O mundo do espirito parece-se assim com uma população. O maior mal das sociedades modernas é que a gente, que não traz sobre os hombros mais que umas pequeninissimas “aldeias” de frases e emoções corriqueiras, pésa sobre a “cidade” dos que pensam e sentem: AK.

145. — [v. n.º 46]. — Quando o espirito não sabe solver, teme a ação: AP.

146. — [v. n.º 46]. — Diferença entre razão e causa, na explicação do fáto social; a causa é alheia á vontade do individuo, ao passo que a razão do fáto deve sempre buscar-se na psicologia dos que agem: AP.

147. — No fenómeno social, o antecedente é sinonimo de causa: AP.

148. — [v. ns. 152, 166 e 170]. — Têm virtualidade propria as idéas, como os átos, que nascem da lógica das cousas: AP; AX.

149. — [v. n.º 174]. — O argumento da utopia é sempre a fácil réplica oposta pela inercia á potencialidade superior da nòssa especie, na força de transformar as idéas em realidades: AP. [v. *Educação e Ensino*, 43].

150. — [v. n.º 15 e 38]. — Tudo quanto a humanidade possúe, em progresso do saber e realização do bem, consta de verdades arrancadas ao misterio e de conquistas avançadas sobre o futuro, pelo esforço de espiritos capazes de iluminar hipoteses novas para encontrar hipoteses certas: AP.

151. — [v. n.º 227]. — Sendo o futuro um estado necessariamente distinto de tudo quanto existiu e existe, a hipotese que representa o estado futuro é sempre uma idéa nova: AP. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 69; *Evolução historica e progresso nacional*, 7].

152. — [v. ns. 148 e 166]. — Nenhuma idéa tem a propriedade intrinseca de se pôr em execução por si mesma: AP; AX.

153. — Por isso, o curso dos fatos, abandonados aos seus determinantes antigos, vai repetindo, com o aplauso das consciencias biliosas dos cétricos e grande mal para o homem, as fórmulas anteriores da vida: AP.

154. — [v. n.º 49]. — Vem daí que os processos irrefletidos da evolução, — sem a direção de uma idéa — são como rumações do passado, sem novas assimilações: AP.

155. — As idéas precisam de ser reveladas ás consciencias na sua verdade potencial e submetidas á prova do seu acôrdo com os fatores atuais, que devem preparar o futuro, — para serem, dess'arte, desenvolvidas e encaminhadas á ação: AP.

156. — O fato adverso, que se opõe a outro, não vale por uma prova em contrario; mostra apenas a sucessão material de um curso temporaneo regido por impulsos retardados, — se o não produziu uma outra idéa vitoriosa: AP.

157. — [v. n.º 26]. — Os fenômenos da psicologia coletiva são extraordinariamente complexos, e os seus dados nem sempre faceis de apreender, e menos ainda de documentar: AR; AX.

158. — Contra os *congressos científicos*: a par de raríssimas convenções inegavelmente uteis, o que neles principalmente se faz é a *política do pensamento*, consignando em conclusões amplamente divulgadas as sentenças das suas maiorias: AS.

159. — Os grandes feitos do espirito humano têm por teatro silenciosos laboratorios e gabinetes, onde trabalham almas nascidas para o sacrificio pessoal, no culto intimo e profundo da verdade: AS.

160. — [v. n.º 134]. — A incapacidade dos publicistas para a ação explica-se por não terem eles educado o exercicio funcional do espirito politico: AS.

161. — [v. n.º 24]. — Por toda a longa evolução do *fazer*, a produção individual é imensa, ao passo que a produção coletiva é escassa: AU.

162. — E' escassa, mas existe. E' uma obra representativa. Sái do genio individual, como o de Locke, de Siéyes, de Napoleão, de Platão, quando o genio individual absorve o espirito do povo: AU. [v. *Sociedade e individuo*, 22].

163. — O governo é, talvez, a produção humana em que o nosso espirito se poderá melhormente chamar criador: AU.

164. — [v. n.º 234]. — Na exatidão, a fórmula é a certeza abstrata por excelência; na realidade, ha verdades que a fórmula é incapaz de traduzir, e que se exprimem ás vezes com um simbolo de arte: AX.

165. — A idéa não se converte em fáto, não se reveste de fórma, não se incorpora em cousas, senão por intermedio de uma substancia qualquer, mediante esforço: AU. [v. *Direito*, 26; *Moral*, 14 e 23].

166. — [v. ns. 29, 148, 152 e 174]. — A idéa não tem valor proprio; esse valor está na co-tação da autoridade que a emite e na força dos instrumentos que a fazem circular: AU.

167. — Ha pouca gente capaz de avaliar a distancia que vai duma idéa a uma vulgaridade bem composta: AU.

168. — A melhor definição de *idéa-força* é a de *idéa demonstrada*, idéa cujas premissas apparecem nos fatos que a antecedem: AU.

169. — [v. ns. 151 e 234]. — Toda idéa de applicação é sempre uma idéa nova: AU.

170. — [v. n.º 148]. — A convicção em favor de uma idéa é fácil de obter, quando o seu autor está de posse de uma dessas verdades de virtualidade pratica e de eficiencia necessaria: AU.

171. — A tribuna, como instrumento de publicidade, é impropria, porque impede os longos desenvolvimentos, que exigem sempre estudos calmos: AU.

172. — Vale mais como instrumento de ativação, sendo, aliás, difícil libertá-la de um certo laivo de sugestão pessoal: AU.

173. — Um homem de idéas precisa ser em nosso tempo um atleta, na energia, na coragem e na tenacidade: AU.

174. — [v. n.º 51]. — A atitude de repulsa a reformas — a que se dá o nome de opinião conservadora — não é uma deliberação; é um simples impulso mecânico, ás vezes de dúvida, mas quasi sempre de incapacidade e de medo: AY. [v. *Organização Constitucional*, 190 e 201].

175. — Em muitos casos é uma simples posição defensiva do dominio dos cargos, dos favores e dos privilegios do governo: AY.

176. — [v. n.º 51]. — Conservar instituições radicais é o oposto de “conservação”, — o que mostra que conservar instituições politicas nem pre é ser conservador: BA.

177. — O “oportunista” está dantemão convencido da necessidade de uma determinada reforma: BA.

178. — O “tempo” é a ausencia dos fátos (interpretação filosofica do tempo): BE.

179. — Os accidentes meteoricos não agem sobre os fátos senão por intermedio dos nossos nervos, agitando a nossa emotividade. Eles precipitam; não produzem as cousas: BE.

180. — A dôr, o sofrimento e a luta, inclusive a guerra, são fátos da ação humana, cuja habitualidade gerou em nós à tolerancia, com que os aceitamos: BE. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 8].

181. — Fadas, ninfas, paredros, todos os templos, como todas as igrejas, nunca procuraram agradar senão aos poderosos, aos dominadores, ou aos triunfantes: BG.

182. — [v. ns. 41, 67 e 134]. — A intelligencia humana precisa reagir contra o emprego subalterno que a reduziu á função de escriba, a serviço dos caprichos da força, do dinheiro e da suggestão, assalariando-a a todas as potencias materiais da sociedade: BG. [v. *Politica Mundial*, 126].

183. — As escolas e os sistemas, como os homens de espirito inventivo, são entidades compenetradas da missão de *criar verdades*: BI.

184. — [v. n.º 135]. — A sociologia está ainda hoje na fásé em que se encontrava a medici-

na da febre amarela antes da descoberta do este-gomia: BI.

185. — Toda ciencia que nasce é grandiosa e completa: e o grandioso das criações inspira um respeito supersticioso pela maravilha do edificio: BI, BU.

186. — Nesse edificio se apoiam os espiri-tos fracos: é essa, aliás, a função tutelar das orto-doxias: BI.

187. — Entretanto, uma obra de pesquisa, como a de Frazer, de Havelock Ellis, de Tylor, de Ratzel, ou de Wundt contém mais verdades que todas as filosofias enciclopedicas do mundo: BI.

188. — Partimos da diferença entre o corpo e a sombra, para chegarmos, com o auxilio de uma criação intelectual, ao dualismo da materia e do espirito: BI; BN. [v. *Politica e governo*, 51].

189. — O espirito é, todavia, uma criação da nossa imaginação; o que nós percebemos, real-mente, não é o espirito; é a idéa: BI; BN. [v. *Re-ligião*, 45].

190. — Por isso, o espiritualismo é a menos ideal das filosofias idealistas: BI.

191. — *Conciencia* é a relação entre o indivi-duo e os fátos: BI,

192. — [v. n.º 129]. — A *razão* tem por objéto a elaboração final dos dados da experiencia, da observação, da informação: BI.

193. — A consciencia não é estranha nem alheia, independente do instinto; é apenas a atividade pela qual o nosso eu diferencia as sensações que o instinto lhe ministra: BI.

194. — *O pensamento puramente intelectual*, como o que se exerce na matematica, é cousa distinta da *razão*: BI; CH.

195. — *Conceber* é cousa diversa de *representar*. Conceber é dar a noção subjetiva da realidade; representar é atribuir á realidade uma forma, com determinados atributos: BI.

196. — Todo esse *mundo transcendental* que ideamos — o eterno, o infinito, o absoluto, — não existe efetivamente senão dentro dos nossos cérebros; da, sem dúvida, profundo antagonismo entre o ato de conceber e o ilimitado dessas noções: BI.

197. — O que nós fazemos é imaginar, é representar, é figurar realidades, a que damos aqueles nomes, seguidos dos atributos que lhes impu-
tamos: BI.

198. — Essas idéas não são, para o nosso espirito, metafisicas; são, efetivamente, metapsiquicas: BI.

199. — A vida não encerra verdades, no sentido dogmatico da fé, ou da ciencia; encerra verdades indifferentes aos objetivos que a ciencia e a fé procuram atingir: BI. [v. *Religião*, 41; *Moral*, 2].

200. — *As leis da ciencia não agem sobre nós e sobre as cousas senão confundidas e entrelaçadas em processos, cuja análise é impossivel*: BI.

201. — [v. ns. 122, 123 e 136]. — Na realidade, não ha leis e não há fenómenos: BI.

202. — A Historia não se repete; os seus quadros de hoje não são ampliações de aspectos passados. Os estadistas deste momento reeditam, não sofre dúvida, o “tema politico” da conquista, da dominação, do imperio. Mas, trata-se de um trabalho mecanico de memoria, sem embargo de a realidade ser outra: BI.

203. — Contra o vesos de espreitar átos e posições do individuo, — a mais superficial das formas de expetação e inquirição, que preside aos estudos psicologicos: BJ. [v. *Raças*, 41].

204. — Esse vesos de analisar e descrever o *caráter* dos homens é que autoriza a escritores e criticos de ficção o dizerem que Shakespeare, Balzac ou Flaubert fizeram toda a análise da alma humana: BJ.

205. — [v. ns. 30, 50 e 124]. — A *relação* e a *condição* serão provavelmente os dados sempre verdadeiramente objetivos da visão sociologica: BJ. [v. *Política Nacional*, 31; *Direito*, 22].

206. — A *sugestão* e a *violencia* são os fatores proeminentes da evolução até os nossos dias: BL.

207. — As criações politicas, levadas a efeito, convertem-se em obras e traduzem-se em leis; abortadas, deixam apenas uma tradição á tona das correntes historicas: BO.

208. — Para estudar, pois, a evolução politica de um povo, a legislação oferece maior interesse que as pesquisas historicas: BO; CD. [v. *Política Nacional*, 101].

209. — [v. ns. 106, 138 e 141]. — E' habito dos governos attribuirem aos fatos de occasião influencia primordial sobre o curso dos fenómenos humanos: BO. [v. *Política Nacional*, 143].

210. — Dizer que um ponto de vista é *doutrinario* não importa concluir que esse ponto de vista não seja *pratico*: BO. [v. *Política Nacional*, 167].

211. — [v. n.º 135]. — Augusto Comte e Herbert Spencer retomaram o estudo dos fatos da sociedade, abandonados desde os gregos, ou,

melhor, desde a opressão clerical da Idade-Média: BU.

212. — Os iniciadores têm a pretensão de *edificar*, onde deveriam contentar-se com a gloria de *fundar*: BU.

213. — Recursos materiais, criterios prevenidos de critica e processos de atividade alheios ao valor real dos individuos presidem, de ordinario, ás seleções, adulterando-as. Spencer e Comte eram simples *escritores*, quasi ignorados na modestia da sua pobreza, quando esplendia, em todo o fastigio, o renome de Guizot: BU.

214. — [v. n.º 70]. — Para aplicar idéas de sistema faz-se mistér *deduzir*; mas ninguém conseguirá deduzir, *de sistemas construidos sem os dados da realidade*, idéas suscetiveis de applicação: BU [v. *Guerra*, 49; *Politica Nacional*, 166; *Educação e Ensino*, 16].

215. — Do conflito entre a doutrina e a pratica resulta um empirismo fracionario, de que não é possivel fazer uma sintese: BU.

216. — [v. n. 111]. — A ação do genio póde corrigir os desvios da evolução historica de um povo: BZ. [v. *Sociedade e individuo*, 37].

217. — Mudam as cousas e mudam os tempos. O *que é*, é apenas. a todos os instantes e perpetuamente, o *que está*. E o *está*, se não é propria-

mente a negação do *é*, *é*, pelo menos, a única fôrma pela qual o *é* se nos mostra: CA.

218. — Nós, por conseguinte, não *conhecemos*; *denominamos*: CA.

219. — Nós também não *somos* nunca; *somos* uma sucessão permanente de estados: CA.

220. — Ha, assim, na vida que passamos, dois eternos movimentos que prosseguem: uma rotação do *eu* e uma tralação das *cousas*: CA.

221. — Tudo nos é estranho, enquanto não se conceitualisa no centro do nosso espirito. A alma do homem é a alma do universo: CA.

222. — A unidade do nosso pensamento altera-se com o movimento perpetuo das nossas moléculas. Nós percebemos a mutação das cenas eternas, ao passo que mudam os nossos estados intimos: CA.

223. — [v. n.º 228]. — Nada ha fixo, entre o *eu*, e o *mundo*, senão a palavra. A vida perfeita seria aquella em que cada passagem vertiginosa das *cousas* se traduzisse, para nós, por um novo idioma: CA. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 30].

224. — Mas o nome é fixo, e a sua permanencia nos detém a marcha, com o peso de toda a sua historia: CA. [v. *Religião*, 46].

225. — [v. n.º 133]. — A realidade só não é uma dúvida porque se exprime pela *vida*, que é toda a relação do *eu* com o *mundo*: CA.

226. — Ha, dess'arte, duas cousas que são virtualmente, para nós, estranhas: o *passado*, que corresponde a uma vida impossivel de reproduzir, e o *presente*, que nós não podemos reter, para contemplar: CA.

227. — [v. ns. 45 e 151]. — Toda a verdade está, por conseguinte, no *futuro*: CA; CF.

228. — [v. n.º 223]. — E; assim, nenhuma verdade se exprime pela palavra: CA; CS.

229. — [v. n.º 114]. — Toda a evolução humana póde resumir-se nesta fórmula: supremacia da paixão sobre o sentimento e supremacia do particular sobre o social: CB; CS. [v. *Politica e Governo*, 37; *Evolução historica e progresso em geral*, 56].

230. — Contra a hipótese criacionista. Os criacionistas exultam com os argumentos opostos á idéa da geração espontanea, e, entretanto, admitindo um mundo a sair do nada, por obra de um ser supremo, a eles é que interessa a vitoria dessa idéa: CF.

231. — A idéa é um fáto da intelligencia: CH; CL.

232. — [v. n.º 197]. — A idéa não pre-existe ás cousas, mas faz-se, até no terreno puramente especulativo, com *associações progressivas*, tiradas das cousas: CH; CI.

233. — Ha idéas que nos parecem metafisicas, e, no entanto, são positivas: a *inteligencia* e a *razão*, por exemplo: CH.

234. — [v. n.º 164 e 169]. — *As idéas da politica* não sendo idéas abstrátas, não correspondem tambem a realidades objetivas. São *fórmulas de aplicação*, ou, em outras palavras, *equações praticas*: CI. [v. *Politica Nacional*, 167; *Educação e Ensino*, 21].

235. — *Opinião*, no sentido filosofico do termo, é a fórmula subjetiva da idéa em debate: CP.

236. — A vida espiritual só é verdadeira quando exprime a relação entre a *mente* e o *mundo exterior*: CF.

CAPITULO II

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E PROGRESSO EM GERAL

1. — Ha notavel desacôrdo entre a evolução da natureza animal do homem e a evolução do seu espirito: PM, 9 a 12; FV, 14 a 15.

2. — E' inexato que a primeira atividade mental do homem fôsse suscitada pelas necessidades materiais da existência; ao revéz, aque'la atividade recebeu o seu primeiro impulso das criações da imaginação, — sonhos, mitos e legendas: PM, 9 a 12, 154; ON, 98-99, 136 a 137, 163-164; CS. [v. *Critica do Conhecimento*, ns. 111, 125].

3. — Esse lado mistico da nossa natureza foi que inspirou as primeiras descobertas praticas: PM, 10; FV, 13 a 14. [v. *Critica do Conhecimento*, 126].

4. — Também a ele devemos as primeiras conquistas que não hajam resultado de acidentes meteoricos: PM, 10-11.

5. — Os problemas capitais da vida são ainda hoje pagina em branco na mais pratica e na mais necessaria de todas as ciencias: PM, 11-12. [v. *Critica do Conhecimento*, 2 e 133; *Moral*, 2].

6. — Contesta-se a idéa de *progresso*, porque ela supõe a de um *bem*, e a do *bem* faz admitir uma *unidade* impossivel de ser creada. Pois a noção de *vida* vem a ser, precisamente, essa unidade. Relacionar os progressos da sociedade com o desenvolvimento da vida humana é dar á noção de progresso *uma unidade capaz de exatidão cientifica*: PM, 12-13; ON, 161 a 165, 169. [v. *Moral*, 2].

7. — Epicuro considerou o progresso como um desenvolvimento da cooperação: PM, 35.

8. — [v. n.º 17]. — A atividade dos seres tem por movel o desenvolvimento e a reprodução da vida. Em outras palavras, a vida é o fim da vida. A luta não é, pois, um fim; é um acidente, que apenas resulta da reação contra um obstáculo oposto ao desejo de viver: PM, 55 a 57, 73, [v. *Moral*, 36; [*Critica do Conhecimento*, 180].

9. — Admitir a luta como um principio de atividade é postular a existencia que se esforça por destruir-se: PM, 55-56.

10. — Atribuir á vida uma finalidade preconcebida, fóra da necessidade de conservar-se e reproduzir-se, é um argumento puramente verbal: PM, 56.

11. — A reunião dos seres em um dado meio implica sempre uma certa solidariedade; porque a existencia de uns é condição da existencia de outros: PM, 56.

12. — Toda a vida organica é um vasto espetáculo de associações. O movel da existencia é, não o egoismo, mas o esforço por viver; de sorte que o melhor meio de assegurar a vida, depois do alimento, consiste em associar-se PM, 56-57, 67, 74 a 75, 77-78.

13. — Os primeiros germes protoplasmicos condenar-se-iam á morte, e não haveria a vida, se eles tivessem de lutar entre si. A materia, em que surgiram, deu-lhes a nutrição; e nesta primeira serventia da camada inferior, para alimentar o protoplasma, nasceu a lei animal, não de luta, mas de sacrificio das especies ás especies superiores: PM, 58, 61, 74; CS.

14. — A luta só existe entre iguais em força, e esta igualdade de força é um motivo energico de conciliação e auxilio mutuo: PM, 58; 74-75.

15. — Mas, sem embargo desse fatal sacrificio das especies inferiores, os espiritos objetivos

reconhecem a existencia de certa simpatia, como a que o homem dispensa aos animais domesticos, — o que demonstra uma tendencia universal para a associação, regida pelo espirito de harmonia entre os sêres: PM, 58-59. [v. *Guerra*, 35].

16. — [v. n.º 21]. — Na ciencia da vida, uma das conclusões capitais é que a luta não é uma necessidade. E' um acidente, uma especie de correctivo da anormalidade, um meio de eliminação do excedente de vidas: PM, 59 [v. *Guerra*, 37].

17. — [v. n.º 8]. — Se a luta é apenas a reacção contra um obstáculo, destruindo vidas, a vitoria cabe á vida mesmo, pela sobrevivencia dos mais aptos, e, conseguintemente, pelo aumento de vida, no conjunto: PM, 57, 71. [v. *Sociedade e individuo*, 8].

18. — Não ha lei mais geral, em biologia, do que a da economia da substancia e economia de energia; ora, a luta exige excessiva despesa de energia e de substancia; logo, é um fáto contra a natureza: PM, 59, 70 a 71; CS.

19. — A noção de *luta* está confundida com a de *esforço*, ou *concorrência*: PM, 60-61; ON, 115 a 118; AP; CI.

20. — O homem não entra em luta com a natureza; submete-a aos seus desejos, ou defende-se dela. A sua ignorancia o fez um destruidor im-

placavel da natureza; daí a errada noção de que a vida é uma luta contra o meio: PM, 61. [v. *Guerra*, 34].

21. — [v. n.º 16]. — Na fenomenalidade social a luta pela vida opéra uma seleção inversa á da seleção organica: os caratères favoraveis á sociedade vencem os caratères favoraveis ao individuo: PM, 61-62; ON, 115 a 116, 124, 194.

22. — Na ordem humana, a seleção natural seria aquela em que triunfassem da animalidade as faculdades superiores do espirito: PM, 62; ON, 115 a 116, 194; BU; CB. [v. *Sociedade e individuo*, 8].

23. — Ha uma lei de menor esforço na satisfação das necessidades do homem. Trabalha neste a adaptação, no sentido de procurar o seu interesse pelos meios mais faceis: PM, 70-71.

24. — O crime não tem origem na inclinação natural. A existencia excepcional de tipos criminosos exclúe a idéa de encontrar na nossa natureza a causa dos desvarios passionais: PM, 71; ON, 281. [v. *Direito*, 14].

25. — Se é preciso atribuir a origem do homicidio a um fáto qualquer, esse fáto é a caça. Mas a abundancia de especies inferiores, quando o homem começou a caçar, mostra que ele podia evitar processos de aquisição que o exporiam á

ferocidade dos animais mais vigorosos e á hostilidade dos outros homens: PM, 71-72.

26. — A sua primeira áttitude foi, por conseguinte, defensiva. A habilidade adquirida pela defesa animou-o, depois, ao ataque. De sorte que, da defesa para a agressão o homem formou o seu carácter natural, creando uma estratificação secundaria de moveis morais: PM, 72-73, 76.

27. — O fáto de haver ánimais carnivoros não prova a necessidade da luta entre homens, pois o cão e o lobo são carniceiros, mas não comem os seus semelhantes: PM, 74.

28. — E' um grave erro julgar o homem primitivo pelo estálão dos selvagens de hoje: O selvagem de hoje é já um tipo avançado da evolução social: PM, 84 e 87. [v. *Guerra*, 33].

29. — A fisica da Terra é o primeiro regulador da evolução humana. O homem primitivo, joguete dos fenómenos fisicos, vivia a fugir a estes. Foram accidentes naturais as causas das migrações, e, conseguintemente, das conquistas: PM, 87. [v. *Guerra*, 34 a 37].

30. — A evolução é, de sua natureza, contraria á fixidez; daí a inevitavel transformação dos conceitos, graças aos sentimentos novos, que novas condições de vida inspiram ao homem: PM, 153; ON, 71. [v. *Critica do Conhecimento*, 223].

31. — [v. n.º 69]. — Desde que o homem creou um legislador soberano e absoluto (o sobrenatural), que lhe ditou leis imortais, passou a tornar-se escravo do passado e habituou-se a procurar, na palavra de Deus e na dos avós, a lição dos seus atos; a Historia, a escolastica, a força da autoridade consolidaram, depois, esse habito: PM, 154; PN, X; ON, 72-73. [v. *Critica do Conhecimento*, 45; 227; *Evolução historica e progresso nacional*, 7; *Patria e Nação*, 20; *Religião*, 12].

32. — Isso fez que o pensamento humano se iludisse, na estimação do valor do passado. Em logar de procurar nele os elementos das leis sociais, tomou os seus fatos á conta de moldes de conduta para o futuro: PM, 154; ON, 73.

33. — A aristocracia, fundada na nobreza de sangue, influiu grandemente na imaginação popular, para dar força á crença na superioridade do passado: PM, 155; ON, 73. [v. *Critica do Conhecimento*, 227].

34. — A luta industrial suprime, em todo o mundo, a luta guerreira: PM, 155; ON, 74. [v. *Politica Mundial*, 17].

35. — A nossa civilização não tem cuidados pelo homem e não os tem, de todo em todo, pela terra. O seu progresso material é feito de avanços da nossa avidez sobre o futuro. O seu pro-

gresso social é um progresso de fôrma, em que as seleções se operam obedecendo a forças artificiais, em cujo numero preponderam as instituições do passado, as tradições, os elementos hereditarios de fortuna, de nome de familia e de posição: PM, 177-178. [v. *Critica do Conhecimento*, 65 e 112; *Politica Mundial*, 71; *Raça*, 30, 37 e 38].

36. — Talhada a sociedade por esses modelos, o talento, a capacidade e o caráter predispõem á derrota, perante a subalternidade, a hipocrisia, todo esse conjunto de impersonalismo, de carencia de idéas e de sentimentos, que fazem a essencia da habilidade, a chave do exito, na concorrência dos nossos dias: PM, 178. [v. *Organização constitucional*, 55; *Moral*, 15; *Sociedade e individuo*, 34; *Questão social*, 17; *Economia em geral*, 8].

37. — Somos orgulhosos da nossa civilização. De fáto, seria inexato dizer que o homem não tenha feito progressos, no conhecimento e na pratica dos recursos de adaptação ao meio: PM, 186; PN, 17; ON, 165-166.

38. — [v. n. 61]. — Mas, no tocante ao progresso material, não sofre dúvida que tudo o que o homem construiu não é nada, em comparação com a enormidade das suas ruinas: PM, 187; ON, 161 a 162; BE. [v. *Politica Mundial*, 79; *Economia em geral*, 20].

39. — No tocante ás relações de homem a homem e de sociedade a sociedade, é de notar o progresso dos sentimentos de humanidade. Trata-se aqui de um progresso do sentimento; e visto como o sentimento não se aplica, em geral, senão a cousas immediatas, é óbvio que não atinge a nacente longinqua dos fatos da vida, e, por isso, complica os acontecimentos, na sua pressa de acudir ás manifestações apparentes dos nossos males: PM. 186. [v. *Critica do Conhecimento*, 78].

40. — [v. n.º 74]. — Quanto ao progresso moral, advirtamos que a intelligencia aplicada ás cousas praticas se prende muito ás manifestações superficiaes das nossas crises; é a ciencia dos médicos, dos moralistas, dos juizes e dos advogados, a piedade dos padres, indo todos direito ao individuo, com olhos fixos nas minucias. A técnica das invenções, por sua vez, tem sempre um fim commercial. De sorte que o movel altruista se torna secundario, quando existe; PM, 187; ON, 164 a 165. 187-188; BE. [v. *Moral*, 34; *Questão social*, 27; *Critica do Conhecimento*, 128, 131, 133, 140 e 182].

41. — A escravização do espirito á civilização material foi tão longe que o proprio pensamento especulativo e o pensamento artistico se renderam á industria da publicidade. Os negocios da imprensa constituiram-se, assim, em arbitros das se-

leções intelectuais: PM, 187; FV, 42-43; AK. [v. *Política e Governo*, 19 e 37].

42. — A desproporção entre o progresso das ciencias técnicas e o das ciencias do homem e da sociedade é tal, que de um lado o interesse dos praticos, e, de outro lado, a timidez dos homens de pensamento, relegaram essas ultimas para o terreno das abstrações e das ideologias. Ora, a verdade é que a uma dessas ciencias, e a mais empirica de todas, — o Direito — deve a civilização este grande serviço: a ordem material das sociedades: PM, 187; ON, 157. [v. *Critica do Conhecimento*, 63; *Direito*, 2 e 9; *Política e Governo*, 38; *Guerra*, 6].

43. — E' essa desproporção que explica o desdém dos governos para com os avisos e as exortações dos competentes. Todo o mundo se julga, por isso, capaz de discutir os problemas da sociedade e da politica: PM, 187. [v. *Critica do Conhecimento*, 41, 63 e 64; *Política e Governo*, 19 e 38].

44. — [v. n.º 73]. — A ordem, em que vivemos, fundada numa experiencia que os fatos ultrapassaram e em teorias preconcebidas, não assegura nem a paz, nem o desenvolvimento das sociedades: PM, 188; PN, 86-87; ON, 82.

45. — O problema da *vida*, acudido em cada caso concreto, nunca foi posto pelo homem em fórmula abstrata, — como um problema que á inte-

ligencia humana cumpre resolver: PN, 18; ON, 82. [v. *Moral*, 2].

46. — Cada necessidade isolada encontrava-se solvida, mercê de um dos muitos processos continuos, pelos quais o continuo da mente vai solvendo o continuo da existencia: PN, 18.

47. — A vida desenrolou-se, assim, por um progresso lento de conquistas infinitesimais, que só numa fâse muito adiantada da especie apresentaram as fórmas superiores do cuidado pela existencia: PN, 18.

48. — O mundo sucitava ao espirito dos nossos antepassados a questão da vida de cada um, em face da grandeza e do poder misterioso das cousas colossais que os cercavam, que produziam accidentes e mortes e que lhes opunham, da parte dos outros animais e dos outros homens, tantos perigos á sua segurança e tantos obstaculos ás suas empezas: PN, 18-19.

49. — O problema da vida apresentou-se ao homem ancestral com essa feição pratica, nos primordios da sua atividade mental conciente: PN, 19. [v. *Critica do Conhecimento*, 126].

50. — A's perguntas do homem sobre o seu destino, em meio ás cousas, respondia o socorro de Javeh; mas á pergunta sobre os perigos que vinham dos homens e dos outros animais quem respondia

era o companheiro da caverna, e, depois, o parente da tribo: PN, 19. [v. *Politica e Governo*, 49].

51. — Religião e politica nasciam, assim, como roteiros á esperança e ao temor humanos, nos azares e nas penas do destino: PN, 19. [v. *Politica e Governo*, 93; *Religião*, 49].

52. — Perplexo entre os seus interesses immediatos, o homem primitivo não podia formular o problema do seu futuro. Entregava-o, por isso, a Deus, que ele transportou do mundo sidereo para os tempos adiante: PN, 20, 87. [v. *Religião*, 32; *Politica e Governo*, 51].

53. — E assim se instalou, por séculos, o fatalismo providencial e depois o fatalismo cético, encerrando o problema de cada individuo e de cada geração dentro do alcance da existencia: PN, 20. [v. *Economia em geral*, 12].

54. — Nos paizes de longa evolução normal a prosperidade e o progresso são produtos de uma elaboração vagarosa, seme'hante á das sedimentações geologicas: PN, 24; CD. [v. *Patria e Nação*, 44 e 48].

55. — Em cada periodo historico as gerações se dividem em grupos de homens que tendem a dizer *sim* aos problemas da vida, e grupos que tendem a dizer *não*. Aqueles contemplam o futuro com esperança; estes seguem o destino anonimo da

renuncia. Nessa posição do espirito, em face das interrogações praticas da vida, está, com certeza, o criterio decisivo da sorte de individuos, nações e sociedades: PN, 45; CC.

56. — A evolução das sociedades humanas tem sido, principalmente, obra de impulsos e de emoções: PN, 108; CB; CC; CS. [v. *Critica do Conhecimento*, 107, 111 e 229].

57. — [v. n.º 76]. — Os povos mais civilizados são tambem os mais corruptos: PN, 138; BG. [v. *Politica Nacional*, 58 e 59].

58. — O periodo da evolução do homem, historicamente conhecido, não representa siquer um décimo de vida da nossa especie: ON, 82.

59. — Não é hipotese para desprezar-se a da existencia da Atlantida: ON, 83.

60. — A vida social, não tendo caráter propriamente organico, obedece todavia a uma especie de equilibrio, no tempo e no espaço; os seus movimentos parciais precisam ser subordinados á marcha do todo: ON, 139. [v. *Critica do Conhecimento*, 8, 131; *Politica e Governo*, 48, 100].

61. — [v. n.º 38]. — A civilização humana é o produto do sacrificio da Terra ao impulso de cobiças incontidas: ON, 161; BE. [v. *Politica Mundial*, 79; *Economia em geral*, 20].

62. — Em seu aspecto critico, a *civilização* é habitualmente considerada através dum conjunto de elementos da vida social e da cultura intelectual de um povo: ON, 156 a 167, 171 a 172.

63. — Em seu aspecto dinamico, porém, o conceito de *civilização*, como o de *progresso*, depende de que o espirito humano exprima a equação dos proveitos e das perdas que os fatos duma época ou a historia dum povo tenham produzido nas forças do planeta e na vida da especie: ON, 166 e 169. [v. *Emigração*, 21].

64. — E' possível duvidar que a transbordante vitalidade da Alemanha e dos Estados-Unidos realize verdadeiros casos de *civilização*: ON, 166. [v. *Raças*, 46].

65. — E' erro confundir a idéa de *civilização* com os fatos de simples melhoramentos materiais: ON, 167. [v. *Viação e Transportes*, 1; *Economia nacional*, 7; *Questão social*, 42].

66. — [v. n.º 76]. — O *progresso* não póde mais significar a marcha para um fim preestabelecido; ha de traduzir, na sua realidade objetiva, o valor das soluções oferecidas aos problemas da Terra, do Homem e da Sociedade, e os das relações reciprocas entre esses tres elementos: ON, 167 a 168. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 16].

67. — O individuo, a sociedade e a especie são termos cardiais na idéa de civilização: ON, 169. [v. *Politica e Governo*, 65].

68. — Para coordenar, porém, esses tres elementos, precisamos pô-los em equação com a Terra — séde objetiva da organização, — e com a tradição espiritual — natureza subjetiva da sociedade: ON, 169.

69. — [v. n.º 31]. — O passado, em seu conjunto, é sempre um estado inferior ao presente: ON, 198, 280. [v. *Critica do Conhecimento*, 151 e 227].

70. — O espirito de resistencia ás idéas novas tem a sua raiz em tres causas: primeiro, em que as forças da inercia são mais decisivas que as forças da ação; segundo, em que estão sempre com os privilegiados pelas situações a serem substituidas as energias capazes de promover, com exito, as refórmias; terceiro, em que nos habituamos a referir a idéa de conservação ao estado subjetivo da mentalidade social, em vez de a induzirmos dos elementos objetivos, expressos pelas necessidades que o paiz e o seu povo experimentam: AF; AP; AX. [v. *Critica do Conhecimento*, 151 e 227].

71. — A ruina dos povos, pela decadencia ou pela revolução, tem resultado de refórmias adiadas, truncadas, ou frustradas: AF; CQ.

72. — A Historia ha de provar que das cabeças humildes dos oprimidos nasceram as fontes mais ricas e mais puras do saber e do bem humanos: AP. [v. *Sociedade e individuo*, 22].

73. — [v. n.º 44]. — Ha, neste momento, um cataclisma na alma humana. Sobre um velho desencontro entre a nossa sensibilidade e a nossa direcção, alguma cousa ha que levantou uma catastrophe, uma revolta do passado contra a inflexivel determinação do tempo: BE; CB. [v. *Critica do Conhecimento*, 47; *Politica e Governo*, 129].

74. — [v. n.º 40]. — O progresso moral do homem não vai além do bem venal, da troca em que se barganham por objéto immediatos umas esmolas dirétoas, com o valor certo de um óbulo: BE. [v. *Questão social*, 27].

75. — Não só as obras de previdencia são quasi nulas, senão que obedecem, de ordinario, a moveis inferiores: BE. [*Questão social*, 27].

76. — [v. n.º 57]. — Os paizes mais prosperos e felizes do mundo não são os mais ricos, e são, seguramente, os menos fracos: BG. [v. *Questão social*, 37; *Politica Nacional*, 58 e 59].

77. — E' absurdo o criterio cronologico mercê do qual se busca dividir as épocas da historia humana: BR.

78. — O mundo exhibe, neste momento, a falencia da religião, como coordenador da cultura moral, e, simultaneamente, uma nova expansão dos egoismos, pelo commercio, pelos transportes e pelo capital: CB. [v. *Religião*, 24 e 47; *Moral*, 31 e 33; *Política e Governo*, 129; *Questão social*, 23 e 43].

CAPITULO III

POLITICA E GOVERNO

1. — Todas as monarquias contemporaneas assentam no regime representativo; e o direito, que as rege, nasce dos elementos que formam a estrutura economica de cada uma delas: VP, 33, 45. [v. *Economia em geral*, 1; *Direito*, 3 e 15].

2. — [v. n.º 11]. — O poder absoluto sempre foi, e é, cada vez mais, uma ficção; de fáto, todo o governo repousa numa oligarquia: VP, 36; ON, XIII, XVI, 110 e 113.

3. — Governar é, sobretudo, prevêr: VP, 81. [v. *Critica do Conhecimento*, 16, 75, 90 e 151; *Evolução historica e progresso nacional*, 6 a 8; *Organização Constitucional*, 76].

4. — A soberania é uma idéa convencional; daí a necessidade de uma politica internacional, que a regule: VP, 85-86.

5. — [v. ns. 16, 18, 20 e 92]. — O poder teve as suas origens na força: VP, 136; ON, 113, 117-118, 132 a 134, 242; BS. [v. *Politica Mundial*, 61; *Critica do Conhecimento*, 65; *Direito*, 6].

6. — [v. n.º 115 e 133]. — Contra o principio da eleição, em geral. Nos regimes eleitorais vigentes, o direito de voto é conduzido pelos muitos meios de pressão, de astúcia e de suborno, de que os politicos se utilizam, para lhes fraudar os resultados. Depois, a eleição popular traduz apenas a força do número, sem a seleção dos que votam. E, por derradeiro, o pensamento, que deve presidir á escolha dos representantes, é guiado pelo jornal, mas o jornal não é órgão de direção: VP, 141; PM, 167; ON, XXXV, 43 a 45 e 93. [v. *Organização Constitucional*, 45 e 167].

7. — [v. n.º 3]. — O processo mental de estudo das questões sociais deve ser futurista: a solução é uma representação ideal dos termos futuros do fenómeno, mostrados pela observação de sua marcha no passado e pelo exame do seu estado presente: PM, XII-XIII. [v. *Critica do Conhecimento*, 16, 33 e 75].

8. — As grandes reformas não dependem, muitas vezes, senão de um acontecimento, que advirta, para serem realizadas: PM, XVIII.

9. — [v. n.º 122]. — A filosofia dos que governam é uma filosofia de convenção, feita de pensamentos médios: PM, 11-12.

10. — E' erro acreditar-se que seja possível a qualquer nação isolar-se das outras, na solução dos seus problemas, como as potencias dinasticas de outróra. Os fátos de hoje demonstram esse erro: PM, 23 a 24, 124 a 126, 131-132, 144 a 146, 151. [v. *Politica Mundial*, 13, 14, 20 e 71].

11. — [v. n.º 84]. — A alma dos povos caminha do lado oposto á atividade dos governos. Essa alma busca dois polos: o ideal e a necessidade; mas ao passo que as necessidades são imperiosas, o ideal é ainda desviado por efeito de concepções vagas, modelos dogmaticos, sistemas filosoficos inteiriços, ou principios morais combinados com os fátos, porém não adaptados a estes: PM, 24-25. [v. *Moral*, 3; *Critica do Conhecimento*, 39].

12. — Ora, as necessidades, ou a sua idealização, vêm a ser precisamente a mola das atividades de hoje: PM, 25.

13. — [v. n.º 102]. — Nunca, através da historia humana, a sociedade mostrou, como hoje mostra, que não pôde passar sem governo; nunca tambem se revelou em tanta maneira a necessidade de governos fortes: PM, 26.

14. — [v. ns. 99 e 106]. — Mas esses governos fortes precisam revestir-se de alta autoridade racional e científica; e esta autoridade tem que fundar-se num centro mundial permanente de vigilância, conselho e direção: PM, 26, 145. [v. *Política Mundial*, 78 e 117; *Questão social*, 25; *Crítica do Conhecimento*, 79].

15. — Aristoteles compreendeu que a política é uma arte empírica, inseparável da vida real: PM, 34; ON, 130 a 132.

16. — A autoridade é obra de mera violência, toda a vez que não resulte de um mandato, em que se exprima, com sinceridade, graças às idéas de que o eleito se fez órgão, o apoio real do sentimento público á sua investidura: ON, 117-118 e 132.

17. — A autoridade não se constituiu, nas sociedades primitivas, pela força, mas pela astúcia. A força esteve sempre com as multidões bem que estas se achassem subjugadas ao despotismo das aristocracias e dos governos: PM, 68.

18. — [v. ns. 5, 17 e 126]. — O governo teve origem na força moral: PM, 68-69, 75; PN, 19; ON, 113; BB.

19. — [v. n.º 38]. — A evolução política acabará entregando a direção das sociedades aos homens de elite, pelo saber e pelo caráter: PM, 89;

ON, 270, 272; CP. [v. *Organização constitucional*, 53 e 59; *Evolução histórica e progresso em geral*, 43].

20. — [v. ns. 5, 17 e 18]. — Aos antigos governos, fundados pela violência e apoiados nela, a democracia fez substituir os governos apoiados sobre a astúcia política: PM, 111; ON, XVI.

21. — [v. ns. 84 e 120]. — A autoridade política está hoje fundida na vida social dos povos: PM, 131, 189.

22. — As idéas de sociedade política, de nação e de Estado não se contêm mais nas definições jurídicas; e os juristas, por isso mesmo, fazem prodígios de esforço por achar fórmulas correspondentes á realidade assumida pelos novos agrupamentos de povos: PM, 151; PN, 86-87; ON, XV a XVII, 69.

23. — O absolutismo figurava o Estado como o único representante da coletividade. A massa dos indivíduos não possuía interesses próprios, resultantes da natureza humana; os seus direitos eram faculdades que o poder soberano lhes dispensava. A frase de Metternich — “o mundo começa com o barão” — era uma síntese histórica: PM, 165-166; ON, 91, 132.

24. — [v. n.º 101]. — Fizeram-se revoluções; mas visto como as classes que realizavam as

reivindicações não as conquistavam senão por se sentirem bastante fortes, o que elas efetivamente alcançavam era apenas a sua ascensão. Os direitos declarados em favor da massa vinham a ser méros títulos nominais: PM, 166; ON, 91-92, 172, 191-192, 240, 242 a 244, 272 a 273; AF; CB; CS. [v. *Economia em geral*, 15; *Questão social*, 15].

25. — Redigidos em forma de garantias jurídicas, arrancadas á realeza, as leis constitucionais só protegiam a vida como expressão da existência; não reconheciam a todos os homens o direito a esse conjunto de faculdades e bens elementares indispensáveis para que a existência não seja uma simples maneira de vegetar, para que o organismo disponha de elementos materiais de viver, para que o espirito possa adquirir as noções necessárias á vida e ao trabalho, para que as condições de exito sejam iguais, no esforço pela cultura e pelo aperfeiçoamento, sendo iguais as capacidades: PM, 166; ON, 91-92.

26. — A igualdade perante a lei tem hoje um sentido que deve atingir a vida em toda a sua plenitude; deve compreender a obrigação de apoio a todos os individuos para que atinjam o maximo de desenvolvimento das faculdades: PM, 167; ON, 92, 242 a 244. [v. *Crítica do Conhecimento*, 35; *Moral*, 2; *Questão social*, 35].

27. — Passado do regime dos privilegios para o da igualdade, o progresso do direito se fez de cima para baixo, mercê de sucessivas incorporações de individuos e de classes á camada dominante. Em todas as nacionalidades classicas a igualdade legal se exprime pela supremacia de uma classe dotada de privilegios efetivos sobre a multidão gratificada com os titulos de eleitor, as primeiras letras e as quatro operações: PM, 167; ON, 92-93, 242; BU. [v. *Direito*, 15; *Economia em geral*, 15].

28. — [v. n.º 6]. — Sòciedades, nações e patrias são abstrações de luxo intelectual, entre governantes e burguezia; o povo só entra na retorica dos discursos politicos, para um direito de voto que os seus dominadores conduzem graças a uma infinidade de pressões e artimanhas, de que dispõem: PM, 167; ON, 93 a 94. [v. *Patria e nação*, 36].

29. — [v. ns. 19 e 38]. — Sempre governada pelas inteligencias e pelas vontades, a sociedade afasta, pouco a pouco, os seus entraves; mas não tendo visto, de inicio, senão os laços politicos da dominação, tomou o simbolo pela realidade e atacou os governos e a idéa de poder: PM, 181; PN, 87-88.

30. — Dessa errada atitude resultou a tendencia para o enfraquecimento do poder gover-

namental, que não é a solução desejavel, ao passo que se desenvolviam outros poderes, dotados de todos os instrumentos de privilegios, monopolios, preferencias e prestigios: PM, 181, 208; PN, 87-88; ON, 96, 158.

31. — Os governos foram destituídos de sua autoridade discricionaria; resta, porém, examinar se essa diminuição da autoridade politica não aumentou o número dos opressores: PM, 181.

32. — Embora se admita um grande progresso no uso do poder, não resta dúvida tambem que a conquista da liberdade pelo desenvolvimento do individuo e simultanea limitação do Estado não deu em resultado senão fortificar outra direção e outro governo: — o dos poderios pessoais, que não é menos legitimo nem menos malfazejo que aquele: PM, 181; PN, 129 a 130; ON, XIII a XX, 45, 95 a 97, 110-111, 191-192; FV, 27-28. [v. *Critica do Conhecimento*, 53; *Sociedade e individuo*, 25 e 45].

33. — [v. n.º 59]. — Não era, pois, a força, nem o prestigio dos governos que devia ser atacado, como nada se conseguirá pela applicação de sistemas socialistas ou de medidas diréttas, que os governos empregam para combater os males sociais, procurando-lhes a cura nos sintomas em vez de estudarem os problemas nas suas causas profundas. O que é necessario é a ação racional

da lei e do poder, ao serviço do pensamento e da experiencia, na policia das atividades individuais: PM, 181-182, 208; ON, XII a XXI, 126, 158, 271. [v. *Critica do Conhecimento*, 62 a 64].

34. — Do enfraquecimento do poder o que fica nas sociedades é um estado de anarquia, dessa anarquia sonhada pelos discipulos de Nietzsche. Mas, evidentemente, um estado de anarquia, em que o poderio cái em mãos de bolsistas e fabricantes de negocios, não ha de satisfazer ao ideal estético de ninguém: PM, 182. [v. *Critica do Conhecimento*, 63].

35. — Mas o que fére a vista, no espetáculo da sociedade contemporanea, — e aí está o âmago do problema, — é que o enfraquecimento teorico dos governos e o desenvolvimento do individualismo não traduzem progresso algum do poder das inteligencias sobre as vontades e sobre as ações: PM, 182; ON, 157 a 158. [v. *Critica do Conhecimento*, *Questão social*, 28].

36. — O pensamento e o saber progrediram apenas como instrumentos destinados a indicar de que modo podem ser satisfeitos os appetites. Nesta época, em que as invenções mais surpreendentes se multiplicaram e em que sabios, inventores e homens de letras se aplicam á pesquisa de meios para acudir ás ambições mais ousadas e aos caprichos mais exquisitos da sociedade mundana, a

marcha do pensamento, no sentido da direção social, é quasi nula: PM, 182-183. [v. *Critica do Conhecimento*, 67; *Questão social*, 42 e 43].

37. — A impotencia social dos homens de pensamento deu-lhes a convicção de ineficacia pratica dos seus esforços. Muito fracos para se imporem á sociedade dos politicos e homens de negocio, os homens de pensamento receiam a luta, que é, entretanto, necessario empreender, para tomar as posições que lhes cabem. Peor que esse temor é acanharem-se eles ante o juizo, que os soberanos da mediocridade emitem acerca das suas idéas e acerca dos seus destinos: PM, 183 a 184. [v. *Critica do Conhecimento*, 41 e 42; *Evolução historica e progresso geral*, 41 e 43].

38. — [v. ns. 19, 29 e 118]. — De sorte que os fatos da vida social são, afinal de contas, fatos de vontades e de energias, sem direção intelectual: PM, 183; ON, XV a XVII; AP; CB; CS. [v. *Critica do Conhecimento*, 71, 144; *Politica Nacional*, 8].

39. — Para dar a prova de que é necessario que o pensamento assuma a direção da sociedade, basta a verificação da desordem em que a sociedade se agita: PM, 184; BD; CP. [v. *Politica Mundial*, 126].

40. — Não é, entretanto, para impôr prescrições dogmaticas que o pensamento deve assumir

a direção da sociedade; é, ao contrario, para reagir contra essa massa de constrangimentos, que vive em suspenso sobre ela, para destruir os entraves artificiais, para defender o individuo, a sociedade, a terra e o futuro contra a expansão e a anarquia criadas pela soma das atividades heterogeneas dos appetites e das ambições: PM, 184; ON, 270. [v., *Critica do Conhecimento*, 71; *Religião*, 44].

41. — [v. n.º 56]. — A falta de pensamento, na direção das sociedades, levou estas aos extremos de uma crise de que não sairá pela só ação das forças sociais tidas por espontaneas: PM, 188. [v. *Politica Mundial*, 58; *Sociedade e individuo*, 32].

42. — A politica está, em geral, abaixo dos problemas e das necessidades atuais das nações: PM, 188; PN, 86 a 89; ON, 42-43; AB. [v. *Guerra*, 42].

43. — A liberdade politica é uma conquista da burguezia: PM, 205-206; ON, 242.

44. — A expressão *politica* perdeu o sentido exclusivo de competição entre grupos opostos, para significar uma orientação favoravel a todas as correntes de opinião: PM, 207; ON, 263, 266, 279. [v. *Organização constitucional*, 46 e 112].

45. — Dos homens que fazem as revoluções apenas conseguem dominar a onda os que são

colhidos pelas primeiras vagas, já definitivamente consagrados: PN, VIII.

46. — Para que a vitória desses homens tenha eficacia, a bem das idéas, é de mistér a maturidade da refórma que promovem e o preparo deles para consumá-las: PN, VIII. [v. *Critica do Conhecimento*, 142].

47. — Os homens que as revoluções produzem, não sendo, em regra, expoentes das idéas que elas representam, nem instrumentos das suas obras, prolongam para o futuro o impulso e o espirito da desordem: PN, VIII. [v. *Organização constitucional*, 162].

48. — [v. n.º 100]. — Para a politica hão de convergir todas as especulações e pesquisas, se quizerem merecer a atenção e a reflexão humanas: PN, 17; ON, XXIV-XXV, 130, 134, 138-139. [v. *Critica do Conhecimento*, 131; *Evolução historica e progresso em geral*, 60].

49. — O homem primitivo sabia que tinha a sua segurança e o seu destino pendentés da nação, porque a nação organizava a subsistencia e o exito de todos. Os *Estados* dessas primeiras sociedades eram *Estados coletivistas*: PN, 20-21. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 50; *Patria e Nação*, 39].

50. — [v. n.º 87]. — Deixando paulatinamente de socializar a vida, e tornando-se politico,

para satisfazer dessarte ao interesse dos dominadores, o regime da ordem e da legalidade restringiu-se á esfera jurídica: PN, 21; ON, 113 a 114. [v. *Direito*, 29].

51. — Nesse processo, Deus emancipou o teatro das realidades terrenas, abdicando da sua interferencia permanente; e as cousas da vida coletiva formaram o objéto de um pensamento, de uma ação e de uma arte secular: PN, 22-23. [v. *Critica do Conhecimento*, 40 e 89; *Evolução historica e progresso em geral*, 50 a 52].

52. — [v. n.º 90]. — A separação entre o espiritual e o temporal é consequencia imediata e logica do dualismo do espirito e da materia, e, bem assim, do livre arbitrio: PN, 22-23; ON, 132; AF.

53. — Desde que o homem se sentiu capaz de prevêr as consequencias futuras dos átos da gestão social, era fatal que surgisse o Estado, como órgãos geral dos problemas e das soluções dependentes da ação coletiva e futura: PN, 23; ON, XII. [v. *Critica do Conhecimento*, 89 e 90].

54. — [v. ns. 118, 122 e 123]. — Nas mais velhas e cultas nações, por entre as camadas onde se faz a seleção dos governantes, e onde se acham os que se dispõem a arrostar as sensações das lutas de que sáem os dirigentes, a cultura não representa o nivel mais alto da competencia;

PN, 89; ON, 111, 115 a 116, 272 a 274. [v. *Organização constitucional*, 57; *Guerra*, 88].

55. — [v. n.º 113]. — E' erro imputar aos povos, na critica dos acontecimentos sociais, a responsabilidade dos desvios da evolução, e esperar deles a iniciativa de refórmãs. O corpo alimenta; não inspira, nem dirige o cerebro: PN, 128; ON, 117, 273; AI; AJ; AO; BM. [v. *Politica Nacional*, 71].

56. — [v. n.º 41]. — Só ha um fator, uma força, um instrumento, uma vontade, uma intelligencia, com a função de promover a ação nacional, de manter a vida do paiz, no que o interessa, em conjunto e permanentemente: é o aparelho politico-administrativo: PN, 129; ON, XII a XIV. [v. *Politica Nacional*, 114 e 146].

57. — A nação a que falta este órgão está condenada a dissolver-se, a desagregar-se, ou a ser conquistada, se o momento é propicio ao surto de outro povo mais forte: PN, 129. [v. *Politica Nacional*, 122; *Guerra*, 78].

58. — [v. n.º 120]. — O papel dos governos contemporaneos consiste em defender os individuos contra os abusos do individualismo e a sociedade contra os seus despotas; em fazer, afinal de contas, a policia da vida nacional, contra os privilegios, os monopolios, os açambarcamentos dos reis das soberanias argentarias: PN, 129; ON,

XIX, 114 a 115, 271 e 290. [v. *Questão social*, 33 a 35; *Economia em geral*, 25].

59. — O grande benefício prestado ao progresso humano pelas aspirações liberais consistiu em terem revelado este fáto capital: que a sociedade e o Estado eram entidades confundidas, no passado, com outros órgãos e outros aspectos da vida dos povos: ON, XIII-XIV, XXX-XXXI; AU; BT.

60. — [v. n.º 118]. — A evolução da nossa especie produziu e desenvolveu, até hoje, duas grandes instituições: a religião e o militarismo. Sob estas duas, duas outras conseguirão assentar raizes: a familia e o commercio. Outras mais nasceram, e naufragaram. Mas a *sociedade nacional*, assim como a *politica* — seu instrumento de direcção, e o Estado — seu órgão de acção, — não chegaram nem mesmo a ser abstraídos das grosseiras combinações com que o poder de guerreiros e a sagacidade sacerdotal haviam regulado as cousas, para fundar e manter a ordem passageira das velhas instituições: ON, XIV, 109-110; FV, 16. [v. *Sociedade e individuo*, 25; *Imperialismo*, 10].

61. — Se a *sociedade politica* ainda não chegou a definir-se como corporação que é, diferente das demais, e formada, dentro de fronteiras geograficas, dos individuos, familias e associações, no evoluir temporal dos seus fins comuns, não

sofre dúvida, entretanto, que o homem está, por toda a parte, improvisando artificialmente, mercê de um vasto desenvolvimento de gremios, conciliabulos e cabalas, de ação pratica e de ação espiritual, os órgãos de que os seus interesses e necessidades mostram a falta: ON, XV-XVI. [v. *Patria e Nação*, 37].

62. — Se a totalidade dos habitantes de um paiz se pudesse incorporar nesses varios agrupamentos, a sociedade nacional ficaria dilacerada, entre os embates dos seus muitos eixos: ON, XVII. [v. *Patria e Nação*, 55].

63. — Mas como o número dos que nesses agrupamentos se incorporam é o de insignificante minoria, o individuo e o povo são inevitavelmente vitimas dessa dispersão das forças da autoridade: ON, XVII.

64. — Ora, a soma desses agrupamentos não produzirá nunca uma soma de resultados equivalente á ação propria do Estado, nem, muito menos, á synthese, em que esta se deve converter: ON, XVII; AA; AI; BT. [v. *Politica Nacional*, 77].

65. — Nenhuma instituição humana póde, hoje, entretanto, legitimar-se, se não tivér por objéto final estas duas realidades extremas da vida: o individuo, que representa a unidade, e a sociedade, que representa o conjunto: ON, XVI

a XVII, 271. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 67].

66. — As forças indiretas desses agrupamentos alcançam os efeitos mais remotos, como o que se teria verificado com a destruição das obras de Aristoteles. Um inquérito sobre fatos semelhantes, em que se encontram verdades afixiadas por influencias ocasionais, esmagadas á força bruta de maiorias ou pela ditadura de organizações disciplinares, revelaria, provavelmente, grandes surpresas, na historia do pensamento humano: ON, XVII-XX.

67. — Ditadura dessa natureza se exerce na ação pratica, como nos dá exemplo o fáto de a Light exterminar, pelo impaludismo, sem providencias sérias dos governos e sem reação social decisiva, milhares de vida, quando executou as suas instalações de energia elétrica: ON, XIX, 113-114.

68. — Tudo isso dá testemunho da sorte precaria dos povos, perante as tendencias particularistas da nossa civilização: ON, XIX, 93-94.

69. — Contra essa ditadura, sobre a evolução do pensamento, só ha um remedio: a mais ampla liberdade espirital: ON, XVIII, 116, 158, 290 a 291, 309; AO; AS; AX. [v. *Organização constitucional*, 66, 126, 136].

70. — Com essas fórmulas de solidariedade, a justiça social é subordinada á justiça do agrupamento; e assim como os católicos professam não votar em cidadão impio, os outros gremios fazem as suas seleções a juizo de tendencias, idéas e sugestões semelhantes: ON, XX, 89, 95; FV, 27 a 28.

71. — Ora, toda força social tende a constituir o seu *jus imperium*, e, por isso mesmo, applicando o lema imperialista de que a *salvação do povo é a lei suprema*, entende que tal salvação só é possível dentro do criterio que adota: ON, XX.

72. — Uma das fórmulas habituais da judicatura moral é o costume de attribuir ás *intenções* do individuo força preponderante na vida publica; daí vem que, para cada um dos membros desses agrupamentos, o agrupamento adverso e os seus consocios são instituições hediondas e seres abjéctos, quando a verdade é que todos legitimam o principio que manda applicar todos os meios, quaisquer que sejam, para chegar aos seus fins: ON, XX-XXI. [v. *Moral*, 32; *Politica Nacional*, 34].

73. — Contra a acção social dirécta, cuja esterilidade facilmente se demonstra pela anulação dos esforços religiosos, com a emancipação pratica de grande número de crentes, com o immediato apagamento da fé em individuos educados em collegios ecclesiasticos, com a desproporção entre

os selvagens civilizados pela catequese e a prole natural deles: ON, XX-XXI, 174 a 175, 273; FV, 43-44; BB.

74. — [v. n.º 114]. — Em um inquérito sobre a influencia da filosofia de Bergson o sr. Emilio Faguet teve a sinceridade de confessar que não compreendeu o pensamento do eminente professor francez. Pois a politica, sistema de conhecimentos mais dificeis, — instaveis como são os seus dados, — é ainda, mais do que os outros, objéto da jatancia critica e da inconciencia practica; não ha senhora, estudante ou operario que não tenha opinião sobre os mais graves problemas politicos, como não ha cidadão que recuse uma função pública por se julgar incompetente para exercê-la: ON, XXV.

75. — A opinião pública é, em regra, dirigida por escritores que jamais se detiveram no trabalho de formar idéas gerais sobre o conjunto dos problemas sociais, nem no de reunir os dados desses problemas: ON, XXV, 112; AD. [v. *Politica Nacional*, 147].

76. — [v. ns. 74, 113 e 121]. — A politica demanda um forte e profundo preparo, visto como as suas soluções não se encontram nem siquer esboçadas nos livros mais sabios. A' applicação diréta das lições de filósofos e doutrinadores se devem os maiores desastres da politica con-

temporanea. Realmente, os homens de governo ganharam em preparo teorico; mas o conflito entre fatos e doutrinas assumiu proporções gigantescas, porque as doutrinas não têm relação com a natureza dos fatos: ON, XXV-XXVI, 110, 112, 130 a 132, 272; AC. [v. *Guerra*, 49; *Critica do Conhecimento*, 39; *Politica Nacional*, 110; *Patria e Nação*, 63].

77. — A sociedade nacional é uma sociedade como qualquer outra; e a dificuldade oposta á empreza de organizá-la e fazê-la prosperar, por meios objetivos ao alcance do espirito humano, está em que é uma sociedade mais complexa; eis porque, não se tendo cogitado, até agora, de uma politica das sociedades anónimas, os métodos de direção da sociedade nacional assumem o caráter de uma grande arte: ON, XXX.

78. — A desorganização politica destróe uma nação mais do que as guerras: ON, XLII; AF. [v. *Moral*, 19].

79. — A unidade e a continuidade da ação politica resultam da existencia de um caráter nacional, qualquer que seja a forma do governo: ON, 3. [v. *Politica Nacional*, 27, 28, 36 e 167].

80. — [v. n.º 94]. — Onde ha uma nação, homogenea em seus elementos, ou fortemente subordinada a um espirito, um movel, uma aspiração ou uma classe preponderante, define-se uma poli-

tica; os órgãos dessa politica surgem da reacção dos acontecimentos; e o poder vem a cair sempre nas mãos dos que a encarnam: ON, 3-4. [v. *Patria e Nação*, 62 e 63; *Critica do Conhecimento*, 74].

81. — A majestade é ainda uma das forças convencionais dos governos: ON, 39.

82. — A arte de governar tem que pôr de lado o *criterio politico*, para adotar, em suas classificações, o *criterio social e economico*: ON, 114, 120 a 121; 173 a 175, 260 a 261. [v. *Questão social*, 59].

83. — A' noção de *lei juridica* deve succeder a da *lei vital da sociedade*, indicada pela sua evolução historica; dessarte, a moral e o direito, em vez de dirigirem, apenas condicionarão o processo de adaptação da sociedade aos seus fins: ON, 114, 120, 129. [v. *Politica Nacional*, 113; *Direito*, 21; *Organização constitucional*, 150; *Moral*, 19].

84. — [v. n.º 11 e 21]. — A atividade politica estabeleceu, em todo o mundo, uma separação profunda entre o governo e as sociedades: ON, 115 a 118, 130, 150 a 158. [v. *Politica Nacional*, 82].

85. — Operando-se, mediante tal separação, a escolha dos governantes, daí resulta que é tão verdadeiro o dizer-se que a massa dos cidadãos

coopéra na politica e nos átos dos seus governos, como seria o dizer-se que ela participa da invasão de um povo estrangeiro: ON, 117.

86. — A autoridade politica é, praticamente, um poder que se crea a si mesmo: ON, 118 a 120.

87. — Com a simples supressão da sua ação ou da sua influencia, no que têm de artificial, os governos se tornariam cooperadores da vida e da prosperidade dos povos: ON, 125-126. [v. *Sociedade e individuo*, 30 e 35].

88. — [v. n.º 95]. — Mas a verdade é que lhes compete hoje em dia um papel muito mais vasto, desde que o criterio governamental se emancipe teoricamente das abstrações, e, praticamente, dos grupos que se interpõem entre os átos do poder e o seu verdadeiro escopo: ON, 126, 130 a 132, 154.

89. — [v. n.º 80]. — Não ha verdadeira politica que não resulte do estudo racional dos dados concretos da terra e da sociedade, observados e verificados pela experiencia: ON, 130 a 140, 154, 170 a 174, 220; CM. [v. *Politica Nacional*, 26 e 105; *Patria e Nação*, 62; *Critica do Conhecimento*, 79; *Organização constitucional*, 43; *Direito*, 21].

90. — [v. n.º 52]. — Nas sociedades mais remotas, os chefes fundaram, não o *absolutismo*,

que é a pressão da força sobre os povos, mas a *autoridade*, que é o só exercício do poder discricionário; e o poder espiritual destacou-se dessa primitiva magistratura pela necessidade de instituir-se um sacerdócio como mediador entre as aspirações dos povos e o domínio dos seus chefes: ON, 132 a 134.

91. — [v. n.º 76]. — O governo foi, nas suas origens, uma formação espontanea das sociedades; o seu carácter artificial promanou, mais tarde, da influencia das doutrinas: ON, 132 a 134, 138, 157 a 158, 172 a 173, 223 a 224; AC; AE; AG; CM. [v. *Guerra*, 48 e 49; *Critica do Conhecimento*, 39; *Politica Nacional*, 110].

92. — [v. n.º 16]. — Toda organização social tem de se basear numa força e de exercer-se como força: ON, 134.

93. — A instituição do governo, nascida na infancia da nossa especie, não foi propriamente um instrumento forjado pelo interesse social, a serviço do bem-estar e do progresso humanos; resultou de um simples fenómeno natural da economia coletiva, sem que os seus agentes cogitassem das massas e sentissem com ellas outra solidariedade que não a imposta pelos impulsos da sua propria atividade: ON, 156-157; FV. 41. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 50 e 51].

94. — A atividade politica só em raros tipos do genio humano tem encontrado órgãos capazes: ON, 130 a 132, 138, 171, 172, 272, 274; AU.

95. — [v. ns. 13, 102 e 104]. — Coordenar, por ação conciente, todos os movimentos da sociedade é o grande encargo da politica: ON, 139, 153 a 155, 158, 221 a 223; AE; AL; CS. [v. *Politica Mundial*, 78; *Evolução historica e progresso em geral*, 60; *Critica do Conhecimento*, 37].

96. — Esse objetivo tem sido mal interpretado pelo academicismo juridico, habituado a julgar a ação dos governos pelas classificações dos compendios: ON, 153, 172 a 173, 223.

97. — O debate tradicional entre o individualismo e o socialismo predispõe tambem os espiritos contra toda ação governamental que exceda dos limites traçados, não pelos chefes, mas pelos discipulos da chamada escola liberal: ON, 153, 247. [v. *Questão social*, 47].

98. — [v. n.º 32]. — Esses discipulos não viram, entretanto, duas cousas: primeiro, que exageravam o individualismo, em sentido favoravel á predominancia do capital; segundo, que a pratica desse exagero deslocou para o capital uma parte do poder de opressão outróra exercido pelos governos: ON, 154. [v. *Questão social*, 18 e 48].

99. — [v. n.º 129]. — Em todos os paizes, e, flagrantemente, na Inglaterra e nos Estados Uni-

dos, se está sentindo que os moldes, relativamente perfeitos, de suas constituições, não comportam os movimentos da vida social: ON, 157, 263; FV, 40; AA.; BD.; BS.; CM.; CO.; CR.; CS. [v. *Politica Mundial*, 145; *Questão social*, 29; *Politica Nacional*, 50; *Organização constitucional*, 39 a 41].

100. — [v. n.º 48]. — Está a explicação disso, provavelmente, no fáto de faltarem de todo, entre a instituição tradicional do governo e a idéa teorica dos seus fins, os instrumentos destinados a fazer surgir e desenvolver-se a governação do seio da sociedade: ON, 157-158. [v. *Organização constitucional*, 46 e 97].

101. — [v. n.º 24]. — As revoluções erraram o alvo, de sorte que as chamadas *garantias jurídicas* são méros engodos da autoridade á fraqueza dos individuos: ON, 158, 271; FV, 29-30, 38-39. [v. *Organização constitucional*, 30].

102. — [v. ns. 13 e 95]. — Um *governo forte* caracteriza-se pela soma das atribuições que abrange, convindo refletir em que toca á politica o encargo de coordenar todos os movimentos da sociedade. Mas a força de um governo alimenta-se no fato de ser uma verdadeira expressão do sentimento público, traduzido pelo voto, e prova-se pe'as garantias com que assegura a mais ampla liberdade de critica: ON, 158-159, 266 a 270, 275-

276; BU; CS. [v. *Organização constitucional*, 30].

103. — [v. n.º 131]. — E' necessario renunciar á idéa de que a fórmula de governo deve obedecer a um sistema preconcebido: ON, 171, 223-224, 230; AB.

104. — [v. ns. 82 e 95]. — A politica é o conjunto dos meios destinados a realizar a civilização e a promover o progresso: ON, 172; AE.

105. — [v. ns. 15, 24, 42 e 94]. — A politica, até agora, salvo raros casos de compreensão genial, veio tendo expressão em duas correntes de átos, ambos anarquicos: os átos partidos do poder, visando estabelecer uma ordem no interesse dos dominadores; e os átos partidos de baixo, não dos povos, senão daquelas camadas que já têm conquistado força bastante para se imporem: ON, 172; AE. [v. *Direito*, 15].

106. — [v. n.º 113]. — Ao *governo do povo pelo povo* deve substituir-se o *governo do povo para o povo*: ON, 242, 272.

107. — [v. n.º 82]. — A democracia social, sucedendo á democracia politica, ao invés de formar o *cidadão*, — tipo classico do titular dos direitos politicos, — deve formar o *homem*, o *individuo*, o *socius* da nação contemporanea: ON, 242 e 243. [v. *Questão social*, 46; *Sociedade e individuo*, 24].

108. — No quadro da sociedade contemporânea os velhos partidos não podem subsistir: ON, 42-43, 263. [v. *Organização constitucional*, 46 e 97].

109. — Daí a nenhuma razão de distinguir o *espírito liberal* do *espírito conservador*: ON, 263. [v. *Organização constitucional*, 47].

110. — [v. ns. 16, 92 e 102]. — Da distinção entre força governamental e força discricionaria. A *força governamental* reside na maior soma de atribuições conferidas ao poder público; na circunstancia de serem as leis copiadas de textos estrangeiros, sem dizerem nada da realidade a que se vão aplicar, resulta a força discricionaria do poder público, que é assim obrigado a agir fóra da lei, para acudir aos fatos que se apresentam á sua deliberação: ON, 269 a 271. [v. *Organização constitucional*, 108].

111. — [v. ns. 89 e 91]. — Uma das causas de se confundirem essas duas especies de força está em serem as constituições e as leis copiadas do estrangeiro, sob inspiração de idéas teóricas, de sorte que o poder publico, em face da realidade, fica desarmado para agir, porque essas leis não dizem da realidade coisa alguma: ON, 270 a 271. [v. *Organização constitucional*, 20; *Politica Nacional*, 113].

112. — [v. ns. 19, 76 e 91]. — O governo só pôde ser função de capazes, e a capacidade governamental é uma das mais raras, não porque os problemas da politica sejam necessariamente os mais dificeis, mas porque a aptidão e o preparo para as funções públicas dependem de condições que não estão ao alcance de muitos, como arte de direção sintetica da vida de um povo: ON, 272. [v. *Critica do Conhecimento*, 136].

113. — [v. ns. 55 e 106]. — Precisamos retirar da noção de governo a idéa de um mandato diréto, ou de uma ação diréta do povo, na gestão dos seus negocios, de que o *referendum* é a mais infeliz das fórmãs: ON, 272 a 273. [v. *Organização constitucional*, 45].

114. — [v. n.º 6]. — Subordinando os órgãos do governo á influencia dos governados, as democracias submeteram os espiritos ás necessidades de momento, ao fim immediato, ao ponto de vista diréto, aos aspectos superficiaes dos fatos, dos interesses e das tendencias: ON, 273.

115. — A ambição do poder é a fonte psicologica de todos os despotismos: ON, 270; FV, 41.

116. — [v. n.º 2]: — As democracias contemporaneas estão a transformar-se em oligarquias de um poder e de uma dominação tão positivos quanto os das suzeranis feudais: PM, 167; FV, 27; AY. [v. *Sociedade e individuo*, 26 e 33].

117. — [v. n.º 60]. — Os problemas da humanidade contemporânea fluem para duas soluções finais sintéticas: fundar o Estado, como órgão social das nações, e fundar o órgão mundial de equilíbrio entre estas: FV, 40; AU; BT; BU; CS. [v. *Politica Mundial*, 90 e 117; *Politica Nacional*, 129 a 131].

118. — [v. ns. 38 e 60]. — Dessarte se encerrará o ciclo da evolução humana, que veio, até o presente, dirigido pelos impulsos da emotividade, e encetar-se-á a evolução das sociedades, dirigida pelo sentimento e pela razão: FV, 40; AF; AJ; BI; CB; CC; CS. [v. *Critica do Conhecimento*, 35, 53 e 78].

119. — A democracia tem de ser hoje o regime de organização da sociedade livre: FV, 26, 36 a 37; AF; AL; AP; BU; CB; CS. [v. *Politica Nacional*, 42; *Guerra*, 96; *Politica Mundial*, 155; *Patria e Nação*, 58].

120. — [v. ns. 21 e 23]. — A politica ainda é, em todos os povos contemporâneos, uma fórmula de exploração dos postos de governo: AB; AY.

121. — [v. ns. 76 e 113]. — A politica é feita da combinação de duas capacidades: espirito filosófico e espirito pratico: AC; CG. [v. *Critica do Conhecimento*, 71 a 75; *Politica Nacional*, 138, 165 e 170].

122. — A politica desviou-se do seu verdadeiro objetivo desde a fusão do Cristianismo com o Imperio Romano: AE; CO. [v. *Critica do Conhecimento*, 211].

123 — [v. n.º 54]. — Este momento da evolução humana está sendo dirigido, em todo o mundo, pelos mais mediocres estadistas e directores de opinião que a historia tem conhecido: AI; BG; BL. [v. *Guerra*, 88].

124. — O liberalismo juridico dos anglosaxões não lhes tolheu as mais vastas conquistas territoriais e os mais sólidos empreendimentos de expansão: AV.

125. — A sedução do parlamentarismo vem do *pathos* emocional das lutas: AY. [v. *Politica Nacional*, 156].

126. — [v. ns. 17 e 18]. — A força moral, que deu origem á autoridade, foi, como será sempre, a consciencia de uma superioridade: PM, 68 a 69, 75; BB.

127. — E porque os antigos sentissem que esse poder de superioridade real é raro, quando os fátos impunham, entretanto, permanentemente, a influencia da dominação espirital, inventaram, então, todos esses processos de sedução dos espiritos, reunidos em misterios, sistemas e regimes, nos ritos religiosos e no ceremonial dos governos: BB.

128. — Hoje a superioridade tem de manifestar-se por outra fôrma: BB.

129. — [v. ns. 76 e 99]. — O mundo atravessa um periodo de crises e convulsões, que se poderiam dizer *normais*, porque resultam do desaparecimento de algumas instituições historicas e da sobrevivencia de outras, em conflito com os fatos da época: BD. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 73 e 78].

130. — Ser monarquista ou ser republicano significa apenas *ter idéas doutrinarias* sobre questões gerais de politica: BV. [v. *Politica Nacional*, 167].

131. — [v. ns. 103 e 107]. — A politica de um paiz não se cinge á simples questão de preferéncia entre sistemas de governo: BV. [v. *Patria e Nação*, 62].

132. — Toda instituição recentemente creada recebe as culpas, no juizo da opinião comum, dos seus primeiros desastres: CC.

133. — [v. n.º 6]. — O regime representativo está, em todo o mundo, percorrendo a fásé da sua primitiva elaboraçáo: CC. [v. *Organizaçáo constitucional*, 167].

CAPITULO IV

POLITICA MUNDIAL

1. — [v. n.º 125]. — Todo o esforço pelo estabelecimento da paz deve ser precedido da solução radical dos conflitos entre as potencias: VP, XIV. [v. *Guerra*, 76].

2. — Essa idéa não é nova; foi sugerida ás nações por Napoleão III: VP, XIV.

3. — E', entretanto, possivel dar a esse problema solução mais decisiva: VP, XIV.

4. — Os congressos modernos já collocaram o problema da ordem internacional no terreno das transações diplomaticas: VP, XIV-XV.

5. — E' preciso, na solução desse problema, substituir a vontade arbitraria dos governos pelo pensamento liberal das sociedades: VP, XV.

6. — A partir de 1909, o pensamento pacifista ganhou terreno: VP, XVII-XVIII; PM, XVII, 52-53; AP; AZ.

7. — Os governos aumentam as suas forças militares, mas os espiritos comprimem os odios que separam as raças e as nações: VP, 3; PM, 5.

8. — A organização do regime de paz é mais uma questão de oportunidade que de principio: VP, 8.

9. — [v. ns. 55 e 83]. — A organização da paz não é um problema juridico; os interesses praticos das nacionalidades e das classes é que o resolverão: VP, 8 a 10, 135-136; PM, 209-210. [v. *Guerra*, 75 e 76].

10. — Os antagonismos enraizados por um longo passado de lutas estão desaparecendo, como provam as alianças de antes da guerra: VP, 19 e nota, 29.

11. — De sorte que os sentimentos de hostilidade, bem como os de amizade, são fatôres secundarios na politica internacional: VP, 20 e nota.

12. — No curso das guerras de antanho, o interesse dos soberanos achou no *principio do equilibrio* uma base de harmonia, fundada no acôrdo dos interesses: VP, 23-24, 64; PM, 46. [v. *Guerra*, 5].

13. — A paz de Westphalia, a de Utrecht e o congresso de Berlim são exemplos typicos dessas combinações, verdadeiramente mundiais, por-

que abrangiam a totalidade das nações civilizadas: VP, 24.

14. — [v. n.º 20]. — A paz não era, com effeito, o fim de tais arranjos, que visavam tão sómente a equivalencia das soberanias. Mas, em suma, o que tais combinações demonstram é a realização desse objetivo, imposto aos soberanos por acôrdos praticos, em fórmula de tratados: VP, 24-25. [v. *Política e Governo*, 10].

15. — Para os paizes fracos, possiveis prezas da avidéz das grandes nações militares, o estado de guerra representa uma situação de perigo permanente. A paz é a garantia da sua estabilidade: VP, 27; ON, 202 a 203.

16. — [v. ns. 67 e 83]. — O espirito cosmopolita teceu, entre todos os paizes da terra, o véo de uma consciencia superposta ás consciencias nacionais; de sorte que, emquanto a politica avança na direcção da guerra, as populações formam o grosso do exercito pacifista: VP, 29-30, 94-95; PM, X, 15-16, 123-124.

17. — Excepto o pequeno grupo dos que se applicam ás industrias de artefátos de guerra, a civilização industrial contemporanea, em todas as classes sociais, rejeita a fórmula aggressiva do patriotismo de outrora e foge ao espirito de aventuras: VP, 30 a 36, 52 a 55, 60 a 62. [v. *Evo-*

lução historica e progresso em geral, 34; *Patria e Nação*, 2].

18 — Os proprios governantes dirigem sociedades pacifistas: VP, 34; PM, XVII, 53; ON, 205-206.

19. — O direito de fazer a guerra foi, por sua vez, arrebatado ás mãos dos governos, pela pressão das forças economicas, que dominam a opinião pública: VP, 34 a 36; PM, 123.

20. — [v. n.º 14]. — Do fáto de ter havido, em dada época historica, um equilibrio das nacionalidades, presidido pelos Papas, deduz-se: 1.º) a fundação de uma ordem internacional; 2.º) o estabelecimento de uma autoridade internacional: VP, 64.

21. — O erro das conferencias de Haya consistiu em quererem estabelecer o sistema da paz, antes da liquidação do estado de paz armada: VP, 64-65.

22. — [v. ns. 1 e 9]. — Emquanto houver um direito e uma politica de guerra haverá guerras, porque a arbitragem, a mediação e os bons officios são méros paliativos: VP, 65-66. [v. *Guer-ra*, 18, 50 e 76].

23. — [v. ns. 90, 117 e 151]. — Necessidade, pois, da criação de uma assembléa incumbida de tomar á sua conta os litigios internacionais e de

satisfazer ás razoaveis aspirações das potencias, fundadas no interesse da civilização e do progresso humano: VP, 66-67; PM, 209 a 210.

24. — Essa assembléa tem de saír duma conferencia internacional: VP, 67.

25. — Baseando a solução dos conflitos na conciliação dos interesses tal corpo internacional inspiraria confiança: VP, 68.

26. — Nem seria licito admitir a cabala, a animosidade ou a intriga, numa assembléa que tem por missão conciliar as divergencias, preparando para a humanidade um futuro melhor: VP, 69.

27. — Não ha utopia em querer atingir esse alvo: VP, 71; PM, 91 a 95, 132.

28 — Como devem ser solvidas as despesas de manutenção de tal assembléa: VP, 71.

29. — Como, perante essa assembléa, poderiam tambem ser solvidas as indenizações e as reparações: VP, 72-73.

30. — Deve atender-se á força de cada potencia, para constituir-se, na assembléa, a comissão de julgamento dos conflitos, convindo sempre que a todo julgamento preceda um acôrdo, por negociação diplomatica, sobre as bases de solução: VP, 75-76.

31. — Em caso de arbitraria agressão de uma potencia qualquer, a nação ofendida resistirá, pedindo logo o apoio da assembléa; e esta, decidindo em sessão plena, agirá como órgão politico, para conter, e, em seguida, para castigar o agressor: VP, 77-78.

32. — Não devemos cogitar de uma reforma das nações, nem de um regime federativo entre elas, — cousas quimericas, em face da situação da hora presente: VP, 79-80, 190-191.

33. — [v. n.º 78]. — Se os povos não resolverem os problemas da paz, ficaremos sujeitos a uma catastrophe, em que a questão social se cruzará com a guerra: VP, 81 a 82; PM, 188-189. [v. *Questão social*, 23; *Politica Nacional*, 76].

34. — Necessidade de resolver, separadamente, esses dois problemas VP, 81-82.

35. — [v. ns. 23, 44 e 52]. — O maior entrave ao desarmamento é a posição de certas potencias civilizadas, em face dos povos historicamente atrasados: VP, 82.

36. — [v. ns. 45 e 52]. — Bem que os poderes de governo desses povos seja uma necessidade da civilização, cumpre, todavia, á conferencia fixar-lhes os direitos: VP, 82 a 84.

37. — Isso seria fácil, no que entende com os protetorados e as zonas de influencia; VP, 83.

38. — E' indiscutivel o direito de intervençãõ das nações civilizadas nos paizes incapazes de assegurar os direitos do homem: VP, 84; PM, 19-20, 134.

39. — O que a torna odiosa é o exercicio arbitrario do direito, com o qual, não raro, se misturam interesses particulares: VP, 84-85.

40. — O problema ficará, entretanto, resolvido com a creaçãõ da Côrte Internacional de Justiça, investida da faculdade de decretar a intervençãõ e fiscalizar-lhe o exercicio: VP, 85.

41. — O imperialismo é uma doutrina historica: VP, 87. [v. *Imperialismo*, 3].

42. — A base da doutrina imperialista é a tradiçãõ: cumpre que os povos ocidentais continuem a obra civilizadora, que realizaram até agora: VP, 105; PM, 133-134, 143 a 146.

43. — [v. n.º 71]. — Mas a civilizaçãõ, que começou da época greco-romana, está atingindo o seu termo: a posse dos territorios inexplorados. Encerra-se, com essa posse, a era das conquistas: VP, 105-106; PM, 118-119, 156; ON, 201 a 202.

44. — [v. n.º 35]. — Em face das populações que habitam esses territorios, qual o dever do homem civilizado? Assegurar a sua supremacia, pelo controle do futuro — responde o imperialismo. Nada mais justo. Mas, assegurá-la por

meios barbaros? Não. A Historia não ensina a recuar. A' humanidade civilizada cumpre levar o' que de melhor possúe, para educar essas populaçõs. A força já desempenhou o seu papel, abrindo o caminho para a civilização. Agora, o papel é do instituidor, do juiz e do missionario: VP, 106-107; PM, 125.

45. — [v. ns. 23 e 36]. — Não é possível recusar ao homem do ocidente o direito de expropriação de territorios e bens occupados por incapazes. Mas *o direito*, a saber, uma faculdade regulada por lei. Nesse sentido, o homem civilizado é apenas um mandatario do genero humano. Esse direito ainda se não creou: VP, 107-108; PM, 19-20, 125, 133-134, 143-144, 205; AS.

46. — Projéto de reunião de uma conferencia internacional, para o estabelecimento da paz: VP, 119 a 125.

47. — A igualdade de representação das potencias, tanto quanto a classificação por categorias de acôrdo com a força militar, eram inaceitaveis, na segunda Conferencia de Haya: VP, 129 a 131, 139 a 141.

48. — Necessidade de conciliar esses dois principios em litigio: VP, 131, 141.

49. — A representação de todas as potencias, com igualdade de direitos, impõe-se; mas não

sendo possível fazer que todos os delegados tenham parte no julgamento, deve-se procurar a solução numa combinação de *comités* de juizes: VP, 131.

50. — A melhor solução é dividir as potencias em tres categorias, e fazer que os litigios entre as potencias de uma mesma categoria sejam decididos por juizes dessa categoria, e os entre potencias de categorias diferentes por grupos iguais de juizes da sua classe: VP, 123, 142 a 144.

51. — A autoridade do poder, na ordem interna, originou-se da força; na ordem internacional nascerá da opinião: VP, 136. [v. *Politica e Governo*, 5, 16, 17 e 19; *Guerra*, 6].

52. — Este problêma encerra o grande drama do seculo XX; e será decerto resolvido pela incompatibilidade entre os interesses, cada dia menos particularistas, da nossa especie, e o estado de hostilidade internacional: VP, 137. [v. *Guerra*, 13].

53. — [v. ns. 16 e 83]. — O sentimento da paz está enraizado na consciencia mundial, onde tudo age contra o espirito de rivalidade e de odio entre os agrupamentos humanos. O interesse privado creou, entre as sociedades, uma liga espontanea contra a guerra: VP, 137.

54. — [v. n.º 125]. — O desarmamento será, pois, a vitoria dos sentimentos e dos interesses

humanos sobre a estreita ambição dos governos: VP, 138; ON, 202 a 203.

55. — [v. n.º 9]. — Os ensaios de solução jurídica não devem, todavia, ser desprezados; são fatores de ordem moral: VP, 138.

56. — Contra o argumento de que a divisão da Côrte Internacional em *comités* de juizes impossibilita a uniformidade da jurisprudencia: VP, 144-145.

57. — Projéto de organização da Côrte Internacional de Justiça: VP, 149.

58. — [v. ns. 33 e 84]. — A humanidade, com todos os seus problemas sem solução, corre o perigo de obedecer á sugestão dos seus impulsos e dos seus preconceitos, ou de aceitar a sentença de um fatalismo cético sobre o poder do seu pensamento: PM, V. [v. *Critica do Conhecimento*, 79; *Politica e Governo*, 41].

59. — Estando o conhecimento do homem e da sociedade falseados por idéas conceituais, os juizes e as soluções dos problemas não terão outro efeito senão o de elevarem á categoria de divindades os conceitos verbais que traduzem as normas em vigor sobre os valores: PM, V; ON, XI, 206-207; BE. [v. *Questão social*, 24].

60. — [v. n.º 156]. — Esse perigo é tanto maior quanto é certo que os reformadores preten-

dem demonstrar a superioridade dos seus princípios no tribunal da Moral, — tribunal que ocupa, nos caratères fracos e nas inteligencias passivas, o lugar dos misterios da natureza no espirito do selvagem: PM, V. [v. *Moral*, 25].

61. — Tal pretensão é uma arma capaz de fazer o despotismo desabrochar em crises de que só a força é o juiz: de um lado, a guerra; de outro, a opressão dogmatica nas cousas da vida pública: PM, VI. [v. *Questão social*, 24].

62. — O ideal moral será a sua primeira vitima, passando a valer como instrumento de força, ou a submergir-se num fluxo de ascetismo servil: PM, VI.

63. — Os mais belos ideais morais são realizaveis, mas não pódem ser postos como regras de julgamento numa sociedade cujas idéas são convencionais e cuja ordem é anarquica: PM, VI. [v. *Moral*, 14 e 23].

64. — Os homens, os povos e as sociedades não ocupam o logar determinado pelas condições de sua natureza, mas o que resulta de accidentes arbitrarios da vida e da Historia. De sorte que a situação de moralidade, perante o criterio contemporaneo de julgamento, é um atributo da força, uma vitoria da astucia ou um fáto do acaso: PM, VI, 143-144; ON, 111-112, 116-117. [v. *Moral*, 31 e 32; *Raças*, 30; *Critica do Conhe-*

cimento, 112 a 114; *Evolução histórica e progresso em geral*, 36].

65. — E' essa a lição que nos vem do sangrento acéssio de loucura, que é a Guerra do Oriente: PM, VI.

66. — [v. n.º 90]. — A paz mundial é condição preliminar para que se estude o enigma do homem e da sociedade: PM, VII, 211-212; ON, 201, 206.

67. — [v. n.º 16]. — A evolução social contemporanea estabeleceu como fáto positivo a existencia de uma sociedade humana, abrangendo, num todo geografico e numa rêde de relações, todos os paizes da Terra e os homens de todas as raças: PM, IX, 3-4, 23-24, 144, 211; ON, 201 a 202. [v. *Politica e Governo*, 10].

68. — [v. n.º 78]. — Notam-se, porém, nessa multidão apenas em mistura, sem laços de solidariedade humana, forças e impulsos que ameacçam produzir um estado prolongado de retrogradação e de crises, na vida das pessôas e das sociedades, materialmente ligadas por meios de transporte e instrumentos economicos, mas sem uma intelligencia entre as aspirações, as idéas e as necessidades: PM, IX-X.

69. — O *orbis romanus* era uma ficção, entre continentes e oceanos, com imensos paizes de-

sertos e enormes multidões ignoradas. O ecumeno cristão era ainda menor: PM, X.

70. — Para a consciencia e para o conhecimento humanos a Terra começou a existir depois da exploração das regiões centrais da Africa: PM, X; ON, 201 a 202.

71. — [v. ns. 43 e 113]. — A posse da Terra pelo espirito humano inicia uma era, que se póde chamar a da evolução conciente da nossa especie, fechada até agora, entre os limites do mundo conhecido e as fronteiras nacionais: PM, X, 118, 156; ON, XII, 201 a 202; CS.

72. — Nessa intercomunicação de povos, o conjunto de forças em jogo nas sociedades e os problemas já notados pelos pensadores, além de outros, que vêm surgindo, apresentam crises e interrogações, a que é necessario acudir: PM, X, 144-145, 211.

73. — A' parte qualquer analogia superficial, tal situação assemelha-se á do encontro da civilização romana com o mundo barbaro e á do conflito das instituições e dos costumes politicos do seculo XVIII com o espirito de liberdade, victorioso no mundo dos pensadores e da burguezia: PM, X-XI.

74. — [v. ns. 23, 33 e 90]. — O quadro da época actual é, todavia, mais vasto, e sugere, desde logo, esta pergunta: — o desenlace desse drama

será o abandono da sociedade ao acaso, ou o espirito humano tomará a si o encaminhamento do problema mundial?: PM, XI, 1. [v. *Critica do Conhecimento*, 79].

75. — Está questão equivale á de Turgot a Luiz XVI, em favor de uma reforma, antes da revolução, como equivale tambem á de Washington e demais fundadores da Republica Americana á Convenção de Philadelphia: PM, XI.

76. — Responder-lhe-ão os fátos, conforme o espirito e o caráter dos homens encarregados da direção dos povos: PM, XI.

77. — A Republica Americana é obra de previsão politica; a Revolução Francesa é fruto da ação das idéas e da reação das instituições, combatendo-se sem calculo e sem medida: PM, XI.

78. — [v. ns. 33, 58 e 122]. — As forças hoje em conflito não são idéas, dada a fraqueza destas para dirigir e controlar correntes tão vastas de tendencias e de fátos. E, se não fôr obra dos governos nenhuma outra autoridade pôde regular o movimento dessas forças, que ameaçam conduzir as sociedades á mais pavorosa das crises: PM, XII, 181 a 183; ON, 154, 193. [v. *Politica Nacional*, 114; *Politica e Governo*, 95; *Questão social*, 23; *Economia Nacional*, 17].

79. — E' um direito e um dever da civilização preservar as riquezas da Terra contra a exploração imprevidente e defender as raças e os povos atualmente colocados em posição de inferioridade: PM, XVI, 144-145, 176 a 177, 190; PN, 61, 119; FV, 15; AE. [v. *Economia em geral*, 12, 13, 20 e 23; *Agricultura e Pecuaria*, 6; *Evolução historica e progresso em geral*, 38; *Economia nacional*, 58; *População nacional*, 39].

80. — A paz não é uma concepção metafisica, nem mesmo um conceito abstrato, como a justiça, o direito, a ciencia; é uma realidade social, continuando-se em todas as horas e em todos os pontos do planeta: PM, 9.

81. — Não é a paz que se pôde dizer anormal; é a guerra: PM, 9.

82. — [v. n.º 105]. — A idéa da paz foi uma concepção de doutrina, uma aspiração, um sonho sentimental; hoje é um projéto de governo: PM, 16 a 17, 29.

83. — [v. ns. 9, 16 e 53]. — Dous fatos determinaram a criação de um espirito mundial, superior ás nacionalidades: a internacionalização do crédito e a internacionalização do proletariado: PM, 16. [v. *Economia em geral*, 3].

84. — Os primeiros passos da ação pacifista foram dados na Suíça e nos Estados Unidos, —

em duas republicas construidas por sociedades verdadeiramente liberais, sem influentes tradições reacionarias: PM, 16. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 4].

85. — A politica pacifista entrou a ser obra de governo, na Inglaterra e nos Estados Unidos: PM, 17. [v. *Guerra*, 94 e 98].

86. — A França, capaz de exercer larga influencia civilizadora, herdou certa vocação guerreira, e, como primeiro mercado financeiro do mundo, está sujeita ás intrigãs das rivalidades coloniais; mas a sua cultura é um penhor de paz: PM, 17-18. [v. *Guerra*, 94].

87. — Ha uma só das grandes potencias, cujo futuro parece depender da sorte das armas: A Alemanha. A Alemanha ainda não achou a base economica, financeira e territorial da sua expansão. Para esta expansão o seu melhor instrumento é a sua força militar. E' um fáto. Além disso, nas suas classes influentes domina a necessidade de formação de capitais. A Inglaterra e a França importam capitais das suas colonias, ou dos paizes que exploram mercantilmente; a Alemanha, mais emigrante, procede por capitalização e occupação, como recentemente vão fazendo os Estados Unidos na America do Sul; PM, 18-19. [v. *Guerra*, 100 a 106].

88. — A fásē militar da civilização deve fechar-se, pois, com uma crise imperialista da Alemanha. Mas esta fatalidade pôde ter um correctivo no espirito de transação das outras potencias, dando estas á Alemanha um *logar ao sól*, nas zonas em que a ausencia de civilização justifica a expansão colonial: PM, 19-20; FV, 36 a 37. [v. *Guerra*, 100].

89. — [v. ns. 78 e 171]. — Se não chegarmos a esse acôrdo, a Inglaterra, os Estados Unidos e a França responderão, perante o futuro, por uma crise mundial indescritivel: PM, 20; FV, 36 a 37.

90. — [v. ns. 23, 117 e 151]. — A necessidade de crear um órgão mundial impõe a paz, pois é evidente que as soberanias politicas são incapazes de, isoladamente, dar solução aos problemas humanos: PM, 26-27, 144 a 146, 190-191, 211-212; FV, 44. [v. *Politica e Governo*, 10 e 117; *Politica Nacional*, 140; *Economia em geral*, 3].

91. — Ninguem pôde pôr em dúvida que a paz tenha sido sempre uma aspiração das multidões anónimas, esmagadas pelas invasões guerreiras e escravizadas pelos conquistadores: PM, 29.

92. — Desde as civilizações mais antigas, a idéa de paz é vitoriosa no espirito dos filósofos e dos profetas: PM, 30-31.

93. — No cristianismo a idéa de paz pôde ser considerada um artigo de moral pratica e um verdadeiro programa. Isaias anunciou a paz universal: PM, 31.

94. — A idéa de paz, na Grecia. Exame da opinião que attribúe ao povo grego a divinização da força. Razão politica dessa tendencia. A obra dos pensadores contra o militarismo. Aristóteles, Aristófanes, Esquilo e Epicuro, a favor da paz. A paz e o pensamento dos cínicos e dos estoicos: PM, 31 a 37.

95. — Roma e a idéa de paz. Fundada nessa idéa estava a necessidade de uma ordem internacional, para que a expansão territorial se realizasse. O Imperio como expressão politica do ideal de unidade do genero humano. Terencio, Antonino, Marco-Aurelio, Vespasiano, Cicero e Constantino, advogados da paz: PM, 37 a 41.

96. — A idéa de paz na Idade Média. A ambição de imperio e a necessidade da ordem mundial. Ação dos pontifices, dos imperadores e dos juriconsultos. Dante e o seu livro *De Monarchia*: PM, 41 a 45.

97. — O Renascimento e a paz. Jean de Vivès, Sully, Emerich Crucé, Grotius, Ernest de Hess-Rheinfels, William Penn, Abade de Saint-Pierre, na defesa dessa idéa: PM, 46 a 48.

98. — Kant, Bentham e Stuart Mill e a idéa da paz: PM, 48 a 50.

99. — A idéa da paz em Napoleão, Alexandre I e Napoleão III: PM, 50 a 51.

100. — A Russia e as Conferencias de Haya. A politica pacifista no Brasil: PM, 51 a 53.

101. — Nas sociedades nacionais, desde as tribus selvagens até ás nações mais adiantadas, tudo está organizado no sentido de garantir a segurança pessoal, com um profundo sentimento de respeito e de protecção á vida: PM, 69.

102. — No interior de cada paiz, os homens só lutam pela ambição de outros homens. O que constitúe o interesse privado aconselha sempre a acomodação e, ás vezes, o sacrificio: PM, 69; 88-89.

103. — Se o homem tivesse um instinto de luta física, seria incompreensível que, através de tantos séculos, as esmagadoras maiorias que constituem a base da piramide social não houvessem deparado meios de apoderarem-se dos instrumentos de luta para aniquilar as minorias dominantes: PM, 69, 78. [v. *Guerra*, 31 e 47; *Economia em geral*. 15].

104. — [v. n.º 127]. — As revoluções provam que a ambição de supremacia pôde mais do que o desejo da posse: PM, 70, 88-89.

105. — [v. n.º 82]. — A paz universal é um ideal; isso basta para acordar a desconfiança dos que se dizem homens praticos. Para essa gente, que tem, aliaz, por hábito o ideal religioso, como, por hábito, repele outros ideais, o ideal é sinónimo de sonho: PM, 91; ON, 201; AP. [v. *Critica do Conhecimento*, 67; *Religião*, 8; *Guerra*, 49].

106. — Confunde-se a idéa de paz universal com a de fraternidade humana: PM, 91, 96; ON, 201, 206; AP.

107. — Pondo de lado a discussão do que seja ideal, fácil é concluir, entretanto, que nada tem de vêr com ele o problema da paz. Para a politica contemporanea, a paz é o mesmo velho problema do equilibrio europeu generalizado a todo o globo: PM, 95-96; ON, 201.

108. — A paz e a guerra são fatos internacionais; e as nações, pessoas juridicas envolvidas nessa ordem de relações, são unidades que se distinguem nitidamente nas cartas geograficas. Desta posição do problema resultam uns tantos equivocos. Ao passo que os filósofos encaram a humanidade como uma unidade teorica, os juristas, politicos e homens praticos só vêm paizes, soberanias e povos separados, face a face, como legiões, senão hostis, pelo menos independentes: PM, 113.

109. — Esta maneira concreta, quasi grafica, de encarar os dois fenómenos da *paz* e da *guerra*, obedece á direcção impressa pela tradição e pela Historia ao nosso modo de vêr: PM, 113. [v. *Crítica do Conhecimento*, 1].

110. — As nações primitivas eram sobretudo povos, isto é, coleções de individuos. Tudo era local e tribal, desde os deuses até ás idéas praticas: PM, 113-114. [v. *Sociedade e individuo*, 20; *Patria e Nação*, 38].

111. — Mais tarde, com o desenvolvimento das nações, cresceu o alcance da nossa vista; mas, ainda assim, não ganhou essa amplidão total que permite envolver na mesma luz todo o horizonte global do planeta e da especie, nem essa penetração analitica que faculta atravessar as concepções cristalizadas no nosso espirito, para atender ás realidades e descrever os traços definidos pela influencia dos novos fatores da evolução: PM, 114. [v. *Crítica do Conhecimento*, 136 e 150].

112. — A humanidade dos filósofos e dos filantropos era uma humanidade ideal; as nações para os espiritos praticos, eram, por outro lado, realidades de tradição e de convenção: PM, 114. [v. *Sociedade e individuo*, 20].

113. — [v. ns. 43 e 71]. — Os primeiros acreditavam-se *adiantados*, porque tinham o poder de representar no espirito a imagem do estado

futuro, em que a humanidade seria uma sociedade unica, num só todo. Mas se essa imagem dos idealistas confirma a verdade de que o nosso espirito possúe um poder de representação logica do futuro, o fáto é que eles eram vitimas de uma ilusão, querendo realizar a paz numa humanidade que não tinha existencia, porque ainda não se conhecia a si mesma. Não se conhecer é não existir: PM, 114. [v. *Critica do Conhecimento*, 45; *Politica e Governo*, 7].

114. — Por sua vez os chamados espiritos praticos não eram senão espiritos limitados ou medrosos; faltavam-lhes o senso de generalidade e de desenvolvimento, para compreenderem as verdades que não são de tradição, e o senso da ação e da vontade, para acompanharem a marcha das verdades descobertas: PM, 124.

115. — Se a verdade não estava nem com uns nem com outros, a logica do senso comum mantinha o debate entre os dois pontos de vista. E' um defeito do nosso raciocinio tomar a afirmação e a negação como radicalmente opostas. Cousa alguma na vida possúe essa fórmula nitida de um contraste absoluto: PM, 114-115. [v. *Critica do Conhecimento*, 44].

116. — Crêr na eternidade da guerra, ou crêr na fatalidade da paz não era mais do que seguir, a respeito de uma questão ideal, um dos dous

pontos de vista: o ponto de vista empirico, que se dizia pratico, e o ponto de vista filosófico, que se reputava moral: PM, 115.

117. — [v. ns. 23, 78 e 90]. — A universalização das idéas começa a formar um órgão mundial de pensamento, — órgão que se poderia denominar o cerebro humano: PM, 123-124; AE; BG; GI; CS. [v. *Politica e Governo*, 117; *Patria e Nação*, 65; *Critica do Conhecimento*, 140].

118. — [v. n.º 163]. — O imperio inglez seria o ideal de organização pacifica da humanidade; a sua existencia é, aliaz, a prova da possibilidade dessa idéa, com a diferença em que a humanidade só se compreende como uma democracia de nações soberanas: PM, 132; ON, 202. [v. *Politica Nacional*, 141].

119. — [v. ns. 53 e 152]. — E' necessario fundar a paz sobre o equilíbrio dos individuos, e não esperá-la do equilíbrio instavel e desigual das nações: PM, 145; BG. [v. *Economia em geral*, 2; *Politica Nacional*, 131].

120. — Para a maior parte dos habitantes de um paiz moderno, os problemas militares são assuntos quasi alheios, e sempre antipaticos, ás preocupações da vida; deles essa gente só têm noticia pelos jornais ou pe'os letrados, amigos destas questões, porque as supõem superiores ao alcance das inteligencias comuns: PM, 157; BF.

121. — A tésé da superioridade de certos povos destróe-se facilmente com a predominancia do objetivo comercial nas relações deles com os povos mais jovens, ou mais atrazados. De fáto, o commercio não é um agente de moralização, conforme se deduz da historia colonial. A sua finalidade normal consistiria em operar a troca de substancias necessarias á vida; mas assim como se vende o vestuario, tambem se vende o opio. Tudo isso é commercio: PM, 180; CI. [v. *Economia em geral*, 7; *Organização constitucional*, 74; *Guerra*, 74].

122. — [v. ns. 78 e 147]. — A politica internacional, com os seus imperfeitos instrumentos de relações diplomaticas, é impotente para conter e encaminhar as novas correntes de vida: PM, 188. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 44].

123. — [v. ns. 33 e 78]. — Na sociedade contemporanea a extensão e o caráter teorico do ensino e o desenvolvimento dos meios de exploração industrial e de commercio multiplicaram de tal modo as ambições e de tal modo se desequilibraram os fatores economicos, que a luta entre essas multidões desvairadas pela ansia de enriquecimento rápido ameaça tomar um aspécto de gravidade desconhecida na Historia: PM, 188. [v. *Questão social*, 23 e 37].

124. — Nem a dissolução do Imperio Romano nem as ruínas da Europa até o fim do século

XVIII dão idéa dos resultados da civilização de hoje, conduzida pela ambição dos candidatos a miliardários, ou pelos sonhos mais modestos da grande móle de individuos que parasitam os negocios: PM, 188.

125. — [v. ns. 33, 78, 123]. — A idade das grandes manufaturas, das industrias colossais, dos açambarcamentos, matando o valor e a capacidade do individuo na maré montante da mediocridade, e escravizando os povos aos reis das finanças, e ao regime dos privilegios, acabará na absorção da vida social pela cabala dos audaciosos, no Baixo-Imperio da avidez, ou na revolução universal: PM, 188-190. [v. *Questão social*, 23 e 43].

126. — Para que a solução desse problema venha a ter exito eficaz, sendo certo que a solução está necessariamente na supremacia do trabalho e na direção do pensamento, é preciso que se torne o programa duma política: PM, 190. [v. *Crítica do Conhecimento*, 33, 71 a 74 e 182; *Política e Governo*, 39; *Economia em geral*, 38; *Política Nacional*, 144].

127. — [v. n.º 104]. — Esse programa fará substituir a ambição pela vontade de eficiencia e o desejo de bem-estar, fundado na fortuna, pela certeza do bem-estar fundado na segurança das pessoas e no exito das capacidades: PM, 190 [v. *Questão social*, 28, 35 e 39; *Moral*, 26].

128. — Doutrina de Monroe; situação da politica mundial, ao tempo em que foi lançada a mensagem do presidente norte-americano: PM, 193 a 195.

129. — Doutrina de Monroe; prioridade da sua enunciação pela Inglaterra, e razões que influíram no ânimo de Canning: PM, 195 a 197.

130. — Doutrina de Monroe; sua correlação com o pensamento liberal das instituições politicas inglezas e norte-americanas: PM, 196.

131. — Doutrina de Monroe; a mensagem do presidente norte-americano continha duas afirmações diferentes: uma, opunha á intervenção européa o principio da soberania das novas nacionalidades; a outra, mais expressiva, opunha ao direito de occupação o principio da integridade, não dos territorios nacionais, mas do territorio americano: PM, 198-199.

132. — Doutrina de Monroe; para os contemporaneos de Monroe a America era uma entidade politica, em que se continham algumas soberanias e um territorio ao abrigo das ambições européas: PM, 199.

133. — Doutrina de Monroe; essa doutrina não era um programa nem um compromisso de defesa; era uma simples declaração, com a elasticidade bastante para permitir aos Estados-Unidos

a atividade politica necessaria ao seu desenvolvimento e ao incremento da sua influencia: PM, 199.

134. — Doutrina de Monroe; essa declaração não sugeriu cousa alguma que já não fôsse matéria de direito internacional, nem era mesmo um principio de politica americana: PM, 199.

135. — Doutrina de Monroe; as duas consequencias mais notaveis dessa declaração foram a doutrina Drago e a ampliação de Roosevelt, na mensagem presidencial de 1905: PM, 199 a 200; AQ.

136. — Doutrina de Monroe; pela ampliação de Roosevelt a doutrina assegura ás demais nações americanas apoio pratico quanto á conservação da paz; mas, prometendo concorrer para garantir a ordem interna dessas nações, trazia em seu bojo o perigo que esse concurso naturalmente encerra: PM, 200-201; AQ.

137. — Doutrina de Monroe; a formula de Monroe era a afirmação espontanea da igualdade das nações deste continente; a de Roosevelt continua o reconhecimento expresso de uma hegemonia dos Estados-Unidos: PM, 201; AQ.

138. — Doutrina de Monroe; a formula de Roosevelt era, afinal, uma retrogradação, traduzida praticamente na attitude dos delegados norte-americanos á Conferencia de Haya, contra a igualdade juridica dos Estados: PM, 201-202.

139. — [v. ns. 85, 169 e 170]. — Doutrina de Monroe; hoje, porém, a politica norte-americana tomou outro rumo, e a doutrina foi absorvida da doutrina da paz: PM, 202-203, 208.

140. — Doutrina de Monroe; deve-se reconhecer aos Estados-Unidos uma certa faculdade de representar, perante as outras potencias, as nações americanas, mas sem nenhuma declaração de dependencia destas: PM, 202-203; PN, 34; CS. [v. *Imperialismo*, 7; *Politica internacional brasileira*, 7].

141. — [v. n.º 159]. — Doutrina de Monroe, essa faculdade não póde, entretanto, ser conferida em nome de uma doutrina obsoleta, que só poderia ter applicação em caso de guerra, ou por ocasião de alguma conquista: PM, 203.

142. — As nações americanas só têm a temer os perigos que crearam por suas proprias mãos, ou que lhes venham das crises sociais mundiais: PM, 203-204.

143. — Essas nações não têm, outrossim, motivo algum para serem mais amigos dos Estados-Unidos do que da Europa. Quanto á corrupção da democracia, quanto aos abusos do capitalismo e quanto á expansão economica, os Estados-Unidos não as ameaçam menos do que as potencias europeas: PM, 204-205.

144. — E' necessario, pois, banir do nosso espirito a idéa de uma solidariedade americana, em opposição á Europa: PM, 205, 207; AQ; AS.

145. — A despeito dos terriveis problemas da politica interna, agravados pela questão social, as nações europeas se reconstituem, de acôrdo com as necessidades de hoje: PM, 206. [v. *Questão social*, 29; *Politica e Governo*, 99].

146. — Transportado para o sólo americano, o pensamento europeu premuniu-nos contra as rudezas das lutas de religião e das lutas da tradição politica; o espirito de raça apagou-se na concorrência entre individuos; e se a questão social aparece aqui é em virtude da concentração de massas proletarias, graças á politica do proteccionismo industrial: PM, 206-207. [v. *Questão social*, 30].

147. — Alguns povos americanos, por varios motivos, se deixaram levar do espirito de imitação das rivalidades e das intrigas da diplomacia europeá. Daí essa atmosfera de inimizades, agitada pela leviandade do patriotismo declamatorio com o aplauso dos espectadores ociosos das lutas politicas: PM, 207.

148. — A consciencia dos nossos verdadeiros interesses e dos nossos destinos começa, entretanto, a mostrar-se. Compreendemos a necessidade de consolidar a ordem. Somos o laboratorio em

que se prepara uma nova humanidade: PM, 207. [v. *Política Nacional*, 42; *Nacionalidade brasileira*, 11 e 12].

149. — Somos os americanos, em relação á Europa, o fruto das suas idéas e o terreno de solução de um grande numero das suas dificuldades: PM, 207. [v. *Política internacional brasileira*, 21].

150. — [v. n.º 155]. — Ha, decerto, uma politica americana, mas esta politica consiste em realizar a democracia real, pela liberdade politica, fundada na paz: PM, 207-208. [v. *Política e Governo*, 119; *Guerra*, 96; *Questão social*, 35].

151. — [v. ns. 23, 76, 90 e 117]. — Para assegurar a paz é indispensavel a criação, ao lado da Côrte Internacional de Justiça, de um corpo de carácter politico, especie de anficionia mundial, encarregada de vigiar os acontecimentos da politica dos povos, para lhes prevenir os conflitos, submetendo-os a todos os meios possiveis de solução amigavel: PM, 210. [v. *Guerra*, 75 e 76].

152. — [v. ns. 66, 74, 90 e 117]. — Além da Côrte Internacional e de um corpo politico incumbido de prevenir os litigios, é evidente a necessidade de um centro mundial de estudos dos problemas humanos: PM, 211-212.

153. — Os povos conquistadores têm a idéa de moralizar. A posição de superioridade inspira atitudes catedraticas. Não houve horda de hunos, ou de mongóes, que se não dêsse como povo *eleito de Deus*. A moral, tanto quanto a civilização, ocasionam, por vezes, bôas flamulas de guerra: PM, 137-138. [v. *Religião*, 17].

154. — [v. n.º 90]. — O advento da paz póde resultar de um impulso adventicio, ou de uma politica artificiosa. No primeiro caso, mediante um desses acêssos misticos, que atacam, por vezes, a sociedade. No segundo, por um desses acôrdos juridicos, fundados em combinações diplomaticas. Numa e noutra hipótese, o mundo perderá a oportunidade, que se lhe está mostrando, de iniciar a solução racional dos seus problemas: ON, 206 a 207. \

155. — [v. ns. 150 e 160]. — Em nossa época o grande problema em litigio é o Conflito do Imperialismo com a Democracia, exprimindo esta palavra o regime de organização da sociedade livre: FV, 36, 38. [v. *Politica internacional brasileira*, 19; *Politica e Governo*, 119; *Guerra*, 96 e 108].

156. — [v. n.º 60]. — A sorte do mundo está em pleito entre os imperialismos, — o militar, o espirital e o argentario: AL; CB. [v. *Religião*, 44].

157. — O éxito da paz universal não consiste apenas num tratado expresso de desarmamento e de arbitragem geral, senão também no adiamento constante, na protelação, na atenuação dos conflitos: AP.

158. — O *pan-latinismo* teria muito mais razão de ser que o *pan-americanismo*: AQ. [v. *Política internacional brasileira*, 6 e 8].

159. — [v. n.º 141]. — Doutrina de Monroe; a distinção estabelecida pelo governo norte-americano entre o pan-americanismo e a doutrina de Monroe fez desta um instrumento de absorção continental: AQ; AS; AV; CI.

160. — Doutrina de Monroe; na opinião dos tratadistas norte-americanos de direito internacional, a doutrina de Monroe estabelece um direito de suzerania politica: AQ.

161. — Wilson tomou franca posição contra o imperialismo norte-americano, na resistência á idéa de intervir no México, na reforma do pessoal diplomatico e na questão religiosa: AS; AV.

162. — [v. ns. 150 e 155]. — Giddings propõe-se a reconciliar a Democracia com o Imperialismo, — obra que, a seu vêr, compete a inglezes e norte-americanos: AV.

163. — [v. n.º 118]. — O imperio inglez, fundado na unidade naval, na unidade bancaria e na unidade industrial, tem de ser vencido, mais cedo ou mais tarde: AV.

164. — Os povos obscuros não têm patrono nos grandes centros de onde partem as correntes mais fortes e quasi avassaladoras da opinião mundial: BK.

165. — Contra a tése segundo a qual, desde os desastres de causa fisica, como as secas, até os meramente eventuais, como os naufragios, a paz tem maiores horrores do que a guerra: BK.

166. — Realmente, se nem tudo o que se passa durante a guerra tem por causa a guerra, muito pouco do que se passa durante a paz tem por causa a paz: BK.

167. — Roosevelt chefia, nos Estados Unidos um forte partido imperialista: BK; CB.

168. — Exame das possibilidades de um imperio anglo-saxonio: BI; BK.

169. — Aproveitando a guerra europeá, os Estados Unidos tratam de estender o seu dominio economico sobre as nações sul-americanas: BL; CB. [v. *Politica internacional brasileira*, 1, 7 e 34].

170. — [v. n.º 139]. — Os Estados Unidos, com flagrante infidelidade ás tradições da sua po-

litica, abraçaram todas as tendencias do imperialismo contemporaneo: CB.

171. — Solidarios com a Inglaterra, incorrem, com ella, na gravissima responsabilidade de haverem mostrado a incapacidade da raça anglosaxonia para tolerar e aceitar a concorrência: CB.

CAPITULO V

GUERRA

1. — A fase historica da guerra, como fenómeno natural da evoluçào humana, está terminada: VP, XVII; PM, 5, 48, 62, 128-129; ON, 201 a 203. [v. *Militarismo*, 22].

2. — [v. n.º 72]. — Os povos mais belicosos temem as suas proprias impulsões guerreiras: VP, 3, 10 e nota. [v. *Militarismo*, 4].

3. — Nenhum governo tem, hoje, a força de conduzir um povo a uma guerra de conquista: VP, 4; PM, 121 a 123; ON, 205.

4. — A guerra não é senão a questão social, evoluendo através dos séculos: VP, 5-6, 11 a 18, 28, 90 a 96; PM, 189.

5. — [v. n.º 33]. — E' ao instinto de conservação que se devem as lutas, porque a razão foi incapaz de achar o ponto de convergencia dos interesses opostos: VP, 6. [v. *Politica Mundial*, 12].

6. — Hoje, porém, a razão precisa conter o instinto, assentando que o equilíbrio dos interesses divergentes se obtém pela supremacia do justo sobre as pretensões da força: VP, 6-7, 68. [v. *Politica Mundial*, 51; *Evolução historica e progresso em geral*, 42].

7. — A guerra entre a Grã-Bretanha e as republicas sul-africanas resultou assim da situação difficil dessas republicas, incapazes de garantir a segurança pessoal dos súditos inglezes, como dessa propria desorganização, que as inhabilitava para se opôrem á investida do imperialismo britânico: VP, 8, nota.

8. — Foram da mesma natureza os motivos determinantes da guerra do Japão, e, em seguida, da Europa, contra a China: VP, 9, nota.

9. — A guerra dos Estados-Unidos contra a Espanha, em torno da independencia de Cuba, teve a sua razão fundamental na manifesta impossibilidade em que se achava a potencia européa para manter a sua colonia no continente americano: VP, 9, nota.

10. — [v. n.º 75]. — Como se deve entender *a causa*, na determinação do fenómeno da guerra: VP, 10 nota 2 a 11; PM, 116 a 118, 209-210; ON, 203; FV, 15 a 16; AP; AR; BF.

11. — [v. ns. 73 e 78]. — Contra a tése de serem os interesses economicos *causas* de guerras:

VP, 11 e nota a 18, 32 a 35; PM, 5, 15, 130; AP.

12. — De fáto, são apenas fontes de rivalidades internacionais: VP, 11. [v. *Economia em geral*, 2].

13. — Da antiguidade até á Idade-Média eram causa virulenta de conflitos, dada a fórmula comunaria das antigas civilizações, ao passo que as de hoje são civilizações individualistas: VP, 12 a 13, 91 a 93. [v. *Politica Mundial*, 52].

14. — [v. n.º 73]. — As guerras tambem são ligadas aos fátoes economicos no que toca á rivalidade entre paizes produtores das mesmas mercadorias: VP, 15 a 18.

15. — A não ser que a guerra efetúe a conquista de territorios extensos ou a de extraordinarias indenizações capazes de aniquilar o adversario, nenhuma industria nacional salvar-se-á com ela: VP, 31 e nota.

16. — A guerra é apenas um habito mental, adquirido pela tradição: VP, 59-60; PM, 2, 4-5.

17. — [v. n.º 1]. — Contra a idéa de que a guerra é uma lei da evolução humana. A guerra é apenas um fáto historico, cuja época ha de passar, como passou a da magia, a do totemismo, a da escravidão: VP, 59-60; PM, 1-2, 4-5, 55 a 59, 62, 75-76. [v. *Politica Mundial*, 81].

18. — [v. n.º 50]. — A guerra está no interesse de certos politicos, ligados á politica da guerra: VP, 60 a 62, 91. [v. *Politica Mundial*, 22].

19. — A guerra é sempre uma fonte de novos conflitos: VP, 82.

20. — O direito e a politica de guerra *crearam* uma amalgama de fátos, que precisam de ser estudados, porque só lhes dando remedio é que se poderá acabar com a guerra: VP, 63. [v. *Politica Mundial*, 1].

21. — [v. n.º 68]. — A guerra é, ainda hoje, bandeira de uma escola politica que a tem como fator de seleções sociais, na luta do mundo civilizado contra as multidões barbaras: VP, 87 a 90. [v. *Imperialismo*, 1; *Politica Mundial*, 35].

22. — Razões contra esse modo de vêr os fátos da política internacional: VP, 90 a 99.

23. — Não ha fundamento para temer o perigo amarelo. O progresso incorporou o Japão á civilização occidental, e os demais povos asiaticos, ainda retardados, quando puderem constituir potencias militares, serão tambem centros de cultura, formados pelas nações colonizadoras européas e americanas: VP, 96 a 99.

24. — Se, de fáto, os povos barbaros tentassem arrancar aos brancos os seus dominios

atuais, assistiríamos a uma luta sem precedentes na Historia: VP, 100-101.

25. — Separados pela raça, — dizem os imperialistas, — esses povos estão condenados a combaterem-se. Cabe, pois, ao civilizado do ocidente defender a obra da civilização, domesticando os outros: VP, 101-102; PM, XV-XVI.

26. — Essa teoria vai até ás suas ultimas consequencias: a expropriação dos territorios habitados por esses povos incapazes: VP, 102; FV, 16 a 17.

27. — Ora, essa luta só poderá produzir-se quando os povos atrazados houverem atingido ao gráo de desenvolvimento ou alcançado força bastante para se precipitarem sobre o ocidente. Esse desenvolvimento, ou essa força quem os leva a esses povos é o homem civilizado. Por que, então, os homens do ocidente não poderão transmitir-lhes tambem o tesouro das suas virtudes? VP, 102-103, 109-110.

28. — De outro modo, teríamos de concluir que esses povos, naturalmente doces, por força do sedentarismo, se transformariam em leões, ao passo que os occidentais, habituados á educação militar, perderiam, entretanto, o seu vigor defensivo: VP, 103-104.

29. — Africanos e asiaticos recomendam-se pela sua submissão; são almas plasticas, de edu-

cação fácil. Cumpre, pois, ao ocidente o trabalho de assimilação, pela solidariedade. Para essa obra os exercitos são inúteis. E' obra de policia, e, sobretudo, de ação moral: VP, 104-105. [v. *Imperialismo*, 3; *Politica Mundial*, 44 e 45].

30. — A ocupação militar é irritante. Haja vista o contraste, na colonização sul-americana, entre o método dos jesuitas e o sistema agressivo dos colonos, para com os selvagens: VP, 105.

31. — [v. ns. 5, 47 e 60]. — Contra a afirmação da existencia de um instinto combativo na natureza humana: PM, XIII-XIV, 1-2, 57 a 59, 66 a 68, 80, 83; ON, 115 a 117, 231-232. [v. *Politica Mundial*, 103; *Militarismo*, 22].

32. — [v. n.º 62]. — Se esse impulso fôsse realmente inato, estaria já hoje sufocado pelas forças da hereditariedade e da educação, e não seria licito invocá-lo, como pretexto, num caso, como o de guerra, em que ele menos age sobre os que combatem: os soldados. Com efeito, o soldado é o ultimo dos interessados a sentir o impulso e a paixão da luta: PM, XIV.

33. — [v. n.º 5]. — A observação exercida sobre a vida dos selvagens tambem desmente a existencia desse instinto; o selvagem é tanto menos belicoso quanto mais rustico: PM, XIV, 1-2, 29-30, 84 a 88. [v. *Educação historica e progresso em geral*, 28].

34. — A explicação das origens das guerras pela luta do homem contra a natureza, na pesquisa da nutrição ou pelos impulsos do instinto sexual, é demais antropocêntrica. Os fatores mesológicos de seleção exerciam provavelmente uma compensação quasi mecânica entre as necessidades e a sua satisfação: PM, XV, 61, 154. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 20].

35. — As demais explicações vêm de exemplos tomados sobre a observação dos animais domésticos e do homem; ora, na sociedade, como na criação, age um elemento de artifício e de arbitrio, que basta para desfigurar toda a naturalidade e toda a lógica nas relações de ser a ser e do ser com o meio: PM, XV. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 15].

36. — [v. n.º 79]. — A ciência atribúe aos fenômenos geográficos influencia decisiva na evolução primitiva da espécie; de sorte que a origem das guerras tem de ser procurada num estado já avançado do desenvolvimento humano: PM, XV, 67, 76; FV, 15 a 16.

37. — [v. ns. 54, 63 a 66, 95]. — Razões de ordem antropológica, histórica e psicológica convencem de que, nascida por ocasião de acidentes naturais e de migrações, a guerra passou a ter, com as primeiras organizações sociais, natureza essencialmente política: PM, XV, 2, 68-69, 82-83,

87, 88-89, 115 e 116, 130 e 131; ON, 203; FV, 15 a 16; AZ; BG; CS. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 16].

38. — O interesse político, latente nas sociedades, exerce função sugestiva sobre as idéas em curso nos diferentes paizes: PM, XV, 135, 140 a 141; PN, 45 a 47. [v. *Critica do Conhecimento*, 91; *Raças*, 17].

39. — A Historia não é mais do que uma successão de lutas, dado o fâto de a nossa razão e a nossa vontade não terem exercido vigilancia nenhuma sobre o progresso social. Mas a luta vem a ser apenas uma das fórmulas da atividade; não é o seu fim, nem o seu movel: PM, 1, 56 a 59. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 8; *Critica do Conhecimento*, 41].

40. — [v. n.º 50]. — Observemos que nas sociedades organizadas os governos conseguiram acabar com o duclo e com a guerra privada: PM, 2, 69, 87-88; ON, 201.

41. — E' de vêr, por outro lado, que na vida interna dos povos a luta física só se exerce contra a autoridade dos chefes incumbidos de mantê-la com os outros povos: é a revolução: PM, 3:

42. — A idéa da guerra persiste porque a política, na vida das nações, é hoje uma fórmula rotineira da atividade humana, em atrazo de muitos

séculos sobre a civilização: PM, 3, 64, 130-131. [v. *Política e Governo*, 42].

43. — De fáto, a moral, a justiça, a concien-
cia, o bom senso são, nas relações de povo a povo,
e de governantes e governados, princípios vagos,
dissimulando, sob a aparência de bem público, inte-
resses de classes e de grupos sociais: PM, 3, FV,
16 a 17. [v. *Direito*, 15; *Moral*, 31 e 32].

44. — A despeito de Malthus, a humanidade
não precisa e não precisará bater-se, para se ali-
mentar: PM, 3-4, 68 e nota.

45. — A patria guerreira mantém na alma
dos povos, um problema, que eles não podem re-
solver com a propria razão; não é, pois, a patria
do seu coração e da sua inteligencia: PM, 7.

46. — A guerra é uma das fórmãs mais ar-
tificiais dos nossos habitos. Resultado da concep-
ção teatral da vida, é uma aberração do nosso es-
pirito como o animismo, o totem, ou o tabú: PM, 8.

47. — [v. ns. 1 e 31]. — Diz-se gue a guerra
é eterna, por força de num instinto combativo da
natureza humana; mas os verdadeiros represen-
tantes da natureza humana são essas multidões
esmagadas pelas aristocracias, que se armaram,
graças ao acaso e á astucia, de poderosos instru-
mentos de guerra: PM, 8. [v. *Economia em geral*,
15; *Política Mundial*, 103].

48. — [v. n. 63]. — E visto como, nessa sucessão de poemas e de romances sofridos, a razão não tinha voz, também não havia logar para os problemas da vida, que o homem não aprendeu a formular. Daí as crises, com os seus aspéctos mais violentos. Os sistemas encarregaram-se, mais tarde, de legalizar essa concepção teatral da vida: PM, 9. [v. *Moral*, 2; *Evolução histórica e progresso em geral*, 45].

49. — E' tão positiva a incompatibilidade entre os sistemas e os fátos, que os velhos sistemas não são mais praticos que os novos. Onde a politica buscou transformar em fátos téses de doutrina, fez ideologia retrograda ou ideologica utopica. Por isso a paz tomou a posição de um ideal, de uma abstracção ou de um sonho: PM, 9. [v. *Critica do Conhecimento*, 70 e 214; *Politica Mundial*, 105; *Politica Nacional*, 110 e 166].

50. — [v. n.º 18]. — Aumentando os meios de fazer a guerra, os governos mantêm a unica força em que repousa a filosofia e a politica de guerra: PM, 63-64; ON, 202 a 203. [v. *Politica Mundial*, 22].

51. — Contra a idéa de que a luta pelas armas assegura a selecção nacional; ao contrario, aumenta a confusão dos elementos etnicos e nacionais, que é hoje um fenómeno resultante das guerras de outróra: PM, 65.

52. — Sonha-se com a idéa de conferir, pela guerra, a dominação do mundo a uma raça tida por superior. Mas a guerra destruiu, através do passado, exatamente os povos mais aptos á guerra: PM, 65-66, 78; BG.

53. — A guerra é a vida e a morte postos em loteria: PM, 66.

54. — [v. n.º 37]. — A guerra não é um fáto moral; é um fáto social: PM, 67 a 69, 76 a 77; BG.

55. — Que a paixão da mulher tenha produzido, algumas vezes, lutas entre homens, compreende-se; daí, porém, não se conclúe que essa paixão seja a causa do estado de paz armada e das possibilidades de guerra: PM, 77 a 81.

56. — Em alguns povos, como os Aztecas, a guerra tinha por fim capturar vitimas para os sacrificios religiosos: PM, 84; ON, 205. [v. *Religião*, 4].

57. — Terá havido, provavelmente, guerra de cupidez, na antiguidade, para roubar; mas essa cupidez não era a causa habitual dos conflitos, como não é, entre os selvagens contemporaneos: PM, 84.

58. — [v. n.º 31]. — Confundindo erradamente os selvagens de hoje com o homem primitivo é que certos antropologistas atribuem á natureza humana um instinto combativo: PM, 84 a 86.

59. — [v. ns. 37 e 40]. — A prova de que a guerra é uma criação eminentemente politica está não só em que nós já suprimimos o duelo e as guerras privadas, como tambem em que temos obtido perfeitamente a regeneração dos descendentes dos selvagens: PM, 87-88.

60. — [v. n.º 31]. — Tambem é óbvio que o espirito de rixa não tem ligação alguma com o espirito belicoso: PM, 88.

61. — Da mesma fórmula que não têm ligação com a guerra as revoluções e as guerras civis: PM, 88 e 89.

62. — [v. n.º 32]. — As multidões ignoram as causas de guerra, como as de politica militar; marcham para os campos de batalha, como rebanhos, a baterem-se contra individuos declarados inimigos por decreto dos governos: PM, 95. [v. *Pátria e Nação*, 36].

63. — [v. n.º 48]. — A guerra foi, inicialmente, um fáto impulsivo; e só entrou no quadro do pensamento politico em virtude da criação de uma especie de sistema filosofico e juridico, isto é, com o batismo dos fátos na agua lustral de uma doutrina: PM, 115.

64. — Talhando-se essa capa de legitimidade, guardou, entretanto, o seu caráter de necessidade social. Emquanto o globo não era conhecido, a

guerra assumia o cunho de uma fatalidade. Ninguém marcha no desconhecido sem esbarrar em obstáculos; e os oceanos e cadeias de montanhas não são obstáculos mais sérios do que o conflito de interesses, sentimentos e idéas que se não compreendem uns aos outros: PM, 116; BG.

65. — Depois, a guerra achou novos pretextos. Questões dinásticas, questões religiosas, ambições de imperio, conflitos de raças, tudo era bom para justificar a declaração de guerra e a abertura das hostilidades: PM, 116.

66. — [v. ns. 72 e 79]. — A guerra é a manifestação do estado historico em que o homem desconhecia o globo, e tinha que ferir batalhas para dominar esse desconhecido. Hoje, porém, o mundo está estudado por povos que se conhecem e que se mutuam relações de toda a ordem: PM, 118 e 119; ON, 75; BG. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 50 e 51].

67. — No mundo não subsiste nada do que se passou durante essa longa etapa da evolução em que o espirito do homem sofreu as dôres da sua gestação para a vida da consciencia. Nota-se o desejo geral de tranquillidade. A idéa de crescimento por invasão sucêde a de crescimento por expansão: PM, 119 a 120.

68. — [v. n.º 21]. — As relações entre selvagens e civilizados são hoje encaradas como um

compromisso entre o poder da força e o direito da civilização: PM, 119, 134.

69. — Mas se as cousas desse longo passado desapareceram, traços delas ha que subsistem, tanto mais que as sociedades não se educam como as crianças, cujos passos são dirigidos de modo que elas tenham, em cada mudança, a razão por que devem mudar. Por isso, o sentimento belicoso e a doutrina da necessidade e normalidade da guerra sobrevivem á civilização que lhes deu origem e ás condições que as sustentaram: PM, 120. BG. [v. *Politica Mundial*, 81; *Critica do Conhecimento*, 47].

70. — [v. n.º 2]. — De fáto, não só diminuiu o numero de guerras, como as guerras encontram hoje dificuldade para serem declaradas. Signal é esse da agonia de uma instituição que fez a sua época: PM, 121. [v. *Militarismo*, 4].

71. — Não ha civilização nenhuma que seja fruto da guerra. Todas as guerras, ao contrario, exaurem as nações em beneficio dos guerreiros e dos politicos. E se as expedições militares levaram consigo, ás vezes, elementos de civilização e de cultura, esse progresso artificial não compensou as ruinas das civilizações destruidas pelas guerras: PM, 130-131.

72. — [v. n.º 66]. — O terror do desconhecido e o assombro do imprevisto conduziram o

homem primitivo, por um lado ao sobrenatural, e, por outro lado, á guerra: PM, 154, 156; ON, 72, 75. BG. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 50 e 51].

73. — [v. ns. 11 e 12]. — Os homens de negocio são partidarios da paz e se julgam ameaçados por qualquer perigo de guerra. Mas como a ação deles é contraria ao equilibrio das forças economicas e ao funcionamento harmonico da sociedade, pela organização do trabalho, pelo desenvolvimento da produção e pela distribuição das cousas que interessam a vida e a saúde dos povos, essa mesma ação se torna uma fonte continua de conflitos e uma eterna gestação de guerras. As lutas internacionais contemporaneas passam-se em torno dessas ambições: PM, 179, 118 a 190; PN, XVII-XVIII; ON, 205. [v. *Imperialismo*, 6; *Economia em geral*, 43; *Patria e Nação*, 2].

74. — Sendo o comercio o propulsor da vida economica, os conflitos entre os seus fatores artificiais produzem consequencias nefastas nas relações das raças entre si e das nacionalidades constituídas em face das nacionalidades jovens ou retardadas: PM, 179; PN, 96 a 97; AP; AZ. [v. *Economia em geral*, 7; *Economia nacional*, 24; *Politica Mundial*, 121; *Politica Nacional*, 130].

75. — [v. ns. 10 e 78]. — As guerras nunca se explicam pelo fáto immediato, que as precipita; esse fáto é um méro motivo ocasional, porquanto as guerras resultam sempre de longos processos de elaboração: PM, 209-210; BF.

76. — [v. ns. 23 e 151]. — Sob o ponto de vista juridico, esse fáto é a causa, que deve ser apreciada. Isso mostra a impossibilidade de resolver o problema das guerras tão somente pela solução dos litigios internacionais: PM, 209 a 211. [v. *Politica Mundial*, 1, 9, 23 e 151; *Economia em geral*, 34].

77. — A politica internacional maneja ainda os recursos da paz armada; mas a riqueza é, no estado atual da guerra, a primeira condição de superioridade. Povo rico e povo forte são expressões equipendentes: PN, 92. [v. *Politica Nacional*, 58].

78. — [v. ns. 10 e 75]. — As guerras de hoje resultam sempre de um *interesse politico, de valor organico*, para o paiz que as promove, e da fraqueza do outro paiz. E' o caso do canal de Panamá, entre os Estados-Unidos e a Colombia: ON, 205; FV, 26; AE; AP. [v. *Politica Nacional*, 122; *Politica e Governo*, 57].

79. — [v. ns. 36 e 66]. — Contra a suposta natureza etnica das guerras, hipotese que se destróe pela simples consideração de que as guer-

ras primitivas só podiam travar-se entre bandos vizinhos, e, conseguintemente, entre individuos de proximo parentesco: FV, 15 a 16.

80. — A França, a Italia e o Japão estavam evidentemente deslocados, na conflagração européa: AP; BF.

81. — A Russia figurava, na conflagração européa, como uma incoercível voragem de perturbações futuras: AP.

82. — Os paizes fracos contam sempre, em nosso tempo, com uma grande soma de imunidades contra a hostilidade militar dos fortes, até em casos de provocação, como a do presidente Castro, da Venezuela. Seria inexplicavel, de outro modo, a independencia de varios paizes: AP.

83. — Muitos desses paizes fracos timbram mesmo em despertar ambições e provocar hostilidades: AP.

84. — A guerra européa não foi deliberada: AP.

85. — [v. n.º 97]. — A guerra européa foi a maior surpresa da Historia, prodigio de falta de lógica, só explicavel pela persistencia da *ilusão* imperialista: AV; BD; BF; BG. [v. *Politica Mundial*, 88].

86. — [v. n.º 37]. — As guerras de hoje preparam-se em salões luxuosos de imperadores e

burguezes mandões e em basilicas eclesiasticas, em nome de Deus: AZ.

87. — A guerra européa põe em perigo a sorte de todos os povos: AV; AZ; BF; BO.

88. — [v. n.º 97]. — A guerra européa só se desculpa com a *insignificancia mental* dos directores dos povos: BD. [v. *Politica e Governo*, 54 e 123].

89. — Portugal e a guerra; inexistencia de uma razão séria que o obrigasse a intervir, a não ser a pressão da Inglaterra: BF.

90. — Apagado o carácter de grandes duelos coletivos que distinguia as campanhas do passado, a guerra iniciada na conflagração européa tem um tipo crú, material, estúpido e perverso, que se poderia quasi qualificar como uma *carnificina pacifica*: BF.

91. — Para a Inglaterra a guerra européa tinha a significação de uma resistencia aggressiva dos seus imperialismos — o commercial, o bancario e o maritimo — contra a expansão, igualmente imperialista, da Alemanha: BF. [v. *Politica Mundial*, 88].

92. — Para a Alemanha, a guerra européa exprimia a situação inevitavel em que teria de achar-se todo novo imperialismo, rosto a rosto das

antigas potencias, despeitadas com a rivalidade nascente: BF. [v. *Politica Mundial*, 88].

93. — A Inglaterra sente a necessidade, na hipotese de uma guerra, de ter em Portugal o seu *torax metropolitano*: BF.

94. — A França e a Inglaterra são as duas nações mais imperialistas da Historia: BF.

95. — [v. ns. 37, 56 e 86]. — A guerra passou a ser hoje uma instituição moral, religiosa e politica. Como instituição moral se baseia nas formações residuarias do antigo conceito de honra, obra do nosso egoismo. Como instituição religiosa emana da aggressividade congenita a todos os credos, sempre ambiciosos de supremacia, sem nenhum apreço pelos devêres de solidariedade humana. Como instituição politica deriva do entrechoque das ambições e dos interesses, não porque esse entrechoque seja inevitavel, mas porque não ha uma organização das relações entre os individuos, em prol da soluçãõ reciproca das suas necessidades: BG.

96. — A guerra logica deste tempo seria a grande guerra entre as classes, para extinção dos privilegios sociais, e a guerra de hierarquia entre as raças e as nações, para a nivelação das forças e dos meios de ação: BG. [v. *Questão social*, 34 e 35; *Politica e Governo*, 119; *Politica Mundial*, 150 e 155].

97. — [v. ns. 85 e 88]. — A guerra europeia repousou sobre tres fundamentos radicalmente falsos: o sonho da unidade das nações, como se as sociedades nacionais realizassem uma homogeneidade completa; a confusão da prosperidade fundada na riqueza com a prosperidade fundada no bem-estar; e, por ultimo, na persistencia da ilusão imperialista, sem embargo dos seus insucessos: BG.

98. — O imperialismo inglez repete hoje, para com o imperialismo alemão, a perseguição de Roma contra Cartago: BI. [v. *Politica Mundial*, 85].

99. — A participação dos Estados-Unidos na guerra europeia, a despeito da resistencia de W. Wilson, não se póde explicar senão como obra da corrente imperialista, chefiada pelo sr. Teodoro Roosevelt, e que ha muito buscava desviar os destinos historicos da civilização norte-americana: BK.

100. — [v. n.º 92]. — A Alemanha não podia deixar de ser, na guerra europeia, a nação invasora, com o mesmo direito e pelas mesmas causas que determinaram as conquistas e expansões das outras potencias: BL; CB. [v. *Politica Mundial*, 87 e 88].

101. — A pouca divulgação da sua cultura, pelas dificuldades da sua lingua, explicava o seu

grande isolamento dos outros povos do mundo: BL.

102. — Não se compreende, além disso, a falsa atitude de revolta, contra as cenas da invasão alemã, em individuos que nada fizeram por evitar ou por deter esses horrores: BL.

103. — Para condenar a Alemanha fôra mister exigir-lhe que não tivesse as mesmas ambições e as mesmas paixões que as suas rivais puzeram sempre em ação, e que continuaram a alimentar, até quando se puderam dar por saciadas: BL.

104. — A Alemanha percorria, nesta fase do seu desenvolvimento, o estagio em que a força, a violencia, a ofensiva, a agressão, o ataque são meios inevitaveis; os seus inimigos, ao contrario, estavam já num periodo em que o imperialismo, a pressão, a conquista se fazem pela diplomacia, pela astucia, pela insinuação: BL. [v. *Politica internacional brasileira*, 17 e 19].

105. — Ninguém pôde pôr em dúvida que estas vantagens dos aliados foram conseguidas por uma politica calculada, de sorte que para o movimento anti-germanico gravitasse toda a força das opiniões, dos interesses e das simpatias, exagerando-se, dess'arte, as tendencias naturais favoraveis á causa dos aliados: BL.

106. — Os grandes imperios conseguiram, assim, aumentar, contra a sua rival, as barreiras,

e predispôr, sobre a ingenuidade dos povos fracos, um terreno favoravel ao desenvolvimento do seu poder e do seu dominio, — emquanto neutralizavam as forças da concorrente e sitiavam a sua actividade: BL.

107. — Se as guerras de outróra, — crises liliputianas, em confronto com a guerra européa, — foram dificeis de explicar, e continuam a ser debatidas, imagine-se o que não vai de apressado no juizo dos contemporaneos acerca da ultima guerra: BL.

108. — A guerra européa foi apenas uma luta entre imperialismos; os imperialismos velhos, que não quizeram transigir, e os imperialismos novos, que buscavam dominar: FV, 36 a 37; AP; BF; BG; BL; BO; CB; CL. [v. *Politica Mundial*, 155].

109. — [v. ns. 92, 100 a 104]. — Atribuí-la ao militarismo alemão é simplesmente truncar-lhe os fátos, as causas e os moveis: FV, 36.

110. — A posição eventual das potencias, nos poucos anos que precederam á guerra, como no quadro em que as combinações diplomaticas dispuzeram os beligerantes, nada tem de particularmente expressivo: são atitudes de acaso: FV, 37.

CAPITULO VI

MILITARISMO

1. — A pretexto de defesa nacional contra a invasão estrangeira, os exercitos não são mais do que pontos de apoio dos governos contra os adversarios: VP, 4, 38-39. [v. *Questão social*, 3].

2. — A guerra russo-japoneza mostrou a ruína com que o sistema da paz armada ameaça o homem: VP, 3. [v. *Guerra*, 8].

3. — O espirito militarista persiste apenas por tradição: VP, 4, 59-60; PM, 64; ON, 75.

4. — O sistema dos armamentos excessivos passou a ser uma simples parada de forças que mutuamente se temem: VP, 8 e nota a 10; PM, 121. [v. *Guerra*, 2 e 70].

5. — Causas em que se fundam a paz armada e a politica militarista: a) a necessidade de defesa, imposta a cada paiz pelo armamento do outro; b) os conflitos que perturbam as suas rela-

ções; c) os interesses de ordem interna. A primeira é efeito das duas ultimas: VP, 10.

6. — A luta contra a politica militarista aproxima radicais e socialistas, que não visam a forma de governo, mas o capitalismo e o militarismo, simbolo material do inimigo comum: VP, 37-38, 41-42.

7. — O exercito permanente é, para os proletarios, a imagem do poder que os subjuga. Eles não vêm os chefes de governo, mas em toda a parte encontram o soldado. Despojo do regime medieval de privilegios, tipo exotico num meio onde o trabalho e a concorrência fazem a lei, tudo empresta á figura do soldado o aspecto de um simbolo de ameaça e de terror: VP, 39-40.

8. — O povo é simbolista, de sorte que o uniforme se torna uma expressão da ordem social, que ele tem por injusta: VP, 40, 42.

9. — Arrastados pela convicção de que a sua força está nas armas, os governos desenvolvem o sentimento militarista, e mantêm-se numa posição de combatividade, que aprofunda a separação dos interesses e irrita a luta de classes: VP, 40; ON, 202 a 203.

10. — A verdade, porém, é que nenhum governo contemporaneo se apoia na força material; qualquer sedição de homens mal armados pôde triunfar das forças regulares: VP, 40-41.

11. — A abolição do militarismo retira aos governos o caráter odioso da força: VP, 42.

12. — Argumenta-se que se os governos se apoiam sobre as classes economicas, estas impõem aos governos a defesa dos interesses do capital contra as pretensões do radicalismo: VP, 45. [v. *Patria e Nação*, 36].

13. — Ora, para essa defesa, basta a policia (policia naval e policia de terra): VP, 46 a 48.

14. — A marinha será substituida por uma frota de navios de transporte, para a defesa das colonias: VP, 47.

15. — Assim constituida, a policia, menos numerosa e menos armada, não constituirá ameaça á paz internacional: VP, 47.

16. — A abolição do militarismo reduzirá o peso dos impostos lançados para sustentar as despesas da paz armada: VP, 52 a 54.

17. — A abolição do militarismo estimula, por outro lado, a expansão das riquezas, pois não ha, sob a paz armada, órgão nenhum da vida social que não esteja em permanente sobresalto: VP, 54-55.

18. — A abolição do militarismo tambem facilitarã a soluçã da questã social, pela emigraçã livre: VP, 55 a 57. [v. *Nacionalidade brasileira*, 11; *Emigraçã*, 1; *Imigraçã*, 8].

19. — A paz armada póde animar os paizes barbaros a um progresso militar, com o receio de serem oprimidos pela politica comercial das potencias, apoiadas nas armas: VP, 99.

20. — O acôrdo para o desarmamento deve, pois, abranger esses paizes: VP, 99.

21. — O desarmamento não significa proibiçãõ de defesa, porque todos os cidadãos podem ser preparados para a guerra, como eram as legiões germanicas; o desarmamento significa apenas a abolição dos exercitos permanentes: VP, 99-100.

22. — O espetáculo do mundo contemporaneo, dada a politica armamentista, faz crêr que a humanidade desenvolve cada vez mais os seus iñstintos de combatividade: PM, 63. [v. *Guerra*, 1 e 31].

23. — Na vida social, a seleçãõ operada pelo militarismo sácrifica precisamente a flôr da especie: PM, 66. [v. *Guerra*, 52].

24. — Em materia de educaçãõ do caráter, como fiaz ver William James, o soldado não põe em jogo maior coragem que os homens do trabalho e os missionarios da fé: PM, 66.

CAPITULO VII

SOCIEDADE E INDIVIDUO

1. — Pelo genero de trabalho é que as classes formam a vida real das sociedades: VP, 30, 39.

2. — Os fatos de solidariedade social devem ser estudados á luz do sentimento de amôr á prole: PM, 5 a 7.

3. — E' uma inversão da realidade assentar-se a solidariedade social sobre a humanidade, depois sobre a patria, e, por fim, sobre a familia: PM, 116-7.

4. — A vida social tem por condição o altruismo, mas o altruismo tem por fórmula primaria o amôr da familia: PM, 6, 13-14; 75 a 77.

5. — A solidariedade coletivista dos primitivos não tinha por base a abnegação, mas a necessidade material de segurança sobre uma camada, muito leve, de instinto animal de auxilio mutuo: PM, 6; PN, 18 a 21.

6. — A ilusão, se houve, da supremacia do amor patriótico sobre o da família, transformou-se, nas mãos dos chefes, em instrumento político: PM, 6.

7. — A subordinação, contrária á natureza, do amor da família ao da pátria, é a razão secreta dos cétricos, contra os progressos do altruismo: PM, 116-7.

8. — O determinismo da vida social não seleccionou individuos, nem grupos definidos, no curso da evolução. Os sacrificados têm sido, não raro, os melhores: PM, 8-9, 21, 177-178-179; ON, 242 a 243; FV, 41. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 17, 21 e 22; *Militarismo*, 23; *Guerra*, 52; *Politica Mundial*, 64; *Raças*, 30 e 40].

9. — Reduzindo-se á noção de *vida* o criterio de apreciação dos fatos sociais, reduziremos, com vantagem, os problemas dessa ordem de fenómenos á unidade do individuo e ao composto mais simples dessa unidade, que é a família: PM, 13. [v. *Critica do Conhecimento*, 35; *Moral*, 2].

10. — A tradição, como as instituições, revelam atributos e qualidades subjetivas do povo: PM, 13.

11. — Tanto a tradição quanto as instituições envolvem o individuo, como o éter da sua vida moral: PM, 13. [v. *Critica do Conhecimento*, 30].

12. — As seleções sociais opéram o nivelamento das sociedades, levantando as classes inferiores e abaixando as superiores: PM, 125; PN, 24; ON, 184, 190.

13. — Deixando, paulatinamente, de socializar a vida, o homem formou, por sua vez, uma sociedade onde se estendia uma linha média de populações cada vez mais vastamente prosperas: PN, 21-22.

14. — As nações de formação imemorial e evolução espontanea produziram uma rêde de garantias individuais, por entre as grandes massas da sociedade: PN, 22; ON, 55-56. [v. *Patria e nação*, 44 e 48].

15. — A permanencia e a continuidade são os carâteres fundamentais da vida social: PN, 22. [v. *Organização Constitucional*, 76].

16. — Nas nações novas, o fátô, resultante da forma peculiar da sua exploração, é que a sociedade não chega a constituir-se: PN, 26, 84, 114; ON, XII a XIII, XX, XXVII, 56 a 59, 182-183; FV, 29; AA; AF; AG; AI; AP; AZ; CC; CD; CH; CO; CS. [v. *Nacionalidade brasileira*, 30; *Política Nacional*, 98; *Patria e nação*, 52 e 53].

17. — [v. n.º 34]. — Ha um fenómeno de circulação social, semelhante ao da circulação eco-

nomica. A vida de um povo gravita em torno dos criterios, dos moldes e dos exemplos exibidos pelas figuras e pelas classes representativas da sua sociedade. Em uma palavra, a sociedade faz o individuo: PN, 38 a 39, 91-92; FV, 7 a 10, 29, 34; AL; BT. [v. *Critica do Conhecimento*, 124; *Moral*, 15; *Evolução historica e progresso em geral*, 36].

18. — Não pôde, conseguintemente, produzir individuos uteis uma sociedade que se não acamou em seu leito natural, — que não coordenou ainda a sua direção: PN, 39, 53-54; ON, XXXVI-XXXVII; FV, 29; AP; BE. [v. *Nacionalidade brasileira*, 30].

19. — A vida de um paiz mostra flutuações sobre as quais se vai realizando o funcionamento profundo e organico da sociedade, despercebido dos que têm olhos fitos nos acontecimentos superficiaes: PN, 84. [v. *Organização Constitucional*, 39 a 43; *Politica e Governo*, 91, 110 e 111.

20. — Emquanto o genero humano foi agitado por abalos de migrações e surpresas de descobrimentos não era só a humanidade que não existia como realidade objetiva; as próprias nações, em que se dividiam os povos, não formavam sociedades politicas: ON, XII. [v. *Politica Mundial*, 110 e 112].

21. — A sociedade nacional era formada, nos proprios paizes de mais longa existencia, por força da sua posição em face de outras sociedades, e não por força dos seus caratêres: PM, XII, 56.

22. — Sobre a ação dos *homens representativos*: ON, 3-4, 45, 52-53; AB; AP. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 72; *Critica do Conhecimento*, 24, 25, 161 e 162].

23. — Para a sociedade dos nossos avós todo o sistema dos direitos humanos parecia subordinado ao postulado de Aristoteles “o homem é um animal politico”. Em nossa época o homem é um animal social: ON, 92. [v. *Politica e Governo*, 82 e 107].

24. — [v. n.º 45]. — A cada fração de liberdade, de que o individuo abre mão, deve corresponder igual parcela de garantias á vida real, pratica e organica, do seu corpo e do seu espirito: ON, 92. [v. *Critica do Conhecimento*, 35; *Questão social*, 33].

25. — Da falsa concepção do individuo e do Estado como entidades opostas. Nos povos contemporaneos, entre o homem e o órgão politico da sociedade interpõe-se uma infinidade de grupos, associações e agregados, que esmagam o individuo: ON, 109 a 110, 115; AF; BT. [v. *Politica e Governo*, 32 e 61; *Questão social*, 33; *Economia em geral*, 1].

26. — Depois, o que esse órgão político exprime, na realidade, é a vontade de um dominador, ou, na maioria dos casos, dado o caráter oligárquico dos governos de hoje, uma soma de vontades dominantes: ON, 110; BT. [v. *Política e Governo*, 2 e 117; *Política Nacional*, 103].

27. — [v. n.º 30]. — O que se encontra, pois, em face do individuo, no quadro da representação de uma nacionalidade, não é nenhuma entidade mítica da imaginação popular e dos sistemas *a priori*, mas homens, individuos como todos os outros, com instintos, interesses e preconceitos: ON, 111. [v. *Crítica do Conhecimento*, 110 e 112; *Política Nacional*, 74].

28. — Eliminando a ficção jurídica, o conflito com que acenam os individualistas extremados não se dá, realmente, senão entre individuos e individuos, entre vontades armadas com a força e com o poder e vontades submetidas pela força e pela disciplina legal: ON, 11, 120. [v. *Política Mundial*, 103; *Guerra*, 47; *Questão social*, 40; *Crítica do Conhecimento*, 114].

29. — Ha, por conseguinte, em tôdas as sociedades civilizadas, um primeiro agrupamento social privilegiado: o dos governantes: ON, 111; FV, 27.

30. — [v. n.º 27]. — As vontades dirigentes representam uma soma de orientações, preconcei-

tos e interesses, sob cujo impulso a maquina governamental produz multiplos efeitos praticos, que as doutrinas presumem naturais e logicos, mas, em verdade, de um caráter accentuadamente artificial: ON, 111 a 113, 121. [v. *Politica e Governo*, 87; *Critica do Conhecimento*, 109 a 111].

31. — E' assim que o orgão politico da sociedade póde intervir, e realmente intervém, em toda a vida do homem, positiva e diretamente algumas vezes, bem que em geral de uma fôrma indiréta, nem sempre observavel á primeira vista, mas de evidentes e pesadissimas consequencias: ON, 113, 122.

32. — O individualismo só em pleno regime de anarquia seria uma concepção da realidade: ON, 113. [v. *Politica e Governo*, 41].

33. — Desde que a sociedade funda uma autoridade qualquer ela socializa uma parcela da sua vida; e como o governo fica entre mãos de poucos a verdadeira expressão do socialismo limitado, que os governos modernos representam, é da supremacia de um grupo, ou de uma classe: ON, 113. [v. *Politica e Governo*, 116; *Politica Nacional*, 109].

34. — [v. n.º 17]. — Como os varios agrupamentos, em que a sociedade se divide, são abstrações realmente dominadas por energias mais fortes, toda a cultura da civilização contempora-

nea consiste em desenvolver no individuo o egoismo, a impassibilidade e o ceticismo necessarios para alcançar exito: ON, 115. [v. *Questão social*, 17; *Evolução historica e progresso em geral*, 36].

35. — Pela sua intervenção em toda a vida nacional, a lei e o governo podem tornar-se fonte permanente de desigualdade e de privilegios: ON, 113 a 114, 121 a 122. [v. *Politica e Governo*, 87; *Questão social*, 33 a 35].

36. — [v. ns. 17 e 18]. — Para mostrar que a sociedade é que modéla o caráter do individuo, basta refletir que se a linguagem não seria possivel sem um longo periodo de evolução humana, muito menos o seriam as outras funções psiquicas, ainda mais complexas: FV, 9 a 10. [v. *Raças*, 7 e 42; *Politica Nacional*, 31].

37. — A inferioridade de individuos e de povos só tem por criterio de seleção os fátos, e, por juiz, uma autoridade — o futuro; ora os fátos, nas cousas da vida, dependem, em grande parte, da consciencia, da razão e da vontade: FV, 41; AM; BF. [v. *Critica do Conhecimento*, 113; *População nacional*, 16 e 41].

38. — Como se caracterizam as classes, ou elementos *conservadores* de uma sociedade: AY.

39. — E' possivel que uma análise mais profunda demonstre não haver mais nenhuma força

de indole realmente conservadora, na sociedade contemporanea: AY.

40. — Ninguém descobriu ainda, nem descobrirá jamais *o metro* para a mensuração desse *valor* que se chama *homem*: CP.

41. — Só há, para essa mensuração, dois criterios extremos: — o selvagem africano que é susceptivel de aperfeiçoamento; — o homem das mais cultas sociedades é capaz das mais baixas fórmãs de degeneração: CP.

42. — [v. n.º 17]. — Entre esses dois extremos todas as desigualdades resultam das condições da época e do lugar, ou, em suma, das condições de vida: CP.

43. — O espirito de associação contemporaneo é cousa diversa do espirito comunario da antiguidade, até á revolução franceza: VP, 92 a 94; ON, 77-78. [v. *Politica e Nação*, 30].

44. — [v. n.º 24]. — A sociedade deve primar sobre o individuo, mas o individuo precisa estar seguro dos seus direitos: VP, 108; ON, 92.

45. — Os progressos de ordem interna, diminuindo a influencia dos governos, aumentam a influencia da sociedade: VP, 136. [v. *Politica e Governo*, 32].

CAPITULO VIII

ECONOMIA EM GERAL

1. — O traço distintivo da nossa época é a supremacia do poder econômico: VP, 32; PM, 22 a 23; PN, 107; ON, 105, 121. [v. *Critica do Conhecimento*, 53; *Politica e Governo*, 1 e 32; *Sociedade e individuo*, 25; *Questão social*, 61].

2. — O interesse economico desnacionalizou-se, fortificando pela concorrência pacífica a energia e a riqueza das nações: PM, 109, 197, 205. [v. *Politica Mundial*, 83 e 119; *Guerra*, 11, 12, 73 e 78; *Patria e Nação*, 28].

3. — Nenhum governo pôde resolver isoladamente os problemas do capital e do trabalho: PM, 124-125, 144-145; PN, 96-97. [v. *Politica Mundial*, 83 e 90].

4. — A sociedade moderna creou, ao lado do direito ao trabalho, o dever de trabalhar: PM, 125.

5. — Ao lado do dever de trabalhar, a sociedade moderna fez surgir o direito aos meios de trabalho e o direito ao minimo de recompensa calculado segundo as necessidades da vida, da saúde e da reparação das forças gastas no trabalho: PM, 125. [v. *Critica do Conhecimento*, 35; *Economia Nacional*, 102 a 105].

6. — Origens historicas do comercio: PM, 172 a 173.

7. — [v. n.º 21]. — O comercio, sempre colocado á testa dos movimentos economicos, graças á natureza do seu trabalho e á sedução dos seus lucros, crea em torno da sua iniciativa algum tanto facticia um mundo de industrias artificiais e negocios accessorios, e, consequentemente, de intermediarios inúteis: PM, 175. [v. *Economia nacional*, 49; *Politica Mundial*, 121; *Guerra*, 74].

8. — [v. n.º 16]. — A abastança, de qualquer modo, — eis aí o ideal posto hoje como estimulo; e o mundo, movido pelo capital, pela industria e pela especulação, recomeça, em outros moldes, o velho conflito entre a ambição e o trabalho: PM, 176; PN, 106; ON, 94-95. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 36; *Sociedade e individuo*, 34; *Questão social*, 13, 17 e 22].

9. — Todos se portam como se o apetite de cada um não se pudesse limitar, e como se todo o globo não tivesse outro destino, a não ser o de

carregar o peso dessa imensa sociedade, brilhante e frívola, das grandes capitais e vida mundana: PM, 176. [v. *Questão social*, 42].

10. — O encarecimento da vida torna-se um fenómeno universal, revelando a desordem dessas sociedades em que a vida é custosa e difícil para uma colossal maioria, enquanto os que se reputam instruídos e os que possuem alguma coisa se julgam no direito de não produzir e de tudo exigir dos outros e da terra: PM, 76; PN, 106.

11. — Dir-se-ia que no espirito dos contemporâneos a exploração das riquezas se traduz pela delapidação de tudo o que ainda existe sobre a superfície do nosso planeta. Todos abandonam as velhas terras para se precipitarem sobre as terras virgens: PM, 176; PN, 92 a 95. [v. *Emigração*, 23; *Economia nacional*, 23; *Questão social*, 41; *Política internacional brasileira*, 19].

12. — Financeiros e exploradores encaram as riquezas naturais como se fôsem o monopólio da sua geração e do seu apetite de privilegiados. É necessário explorar as riquezas, para o bem da humanidade, — eis aí o lema desses exercitos de bolsistas e corretores e seus intermediários: PM, 176-177; PN, 92-93; ON, 161-162; AM. [v. *Política Mundial*, 79; *Organização constitucional*, 76; *Evolução histórica e progresso em geral*, 35 e 53; *Evolução histórica e progresso nacional*, 6].

13. — [v. ns. 23 e 26]. — Ninguém, entretanto, reflete que esta Terra tem hoje a necessidade de um esforço de reparação, tais são as especies extintas, as condições fisicas destruidas, os climas alterados, os territorios danificados pela nossa avidéz: PM, 177; PN, 93; FV, 14. [v. *Politica Mundial*, 79].

14. — [v. n. 20]. — Esses estragos da natureza ainda não encontraram ricaços filantropos, dispostos a tentar a obra bemfazeja de regeneração do planeta. Cumpre enriquecer, enriquecer os socios, dar grandes dividendos a milhares de capitalistas. Logo, é necessario explorar sempre e cada vez mais: PM, 177; ON, 191.

15. — O homem de sociedade é, assim, no meio desta falsa civilização material que o cerca, um animal educado, a explorar, em seu proveito e sob a inspiração do seu capricho, com um certo ar de caridade para com a miséria, o grosso da humanidade, composto de uma incomputavel multidão de ilotas, ludibriados com uns tantos direitos nominais e uma instrução superficial, quasi sempre nociva: PM, 177. [v. *Guerra*, 47; *Politica Mundial*, 64 e 103; *Evolução historica e progresso em geral*, 74; *Politica e Governo*, 24 e 27; *Moral*, 32].

16. — [v. n.º 8]. — O mundo é governado hoje pela plutocracia; e a plutocracia, em virtude da desordem economica das sociedades é governada

pelo espirito de especulação: PM, 178-179; PN, 38, 91-92, 105 e 107; ON, 121; BG; BP. [v. *Economia nacional*, 82; *Evolução historica e progresso em geral*, 78; *Questão social*, 46 a 48].

17. — Um regime economico, em que nem o interesse do homem nem o da terra, do trabalho e do consumo constituem o seu objetivo, é um regime fóra de todo o curso espontaneo e de toda a marcha natural: PM, 179; CI. [v. *Critica do Conhecimento*, 52, 64 e 83].

18. — E' essa, entretanto, a força que governa atualmente o mundo: PM, 179; PN, 92, 127; ON, 121. [v. *Critica do Conhecimento*, 53 e 64].

19. — A *nacionalidade* é a vida de um povo, feita pelo calor e pela energia de um *espirito*, sobre a saúde de uma *economia*: PN, 32. [v. *Patria e Nação*, 54; *Economia Nacional*, 4].

20. — [v. ns. 12 e 13]. — O homem tem sido um destruidor implacavel e voraz das riquezas da Terra. Assombrados com essas vastas e, por vezes, insanaveis lesões á natureza, os povos previdentes começam a fazer a policia dos seus bens naturais e a reconstrui-los: PN, 93-94, 105; ON, 186. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 38 e 61; *Politica Mundial*, 79; *Economia nacional*, 58; *Agricultura e Pecuaria*, 6, 11 e 32; *Viação e Transportes*, 10].

21. — [v. ns. 7 e 11]. — As colônias têm sempre um comércio de caráter *sui generis* e as produções exóticas são exploradas por intermediários ávidos de lucros largos e fáceis: PN, 96, 144; ON, 4-5. [v. *Economia nacional*, 49; *Emigração*, 17 e 23].

22. — Portos, cidades, estradas de ferro, rios navegáveis são sempre instrumentos de trânsito, nem sempre instrumentos de troca: PN, 97; ON, 185 e 190. [v. *Viação e Transportes*, 2 e 10].

23. — [v. ns. 13 e 26]. — Contra o argumento de que as devastações do sólo serão supridas pela ciência, como se as sínteses de laboratório pudessem criar novos seres: PN, 119-120; ON, 102. [v. *Política Mundial*, 79].

24. — A grande crise econômica da nossa época é a do desequilíbrio da circulação: ON, XXXIX-XL; AF. [v. *Economia nacional*, 68 e 124].

25. — [v. ns. 35 e 45]. — Em regra, todas as medidas de proteção a indústrias particulares importam privilégios para a classe favorecida, e dentro desta, para os exploradores mais fortes: ON, 122. [v. *Política e Governo*, 57 e 87].

26. — [v. ns. 13 e 23]. — E' desmentida pelos fatos a suposição de que as riquezas devastadas serão reconstituídas pela própria atividade física da Terra: ON, 162; FV, 14.

27. — Na politica interna a prosperidade economica se define pelo desenvolvimento da produção e do consumo, quando este representa o uso generalizado de utilidades proveitosas á vida. Caracteriza-se a prosperidade economica, na politica exterior, pelo saldo dos pagamentos, que recebemos, sobre as perdas resultantes da extração, cultura e comercio das utilidades exportadas: ON, 186; GB. [v. *Questão social*, 37].

28. — [v. n.º 7]. — O comercio desenvolve-se, em regra, seguindo o estimulo da ambição dos que o praticam e de acôrdo com as resistencias que produtores e consumidores lhe opõem; dispondo facilmente de crédito e de influencia politica, tende a abusar, oprimindo os produtores e explorando os consumidores: ON, 246. [v. *Economia nacional*, 24, 37 e 95; *Politica Mundial*, 121].

29. — As principais molas da vida economica são a produção, que faz a riqueza, e o consumo, que satisfaz as necessidades: ON, 246.

30. — [v. ns. 7 e 28]. — Nada mais errado, pois, do que acreditar-se que o apoio diréto ao comercio desenvolve a riqueza nacional e favorece as populações: ON, 247. [v. *Economia Nacional*, 1, 7, 13, 30, 56 e 57].

31. — Os *trusts* e açambarcamentos representam fórmulas esmagadoras do *imperialismo individualista*: BK; [v. *Questão social*, 28].

32. — O *individualismo* só é hoje defendido por uma certa corrente que, empenhada em fundar a sua dominação, para o fim de absorver toda a vida contemporânea, trata de dissolver as forças livres da sociedade e impedir a formação do Estado Social: BU. [v. *Questão social*, 34, 48 e 58; *Política e Governo*, 32 e 82; *Economia nacional*, 93].

33. — Toda a atividade econômica contemporânea é de formação individualista: VP, 12 a 15; 91 a 96; PM, 22-23, 109, 182; PN, 98, 129.

34. — Necessidade, para evitar os conflitos internacionais, de deixar a atividade econômica entregue á livre concorrência: VP, 16 a 18. [v. *Guerra*, 23, 76 e 151].

35. — [v. n.º 25]. — O protecionismo forja uma prosperidade mentirosa, que acaba no empobrecimento geral: VP, 16 a 17.

36. — O protecionismo só é admissível, até certo ponto, nos países novos e ricos, para se assegurarem os mercados interiores: VP, 17.

37. — A pretensão de reduzir as suas próprias fronteiras a atividade econômica de um povo

é o mais falso dos expedientes da luta mercantil: VP, 18; PM, 144-145, 151.

38. — Necessidade de atribuir ao trabalho o papel de elemento fundamental da atividade economica, contra a errada preponderancia do capital: PM, 22 a 24, 189, 190; PN, 98, 105-106; ON, 187. [v. *Política Mundial*, 126; *Questão social*, 19 e 48].

39. — O trabalho — o do espirito e o do braço — eis aí o verdadeiro herói do grande poema da vida. E' o simbolo majestoso da grandeza da nossa especie: PM, 131.

40. — A moral das religiões associou ao trabalho a idéa da pena, apontando o céu como o termo final do repouso: ON, 99.

41. — O homem transportou esse objetivo para a terra, e a felicidade pelo dinheiro passou a ser a visão pratica do céu: ON, 99.

42. — A propria relação entre a aptidão do homem e o trabalho contém implicita a tendencia do maior número para os trabalhos da terra: ON, 104. [v. *Questão social*, 60; *Agricultura e Pecuaria*, 24].

43. — O capital é essencialmente pacifico: VP, 34; PM, 18 a 20. [v. *Guerra*, 73; *Imperialismo*, 6].

44. — O capital não é um produtor de riquezas, mas um simples motor de exploração e da circulação: PN, 107.

45. — [v. ns. 25 e 35]. — Deve ser combatido o estímulo oferecido ao capital mercê da valorização artificial dos bens: ON, 121.

CAPITULO IX

QUESTÃO SOCIAL

1. — O socialismo vai conquistando o terreno mediante concessões reciprocas: VP, 7-8.

2. — A questão social é mais grave nos paizes de governo popular do que em certas monarchias: VP, 38.

3. — Por isso, em paizes, como a Inglaterra, as agitações populares, encaradas como simples casos de policia, não determinam o aumento de forças militares: VP, 38-39. [v. *Militarismo*, 1].

4. — A questão social não tem caráter politico; os socialistas recrutam-se em todos os partidos, indifferentes á fórma de governo: VP, 41-42.

5. — Dar-se-á que sob a aparente hostilidade das classes se verifique a separação da sociedade em duas camadas incompativeis? VP, 48; ON, 93, 96, 192, 241.

6. — Não. A questão social não existe em toda a superficie do globo. Conhecem-na apenas os paizes que atingiram á fôrma intensa das grandes manufacturas: VP, 48-49; PM, 206-207.

7. — [v. n.º 35]. — O que existe nos demais paizes é o pauperismo: VP, 49-50; PM, 20 a 22; ON, 241.

8. — [v. ns. 56 e 57]. — A luta social é um conflito de individuos já conscientes de sua capacidade para o bem-estar. Limita-se a uma fração do genero humano, a que se incorporaram desclassificados de todos os matizes: VP, 50; PM, 20 a 22; ON, XXVII, 242.

9. — Na opposição desses interesses não ha, pois, uma verdadeira hierarquia social, como entre patricios e plebeus. A existencia das classes presuppõe privilegios de sucessão; mas hoje em dia o capitalista pôde tornar-se pobre e o operario pôde vir a ser capitalista: VP, 50-51; ON, 241.

10. — Além disso em situação identica a dos proletarios ha um número consideravel de individuos sem classificação nos grupos em que se diz que a sociedade se divide: VP, 51-52; ON, XXVI-XXVII.

11. — A divisão de classes é, por conseguinte, a noção arbitraria de um fâto accidental: VP, 52; ON, XXVII-XXVIII, 242.

12. — A sociedade contemporanea não tem classes, mas homens escalonados em varios graus de riqueza, capacidade e valor: VP, 52; ON, 13-14, 57, 59, 61, 82, 91 a 92, 93, 96, 115 a 116, 132, 192, 193-194, 240 a 241, 243, 263, 273, 304, 308, 310; PN, 143; FV, 30, 35, 38, 42; AB; AE; AF; AG; AY.

13. — A questão social renova apenas o velho tema sobre o direito de viver e o direito de gozar. Isso é um fáto, a que a razão humana tem de dar solução: PM, 20-21, 205-206; ON, 95. [v. *Economia em geral*, 8].

14. — A Historia só regista a ação dos *meneurs*, que se batem por ambição, explorando a fome de uns e espalhando a fome por toda a parte. Salvo uma ou outra revolta, os povos não se dêram ao trabalho de pensar que não tinham o direito de morrer: PM, 21.

15. — Acobertando-se sob o palio de belos programas, o a que os chefes de revolução aspiram é ao crédito de um bom logar ou de um bom negocio. As sociedades formam-se pelos seus modelos; e se as idéas, pregadas pelos que as não executam, servem para excitar a luta, os vitoriosos de todos os partidos tomam por modelo os nobres ociosos que passam a substituir: PM, 21-22, 88-89; PN, 38; ON, 91-92. [v. *Politica e Governo*, 24; *Sociedade e individuo*, 17].

16. — [v. ns. 21, 40 e 61]. — A sociedade é um modelo permanente de ambições faceis e de assalto á riqueza. Se no passado triunfava o despotismo das aristocracias, essa nobreza é substituída hoje pela aristocracia do dinheiro: PM, 22, 128; PN, 38, 91-92; ON, 96, 192 a 193; FV, 42 a 43. [v. *Economia em geral*, 8 e 16; *Critica do Conhecimento*, 53; *Politica e Governo*, 32].

17. — [v. n.º 22]. — A ascensão dos individuos pelo dinheiro e pela audacia é diametralmente oposta á democratização das elites, — o ideal dos bons espiritos. Esta democratização só pôde ser realizada pela seleção social fundada na cultura: PM, 22; ON, 115, 303-304. [v. *Sociedade e individuo*, 34; *Evolução historica e progresso em geral*, 36; *Critica do Conhecimento*, 41 e 182; *Politica e Governo*, 37 a 39; *Economia em geral*, 8].

18. — [v. n.º 48]. — Essa ascensão é obra do Estado e da sua organização juridica. Tendo encontrado instituições feitas á sua imagem e em proveito das classes superiores, o Estado moderno consolidou-se pela interpretação individualista do direito, num sentido favoravel á predominancia do capital, irritando, dessarte, a rivalidade de classes: PM, 22-23; ON, 95 a 96. [v. *Politica e Governo*, 24, 27 e 98].

19. — [v. ns. 32 e 45]. — A prova disso está na legislação social, visando antes acalmar as agitações operarias do que dar ao trabalho o seu logar adequado no jogo das forças economicas: PM, 23; ON, XXXVI, 240. [v. *Economia em geral*, 38].

20. — Esse problema geral da ordem economica envolve todas as questões que se agitam na politica interna e na politica internacional dos povos; e a sorte dos povos depende de que saibam colocar-se em termos de prevêr as crises e seguir-lhes os desenvolvimentos, não em cada paiz, ou em cada caso, mas no conjunto do movimento humano: PM, 23; PN, 105-106; ON, 96. [v. *Politica Mundial*, 33, 78 e 126; *Critica do Conhecimento*, 16, 33 e 75; *Politica e Governo*, 3 e 7; *Evolução historica e progresso nacional*, 7; *Politica Nacional*, 82 e 150].

21. — [v. ns. 42 e 56]. — O espetáculo da nossa época é o contraste entre a miséria e as grandes fortunas; seu estado psiquico, o amargor desse contraste; seu movel dominante, o desejo de apagá-lo pelo acêssio á riqueza: PM, 25.

22. — [v. n.º 17]. — Para este desejo a vida social dá, como exemplo ordinario de exito, não o trabalho paciente da produção, mas o trabalho aleatorio do comercio, das profissões liberais, da especulação: PM, 25; PN, 91-92; ON, XXXV-

XXXVI, 187, 190; FV, 36; CS. [v. *Economia em geral*, 2; *Sociedade e individuo*, 34; *Economia nacional*, 5 e 20; *Viação e Transportes*, 5].

23. — A moral dogmatica já provou a sua impotencia e a nossa cultura é muito frouxa para dirigir a maré das aspirações populares. Mas, ou os governos resolvem o problema, ou serão atingidos por uma grande revolução: PM, 25, 188-189; ON, 96, 114; FV, 43 a 44. [v. *Politica Mundial*, 37, 78 e 125; *Evolução historica e progresso em geral*, 78; *Moral*, 5 e 33; *Politica Nacional*, 114; *Economia Nacional*, 17].

24. — Nesse paroxismo, o futuro corre o risco de ser perturbado por tres correntes igualmente perigosas: a dos fatos espontaneos da sociedade, soma total dos appetites, dos sentimentos e das idéas dos individuos; a da força militar, disposta á guerra; e a de uma nova impulsão mística, em que o principio da autoridade espiritual e o despotismo dos juizos preestabelecidos tomarão o logar das soluções ditadas pelo estudo racional da natureza, unico meio de conduzir com acerto a humanidade: PM, 25-26; ON, 206 a 207; FV, 26, 39-40; AF; AG; AJ; AS; BD; BU; CP; CS. [v. *Politica Mundial*, 59 a 64 e 156; *Critica do Conhecimento*, 53, 63 e 64; *Politica e Governo*, 38 a 41; *Moral*, 25; *Economia em geral*, 17 e 18; *Religiões*, 44].

25. — Com a criação de um órgão de política mundial esse problema da ordem é perfeitamente solúvel: PM, 26-27, 125, 144 a 146; AE. [v. *Política e Governo*, 14; *Política Mundial*, 90, 117, 151 e 154; *Crítica do Conhecimento*, 79].

26. — Uma das causas de irritação das classes proletárias está no facto de as mulheres abandonarem o seu meio, seduzidas pelo luxo: PM, 80-81.

27. — A caridade é um meio de curar a miséria, desprezando as suas causas: PM, 177; BE. [v. *Crítica do Conhecimento*, 140; *Evolução histórica e progresso em geral*, 40, 74 e 75; *Moral*, 27].

28. — É necessário que o pensamento assuma o governo dos conflitos de interesses entre os ambiciosos já apercebidos para a luta e aqueles que se vão estrear no mundo da concorrência: PM, 189. [v. *Política e Governo*, 35; *Economia em geral*, 31].

29. — A questão social, expressa ainda em fórmulas demagógicas e irritada pela política, crea perigosa perturbação nas instituições e nos costumes das velhas sociedades europeias: PM, 206. [v. *Política Mundial*, 145].

30. — Nos países novos a questão social é obra do protecçãoismo industrial, que proporciona

a concentração de grandes massas proletárias: PM, 206-207; ON, XXVI, 244 a 245. [v. *Politica Mundial*, 146].

31. — [v. n.º 51]. — O *problema social* é muito mais grave, mais profundo e mais amplo do que o *problema do proletariado*: ON, XXVII, 95, 240 a 241. [v. *Politica e Governo*, 82 e 107].

32. — [v. ns. 19 e 45]. — As medidas de legislação social alcançam hoje, nos paizes cultos, vastissimo dominio, em todas as fórmulas da vida; mas não é uma legislação organica, porque, tendendo a realizar objetivos diréto, ou satisfazer a reclamações, lhe falta sintese e sistema, pelo que sacrifica, mercê dessas transigencias, a solução definitiva do problema: ON, XXXI, 240; FV, 40.

33. — [v. n.º 48]. — Entre o individualismo, se assenta sobre institutos juridicos derivados da solidariedade entre argentarios, e o socialismo que pretende esquecer as desigualdades naturais, ha uma terceira fórmula de justiça: ON, 95 a 96, 243 a 244; AP; BU. [v. *Economia em geral*, 32; *Politica e Governo*, 32, 58, 68; *Sociedade e individuo*, 24, 33 e 44].

34. — Tudo está sem suprimir os elementos artificiais de desigualdade, como são os monopolios, de sorte que os individuos realizem inteira capacidade de trabalho indicada pela aptidão de cada um: ON, 95, 121 a 122, 244; FV, 26 a 28;

BD. [v. *Guerra*, 96; *Politica Mundial*, 150 e 155; *Politica e Governo*, 135 a 127].

35. — [v. n.º 7]. — Extinguir a miseria e assegurar a todos os individuos o uso dos meios proprios de realizar a vocação, — é a grande missão das democracias modernas: ON, 96, 101, 243 a 244; FV, 26 a 28; AP. [v. *Politica e Governo*, 26, 33 e 58; *Defesa Militar*, 16; *Economia nacional*, 46].

36. — Os espiritos frivolos fingem, face a face dos problemas sociais contemporaneos, o ceticismo de os considerarem méras especulações sentimentais: ON, 106; BD.

37. — [v. n.º 52]. — O valor de um paiz, feito com a criação de fortunas, nunca atingirá á solidez do valor formado pela generalização da riqueza: ON, 107, 122, 182, 183; FV, 26 a 28; BG. [v. *Organização constitucional*, 61; *Agricultura e Pecuaria*, 21; *Economia em geral*, 27; *Politica Nacional*, 58 e 59; *Evolução historica e progresso em geral*, 57 e 76].

38. — O impulso das ambições incontidas afronta-se hoje com uma força, que o ha de vencer: a generalização das ambições, coincidindo com a generalização das capacidades: ON, 190 a 192. [v. *Moral*, 7; *Emigração*, 14; *Politica Mundial*, 123].

39. — Dos conflitos, que daí resultam, virá a expressão natural da energia da especie; o imperativo de produção e de eficiencia: ON, 192. [v. *Moral*, 26; *Politica Mundial*, 127].

40. — [v. n.º 52]. — Por isso toda a sociedade contemporanea está dividida em duas vastas classes; a dos que exploram a força do capital e da intelligencia instruida e a dos que são explorados, vencidos, eliminados pela vitoria lenta, mas segura, daqueles: ON, 192; CK; CS. [v. *Politica Nacional*, 66].

41. — [v. n.º 44]. — Esse esforço por subordinar a especie humana á nova aristocracia manifesta-se, principalmente, na exploração dos paizes novos, pois que os velhos já não oferecem campo suficiente ás ambições: ON, 192; AE; AP. [v. *Politica internacional brasileira*, 19; *Economia nacional*, 19, 25 e 52; *Imigração*, 16; *Economia em geral*, 11].

42. — [v. ns. 7 e 21]. — E' isso que explica o desenvolvimento colossal da sociedade parasita, que em todo o orbe civilizado dá vida ficticia ás grandes capitais e ás estações de vilegiatura, fazendo florescer uma vegetação asfixiante de sarmentos sobre massas tanto mais miseraveis quanto é certo que não recebem das outras classes senão modelos de ambição e exemplos de amôr ao luxo: ON, 192; FV, 10-11, 42 a 43; AZ; CP.

[v. *Evolução histórica e progresso nacional*, 3 e 20; *Patria e nação*, 56; *Economia em geral*, 9; *Sociedade e individuo*, 17; *Emigração*, 19; *Evolução histórica e progresso em geral*, 65].

43. — A expansão do commercio; da viação e dos instrumentos de crédito internacional domina apenas uma fásé da evolução humana, resultante da excitação do individualismo e dos inventos materiais, — fásé que não pôde perdurar, com a mesma intensidade pelo menos: ON, 193; AP; BD; CB. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 78; *Evolução histórica e progresso nacional*, 16; *Economia Nacional*, 17; *Politica Mundial*, 129].

44. — [v. n.º 41]. — Se o surto industrial das potencias produziu em algumas das suas classes relativo conforto, isso foi obtido pela exploração abusiva de outros paizes e de outros povos: ON, 193-194.

45. — [v. ns. 19 e 32]. — Foi exatamente o caráter de desequilibrio nacional das atividades que suscitou a *legislação social*, que tem conseguido, sem dúvida, até certo ponto, aliviar as aspezas da desigualdade: BD.

46. — A sorte das nações modernas depende da direção que tomarem no sentido do trabalho, ou no sentido da especulação; do relativo nivela-

mento social pela maxima distribuição das riquezas, ou da divisão da sociedade em classes afortunadas e classes proletarias; da plena expansão dos valores, pela liberdade comercial, ou do regime de restrições, monopolios e privilegios: PN, 92, 98; FV, 42 a 43. [v. *Politica Nacional*, 42; *Economia nacional*, 21 e 22; *Evolução historica e progresso nacional*, 4; *Economia em geral*, 16].

47. — [v. n.º 18]. — Se os estadistas americanos tivessem compreendido o problema da evolução humana e sua inevitavel diretriz, teriam realizado o encaminhamento para o progresso, segundo a fórmula do individualismo de Adam Smith, pela organização e distribuição do trabalho: PN, 98. [v. *Politica e Governo*, 97].

48. — [v. ns. 18 e 33]. — Dessarte, na civilização que se ia fundar nesses paizes a reação socialista seria exotica, porque o socialismo não é senão o refluxo das leis economicas contra a interpretação do individualismo pela predominancia do capital: PN, 98, 129; ON, 95 a 98; AE. [v. *Politica e Governo*, 98; *Economia em geral*, 32 e 38; *Politica Nacional*, 109].

49. — O problema social assume, no nosso paiz, um caráter proprio, que se lhe não dá ensejo de entreter crises violentas, pôde, entretanto, exaurir, até á extrema anemia, as fontes da nutrição nacional: PN, 114; ON, XXVI a XXIX, 97-98, 241-242.

50. — O problema do proletariado foi trasladado para os debates da nossa opinião com a mesma fôrma das cousas e a mesma posição das pessoas nos centros urbanos da grande industria estrangeira: ON, XXVI. [v. *Educação e Ensino*, 16].

51. — [v. ns. 31 e 59]. — No nosso paiz o grande problema é o da economia total da sociedade: ON, XXVII, XXIX, 241-242; AP. [v. *Economia nacional*, 20 a 22 e 27].

52. — [v. ns. 37 e 40]. — Os fatores que impelem a nossa marcha caminham para fazer da nossa pátria uma especie de Cartago, onde uma classe de potentados tende a esmagar a imensa maioria dos individuos, — livres, é certo, em nome da lei, mas tão realmente escravos, no quadro da nossa civilização, como os africanos subjugados pelo braço fenicio: ON, 97. [v. *Politica Nacional*, 60, 66, 116].

53. — O regime economico que nos vai conduzindo para a plutocracia social não faz a felicidade daqueles que privilegia: ON, 98.

54. — Para esses, a posição privilegiada é uma *fortuna* da vida social, como a miseria dos outros é uma *fatalidade*: ON, 98.

55. — Se, de um momento para outro, um cataclisma social pacifico os despojasse da fortu-

na, dando o bem-estar a todos, seriam eles, sinceramente, mais felizes do que são hoje, na posse privilegiada da riqueza: ON, 98. [v. *Economia Nacional*, 29].

56. — [v. ns. 8 e 21]. — Os miseráveis, por sua vez, não odeiam senão porque a dôr da fome, irritada pelo contraste com o luxo, fére tanto quanto o látigo do feitor: ON, 98.

57. — [v. n.º 8]. — No estudo desse problema cumpre fazer abstracção dos atentados de anarquistas, — méros criminosos encaminhados para os desvarios das lutas politicas: ON, 98.

58. — Contrabalançam-nos, no quadro dos flagelos sociais, os heróis dos despotismos politicos e das espoliações financeiras, que espalham mais cadaveres e desgraças sobre a terra do que as bombas dos anarquistas: ON, 98, 193; FV. 38 a 39.

59. — [v. n.º 51]. — O nosso paiz precisa de ser uma republica social, — para que o povo não sinta a necessidade de arrancar á força o que os governos lhe pôdem dar dentro da ordem: ON, 104, 240 a 242; AP. [v. *Politica e Governo*, 82 e 83; *Economia nacional*, 21 e 63; *Politica Nacional*, 42 e 113; *Economia em geral*, 32].

60. — Poder-se-á temer que os proletarios urbanos recusem a volta ao trabalho rural; mas

como a propria relação entre a capacidade do homem e o trabalho contém implicita a tendencia do maior número para os trabalhos da terra, é de esperar que essa volta se opére mediante um conjunto de medidas de sedução: ON, 104-105. [v. *Economia em geral*, 42; *Agricultura e Pecuaria*, 24; *Economia nacional*, 21 e 63].

61. — [v. n.º 16]. — A autoridade da nobreza, nos corpos governamentais, é, hoje, uma ficção, se não tem base no poder economico: VP, 33; PM, 22. [v. *Economia em geral*, 1].

62. — Formação da nobreza de origem militar e da de origem economica: PM, 175; ON, 96.

CAPITULO X

PATRIA E NAÇÃO

1. — Ha uma fôrma aggressiva de patriotismo, explorada por manobra dos partidos: VP, 29; PM, 95.

2. — [v. n.º 28]. — A' civilização industrial contemporanea repugna essa fôrma aggressiva do patriotismo: VP, 30-31; PM, 14, 155-156, 158; ON, 75; [v. *Economia em geral*, 43 e 73; *Guerra*, 73; *Evolução historica e progresso em geral*, 34; *Politica Mundial*, 17].

3. — [v. ns. 60 e 61]. — Para o homem contemporaneo, a patria é o paiz que protege, á sombra da lei e dos costumes, o futuro da familia: PM, 5, 152-153, 157, 164-165, 168; PN, 36, ON, 74 a 76; AV.

4. — Como sociedade permanente das familias, a patria deve resolver o problema vital da nossa especie: o futuro dos filhos: PM, 5.

5. — O militarismo tem interesse em sustentar a superioridade da patria sobre a familia: PM, 6.

6. — Não é possível conceber um patriotismo contrario ao amôr da familia, porquanto a integridade e a independencia da pátria são apenas condições da vida em sociedade; o interesse, que as defende, só se transforma em afeição como um desenvolvimento da afeição que nos prende á pequena sociedade do lar: PM, 7, 13-14.

7. — Realmente, o trabalho e a luta pela familia é a regra da generalidade dos homens; pela patria, caso excepcional de algumas minorias; pela humanidade, caso ainda muito mais raro: PM, 7. [v. *Politica Mundial*, 110 a 112; *Sociedade e individuo*, 20].

8. — A força do sentimento patriótico está na sensação de apoio mutuo e de vizinhança moral, — prolongamento do sentimento domestico, entre os individuos: PM, 14.

9. — A honra nacional não se lava com sangue, nem com a morte; essa honra está, ao contrario, na consciencia da responsabilidade, que temos, como depositarios de bens, civilização e prosperidades, de que somos os guardas e de que o futuro é credor nosso: PM, 14-15. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 7; *Nacionalidade brasileira*, 7 e 31; *Politica Nacional*, 14 e 141].

10. — Entre os gregos, por uma necessidade imperiosa, o patriotismo era a mais larga fórmula de solidariedade social: PM, 32-33.

11. — O patriotismo é uma fórmula, embora errada, de altruísmo, porque envolve a renúncia pessoal, em favor da pátria: PM, 15.

12. — A emigração espontânea e a igualdade de direitos entre nacionais e estrangeiros alargaram a idéia de pátria até a de um abrigo às desilusões e às novas esperanças: PM, 109, 152.

13. — A noção de pátria pôde representar uma realidade objetiva — o país como o seu povo, ou a sua imagem subjetiva. As suas idéas são susceptíveis, mesmo no sentido vulgar, de mais de uma interpretação: PM, 148; PN, 116; ON, 65-66.

14. — Para o selvagem africano, o laço comum da tribo é o *totem*: PM, 148; ON, 66.

15. — Para o bárbaro, um pouco mais adiantado em civilização, esse laço é a comunidade presidida pelo deus que a conduz: PM, 148; ON, 66-67.

16. — Para um romano, ou para um grego, a pátria era a terra demarcada, sob a aureola dos deuses, e santificada pela recordação dos antepassados: PM, 148.

17. — Do *totem* á divindade a veneração do antepassado exprimia realmente o laço que ligava os homens uns aos outros e á terra onde habitavam: PM, 148, 153-154; PN, 2 a 4; ON, 55, 66.

18. — O *totem*, entre os primitivos, como depois o herói, o semi-deus, o deus, foram sempre a imagem de um primeiro ser, forte como nenhum outro, que adquiriu o poder supremo sobre uma raça inferior, que fundou um povo de eleitos, ou que presidiu ás origens da associação: PM, 148, 171; ON, 66.

19. — [v. n.º 21]. — A religião, abraçando todas as concepções intellectuais do homem, dominava a idéa de patria: PM, 148, 153-154, 157; PN, 2 a 4; ON, XXI, 55, 66. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 51; *Dirceto*, 11; *Religião*, 11].

20. — Por sua vez, o povo — grande familia rustica num meio ignorado e cercado de inimigos — tinha sempre os olhos fixos no passado, onde brilhava o sól que o conduzia: PM, 148-149, 154, 171; ON, 66-67. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 69].

21. — [v. n.º 19]. — Com a ambição de religião universal, no cristianismo, a noção de patria se emancipou da idéa religiosa: PM, 149; PN, 1-2; ON, 67.

22. — Submetida, com as outras idéas da antiguidade, á forja da Idade-Média, fixou-se, com as nações modernas, numa abstracção de duas faces: numa, sob a influencia do espirito greco-romano, tem a expressão do laço afetivo entre o homem e a terra natal; noutra, os habitos militares mantiveram a noção de hostilidade contra os outros povos: PM, 149; ON, 67.

23. — De sorte que para os povos modernos a patria é, ao mesmo tempo, o paiz da familia e do trabalho e um acampamento militar: PM, 149; ON, 67.

24. — Ora, o primeiro desses laços era fraco para a vida moral de sociedades agitadas pelas terriveis emulações das lutas feudais. A fórma do patriotismo belicoso era mais propria a apaixonar as almas e a influir sobre os espiritos: PM, 149, 167-168; ON, 67.

25. — Por isso, cavaleiros e bardos traduziam a nomeada dos seus feitos d'armas em novelas e canções, fazendo crêr ás almas ingenuas que a atividade social se devia exercer nos recontros das batalhas: PM, 150; ON, 67-68.

26. — A literatura e a politica traduziram em fórmulas e simbolos essa concepção do patriotismo; uma vez intelectualizado, com o poder dominador inherente ás idéas indiscutidas que á im-

prensa faz circular, essa concepção ganhou, desde logo, força dogmatica sobre os espiritos: PM, 150-151; ON, 68.

27. — Da mesma maneira que o renascimento da cultura classica introduziu na sociedade da Idade-Média as fórmulas de gregos e romanos, a historia da cavalaria e o romance feudal transmitem ás gerações posteriores o tipo do patriotismo militar: PM, 150; ON, 68.

28. — [v. n.º 2]. — Compreende-se o patriotismo militar nas antigas nações de unidade étnica. Hoje, não. Nas mais velhas das nações modernas, sob aparente unidade, o que deparamos são verdadeiras federações de raças, de linguas, de religiões, de costumes. Em todas o interesse economico se estende para além das fronteiras: PM, 151-152; ON, 11, 69. [v. *Politica Mundial*, 17; *Guerra*, 73; *Economia em geral*, 2].

29. — A patria — lar dos antepassados — é uma *imagem retrospectiva* do amôr ao paiz natal, da mesma maneira que todos os outros conceitos baseados na tradição são movimentos *retrocessivos* do espirito, applicados ás novas fórmulas da vida: PM, 155; ON, 73 a 75. [v. *Critica do Conhecimento*, 47, 202, 223 e 224].

30. — Tendo-se atenuado os elementos raça, religião, costumes e lingua, as comunidades nacionais perderam o carácter corporativo; o sistema

de associação ampliou-se, porque se desenvolveram os elementos morais, sociais e economicos: PM, 158 a 162, 164; ON, 77-78. [v. *Sociedade e individuo*, 43].

31. — O patriotismo é hoje apenas uma expressão da solidariedade nacional. A sociedade e o territorio são os seus elementos estaticos; é seu elemento dinamico o interesse comum, moral ou material. A confiança da lei forma o envólucro abstrato dessa massa de inteligencias e de vontades: PM, 158, 164-165, 168; PN, XVIII, 5; ON, 71 a 72, 78. [v. *Nacionalidade brasileira*, 2, 3 e 7].

32. — Nação é a idéa abstrata da sociedade politica: PM, 163 a 165; PN, 4 a 5; AK; BF; CK.

33. — [v. n.º 44]. — Não sendo mais fundadas na tradição, as patrias modernas constituem sociedades voluntarias. Este laço substituiu o das antigas sociedades nacionais. Ha, pois, um fundo de convenção tácita, na fórmula das nações modernas: PM, 164-165; PN, 84-85; ON, 90; BF. [v. *Nacionalidade brasileira*, 26 e 27].

34. — A patria é a alma da nação: PM, 165; PN, XVIII, XXVI; ON, 91; CN.

35. — Não basta reconhecer a existencia de um certo número de interesses comuns aos indi-

viduos que habitam um paiz, para conservar-se nitida no espirito a idéa de pátria; é necessario ainda fixar a natureza desses interesses e definir os direitos que deles decorrem: PM, 165; ON, 91.

36. — [v. n.º 1]. — O patriotismo militar, profundamente contrario á solidariedade verdadeiramente humana, é explorado pelos politicos e pela burguezia, para poderem exercer sobre as massas populares a ditadura dos seus interesses, por individuos, ou por grupos: PM, 167 a 168; ON, 93 a 94. [v. *Politica e Governo*, 27; *Militarismo*, 1 e 12; *Guerra*, 32 e 62].

37. — Para que a patria seja principalmente o lar da familia nacional é preciso que a segurança de todos se processe pela constituição de uma sociedade em que a vida facilmente encontre as condições necessarias de desenvolvimento e os elementos fundamentais da ordem: PM, 168-169; PN, 5; CK; CQ. [v. *Politica e Governo*, 58 e 61].

38. — [v. n.º 44]. — As nacionalidades modernas, oriundas das velhas civilizações, constituiram-se pela agregação de comunas, que foram, pouco e pouco, se estendendo, sob o impulso da necessidade de defesa e de proteção mútua, e estimuladas pelo sentimento, ainda mais forte, de hostilidade aos outros povos: PM, 171-172; PN, 3-4, 20,24; ON, XII-XIII, 55-56, 76, 133; FV, 40;

AL; AQ; AZ; BF; BG. [v. *Politica Mundial*, 110; *Sociedade e individuo*, 16, 20 e 21].

39. — O espirito da *nação* formou-se como um *sentido coletivo* de proteção, amparo e assistência reciproca, contra riscos conhecidos e experimentados, entre homens e familias que viviam juntos, tendo interesses comuns: PN, 3-4; 20-21, 36. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 50 e 51; *Politica e Governo*, 49].

40. — A “nação” tem a sua existencia estribada na solidariedade dos interesses comuns e na convicção do mesmo destino, generalizados a todo o povo; a “nacionalidade” mostra-se nos laços de afeição que põem em cada individuo um sentimento veraz de apego ao patricio: PN, 4, 26 a 28, 142.

41. — [v. n.º 29]. — A nação é hoje a sociedade dos habitantes de um paiz, compreendendo toda a sua vida: a vida imemorial dos antepassados e a vida efetiva da geração presente: PN, 4-5, 26 a 27, 36; AK. [v. *Nacionalidade brasileira*, 3; *População nacional*, 39; *Politica Mundial*, 79; *Evolução historica e progresso nacional*, 18; *Politica nacional*, 98].

42. — *Nação* vem a ser atualmente sinónimo de *povo*: PN, 4-5; ON, XII, 11, 19.

43. — [v. n.º 60]. — O sentimento permanente da comunhão entre a gente é o que fórma o *senso nacional*; mas assim como a natureza da

nação variou, também o senso nacional não pôde ser identico para todos os povos: PN, 5-6. [v. *Nacionalidade brasileira*, 4].

44. — [v. n.º 33 e 38]. — As massas humanas, assimiladas num *todo*, compunham, com a possível adaptação, uma agremiação fundida com o seu *habitat* e integrada como sociedade, que se mantinha por si, e desenvolvia-se. Formaram-se assim as nações do mundo civilizado: PN, 24; ON, 77; AL; CM. [v. *Sociedade e individuo*, 14; *Evolução historica e progresso em geral*, 54].

45. — Desse processo surgiram as nações, os povos e os homens do ocidente moderno, caracterizados, em geral, por uma certa conformidade de habitos evolutivos: PN, 24.

46. — Esse processo sofre hoje diversas crises, efeito do desenvolvimento da cultura, sem a necessaria segurança, nos espiritos, da verdade scientifica e suas applicações, bem como do surto das invenções materiais e dos instrumentos mercantis que aceleraram a industria, as communicações e o commercio, em progressão vertiginosamente desproporcionada com os mistéres e interesses humanos: PN, 24-25; ON, 247; BF. [v. *Critica do Conhecimento*, 8, 63, 67, 114, 131; *Evolução historica e progresso em geral*, 6, 40, 56, 60, 65; *Politica e Governo*, 33, 40 e 95; *Evolução historica e progresso nacional*, 17].

47. — Profundamente perturbadores da evolução das sociedades organizadas, estes fenómenos tornaram-se, nas mãos daquelas de suas classes que os manejam, um poder tremendo sobre os destinos das classes inferiores, e, ainda mais, sobre o das novas sociedades, surgidas do desconhecido, mercê dos descobrimentos: PN, 25. [v. *Economia nacional*, 25; *Politica nacional*, 9; *Evolução historica e progresso nacional*, 2; *Politica internacional brasileira*, 19 e 20; *Sociedade e individuo*, 16].

48. — [v. ns. 44 e 63]. — As nações de origem remota e de lenta evolução não conheceram, nem conhecem, *o problema nacional*, como cada individuo desconhece o problema da *formação estrutural* do seu organismo: PN, 25, 147; BM; CI; CK. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 54; *Sociedade e individuo*, 14; *Nacionalidade brasileira*, 26].

49. — As nações surgidas por descobrimento e formadas por colonização, são, porém, *improvisos sociais* do acaso ou resultados de fatos excepcionais do progresso: PN, 25; AI; CQ.

50. — Para admitir que a esses novos paizes os colonizadores tivessem prolongado os organismos das sociedades metropolitanas, teriamos de aceitar que transplantaram a *estrutura* e a *organização das metropoles*, e que agiam sobre estes meios obedecendo aos mesmos estímulos que lhes

impeliam os passos na vida ordinaria sobre o sólo natal: PN, 25-26. [v. *Politica nacional*, 9].

51. — Ao revez, o descobrimento e a colonização, fátos imprevistos e mutações gigantescas, revolucionaram tambem os espiritos: PN, 26.

52. — Governos coloniais e colonizadores fazem invasões e conquistas; não fundam nações. São exploradores; não são socios: PN, 26. [v. *Sociedade e individuo*, 16; *Economia nacional*, 25; *Politica internacional brasileira*, 19; *Nacionalidade brasileira*, 2; *Emigração*, 6].

53. — Os paizes novos precisam *constituir artificialmente* a nacionalidade. O *nacionalismo*, se não é uma aspiração, nem um programa, para povos formados; se, de fáto, exprime, em alguns, uma exacerbação mórbida do patriotismo, é de necessidade elementar para um paiz joven, que jamais chegará á idade da vida dinamica sem se fazer nação: PN, 27, 36, 84-85, 147, 148; ON, XII-XIII, XLII, 64, 155, 173, 190-191; FV, 40 a 41; AA; AE; AI; AK; AP; CI; CK; CL. [v. *Politica nacional*, 83 e 98; *Sociedade e individuo*, 16].

54. — [v. n.º 40]. — A *nacionalidade* é a revelação objetiva dos laços de afeição, que põem em cada individuo, no seio de um determinado povo,

um sentimento veraz de fraterno apego ao patricio: PN, 27-28, 32; AK. [v. *Economia em geral*, 19].

55. — E' erro supôr que toda nacionalidade tem vida, obedecendo ao impulso do seu proprio dinamismo. A *vida nacional* é, entretanto, inconfundivel com a das pessôas e dos grupos, naturais ou artificiais, em que o povo se divide: PN, 37; ON, 61-62; AF. [v. *Sociedade e individuo*, 32; *Politica e Governo*, 55, 58, 64, 70; *Critica do Conhecimento*, 143; *Politica nacional*, 60, 66, 103 e 121].

56. — Individuos, grupos, classes, associações podem agitar-se, enriquecer-se e progredir, á custa mesmo do patrimonio, da seiva e das energias nacionais: PN, 37; AF. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 3; *Nacionalidade brasileira*, 34; *Politica nacional*, 92, 103 e 121].

57. — Sociedades onde o Estado, corporificação da vida coletiva dos povos, não foi, até ha pouco tempo, senão orgão do arbitrio e da violencia, não eram, e não são, ainda hoje, sociedades organizadas: ON, XII, 110 a 111. [v. *Sociedade e individuo*, 32; *Politica e Governo*, 60, 116 e 120; *Raças*, 46].

58. — As democracias modernas são negações da autoridade dinastica; não são organizações da sociedade livre: ON, XII. [v. *Politica e Governo*, 116 e 119].

59. — Educar o patriotismo é função dos diretores da opinião pública: ON, 62. [v. *Política e Governo*, 75 e 123; *Guerra*, 88].

60. — [v. ns. 3 e 43]. — Da soma dos interesses comuns nos homens da mesma geração e do sentimento de previdencia em prol dos vindouros, resulta a consciencia da nacionalidade: ON, 90 a 91, 94; AJ. [v. *Política Nacional*, 27, 88].

61. — [v. ns. 3 e 43], — Mas a previdencia, que se limita a guardar para os filhos, é apenas a fórmula defensiva do amor pátrio, enquanto as sociedades não oferecem garantias estaveis de prosperidade: ON, 94. [v. *Nacionalidade brasileira*, 32].

62. — Não é verdadeira nacionalidade o paiz que não tem a sua politica: ON, 130, 139, 154-155; BV; CI. [v. *Política e Governo*, 80, 89, 95 e 131; *Política Nacional*, 77, 80, 105 e 171; *Direito*, 21].

63. — [v. n.º 48]. — *Essa politica*, superior ás *politicas doutrinarias* e sempre falazes dos partidos, é intuitiva, tradicional, costumeira, nos velhos paizes: ON, 139, 223 a 224. [v. *Política Nacional*, 110 e 174; *Política e Governo*, 76; *Crítica do Conhecimento*, 39; *Guerra*, 49].

64. — Da Idade-Média para os nossos dias a ação temporal do Estado e da Igreja tem sido o grande formador de nações: AF.

65. — As nações ainda não encontraram, entre os espiritos, os órgãos do seu pensamento: AF. [v. *Politica Mundial*, 38 e 117; *Politica e Governo*, 38 e 120; *Critica do Conhecimento*, 134; *Politica nacional*, 145].

CAPITULO XI

DIREITO

1. — [v. n.º 29]. — Não se resolvem problemas praticos mediante formulas juridicas: VP, 8; ON, 114. [v. *Critica do Conhecimento*, 234; *Politica Mundial*, 9; *Politica Nacional*, 113 e 146; *Politica e Governo*, 11 e 83].

2. — O direito não é fonte de instituições sociais; é, ao revéz, uma instituição secundaria, nascida dos costumes e das necessidades: VP, 8-9. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 42].

3. — [v. n.º 15]. — O direito repousa hoje sobre os elementos que formam a estrutura economica das sociedades: VP, 33; PM, 22 a 23. [v. *Politica e Governo*, 1; *Economia em geral*, 1; *Critica do Conhecimento*, 53; *Sociedade e individuo*, 25; *Questão social*, 41].

4. — [v. n.º 12]. — A expressão *direitos do homem* deve traduzir, não a soma de garantias

juridicas que o poder público, desde o absolutismo, veio outorgando ao povo, embora convencido de que o povo não dispunha de recursos para, em seu proveito, as tornar efetivas; os *direitos do homem* expressam-se hoje na ação que o governo realiza, para assegurar aos individuos meios práticos de utilizar, com exito, as suas faculdades, os seus esforços e os seus merecimentos: VP, 84 a 86; PM, 165 a 167; ON, 91-92. [v. *Crítica do Conhecimento*, 35; *Politica e Governo*, 25 e 26; *Questão social*, 35].

5. — Em nossa systematica juridica, o *direito* é tão somente uma faculdade que a lei confere ao individuo: VP, 107-108; BZ.

6. — Os juizes foram primitivamente instrumentos do poder e o poder nasceu da força: VP, 136. [v. *Politica e Governo*, 5 e 18].

7. — Ésquilo reconheceu que a força só tem sentido moral quando é instrumento coercitivo de efetivação de um direito: PM, 34-35.

8. — Para Cicero, o *direito natural* nasce da propria consciencia do homem, independentemente da feição objetiva que venha a assumir: PM, 39-40.

9. — Contra a noção de que a força faz o direito, pois que o direito é uma formação secular de principios empiricos, reguladores das relações

sociais, com base na conciliação. O juiz é a paz em ação; e as melhores obras jurídicas do mundo não são mais do que o lento trabalho do domínio da ordem sobre os conflitos: PM, 144. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 42; *Moral*, 12].

10. — O direito é a mais empírica de todas as ciências: PM, 187.

11. — A primeira lei de todas as sociedades é a lei religiosa; a um tempo moral, política e civil, revela e manifesta a sociedade unida pela vontade de Deus: PN, 3. [v. *Patria e Nação*, 19; *Evolução histórica e progresso em geral*, 51; *Religião*, 11].

12. — [v. n.º 4]. — O direito, como norma reguladora das relações, formou-se, na sua origem, e continúa ainda hoje a crescer ao acaso do desenvolvimento dos interesses, sem ordem lógica, e sempre em sentido favorável aos interesses das classes predominantes: ON, 135; BZ.

13. — No conjunto dos problemas políticos dos povos contemporâneos, o da justiça é o que menos importancia têm: ON, 154; CE.

14. — O direito é hoje a arte da disciplina, da subordinação e do justiçaamento, estranha aos problemas da natureza humana: ON, 164; FV, 43; AF. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 24].

15. — [v. ns. 3 e 27]. — Até hoje o direito se tem limitado a regular a fruição dos bens conquistados pelos mais fortes e a aplicar o castigo às rebeldias contra essa ordem de *fáto*: ON, 164; AF; CE. [v. *Politica e Governo*, 1; *Critica do Conhecimento*, 53; *Sociedade e individuo*, 25 e 26; *Politica Nacional*, 160].

16. — [v. n.º 27]. — A noção de *direito de punir* deve ser substituída pela de defesa, no interesse social, e de correção, no interesse do individuo: ON, 271, 306 a 307, 309-310; CE.

17. — Necessidade do sigilo, durante o sumario de culpa: ON, 309.

18. — O *direito publico* moderno (como o da nossa constituição) é a obra com que politicos profissionais dos parlamentos e gabinetes ministeriais europeus ageitaram idéas de Locke, de Montesquieu, de Burke, e de mais dois ou tres grandes espiritos, ás fórmulas do governo absoluto: AA.

19. — Contra a tése de que todas as leis são bôas, quando executadas, porquanto a só execução não dá ás leis virtudes que elas não possuam: AF. [v. *Organização constitucional*, 102 a 105 e 194; *Politica Nacional*, 113].

20. — Da idéa abstráta de que *não ha regimes necessarios* para a de que *toda lei é bôa* vai a

distancia que separa uma tésé da sua antitesé: AF; BP.

21. — Ao contrario, os regimes não se podem dizer bons senão quando adequados á terra e ao povo que regem, e apropriados aos seus problemas, interesses e necessidades: AF; CK; CR. [v. *Politica Nacional*, 113; *Organização constitucional*, 43, 150, 170 e 194; *Patria e Nação*, 62].

22. — Nem o individuo, nem a sociedade vivem por si, isoladamente. Toda a vida é feita de relações; e as leis, em sua essência, vêm a ser as formas das relações a que os dirigentes dão força coercitiva, quando isso se faz necessario á existencia e ao desenvolvimento do povo: AF. [v. *Critica do Conhecimento*, 106 e 205; *Politica Mundial*, 67].

23. — Na força moral é que se inspira a infinidade de átos de ordem, com que se faz a normalidade comum da vida, contra o crime: AP. [v. *Politica e Governo*, 5, 18 e 126; *Moral*, 30 e 35].

24. — Só agora a ciencia do direito começa a caraterizar os dados primordiais do *fáto* e do *fenómeno juridico*, elementos iniciais de todos os processos logicos e pontos de partida analiticos de todas as pesquisas: BP.

25. — O *direito romano*, como verdadeira obra de civilização e fruto do progresso social,

exprime o invariavel caráter de fôrma e revestimento dos interesses e das necessidades observadas: BZ.

26. — A cultura jurídica consiste: 1.º) em atingir a diferenciação do fâto e da idéa de direito, por entre os fâtos e as idéas similares; 2.º) em compreender que o direito não é, de sua natureza, uma substancia, mas uma fôrma, a que só a realidade objetiva dá corpo: BZ; CK. [v. *Critica do Conhecimento*, 165].

27. — [v. ns. 15 e 16]. — O *direito penal* nada mais é que um resto do pervertissimo impulso de vindita: CE.

28. — Está em erro, por várias razões, a escola antropologica italiana: CE.

29. — [v. n.º 1]. — Os problemas da justiça são hoje problemas de organização e de politica: CE. [v. *Politica e Governo*, 50; *Moral*, 19 e 21].

CAPITULO XII

M O R A L

1. — [v. n.º 36]. — Para afastar divergencias de doutrinas, devemos tomar por criterio de conduta, na ordem moral, não o *bem*, que é abstráto, mas o *interesse da vida*, da vida no proprio individuo e da vida em outrem: PM, 13, 26-27, 109, 180; PN, 17 a 19, 57; ON, XI a XII, 91, 92, 114 a 115, e 165. [v. *Critica do Conhecimento*, 35; *Evolução historica e progresso em geral*, 8 e 45; *Politica e Governo*, 25; *Sociedade e individuo*, 9].

2. — Esse criterio levar-nos-á a conclusões mais largas do que as dos dogmas e dos principios normativos, desenganados uns e outros pelos fátos: PM, 13; ON, XI, XXI-XXII, 114. [v. *Critica do Conhecimento*, 39 e 199; *Evolução historica e progresso em geral*, 6, 45 e 78; *Politica e Governo*, 11, 25, 26 e 84; *Religião*, 41].

3. — Os princípios morais em vigor são combinados com os fatos, mas não lhes são adaptados: PM, 25; ON, XI; BE.

4. — [v. n.º 33]. — A manifesta ineficácia pratica dos dez mandamentos, durante séculos de saturação pedagogica, e de pressão psiquica, senão, muitas vezes, material, sobre as consciências, prova a impotencia da moral dogmatica, para refrear os apetites e as paixões: PM, 25; FV, 43-44; BE. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 78; *Religião*, 17, 27 e 47; *Questão social*, 23].

5. — Desde os primeiros monumentos em que o homem, abstraindo-se da sua vida pratica, exprimiu as suas aspirações, até ás obras de filantropia contemporanea, se deparam virtudes e moveis altruistas que se mostram como o proprio fundo da nossa natureza social: PM, 108. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 11, 12 e 15].

6. — Se essa disposição céde, ás vezes, perante moveis egoistas, o proprio conflito dos interesses impõe a retificação dos males que o egoismo procura causar: PM, 108.

7. — Todo interesse ferido procura apoio numa razão moral, e como o numero dos que reclamam é sempre maior do que o dos que estão contentes, as conquistas do bem alargam-se e aca-

bam por consolidar-se: PM, 108. [v. *Questão social*, 38].

8. — [v. n.º 3]. — A diversidade de sistemas de moral denuncia a impossibilidade de reunir em doutrina os princípios que traduzem as aspirações da alma humana: PM, 108. [v. *Critica do Conhecimento*, 70 e 214].

9. — [v. n.º 30]. — Quando muito, chegaríamos a esta classificação: a tendencia para o *altruismo* é o polo positivo e para a *astucia* ou a *força* o polo negativo da nossa indole: PM, 108-109. [v. *Politica e Governo*, 16 e 126].

10. — A Historia contém notavel lição de otimismo. A humanidade, embora ignorando a sua natureza e a extensão das suas faculdades, aperfeiçoou as fórmulas da sua atividade, e levantou a concepção dos seus fins e dos seus destinos. Hoje, as nações e os governos são tidos como instrumentos de progresso e de prosperidade do homem, em vez de o homem existir para a gloria e para o interesse das nações e dos seus soberanos: PM, 109. [v. *Sociedade e individuo*, 45].

11. — Não é possível avaliar cousa alguma sem um criterio preestabelecido para a avaliação: PM, 141; ON, 167, 169. [v. *Raça*, 19].

12. — [v. n.º 35]. — Contra a noção de que a força é um sinal de moralidade, pois o que nós

chamamos leis morais corresponde precisamente a um pendor que é o oposto da força: PM, 114. [v. *Direito*, 9; *Política e Governo*, 5, 18 e 126; *Evolução histórica e progresso em geral*, 42].

13. — Como elemento de coesão nacional, os costumes não influem mais; dada a invasão dos hábitos mundiais, que se generalizam, os costumes nacionais apagam-se: PM, 160, 164; ON, 85.

14. — [v. n.º 23]. — As verdades da consciência moral todos as possuem em abstrato; nem todos as sabem localizar nas relações da vida concreta: PN, 33-34; ON, XXIII; CR. [v. *Crítica do Conhecimento*, 165].

15. — O homem não tem por destino ser herói nem mártir. Para conservar a integridade do caráter, em sociedades selecionadas pelos caprichos do azar, é preciso possuir animo de atleta moral: PN, 38. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 36; *Sociedade e individuo*, 17 e 34; *Espírito Nacional*, 4].

16. — A moral política não entende com os atos pessoais do individuo; refere-se á dignidade da ação coletiva, em que esse individuo toma parte. Sob o disfarce da moralidade pessoal de cada um dos seus membros, as agremiações de toda a natureza se apresentam, na vida social, como verdadeiros feudalismos, cuja influencia se exerce

com todos os estigmas da imoralidade: PN, 40; ON, XX-XXII, 43, 120, 169; FV, 27, 43; AO; AU; BM; BS; CP; CQ.

17. — O vício da judicatura moral exterioriza-se em palavras e átos de critica e de acusação, — attitude invariavelmente assumida por todos os que estão fóra do poder, contra os que o exercem: ON, XXI; FV, 11.

18. — Os fátos da vida pública e os átos diários dos governos, quando resultam do arbitrio das pessoas, testemunham apenas o fenómeno geral da desorganização, pelo próprio fáto de serem conduzidos ao poder individuos capazes de os praticar: ON, XXII; CQ. [v. *Politica e Governo*, 78; *Organização constitucional*, 142 e 165; *Politica Nacional*, 35 e 152].

19. — A politica, não podendo ser dissociada da moral, não tem nesta, entretanto, nem muito menos na sua expressão judicativa, base, origem, ou fonte: ON, XXII. [v. *Politica e Governo*, 83].

20. — A attitude judicativa, trazendo como programma a *regeneração moral* da vida pública, não tem outro efeito senão o de crear situações de terror, transformando os *incorrutíveis* da aurora revolucionaria em *guilhotinadores* do seu meio-dia: ON, XXII.

21. — O problema da moral pública não chega a ser um problema de aspecto organico; e a *moralidade*, fruto necessario de toda obra organizadora, não se realiza jamais ao influxo da *preocupação moralista*: ON, XXII a XXIV; BM; CP; CQ. [v. *Política Nacional*, 16, 35 e 91].

22. — A moral não é o fim da ação, nem é tão pouco uma solução necessaria; é uma inspiração e um ideal. Como inspiração, ponto de partida da atividade mental, ela entra na elaboração das idéas, para transformar-se em átos; como ideal, orienta o pensamento, determinando a direção da ação. E' a sentença de Augusto Comte: agir por afeição e pensar para agir: ON, XXIII, 168. [v. *Crítica do Conhecimento*, 49 e 107].

23. — [v. n.º 13]. — A preocupação da moral e a ação exclusiva da moral não fazem moral, porque a moral é uma abstração; e a abstração não se realiza senão retomando o seu lugar na síntese concreta da vida: ON, XXIII; AB. [v. *Crítica do Conhecimento*, 165].

24. — Combater o *moralismo*, que professa a supremacia das *virtudes passivas*, tomando estas como criterio de seleção das suas relações na vida pública e na vida privada, é curar uma forma de *paralisia* social e prevenir o declive para as agitações revolucionarias: ON, XXIV e nota; XXIX;

AK; AL; BM; CC; CP. [v. *Política Mundial*, 61].

25. — O *moralismo* está tendendo a assumir, sobre a tibieza das nossas vacilantes consciências, o lugar que as religiões preenchião, correspondente á reação do espirito contra o terror e o misterio do universo: ON. [v. *Religião*, 13; *Política Mundial*, 59 a 64].

26. — O objéto da vida é a produção, não é a posse: ON, 99 a 100. [v. *Política Mundial*, 127; *Questão social*, 39].

27. — A propria existencia do ocioso é uma incessante procura de atividade e de emprego de forças, que se perdem no vicio: ON, 100-101; BI. [v. *Questão social*, 27].

28. — Por isso, os maiores desgraçados do mundo são os milionarios céticos: ON, 101.

29. — Ha uma violencia moral equivalente á violencia fisica, tão ilegítima quando usada contra o homem, como legítima quando usada em proveito dele, ou contra os elementos materiais que se opõem á sua atividade útil: ON, 116 a 118; 120.

30. — [v. ns. 9, 12 e 35]. — Precisamos de distinguir a *força* da *violencia*, porque a violencia é o abuso da força, como a astucia é o abuso da inteligencia, como a sugestão é o abuso da autori-

dade mental: ON, 120. [v. *Politica e Governo*, 5, 18 e 126; *Direito*, 23].

31. — Toda a *moral internacional* se funda no espirito de dominação dos povos mais fortes: FV, 16 a 17; 43. [v. *Guerra*, 43].

32. — Nas democracias contemporaneas a moralidade de cada um dos membros do governo apenas disfarça a imoralidade dos processos coletivos: FV, 27, 35, 37, 43 a 44; CE; CP. [v. *Guerra*, 43; *Politica e Governo*, 72; *Questão social*, 23].

33. — [v. n.º 4]. — A moral que manda respeitar os direitos de outrem não faz atenção á injustiça das desigualdades com que os textos artificialmente sacrificam a verdadeira seleção dos valores: FV, 43. [v. *Questão social*, 23; *Evolução historica e progresso em geral*, 78].

34. — Essa moral é uma ironia á sorte dos povos submetidos á concorrência com os talentos e as vantagens dos adeantados: FV, 43 a 44.

35. — [v. ns. 9, 12 e 30]. — A *força moral* é, ainda, a melhor das forças; vale por uma grande parte da força fisica, que nada seria sem o seu comando; é, em summa, a unica força real da sociedade: AP. [v. *Direito*, 23].

36. — [v. n.º 1]. — A *vida* póde ser definida como a realização da personalidade: BE. [v. *Critica ao Conhecimento*, 35].

37. — Regenerar pela punição dos defeitos, com esquecimento dos méritos, é adulterar a justiça: BM; CC.

38. — Não ha idéa moral inata: CH.

CAPITULO XIII

R A Ç A S

1. — [v. n.º 37]. — A ciencia deitou abaixo a tése da desigualdade das raças: VP, 102; PM, 135-136, 179; PN, 47 a 49, 53, 72, 73, 136 a 137; ON, 197 a 198; FV, 41 a 42; AI; AM.

2. — As seleções humanas não estacionam; continuam a operar-se pelo contácto das raças: VP, 112-113; PN, 8-9; ON, 207; AM.

3. — As fronteiras não separam mais raças escravas e raças livres. O homem colocou a sua personalidade acima das divisões convencionais das cartas geograficas: PM, 109. [v. *Politica Mundial*, 67 e 83].

4. — [v. ns. 37 e 45]. — O dolicocefalo louro não é um tipo superior, definitivamente fixado pela evolução da especie; é tão somente o tipo victorioso do seu meio, por um longo periodo do de-

senvolvimento humano: PM, 136; PN, 49, 58-59. [v. *População nacional*, 1 e 2].

5. — [v. ns. 41 e 42]. — O tipo humano que não encontra mais as condições materiais em que se formou, degenera; mas *degenerar* significa apenas *fazer uma outra adaptação proveitosa á vida*: PM, 136; PN, 59. [v. *Moral*, 1 e 36].

6. — Como os tempos vão mudando as condições materiais em que viveu o dolico-louro, tende este a degenerar, perdendo, assim, a sua antiga superioridade: PM, 136; PN, 59.

7. — [v. ns. 5 e 42]. — A adaptação física e social é, em suma, o grande modelador do homem: PM, 17, 141 e 143; PN, XIX, 59, 73, 75; ON, 7, 80 a 81, 195; FV, 7 a 10; AI; AM; CB. [v. *População nacional*, 1 e 2; *Evolução historica e progresso em geral*, 29].

8. — Nascida sobre as praias do Mediterraneo, a civilização emana de uma raça que ainda ninguem assemelhou ao homem do Norte: os egipcios. Outros povos, que não eram dolico-louros, tiveram tambem civilização brilhante: PM, 157; PN, 60, 66; ON, 82 a 83.

9. — Entre as multidões, que falam linguas de raizes arianas, é minima a proporção de descendentes de dolico-louros. Mestiços de todo o

genero, eis aí a grande maioria das populações, nas nações modernas: PM, 137.

10. — As pesquisas dos egiptologos já nos haviam revelado a existencia de uma civilização anterior á helenica. Era obra de uma raça morena. Com a descoberta das ruinas de Micenas e Creta, mostrando o valor das civilizações egeana e minoana, de uma época anterior ás invasões do Norte, a idéa de superioridade do ariano ou teutonico rolou por terra. As fontes da nossa civilização derivam de cerebros de homens do Mediterraneo: PM, 137; PN, 48; AM.

11. — Essa prova bastava para anular a pretensa superioridade da raça loura. Mas, além disso, a ciencia verificou que nada autoriza a concluir da diversidade dos carâteres fisicos para a diversidade da constituição cerebral: PM, 137 a 139; PN, 48-49.

12. — Depois, a ciencia guardava, para o principio da igualdade da especie humana, uma victoria mais brilhante. A idéa de Gobineau, como as visões de Nietzsche, precisavam de um fundamento. Deram-lhe os discipulos de Darwin, Weissmann e Ammon: PM, 139; PN, 50.

13. — Darwin, embora exagerando o fator *luta pela vida* na seleção natural, atenuou, todavia a sua eficacia na seleção social; e, logico com a sua concepção do transformismo, admitiu a trans-

missão hereditaria dos caractéres adquiridos, capazes de fixarem um tipo, até que novos fatores viessem operar a caracterização de novas especies: PM, 139; PN, 50.

14. — A essa teoria deram adesão todos os representantes inglezes da ortodoxia darwiniana. Tambem as teorias de H. Vries, de Mendel, de Spencer, de Naegeli e Roux não eram contrarias á idéa fundamental da perfetibilidade dos caractéres de raça, transmitidos hereditariamente: PM, 139-140; PN, 50-51.

15. — Weissmann, entretanto, afirma a independencia entre o plasma germinal e o plasma somático, e conclúe pela distincção irreductivel das raças e pela intransmissibilidade dos caractéres individuais: PM, 140; PN, 51.

16. — Na mesma ocasião, mais ou menos, O. Ammon, outro sabio germanico, faz o estudo comparado das raças e termina por uma apologia da raça teutonica, pregando o direito de dominação dela no mundo: PM, 140; PN, 151.

17. — O esforço científico desses dois sabios coincidiu com os ultimos tempos de Bismarck. Para apoiar a politica de expansão colonial, aí estava essa ciencia pratica: PM, 140-141; PN, 52. [v. *Critica do Conhecimento*, 91; *Guerra*, 38].

18. — Se as teorias de Ammon não vingaram, tambem não vingou a doutrina de Weiss-

mann. Pesquisas recentes provaram que não ha diferença substancial entre o plasma germinal e o plasma somatico, não sendo possivel explicar a evolução organica sem admitir a transmissão dos caracteres adquiridos: PM, 141; PN, 52-53: AM.

19. — Na comparação do valor relativo das raças é necessario considerar o criterio de avaliação e a idade da civilização: PM, 141; ON, 81. [v. *Moral*, 11].

20. — Por muitos traços psicicos, as raças asiaticas e africanas não são inferiores ás europeas: PM, 141-142.

21. — A tésede uma constancia na estrutura do cerebro humano e na extensão das suas funções, desde os tempos pre-historicos, foi sustentada, com brilho, por Remy de Gourmont. Desde aí, segundo ele, o exercicio desenvolveu as aptidões, sem aumentar a capacidade. Sem ir até essa conclusão, talvez contraria á lei de evolução do tipo humano, póde-se admitir que a inferioridade venha a ser anulada pelos meios educativos de hoje: PM, 142; ON, 81.

22. — A fáse historica da civilização egipcia compreende apenas a época da sua decadencia. Unica das nações de remota antiguidade, que sobreviveu ás invasões, é uma das raças mais debeis entre as que se incorporaram á civilização. Não obstante, o contacto da civilização ocidental

começa a acordá-la de longa hipnose servil, ou, talvez, de um sono reparador: PM, 142; ON, 82.

23. — Etiopes, nubios e libios foram assimilados pela civilização egípcia; cooperaram com os fenícios e gregos, e, mais tarde, com os árabes e os hebreus, na civilização mediterrânea: PM, 142; ON 83-84; AM.

24. — Para aceitar a incapacidade das raças tidas por inferiores era mister admitir que os meios tropicais e equatoriais não pudessem produzir seres aptos á civilização; mas esta suposição é desmentida pelo aperfeiçoamento do tipo africano, no Brasil e nos Estados-Unidos: PM, 142; ON, 7, 82-83. [v. *População nacional*, 32].

25. — A experiência da capacidade das raças, colocadas nas mesmas condições de civilização, não é contrária nem aos descendentes do negro africano, nem aos dos indígenas. Esses descendentes chegam a civilizados de alta moralidade e espirito brilhante: PM, 143; PN, 59-60, 71; ON; 84. [v. *População nacional*, 38].

26. — Por outro lado, as raças brancas prosperam ou degeneram nos meios tropicais e equatoriais, segundo as condições do meio físico e do meio social. É um facto verificado por larga experiência: PM, 143; PN, 137; ON, 80, 84, 156. [v. *Emigração*, 7 e 8; *Imigração*, 20].

27. — A idéa de nacionalidade, no seu sentido classico, é, em geral, a que buscamos representar com a palavra raça. Mas se num territorio isolado, como o Japão, foi impossivel manter uma raça unica, fácil é compreender a variedade existente nos outros paizes, para onde se precipitaram correntes migratorias de todas as raças: PM, 158-159; PN, 4, 6 a 8; ON, 70 a 71, 78-79. [v. *Patria e Nação*, 54].

28. — [v. n.º 31]. — Falsa concepção do problema das jovens nacionalidades é a que faz depender o seu desenvolvimento da introdução de imigrantes de raças européas, porque se atribúe o insucesso dos descendentes dos habitantes primitivos a uma especie de degeneração ethnica: PM, 159-160; ON, 79 a 80, 102-103, 155-156; AI; AM. [v. *População nacional*, 25; *Imigração*, 5 e 20; *Espirito nacional*, 7 e 8].

29. — A pretensa unidade da raça indo-européa não é mais do que uma ficção, resultante da supremacia politica dos *arias* sobre as populações primitivas dos paizes conquistados: PM, 159; ON, 79.

30. — [v. ns. 37 e 38]. — A posição eventual de superioridade de certos povos emana de uma seleção historica, que obedece a fatores e poderes tão artificiais quanto os que seleccionam os individuos: PM, 179; PN, XVIII-XIX, 71; ON,

81. [v. *Politica Mundial*, 64; *Critica do Conhecimento*, 112 a 114; *Evolução historica e progresso em geral*, 36; *Sociedade e individuo*, 8].

31. — [v. n.º 28]. — O anglo-saxonio da Australia e da Nova-Zelandia dir-se-ia um antipoda do seu antepassado. Admiravel prova da falsidade da base etnica das civilizações: PN, 6.

32. — A denominação de *latino* é das menos carateristicas, como expressão de parentesco etnico; traduz, de preferencia, um certo sentimento de simpatia moral, e, sobretudo, intelectual, que a semelhança das linguas gerou: PN, 7; BF.

33. — Da existencia de latinos na Britannia: PN, 29.

34. — Na concorrência dos povos, os de raça mediterranea, de que os brasileiros somos herdeiros, levam grande vantagem aos demais, pela sua vivacidade, imaginação e decisão pronta, — elementos mais proprios para as lutas intensas da nossa era: PN, 59.

35. — A zona intertropical é o berço do animal humano: PN, 66; ON, 7. [v. *População Nacional*, 32].

36. — Admitir a desigualdade entre as raças importa decretar a guerra entre elas, porque a subordinação não é mais possivel: ON, 76; AV. [v. *Politica Nacional*, 137].

37. — [v. ns. 1, 4, 30, 38 e 41]. — E' grave erro de critica social supôr-se que a situação atual das raças corresponde a uma hierarquia das suas qualidades: ON, 196; FV, 7 a 9.

38. — [v. n.º 30]. — Essa situação resulta de causas mais ou menos remotas, contrarias, aliás, às tendencias que devem conduzir o desenvolvimento do homem á perfeição da sua natureza: ON, 197-198. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 36].

39. — As raças, que dominaram o mundo, venceram por força de qualidades guerreiras; foram as de maior energia material e mais intensa ambição de dominio: ON, 198; FV, 35.

40. — E' preciso que as outras raças se sintam desembaraçadas da opressão dessas, e das tradições, costumes e preconceitos que elas puzeram em circulação, para que os processos seletivos obedeam aos seus fatores naturais: ON, 198. [v. *Sociedade e individuo*, 8; *Evolução historica e progresso em geral*, 21 e 22].

41. — [v. ns. 37 e 38]. — Contra a falsa noção de *caráter das raças*. Nenhum tipo humano tem caráter que lhe seja exclusivo: ON, 198. [v. *Critica do Conhecimento*, 203].

42. — [v. ns. 5, 7 e 37]. — O *tipo mental* das raças deriva das modalidades do meio e da vida social: FV, 8. [v. *Sociedade e individuo*, 36].

43. — Os partidarios da desigualdade das raças admitem que *por entre as raças* tidas por inferiores *se encontrem individuos* das mais altas qualidades, mas tão sómente por exceção, que não denota capacidade geral da raça: FV, 8.

44. — Este argumento final é liminarmente falso, porquanto essas tais exceções só podem ser explicadas em favor da capacidade geral do seu grupo ethnico: FV, 8 a 9.

45. — [v. ns. 1, 4 e 37]. — A guerra europeia revelou, não a superioridade, mas a inferioridade moral das raças desse continente: AM.

46. — A tése da desigualdade das raças serviu apenas para excitar quanto egoismo, amô-proprio e paixão impulsiva se agitam ainda — com fórmulas polidas e por entre os artificios da cultura — nas sociedades disciplinadas, porém não realmente civilizadas, do velho mundo: AM. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 61 a 64; *Patria e Nação*, 57].

47. — A idéa de superioridade de raças está em contradição com a da unidade da nossa especie, que é a hipótese hoje vitoriosa entre os especialistas: AM.

CAPITULO XIV

EMIGRAÇÃO

1. — [v. n.º 22]. — A questão social pôde ser solvida pela colônização: VP, 55 a 57; PM, 206; PN, 118-119; ON, 179. [v. *Militarismo*, 18; *Imigração*, 7 e 8; *Nacionalidade brasileira*, 11; *Politica internacional brasileira*, 21; *Economia nacional*, 19; *Patria e Nação*, 52].

2. — Superioridade do colono de raça amarela: laborioso, sobrio e dócil: VP, 110-111.

3. — A' falta de direção da emigração asiatica se devem attribuir os conflitos entre os trabalhadores orientais e os de outras procedencias: VP, 111.

4. — Necessidade de crear um regime legal de emigração VP, 111; PM, 125; PN, 118.

5. — Nos Estados Unidos é irreconciliavel a antipatia do *yankee* para com os povos de outras raças. Isso não obstou, porém, a que os descen-

dentes de africanos continuem a prosperar, física e mentalmente: VP, 112; PM, 142; FV, 37.

6. — [v. ns. 17 e 23]. — Os colonizadores *civilizados* procederam, em toda a parte, á eliminação sumaria dos povos: PM, 76-77; FV, 38. [v. *Patria e Nação*, 52; *Economia Nacional*, 24 e 25; *Evolução historica e progresso nacional*, 18].

7. — Só nas colonias officiaes, onde os novos imigrantes são acolhidos e localizados com privilegios e atenções excepcionaes, e emquanto permanecem as condições que mantêm essa gente como um povo estranho ao meio social, é que vinga aparentemente a hipótese de trazerem as raças tidas por superiores elementos de regeneração étnica: PM, 159-160; PN, 62 a 64. [v. *Raças*, 26, 28 e 31].

8. — As gerações que sucedem aos colonos imigrados declinam sempre, desde que o impulso da ambição e as condições privilegiadas da colonização cessam de agir: PM, 160; ON, 179 a 180. [v. *Raças*, 26; *Imigração*, 20].

9. — Os povos primitivos, excitados pelo espirito de aventura e pela atração dos objétoes preciosos, abriram esses caminhos, que formaram a réde de comunicações e de intercambio da antiguidade: PM, 172; ON, 180.

10. — Dessas antigas marchas o que resta é a influencia sobre os costumes mais estaveis e

sobre as instituições tradicionais dos povos: PM, 172.

11. — Os paizes antigos foram povoados por bandos, mais ou menos solidarios, disciplinados sob um liame muito estreito ou sob dura autoridade politica. Para as ambições pessoais havia apenas mesquinhos pedaços da presa, furtados á vigilancia dos chefes de expedição, ou á da comunidade. O comercio era uma especie de pirataria: PM, 172-173.

12. — Com os descobrimentos, as novas regiões conheceram a fórma moderna de povoamento por occupação colonial, em camadas successivas, isoladas e sob outro movel: PM, 173, 198; ON, 56, 180.

13. — Durante o periodo de sujeição á metropole, as populações imigrantes traziam, com o laço politico da fidelidade á corôa, o sentimento de tradição patriótica. Não vinham, entretanto, impelidas pela perseguição de nações rivais: PM, 174; ON, 56.

14. — Aventureiros ousados, partiram atraídos pela sedução das riquezas, e fundavam nos paizes novos uma ordem material, feita de pequenas concessões de equilibrio e de conciliação de interesses. Os paizes de origem colonial têm, assim, por movel psiquico de formação a avidez sem freio dos aventureiros. Esse fáto, aliás,

marca um grau notavel no processo geral de emancipação individual: o da independencia das ambições: PM, 173 a 175; PN, 25-26, 98; ON, 56-57, 97. [v. *Questão social*, 38; *Patria e Nação*, 52; *Economia nacional*, 82 e 83; *Viação e Transportes*, 5 e 6].

15. — Em face desse impulso, as populações indigenas ou se resignam á inferioridade, ou, se possuem alguma instrução, acabam na revolta: PM, 174.

16. — A influencia moral dos missionarios religiosos não foi exercida em condições de produzir grandes frutos: PM, 174; FV, 43.

17. — [v. n.º 23]. — Os povos exploradores cream-se uma alma pratica, objetiva, realista; emigram os que mais facilmente esquecem os laços morais e afetivos, á medida que lhes aumenta o estimulo da audacia e da ambição. A Fenicia, modelo de paiz colonial do mundo antigo, produziu Cartago: PM, 174-175; ON, 57; FV, 44 a 45. [v. *Questão social*, 40, 41 e 52; *Imigração*, 16].

18. — Nos paizes mais adiantados o individuo estabeleceu na politica o regime da hierarquia, e, na economia, o regime da servidão, mais ou menos legal. Aristocracias que subiam e aristocracias que se aniquilavam, — eis o vai-e-vem das flutuações historicas: PM, 175. [v. *Patria e Nação*, 44; *Questão social*, 40 e 41; *Imigração*, 16].

19. — Hoje, com a liberdade de imprensa, com as grandes invenções industriais, com o desenvolvimento dos transportes, do crédito e do comércio, se creou, em todos os povos, uma situação nova, caracterizada por dois traços principais: a excitação das ambições pelo mesmo movel do enriquecimento, sobretudo nas classes superiores e nos paizes colocados em posição de supremacia, e o desenvolvimento paralelo, graças á força do capital, de uma classe, quasi inteiramente ociosa, de agiotas e intermediários de negocios: PM, 175; PN, 105-106; ON, 56 a 57, 191 a 192. [v. *Economia em geral*, 8, 10 e 16; *Questão social*, 41 e 42; *Imigração*, 16; *Evolução historica e progresso em geral*, 65].

20. — A densidade da população não foi em tempo algum, e não será nunca, só por si, um fator de civilização e de prosperidade: ON, 184, 193-194. [v. *Questão social*, 37; *Evolução historica e progresso em geral*, 65].

21. — O fator numerico da primitiva população e das imigrações sucessivas não é causa do desenvolvimento demografico. No processo da evolução das sociedades, o número de individuos está em função da vida e da energia nacional, e não a vitalidade nacional em função do número dos habitantes: ON, 184. [v. *Evolução historica e pro-*

gresso em geral, 63; *Imigração*, 5, 13 e 14; *Economia nacional*, 19].

22. — [v. n.º 1]. — A emigração não resolve o problema dos paizes de população densa, porque a facilidade de vida, resultante da diminuição da concorrência, estimula de novo a natalidade: ON, 195. [v. *Imigração*, 7].

23. — [v. ns. 6 e 17]. — A colonização moderna, a pretexto de civilizar, encobre a mesma alma cúpida, indiferente e fria do descobridor e do explorador antigos. Não matam, porque os povos que vêm civilizar lhes abrem os braços; mas eliminam-nos em poucas dezenas de anos: FV, 45. [v. *Politica internacional brasileira*, 17; *Economia em geral*, 11 e 21].

CAPITULO XV

RELIGIÃO

1. — [v. n.º 17]. — É comum invocar-se a aceitação da mesma fé como prova de unidade moral; mas essa unidade não obsta á animadversão entre individuos do mesmo credo, mas de nacionalidades diferentes, — fato este que se verifica em todas as guerras: VP, 88-89; PN, 26.

2. — O valor moral da fé consiste na força de animo que inspira aos devotos; mas não é lícito esquecer que a fé está sujeita, como um dos moveis da ação, a todos os percalços do egoismo, assim nas relações entre individuos, como nas relações entre os povos: VP, 117; PM, 26, 41, 66 e 108; CB.

3. — [v. ns. 24 e 27]. — Tendencias imperialistas do catolicismo, mercê da ação politica da Igreja: PM, 41; PN, 2 [v. *Imperialismo*, 10 e 13].

4. — Entre os aztecas os sacrificios religiosos em que os homens eram as vitimas, não tinham fundamento na fé; eram um simples rito — comemoração talvez de uma lembrança tradicional da raça: PM, 84. [v. *Guerra*, 56].

5. — Os incas faziam a guerra com o fim de proselitismo religioso: PM, 84.

6. — A antropofagia é de origem religiosa: PM, 86.

7. — As guerras santas concorreram para crear a noção de que a guerra é uma necessidade natural: PM, 87. [v. *Politica Mundial*, 153].

8. — O ideal religioso é aceito por muita gente apenas em virtude do habito: PM, 91. [v. *Politica Mundial*, 105].

9. — Os ritos pre-historicos davam á abertura das hostilidades, após á declaração de guerra, um carácter liturgico de sacramento. Talvez porque a guerra lhes parecesse impura, e houvesse, por consequinte, necessidade de uma série de purificações. PM, 116-117.

10. — Do *totem*, na religião dos povos primitivos: PM, 148; ON, 66.

11. — Nos tempos antigos, a religião abraçava, como a filosofia abraça hoje, todas as concepções intellectuais do homem: PM, 148, 153-154.

[v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 51; *Direito*, 11; *Patria e Nação*, 19].

12. — Um dos efeitos mais notáveis das religiões primitivas sobre os destinos do homem foi a escravização dos seus juízos á lei do passado: PM, 154; ON, 72 a 73. [v. *Evolução histórica e progresso em geral*, 31 e 32].

13. — O homem primitivo foi levado á idéa do sobrenatural pelo terror do desconhecido e pelo assombro do imprevisto: PM, 154, 156; PN, 18 a 19; ON, 72, 75, 99. [v. *Moral*, 25].

14. — As religiões primitivas colocavam o homem contra o Deus e contra os homens dos outros paizes vizinhos: PM, 157; ON, 76. [v. *Patria e Nação*, 19 e 21].

15. — As religiões são fatores politicos apagados, mas suscetiveis de reviver. Sendo o mais absorvente de todos os moveis da conciencia moral, elas se desenvolvem com energia e tendem a formar um tecido cerrado de solidariedades: PM, 160; ON, 85. [v. *Politica e Governo*, 40; *Politica Mundial*, 58 a 61 e 156; *Questão social*, 24].

16. — A análise do valor pratico do sentimento religioso prova que, enquanto no curso ordinario da vida social tal sentimento exerce grande influencia, ha uma forte contradicção entre essa influencia e a situação dos crentes, nas ocorrencias

mais graves da vida das sociedades: PM, 161; ON, 85-96.

17. — [v. n.º 1]. — De fáto, impotentes para realizar praticamente as promessas da sua moral e da sua filosofia, as religiões, dizendo-se embora universais, manifestam a extrema debilidade de sua força na hostilidade dos individuos da mesma fé, mas pertencentes a nacionalidades diversas: PM, 161; ON, 86. [v. *Moral*, 4; *Evolução historica e progresso em geral*, 78; *Questão social*, 23; *Política Mundial*, 153].

18. — Católicos se batem contra católicos, protestantes contra protestantes, provando, assim, que a simples fraternidade entre fieis do mesmo credo, cousa mais fácil do que a fraternidade em geral, não resiste, na prática, a moveis de natureza material: PM, 161; ON, 86.

19. — No seio de um mesmo povo, em caso de guerra civil, católicos e protestantes se dividem entre os partidos combatentes, e matam-se, de ordinario, sem nenhuma atenção á fé: PM, 161; ON, 86. [v. *Questão social*, 23; *Moral*, 4; *Evolução historica e progresso em geral*, 78].

20. — [v. n.º 46]. — A religião não é, pois, na prática, nem um laço de fraternidade entre os homens, nem uma fronteira entre nações e grupos sociais. Se não liga universalmente os seus fieis,

tambem não os separa, dentro de cada paiz, dos adéptos de outros crédos: PM, 161; ON, 86.

21. — Entre os individuos, a religião não póde formar mais do que um simples laço espiritual. A indiferença á fé, nos campos de batalha e nas lutas politicas internas, está, portanto, na logica da sua natureza, salvo a confissão, que daí resulta, de serem incapazes de realizar o ideal da fraternidade: PM, 161; ON, 86.

22. — Congregando as consciencias em torno dos seus principios, as religiões podem exercer sobre as sociedades salutar ação coesiva, desde que se dediquem a dirigir os seus crentes na applicação desses principios á vida social, sem fazer deles lábaros sectarios. Toda a dificuldade do problema da influencia religiosa está aí: PM, 161-162; ON, 86-87; CB.

23. — Descendo da alta região das consciencias para a esfera da vida pratica, o sentimento religioso perde a serenidade e a tolerancia, virtudes capitais da disciplina das consciencias. E' essa a grande causa do enfraquecimento do laço religioso: PM, 162; ON, 61 e 87.

24. — [v. n.º 31]. — Não podendo manter a celeste beatitude que inspirou os mártires e os apóstolos, a religião se degradou em seita. A obra de proselitismo, contentando-se com um minimo de fé e de consciencia moral em cada individuo,

forceja por dilatar-se no sentido do numero dos crentes; ao objetivo de fortalecer a cultura espiritual succede o de aumentar a população dos fieis; e o culto se torna, desde logo, o alvo principal, senão unico, das Igrejas, em prejuizo da fé, da moral e da filosofia: PM, 162; ON, 87. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 78].

25. — Todas as religiões podem ser tidas por boas, emquanto se limitem a ser puramente religiões: PM, 162; ON, 87; CS.

26. — O perigo para os interesses praticos da sociedade não está nas lutas espirituais das religiões, mas justamente no deslocamento delas para fóra desse terreno. Nas disputas religiosas, como nas lutas entre nações, ou entre partidos, se verifica sempre a mesma molestia das coletividades: a impetuosidade passional das grandes massas: PM, 162-163; ON, 87-88; CS.

27. — [v. ns. 3, 24 e 31]. — Além disso, os fieis constituem uma associação, de sorte que a sua conduta depende de uma direção unica, movida por um pensamento predeterminado. Com o apostolo S. Pedro, o catolicismo foi uma sociedade de misticos e de mártires; com Gregorio VII assumiu a feição de uma sociedade politica e diplomatica militante: PM, 163; ON, 88.

28. — Não existe, em paiz algum, religião nacional, como não existe nação religiosa, ou anti-

religiosa. Idéa abstráta da sociedade politica, a nação póde coexistir com todas as tendencias religiosas, ou não ter nenhuma, desenvolvendo-se sob a inspiração dos principios politicos, sociais e economicos, que regulam a conduta da sociedade temporal. Os homens associam-se para diferentes fins e não é possivel imaginar conflitos entre os pensamentos que conduzem os homens para essas varias associações: PM, 163-164; ON, 88-89; FV, 27. [v. *Organização constitucional*, 131].

29. — A sociedade politica, — nação, — e, conseguintemente, a patria contemporanea, é composta de individuos de religiões diferentes: PM, 164; ON, 89. [v. *Nacionalidade brasileira*, 3; *Patria e Nação*, 31 e 41].

30. — De Javeh nasceram dois deuses, — o Deus de Israel e o Deus dos cristãos: PN, 1.

31. — [v. ns. 3 e 27]. — O Deus dos cristãos tornou-se o Deus do âmôr no coração dos seus apóstolos, e o Deus do Imperio Espiritual, no cerebro dos seus politicos: PN, 1-2. [v. *Imperialismo*, 10 e 13].

32. — Na imaginação primitiva, Deus não interessava ao homem; eram, no mundo fisico, umas tantas cousas, e, no mundo moral, os seus semelhantes, que o interessavam: PN, 2, 18-19. [v. *Politica e Governo*, 49 a 51; *Evolução historica e progresso em geral*, 50 a 52].

33. — As religiões, agindo independentemente do mecanismo nacional, e promovendo, sem a ação geral paralela das forças nacionais, os ideais que as animam, sob a direção de uma autoridade mundial, e com a sua poderosa disciplina, contribuem para desagregar as nacionalidades: PN, 26; ON, 12, 89; AZ. [v. *Nacionalidade brasileira*, 22].

34. — A liga fundamental do cristianismo está no consorcio do misticismo oriental com a filosofia grega: ON, XVIII.

35. — A adoração contêmpativa das forças, das paisagens e dos fenômenos do mundo fisico, predominante nos credos orientais, é uma especie de *naturalismo* religioso: ON, 69-70.

36. — É manifesto o esfôrço de certo pensamento religioso que, a titulo de regeneração moral do homem, pretende destruir o espirito de investigação científica e a liberdade de exame filosofico, que vinham recebendo, a começar do século passado, uma organização sistematica de trabalho: AS.

37. — Da mesma maneira que a fé cada vez mais se objetiva no amôr, cada vez mais a divindade se corporifica no ideal: ON, 74, 76; BN.

38. — Para a reação contra a ciencia, o admirante Mahan criou, nos Estados-Unidos, o nome de *energia cristã*, apoiando-se em assertos que ne-

gam toda a verdade historica e invertem toda a realidade social contemporanea: AS.

39. — Só a obsessão religiosa subscreverá o argumento de que á ausencia de fé nos homens cultos se deve a anarquia dos espiritos e a desmoralização dos costumes: AS.

40. — A Egreja Católica é, hoje, no mundo, a potencia mais forte: AZ.

41. — As verdades da fé são, de sua natureza, indiferentes para o homem. Nós não podemos alcançar Deus, nem para o adorar, nem para o servir. O culto e o serviço do homem não seriam só fracionarios para o amôr, para o espirito e para a vontade de Deus: seriam nulos: BI. [v. *Critica do Conhecimento*, 196 a 199].

42. — A sugestão sacerdotal fez do caminho da vida essa interminavel galeria de labirinto, entre a vida e a morte, á espera da liberaçãõ, numa unidade sem principio: BN. [v. *Imperialismo*, 13].

43. — Mas essa unidade é apenas um fóco de hipnotização para os espiritos: BN.

44. — O *positivismo* não está valendo hoje senão para o serviço que presta á politica do imperialismo clerical, para cuja ação a base de autoridade espiritual, que fez o fundo do sistema de Augusto Comte, é o melhor caminho por onde se

póde conduzir o mundo á restauração da autoridade espiritual dogmatica: BU. [v. *Questão social*, 24; *Politica Mundial*, 156; *Politica e Governo*, 40; *Moral*, 25].

45. — Por toda uma metade da Historia, a divindade foi a espiritualização da carne; a outra metade não tratou senão de suprimir a carne, para dar imagem ao espirito: CA. [v. *Critica do Conhecimento*, 189 e 196].

46. — [v. n.º 20]. — A religião une e ainda não se viu essa união praticamente realizada. Por que? Porque Deus é o nome fixo de uma idéa cambiante: CA. [v. *Critica do Conhecimento*, 223 e 224].

47. — Despojados do seu imperio sobre a filosofia e sobre a ciência, as religiões consolidaram o seu imperio sobre o sólo da moral, explorando, pela sugestão, os nossos impulsos emotivos e as nossas ilusões intellectuais: CB. [v. *Moral*, 25].

48. — Redundaria em grave erro, perturbador das soluções aos problemas da realidade humana, que estão reclamando os cuidados dos homens de governo, o querer-se instaurar, nesta época, uma politica religiosa, de qualquer natureza que seja: CS.

49. — O sentimento religioso nasceu da pergunta que o homem primitivo fez a si mesmo, acerca do seu proprio destino, e a que lhe respondia, na sua imaginação, o socorro de Javeh: PN, 19. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 50 a 52].

CAPITULO XVI

IMPERIALISMO

1. — [v. n.º 9]. — O imperialismo tem duas expressões teoricas: a do militarismo classico e a do seleccionismo literal: PM, 128. [v. *Guerra*, 21, 22 e 51; *Militarismo*, 23].

2. — Contra o imperialismo fundado na idéa de grandes imperios: PM, 131 a 133.

3. — Contra o imperialismo fundado na necessidade de civilizar: PM, 133-134, 143 a 146; PN, 58. [v. *Guerra*, 21, 29 e 68; *Politica Mundial*, 23, 35, 42 a 45].

4. — Contra o imperialismo fundado no argumento da superioridade de raça: PM, 134 a 143; PN, 58 a 60; FV, 15 a 17. [v. *Guerra*, 25 a 27 e 52; *Raças*, 20, 25 e 36].

5. — A hegemonia continental é uma forma ostensiva de imperialismo: PM, 201. [v. *Politica*

internacional brasileira, 7; *Politica Mundial*, 144 169 e 170].

6. — Exame do imperialismo fundado na expansão economica: PM, 204; PN, 114, 121; AP; AZ; BK. [v. *Guerra*, 73 e 74; *Economia em geral*, 43].

7. — Os Estados- Unidos, assumindo iniciativas a favor da paz, crearam um imperialismo novo: — o imperialismo moral das idéas. Seguir não é subordinação; é continuar, perante os novos problemas humanos, a logica da nossa politica; é collocarmo-nos, perante os outros governos, como amigos, para facilitarmos a solução das suas proprias dificuldades: PM, 208. [v. *Politica internacional brasileira*, 7; *Politica Mundial*, 140, 169 e 170].

8. — A Inglaterra deve á sua condição insular as conquistas da sua expansão maritima; Portugal, depois de realizados os descobrimentos, teve que sofrer a luta continental no seu pequeno territorio, sendo, assim, forçado a ceder terreno, até á sua subordinação politica á poderosa aliada do norte: PN, 29-30; BF.

9. — [v. n.º 1]. — O imperialismo tambem oferece duas expressões praticas: o imperialismo financeiro e o imperialismo militar: PN, 114; FV, 37; AL.

10. — A religião e o militarismo têm sido, em toda a evolução da especie, as duas fontes do espirito imperialista: FV, 16, 37, 43; AL; AS; CB. [v. *Politica e Governo*, 60; *Religião*, 27 e 31].

11. — O imperialismo está em luta e ha de ser vencido pelos dois mais poderosos instrumentos de compressão da nossa época: o canhão e o jornal: AV.

12. — O imperialismo está concentrado em poder dos anglo-saxões; estará, amanhã, com os germanicos; e, por fim, com os russos: AV.

13. — O militarismo é o instrumento do *imperio temporal*, como a sugestão é o instrumento do *imperio espiritual*: CB. [v. *Religião*, 3, 27, 31 e 47].

CAPITULO XVII

ORIGENS DA NAÇÃO BRASILEIRA

1. — Contra a noção de que os nossos primitivos colonizadores eram uma cáfila de delinquentes, poida de musculos na rotina e enxovalhada na libertinagem: PN, 15; ON, 57, 62 e 151.

2. — Entre os fatores que caraterizaram a formação historica da nação norte-americana, e que a tornaram diferente da nossa, cumpre avultar: a natureza do clima, identico ao das metropoles dos colonizadores; a expansão gradual da sua gente, acompanhando o desenvolvimento das vias ferreas; a regularidade das estações, com a sua habitual influencia sobre a restauração periodica da terra aravel; a abundancia de carvão e ferro; a produção de generos alimenticios proprios para europeus; e o conhecimento pratico das culturas, a que os imigrantes deviam aplicar-se, gerando a estabilidade das populações nas zonas primi-

tivamente exploradas: PN, 28 a 30, 102 a 106; ON, 3 a 5, 142; AA; AP; AQ. [v. *Organização constitucional*, 25].

3. — No que concerne ao elemento portuguez da nossa formação, cumpre refletir que nenhuma raça deu jamais melhores provas de energia, de intelligencia e de coragem nos mais arrojados empreendimentos, e o só fáto de os seus colonos se transformarem aqui, sob o estímulo da ambição e graças aos mais largos horizontes da nova sociedade, de humildes e avaros camponios, em chefes de grandes casas de commercio, de bancos e de fábricas, mostra que a ascendencia portugueza é uma honra para a nossa pátria: PN, 29-30, 54, 64-65, 109; ON, 196; BF; BO.

4. — Contra o caráter dinastico do nosso primeiro governo: PN, 31.

5. — Das fraquezas inherentes ás nossas origens historicas: PN, 30, 54, 109; ON, 57 a 58; AI; BM; CD.

6. — O Brasil não tem historia; e essa historia só principiará a formar-se quando mais estreita solidariedade entre os habitantes lhes dér a consciencia de uma unidade moral, que a unidade politica está longe de produzir: ON, 7. [v. *Nacionalidade brasileira*, 23 e 24, 26 e 27; *Politica Nacional*, 98 e 101; *Critica do Conhecimento*, 207 e 208].

CAPITULO XVIII

POLITICA NACIONAL

1. — Os interesses organicos da nossa sociedade estão, não somente ameaçados, mas atacados pela nossa anarquia social e politica: PN, XI; AB.

2. — A nossa historia é feita de sucessivas peregrinações em prol de idéas arbitrariamente concebidas. E nem sempre se acham em jogo aspirações idealistas. São, muitas vezes, *utopias retrogradadas*, invocadas, em todos os tempos, pelo espirito reacionario: PN, XIV. [v. *Politica e Governo*, 40; *Politica Mundial*, 59; *Questão social*, 24; *Religião*, 44; *Critica do Conhecimento*, 95 e 96].

3. — Vivemos descuidosamente, no meio de uma civilização de emprestimo, sem economia, sem opinião, sem consciencia dos nossos interesses pra-

ticos, sem juízo proprio sobre as cousas mais simples da vida social: PN, XIV-XV.

4. — [v. n.º 29]. — A afirmação dessa verdade é recebida entre nós como sinal de pessimismo, e até, por vezes, de despeito: PN, XV.

5. — [v. n.º 29]. — Por otimismo se entende a attitude de extase diante das nossas apregoadas maravilhas, com que estamos anquilosando o criterio e cultivando a simpleza, á medida que nos desforramos do dever de pensar e de agir: PN, XV. [v. *Economia Nacional*, 2; *Agricultura e Pecuaria*, 37].

6. — [v. n.º 168]. — A simples observação da decadencia a que descemos, nos costumes eleitorais, bastaria para provar que não vem de azedo pessimismo a critica feita á situação politica do paiz: PN, XV. [v. *Organização constitucional*, 164].

7. — Sínteses do estudo sincero das nossas cousas, as verdades sustentada pelo autor devem servir de base a toda ação patriótica que se inspire na unica fórmula legitima do otimismo: o que começa por apurar a verdade, para cumprir o dever de agir: PN, XVIII.

8. — [v. n.º 132]. — O nosso paiz, de uma vez por todas, precisa formar um espirito e uma diretriz pratica, que o conduzam a organizar e pôr

em movimento as suas próprias forças: PN, XXI, 112-113, 126 a 128, 131-134; ON, XLI, 7, 106, 140, 148; AD; BB; BD; CI; CL; CN. [v. *Politica e Governo*, 38 e 39].

9. — [v. ns. 24 e 53]. — As idéas, em que se basearam os estudos até hoje feitos sobre a nossa vida, partem de postulados inferidos da vida e da evolução de povos de existencia multiseccular. Tais idéas não têm, entretanto, applicação á interpretação de fenómenos dos paizes como o nosso, creados por descobrimento, com sociedades formadas por colonização, nem podem indicar soluções aos seus problemas: PN, XXI-XXII, 77-78, 111-112; ON, 172; AA; CC. [v. *Patria e Nação*, 48 a 52; *Politica e Governo*, 80 e 89; *Economia nacional*, 25; *Questão social*, 41 e 44; *Educação e Ensino*, 38; *Critica do Conhecimento*, 91].

10. — [v. n.º 148]. — Tres causas explicam de sobra a nossa desorganização: 1.ª) — o descobrimento e povoamento por uma nacionalidade, forte na sua natureza, mas fraquissima pela sua situação; 2.ª) — a disparidade da terra colonizada com a terra dos colonizadores, apresentando problemas de adaptação e de cultura, até agora não solvidos; 3.ª) — a sincope da evolução politica, com a vinda da casa de Bragança: PN, XXII, 15, 30 a 31, 76, 147; ON, 148; FV, 10 e 13; AE; AG; AJ; BB.

11. — [v. n.º 32]. — Exagerando incidentes e aspectos superficiais da vida publica, os factos passam pelos nossos espiritos numa série de experiencias que não deixam a menor impressão educativa: PN, XXV, 84.

12. — Da incapacidade para observar e adquirir a experiencia dos factos damos prova na simplicidade com que insistimos na politica de colonização: PN, XXV; FV, 7, 28 a 29; AM; BM; BR; CD. [v. *Educação e Ensino*, 10].

13. — [v. ns. 84, 116 e 122]. — Precisamos encarar, com retidão e animo sereno, a feição dos nossos problemas, sobretudo neste momento em que toda a sociedade humana parece estar sendo submetida ás mais severas provas de capacidade e de energia organizadora: PN, XXV-XXVI; ON, 154-155; AB; AP; BD.

14. — [v. ns. 137 e 144]. — Se a patria é, antes de tudo, a nação, isto é, a gente, o momento proprio para defendê-la não é o em que o inimigo declara a guerra, mas aquele em que o espectáculo da nossa derrota, nos processos de seleção social e economica, se nos apresenta com as formas flagrantes de uma positiva subordinação: PN, XXVI, 56, 130, 149-150. [v. *Politica internacional brasileira*, 17; *Defesa militar*, 33].

15. — [v. ns. 86 e 160]. — Em face desta realidade os trabalhos de organização e defesa mi-

litar constituem verdadeiros passatempos de crianças barbadas: PN, XXVI, 122, 130, 136, 139, a 141; ON, 146 a 147. [v. *Defesa militar*, 1, 29 e 35].

16. — [v. ns. 25, 36, 86, 91 e 160]. — O nosso problema vital é o problema da nossa organização; e a primeira coragem de que nos cumpre dar provas é a da longa, máscula e paciente tenacidade necessária para empreender e sustentar o esforço que essa obra exige: PN, XXVI, 57; ON, XXII-XXVII, 106, 141; AF. [v. *Moral*, 21].

17. — [v. ns. 98 e 115]. — E' uma obra de arquitetura politica, mas de uma arquitetura destinada a edificar um colossal e singular edificio, — a que incumbe á nossa geração: PN, XXVI-XXVII, 36, 57 e 148; ON, XXX; FV, 48. [v. *Nacionalidade brasileira*, 27; *Organização constitucional*, 1; *Patria e Nação*, 53].

18. — Onde se nos mostram as causas especificas de dissolução e nos contátos da vida urbana com a do campo. As praias, os portos, as cidades cosmopolitas são, em toda a parte, zonas mixtas de desagregação social, áreas de invasão de costumes faceis e de perversão dos caractéres: PN, 12, 106. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 19].

19. — Vem daí a transformação para peor dos nossos antigos costumes: PN, 12-13.

20. — Procurando imitar a Côrte, onde os espiritos não recebiam senão o preparo para copiar cousas, homens, idéas e costumes estrangeiros, fizemos a filosofia e a orientação politica que dispuzeram, durante quasi todo o século XIX, da sorte deste paiz: PN, 13; ON, XXXVII-XXXVIII, 5-6; 58; FV, 33 a 34. [v. *Educação e Ensino*, 8].

21. — Influencia do liberalismo politico sobre a formação da nossa mentalidade: PN, 14. [v. *Educação e Ensino*, 8].

22. — Os erros da nossa formação mental não passam de literatura; os espiritos juvenis fazem da propria vida literatura em ação: PN, 17; AD.

23. — Se essa literatura não se instalasse como palavra official do nosso pensamento, nada haveria que temer: PN, 17.

24. — [v. ns. 63 e 100]. — Cumpre, todavia, arrancar essa vegetação maligna do cerebro deste povo, já bastante aturdido pelos problemas e dúvidas de uma existencia arrastada entre os segredos de uma natureza estranha e a ignorancia da gente que pretende ensinar a vida sobre esta terra que ninguem estudou: PN, 17, 41, 76; ON, XXIII-XXIV; FV, 10; AB; AF; AL; CD. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 4].

25. — [v. ns. 16, 91, 141 e 148]. — Destruídos os rudimentos de organização, que já tivemos, lançados, sem duvida, em máu terreno, nada ficou de definitivo, e a fachada da nossa civilização oculta a realidade de uma completa desordem. Não ha uma só instituição, assente sobre bases proprias, para um crescimento evolutivo regular: PN, 28; ON, 141, 163, 198. [v. *Economia nacional*, 97].

26. — [v. ns. 70, 77, 80 e 105]. — Para fundarmos a nossa *economia*, revelando o *espírito das nossas raças* sobre a nossa natureza tropical, sem o que não seremos uma *nacionalidade*, cumpre-nos traçar a *nossa politica*: PN, 32, 133-134, 147-148; ON, 7. [v. *Politica e Governo*, 89; *Economia em geral*, 19; *Patria e Nação*, 62; *Economia nacional*, 4].

27. — [v. n.º 102]. — Para traçarmos, porém, a *nossa politica*, é mistér que o paiz forme a sua *conciencia nacional*: PN, 32, 76, 148; ON, 90-91; FV, 30. [v. *Politica e Governo*, 79; *Patria e Nação*, 60].

28. — [v. n.º 70]. — *Formar consciencia* significa possuir, com os poderes de sensação e percepção, o de *formar juizos*; juizos concretos sobre as cousas; juizos abstrátos sobre as idéas; juizos morais sobre os sentimentos: PN, 32 a 33; ON, XXXI-XXXII; AE. [v. *Educação e Ensino*, 10 e 49].

29. — [v. ns. 3 a 5]. — Como não póde produzir individuos úteis uma sociedade que ainda se não acamou em seu leito natural, nem coordenou a sua direção, nós nos dividimos em duas filosofias, ambas estereis: um *otimismo* extasiado com as apparencia da nossa civilização, e um ceticismo destruidor, terrivel de contagio e feroz de intolerancia contra todo esforço de reação: PN, 39. [v. *Educação e Ensino*, 8; *Nacionalidade brasileira*, 30].

30. — Para estes, o mal está na raça e nos individuos, e isto porque, logo adiante dos fátos, o que se lhes apresenta aos olhos são as imagens das pessoas: PN, 39, 75-76; ON, XL, 50; FV, 7 a 8. [v. *População Nacional*, 11, 27 e 28; *Moral*, 21].

31. — Ora, entre a vida que o individuo vai fazendo, e as suas qualidades, ha um mundo de causas de variação, que se estendem do mais remoto passado até ao momento actual, e sobre o qual se esbatem reflexos e refrações de todas as vidas e de todos os fátos que nos cercam. Os instrumentos e as possibilidades sociais dispõem do futuro: PN, 39. [v. *Raça*, 41; *Sociedade e individuo*, 36; *Critica do Conhecimento*, 50 e 203].

32. — [v. n.º 11]. — O habito de trazer tudo *à barra do julgamento* leva-nos a não vêr os assuntos publicos senão pelo dilema do bem e do mal,

do honesto e do deshonesto; a avaliação do que é social apagou-se tanto no nosso critério, que os pormenores pessoais e acidentes sobrelevam a programas e idéas: PN, 39-40, 77, 78; ON, XX, 50 a 54; BM. [v. *Moral*, 21].

33. — [v. n.º 103]. — De programas não se cogita senão para efeitos eleitorais; e de problemas e soluções não se chegou ainda a cogitar: PN, 40; ON, XLI.

34. — [v. ns. 47 e 103]. — Não ha, todavia, quem se não emocione com a noticia da ultima desordem, numa provincia qualquer, onde um grupo de *facinoras*, que está no poder, enfrenta um grupo de *salvadores*, em opposição, embora ambas as atitudes se equivalham, exprimindo ambas o mesmo critério: o da luta pelas posições: PN, 40, 85. [v. *Moral*, 17; *Politica e Governo*, 72].

35. — [v. ns. 16, 91 e 152]. — As lacunas e os erros da nossa vida pública, são apenas sintomas do mal profundo da nossa desorganização; mas o fáto de as ter em foco, como problema governamental, mostra o estado rudimentar do nosso critério politico e da nossa capacidade reorganizadora: PN, 40; ON, XXII a XXIV, XXX, XXXVI-XXXVII, 264 a 265; AI. [v. *Moral*. 18 e 21].

36. — [v. ns. 43, 57 e 71]. — O nosso problema não é um problema de moralidade pessoal;

é um problema de *caráter nacional*: PN, 40 a 42; ON, XXII a XXIV, 177; AZ; BE; BM; CQ. [v. *Política e Governo*, 83; *Moral*, 19].

37. — [v. n.º 16]. — Essa politica de reparação só nos parece impossível, porque em regra, não concebemos reformas politicas senão como mutações instantaneas e integrais, do cenario social: PN, 41; ON, XXIX-XXX.

38. — As reformas não se realizam como edificações materiais; iniciam-se como uma *mudança de attitude*, em face dos problemas, e proseguem, com um programa politico firme, dentro de uma forma constitucional flexivel: PN, 41-42; ON, 224. [v. *Organização constitucional*, 1, 2 e 60].

39. — [v. n.º 126]. — Não basta encarar dois, vinte ou cincoenta aspéctos da nossa vida; é mistér abranger todas as suas faces, dependentes de fatores que se alternam ou sucedem ou interrompem, sem que ninguém possa predeterminar, com exatidão, os átos certos e as medidas proprias para cada momento e para cada logar, senão com firme consciencia do fim a obter, inteira mestria dos processos e posse completa dos meios: PN, 42; ON, XXX. [v. *Política e Governo*, 76 e 121; *Organização constitucional*, 157].

40. — Importa não destruir, *no que tiver raízes sociais*, reconstruindo ao lado e para deante: PN, 42. [v. *Organização constitucional*, 61].

41. — Este progresso demanda apenas dois esforços: a repulsa definitiva dessa confiança no amanhã e a troca do nosso humor objetante por uma sincera disposição de fazer, ou de deixar de fazer: PN, 42, 61; ON, XXXI-XXXII. [v. *Crítica do Conhecimento*, 87].

42. — [v. n.º 141]. — A' nossa geração cumpre defender, preservar e melhorar um trecho de Terra e uma Sociedade, que representam o tipo mais aproximado da sociedade ideal do futuro: PN, 61; ON, XXIV, 101, 108, 193, 197 a 198; FV, 26 a 27, 38 a 39; AF. [v. *Nacionalidade brasileira*, 11 e 12; *Política mundial*, 119; *Questão social*, 59].

43. — [v. n.º 36]. — Ao fator moral da confiança na capacidade das nossas raças, cumpre juntar: a consolidação do caráter do povo, pela educação; a defesa da sua economia física, pela alimentação e pela higiene; e a defesa da sua economia, pela política econômica: PN, 65, 84; FV, 35. [v. *Nacionalidade brasileira*, 10, 32 e 33; *Higiene*, 6 a 9; *Economia nacional*, 31 e 32; *População nacional*, 13].

44. — [v. n.º 79]. — Atravessamos, neste momento, a crise mais séria da nossa História. Po-

liticamente livres, com todos os atributos formais da soberania interna e da independencia externa, encontramos-nos em situação melindrosa, perante fatos da nossa economia e da vida mundial, que põem em equação o problema do nosso futuro: PN, 83, 114; ON, XXXIX.

45. — [v. n.º 153]. — Toda a gente, entre nós, passa a existencia sob o influxo de duas correntes de estímulos: a dos conceitos e ideais teóricos e a dos fatos da época, — trabalho desorientado e sem objetivo, que domina, entretanto, as atenções, como se fôsse a expressão real da nossa vida: PN, 85, 111.

46. — [v. n.º 67]. — A nossa vida publica apresenta-se, em razão disso, confundindo duas correntes artificiais, ambas estranhas á vida positiva da sociedade: de um lado, *a ideação literaria*, ou, pelo menos, teorica, dos intellectuais, e *a juridica*, ou formalistica, dos politicos; do outro, a força dos interesses, movendo as pessoas, distribuindo-as, separando-as, ou reunindo-as, na mais desconcertante balburdia: PN, 85, 98, 110-111; FV, 10-11, 25 a 26. [v. *Educação e Ensino*, 12].

47. — [v. ns. 34 e 103]. — A separação entre a politica e a vida social atingiu, na nossa patria, o maximo da distancia. A' força de alheação da realidade, chegou a politica ao cumulo do absurdo, constituindo uma classe artificial, onde o

brilho das fórmulas e o calor das imagens não passam de pretextos para as lutas em torno das posições: PN, 88; ON, XL-XLI, 116 a 118, 158 a 159; AA; AD. [v. *Política e Governo*, 86].

48. — [v. n.º 94]. — A politica é, entre nós, de alto a baixo, um mecanismo alheio á sociedade, perturbador da sua ordem, contrario ao seu progresso. Governos, partidos e politicos sucedem-se e alternam-se, levantando e combatendo desordens, criando e destruindo cousas inúteis: PN, 88; ON, 158-159, 221; AA; AC.

49. — E é este estado de cousas que todos têm por manifestação normal da nossa vitalidade, quando, ao revéz, não representa senão a estagnação de um povo descuidado de si mesmo: PN, 88-89; FV, 25-26. [v. *Política e Governo*, 55].

50. — Como tal espetáculo se verifica em todos os paizes civilizados, não é caso para que nos vexemos dos nossos erros: PN, 89; ON, 116-117, 223. [v. *Política e Governo*, 99; *Organização constitucional*, 39 a 41].

51. — Mas se o mal não é somente nosso, o perigo desse estado de cousas não é o mesmo para todos; e, pois que, na liquidação das lutas politicas, a força impõe a sua lógica, através dos erros dos que governam, ha povos mais expostos do que outros aos riscos do crime comum: PN, 89-90, 130; CI.

52. — Nós estamos, por varios motivos, comprehendidos neste número: PN, 90; ON, 192. [v. *Politica internacional brasileira*, 19].

53. — [v. ns. 9 e 24]. — Manifestos, mensagens, programas, discursos e átos dos nossos estadistas, como do nossos governos, são apenas documentos dessa estranha falta de adaptação do saber e do patriotismo ás peculiaridades da terra e do povo brasileiro: PN, 90; ON, XXXVII, XL-XLI, 273 a 275; FV, 19 a 20.

54. — [v. n.º 9]. — Os problemas que se agitam são problemas de completa e neutra generalidade, traduzindo, quasi sempre, a influencia das ultimas idéas em voga num paiz europeu, e criando aparelhos e processos de governo que se encontram por toda a parte; PN, 90 a 91, 110 a 111; ON, XXXVII, 153, 274-275; AF.

55. — [v. n.º 25]. — Mas por entre esta organização complicada, e, não raro, carissima, a vida dos homens, a sua alimentação, os interesses da economia social, debatem-se de encontro aos mesmos obstáculos das mais atrasadas sociedades e vão encontrando maiores tropeços nas proprias construções desta aparente civilização: PN, 91; ON, 63; AA; CJ.

56. — [v. n.º 104]. — Ao lado de um certo, embora desorientado, empenho por melhoramentos materiais, não aprendemos a arte, primordial e

muito mais difficil, de civilizar e cultivar o homem: PN, 91; ON, 167; FV, 29. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 65; *Questão social*, 42; *Economia nacional*, 7; *Evolução historica e progresso nacional*, 18; *População nacional*, 28 e 39].

57. — [v. ns. 36, 43 e 71]. — Não é nas escolas e nas academias que se cria o povo: é na educação pelos costumes, pela politica, pela circulação de idéas praticas, pela legislação economica e fiscal, pelo estímulo ao trabalho, pela segurança da remuneração, pela supressão dos incentivos á ociosidade e ao ganho fácil e ilegitimo de empregos e de fortunas: PN, 91; ON, 53; FV, 29 a 32; AB. [v. *Educação e Ensino*, 15; *Economia nacional*, 5].

58. — [v. n.º 76]. — Se na arte de obter, conservar e aumentar riquezas consiste a politica ofensiva de outros povos, tal precisa ser a nossa politica defensiva, pois a riqueza é o arbitro dos destinos, neste momento historico: PN, 92; ON, 208; AF; AP; CI. [v. *Economia nacional*, 59 e 79; *Guerra*, 77; *Politica internacional brasileira*, 17; *Defesa militar*, 35].

59. — Obter, conservar e aumentar riquezas e, contudo, um vago objetivo, que cumpre submeter a exame, quando se trata da riqueza de uma nacionalidade: PN, 92 a 95. [v. *Questão social*, 37; *Agricultura e pecuaria*, 21; *Evolução historica e progresso em geral*, 57 e 76].

60. — Enquanto os nossos homens de saber e os nossos governos discutiam téses teóricas de importação, os espiritos práticos fundavam a vida factícia que levamos, onde forças mínimas de escasso capital instalaram um verdadeiro feudalismo argentario, com as mais imprevisas formas de especulação: PN, 98-99, 111; ON, 7, 62, 96 a 98; AK; CD. [v. *Critica do Conhecimento*, 53 e 114; *Questão social*, 52].

61. — [v. n.º 76]. — E' aí que o problema brasileiro apresenta o seu aspécto mais grave: PN, 99, 115, 129 a 131; ON, 69, 208 a 209.

62. — Os Estados-Unidos e, em grande parte, a Argentina são paizes de terras semelhantes, senão iguais, ás terras que habitavam os colonizadores europeus. A colonização lhes é, assim, uma simples mudança da casa velha para a casa nova: PN, 99. [v. *Economia nacional*, 42].

63. — [v. ns. 24 e 100]. — O Brasil é, por sua posição geográfica, o unico grande paiz soberano de clima e constituição francamente equatorial e tropical. Ora, os problemas de adaptação do homem ao meio novo e estranho, os da cultura do solo ignorado, os das instituições e dos costumes proprios para essa adaptação e para essa exploração nunca foram objeto de estudo. Os colonos e seus descendentes ficaram sendo, por isso, seres estranhos ao seu *habitat*, eternos desaclima-

dos: PN, 99 a 101; ON, 4-5, 148-149; FV, 13. [v. *Agricultura e pecuária*, 1 e 4].

64. — Se Portugal não tivesse dado, para modelo da nossa arquitetura, as suas vastas herdades, chatas e largas, com amplas varandas, é possível que se encontrassem, nos campos e cidades dos tempos coloniais, os edificios agudos e esguios, construidos para o deslizar das neves; mas a tolice, que o primeiro colono não fez, está fazendo agora o bisonho civilizado, imitando os palacios de Paris e os *cottages* inglezes. E a este exemplo material, visivel, de falta do senso de adaptação, corresponde, nos habitos da vida, nos processos de trabalho, nos métodos de ação social, uma combinação de maneiras, costumes, idéas, todas importadas, que tornam o homem cada vez mais estranho ao seu meio e a sociedade cada vez mais disparatada com o seu ambiente: PN, 99-100; ON, XXXVII, 151; FV, 10-11. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 23].

65. — [v. ns. 9 e 53]. — Para explorar esta natureza, realizando a educação pratica dos produtores, fazemos apelo á sabedoria dos europeus, como nos jornais, nas escolas, nos ginasios as idéas em circulação são as frases textuais dos livros do velho continente: PN, 100; FV, 7, 19, 30, 37; AP; CC; CK. [v. *Educação e Ensino*, 4 e 16].

66. — [v. n.º 121]. — Os brasileiros estão divididos em duas sociedades, sem liga e sem solidariedade alguma: a dos que exploram o patrimonio nacional á guiza dos estrangeiros e a multidão que trabalha para não morrer, ou que se vai deixando extinguir, porque não tem onde nem como trabalhar: PN, 101, 107-108, 143; ON, 152, 192; FV, 26, 37 a 38; BE; BG; CK; CQ. [v. *Questão social*, 52; *Educação e Cultura*, 15; *Economia nacional*, 34].

67. — [v. n.º 46]. — A análise das influencias dominantes na formação da mentalidade brasileira, e que preponderam na direção da nossa vida pratica, pertence ao numero dos problemas que mais se impõem á atenção dos politicos: PN, 108 a 112. [v. *Educação e Ensino*, 30 e 33].

68. — As crises das nossas finanças arrastam os nossos governos a um verdadeiro estado de subalternidade, apavorados com o credor estrangeiro: PN, 112; AO; BS; CJ. [v. *Política internacional brasileira*, 15 e 38; *Organização constitucional*, 75].

69. — A soberania dos *paizes avariados*, como os denominou Leroy-Beaulieu, só não sofre os vexames das aggressões diplomaticas, porque corretores e zangãos se incumbem de liquidar á custa dos interesses da nação devedora as contas usurarias dos emprestimos: PN, 112.

70. — [v. ns. 26 e 28]. — A independência de um povo funda-se, antes de tudo, sobre a sua economia e sobre as suas finanças. Edificar sobre a nossa autonomia economica e sobre a mais severa exação das nossas finanças um pensamento nacional, a respeito das cousas da vida humana, e um juizo nosso, acerca dos nossos problemas e acerca dos nossos destinos, — aqui está o guia do nosso esforço patriótico: PN, 112-113; AP. [v. *Economia nacional*, 4, 31 e 59; *Patria e Nação*, 62].

71. — [v. ns. 36, 43, 57, 73 e 142]. — Essa obra não é uma obra de pedagogia escolar; é uma obra de direção politica. Nenhum povo tem a educação necessaria para dirigir os seus interesses gerais: PN, 113; ON, XIII, 60 a 62, 273; AB; AN; AY. [v. *Politica e Governo*, 55, 112 a 114; *Economia Nacional*, 79].

72. — [v. n.º 83]. — Neste caso de renúncia nacional, em que vastas regiões do nosso solo, fontes naturais de riqueza, importantes instrumentos de crédito são expropriados por empresas e sindicatos estrangeiros, por um commercio sem séde no paiz, por estrangeiros em transitio, ou estabelecidos apenas o tempo suficiente para enriquecerem, é impossivel dissimular o espanto que resulta do contraste entre a gravidade desses fatos e a singular attitude dos que têm governado o paiz e dirigido a sua opinião: PN, 123, 130-131, 134; ON, 155; BD. [v. *Economia nacional*, 10].

73. — [v. n.º 71]. — E' óbvio que o nosso povo não tem culpa nisso, porque a função de prevenir cabe aos órgãos de governo e cabe aos homens de estudo reclamar, para os fátos, a atenção dos governos: PN, 123 a 126, 148. [v. *Economia nacional*, 10 e 11, 40 e 66; *Política e Governo*, 3, 56 e 123].

74. — [v. n.º 28]. — Para que a conciencia nacional se exerça sobre o drama político, que se lhe depara, precisa afastar dois equívocos: o que toca á ação dos governos e o que entende com umas tantas formulas vagas, mercê das quais o determinismo melhorista dos credu'os e o determinismo indiferente dos cétricos substituem a providencia divina, para a qual costumavam apelar os nossos avós: PN, 126 a 129; FV, 26. [v. *Critica do Conhecimento*, 59, 62, 90, 109 e 112; *Sociedade e individuo*, 29].

75. — A nossa fraqueza resulta apenas da coincidência da infancia nacional com o intenso surto expansionista das velhas e vigorosas nações: PN, 130; ON, 190 a 191; FV, 7 a 8; AL; BP. [v. *Nacionalidade brasileira*, 37; *Economia nacional*, 101 e 102].

76. — [v. ns. 58, 61 e 118]. — Isso faz que a crise da sociedade contemporanea surja, entre nós, com o caráter de uma luta social interna e de uma luta social externa: PN, 130; ON, XXVI-

XXVII, 193; AE; BC. [v. *Economia em geral*, 3; *Questão social*, 41 e 59].

77. — [v. ns. 26, 80 e 105]. — Não é um simples caso, embora notavel, de administração, nem um grave problema economico ou social, que está em jogo; é a propria sintese da nossa politica, — um problema que não admite divisões partidarias: PN, 131, 133-134, 148; ON, XVII, 51; FV, 47; AB; AP. [v. *Politica e Governo*, 64; *Patria e Nação*, 62 e 63].

78. — Se o nosso paiz não teve politica nacional deliberada, — como não a tem, concientemente, os povos que a fortuna exclue dos embates da concorrência, — pertencia, entretanto, ao numero das nações de indiscutivel soberania politica: PN, 131-132.

79. — [v. ns. 44 e 84]. — Mas hoje, nesse parlamento universal, que tem em ordem do dia todos os postulados, todos os principios, todas as idéas da ciencia, da politica e da filosofia, não ha estudante que dê por situação normal de soberania a de um povo, cujo territorio é talhado em vastas zonas de influencia estrangeira, criando um Estado no Estado, — e um Estado que traz para as lutas com os nossos *estados de politiquice* e com a nossa *federação de caudilhagem* a musculatura da vontade implacavel de povos habituados a vencer:

PN, 132-133, 136; FV, 26; AE; AP. [v. *Economia nacional*, 101].

80. — [v. n.º 77, 82, 165 e 173]. — Todos os aspectos e todos os pormenores desse problema, que nos foi posto, e que foi aceito pela indiferença dos nossos governos, giram em torno de uma questão prévia: a da existencia de uma politica nacional: PN, 133-134, 147; ON, VIII, XII-XIII, XVII, XXX, 106, 120, 130, 154-155; AB; AU; BB; BV; CD; CI; CO; CR. [v. *Patria e Nação*, 62 e 63].

81. — Esta politica e a soberania são termos equivalentes, incompativeis, sem dúvida, não só com o todo, mas com quasi todas as frações de conquistas que se estão consumando em nosso territorio: PN, 134; 149-150; ON, 208.

82. — [v. ns. 150 e 165]. — Os arbitros dos destinos do povo brasileiro precisam penetrar-se de que vivem alheios da sua politica e da politica mundial da sua época: PN, 134; FV, 7. [v. *Questão social*, 20; *Politica e Governo*, 84].

83. — [v. ns. 44, 72 e 79]. — Não espanta, pois, que neste momento, em que o mundo inteiro oferece, como traço tipico da politica, o fenómeno de uma exaltação do nacionalismo, a gente que nos governa não veja que o nosso paiz, até hontem sobranceiro a duvidas sobre a sua autonomia efectiva, vai sendo lançado para o nivel das nações de

segunda ordem: PN, 134 a 136. [v. *Patria e Nação*, 53].

84. — [v. ns. 13, 116 e 122]. — Por todo o planeta, os povos se preparam para vencer o ímpeto das competições; e, em meio dessa luta, os que nos dirigem preferem dar-nos a postura horizontal das hospitalidades condescendentes: PN, 136, 154-155; AF.

85. — [v. n.º 145]. — O que, a esse respeito, se está fazendo no nosso paiz até parece que é feito para confirmar o anátema de raça inferior: PN, 137; ON, 105-106, 177. [v. *Economia nacional*, 9 e 32; *População nacional*, 13 e 30].

86. — [v. ns. 15 e 16]. — O apelo ao patriotismo medieval, em cuja liga o sentimento adverso ao estrangeiro sobreleva ao sentimento de amor ao compatricio, poderá fazer-nos aparecer com a intrepidez de leões, mas sem a coragem de varões livres: PN, 129 a 131; ON, 15, 60 a 63; AJ.

87. — [v. ns. 112 e 113]. — Excetuando José Bonifacio, que foi logo repellido, os homens que fundaram a nação brasileira, embebidos de uma cultura quasi exclusivamente juridica, não tinham o espirito dirigido para as observações praticas da politica nacional: PN, 148; ON, XXIX, 5, 58 a 59, 274; AG; BZ. [v. *Direito*, 1].

88. — [v. ns. 130 a 137]. — O ideal nacional, corporificado na repulsa do sistema de exploração colonial do paiz, contém a mais pura das formas do patriotismo. Contestá-lo equivaleria, para os estrangeiros que aqui pretendem ficar, o repúdio da sorte dos seus filhos, e, para os que pensam em retirar-se, a confissão de que não sentem nenhum interesse pela sorte de um povo do qual recebem a hospitalidade talvez mais franca no mundo inteiro: PN, 150; OB, XXXIX, 76. [v. *Política internacional brasileira*, 22; *Economia nacional*, 7 a 9 e 23; *Patria e Nação*, 60].

89. — [v. ns. 99, 110 e 165]. — Em toda a nossa longa historia, o nosso meio politico não nos deu um só documento de percepção synthetica do problema nacional: PN, IX, nota, XXIX, 274; BO.

90. — [v. ns. 139 e 166]. — O vicio de querer sempre transformar em realidades os principios faz que as nossas *reformas*, inclusivé as de instituições politicas, surjam de improviso, pelo consorcio da ambição de renome dos nossos homens publicos com as teorias do ultimo livro lido, ou da escola em voga. Trazem elas, assim, o cunho de concepções doutrinarias, sem o fluido vital de uma inspiração pratica, filha do logar e da occasião: ON, XXIX-XXX, XLI-XLII, 141, 162-

163; AA; CR. [v. *Educação e Ensino*, 16, e 30; *Organização Constitucional*, 148 e 149].

91. — [v. ns. 16, 147, 148 e 172]. — Só a organização pôde resolver o problema nacional; ON, XXX, XLI-XLII, 152, 208; AF; AI; AL; AR. [v. *Educação e Ensino*, 89; *Moral*, 21].

92. — E' preciso que o esforço de todos e o de cada um convirjam no sentido do interesse geral, para que os interesses pessoais sejam solvidos: ON, XXXIX. [v. *Politica e Governo*, 33; *Patria e Nação*, 55 e 56].

93. — E' sem dúvida, muito mais fácil do que resolver o nosso problema idear instituições, exercitar teorias, fazer revoluções, sobrepôr, enfim, á vida do povo um mecanismo qualquer, rotulado com o nome de uma teoria ideologica, que passa a ser, para os destinos da sociedade, como o tumulto de enfermarias de molestias mentais para a realidade ordinaria da existencia: ON, XL-XLI; AC.

94. — [v. n.º 48]. — A nossa vida politica é um cenario de fátos alheios á realidade social: ON, XLI; AA. [v. *Critica do Conhecimento*, 117].

95. — Os nossos juizos sobre os assuntos públicos são ainda os mais superficiais; *a opinião da praça*, por exemplo, pésa mais, nas finanças e no regime economico, do que os mais severos e ma-

duros estudos; os *pareceres de banqueiros* mais do que o documento, vivo e flagrante, da nossa economia: ON, XLI. [v. *Economia Nacional*, 66].

96. — Erros politicos á parte, o nosso paiz goza da fortuna privilegiada de ter problemas sem ter dificuldades: ON, XLII; BD.

97. — Só não governa o nosso povo quem não sabe ou não quér governá-lo: ON, XLII; AF; BS.

98. — [v. ns. 26, 91, 120, 137, 141 e 142]. — Todos os problemas do ñosso paiz se resumem neste objetivo: formar, construir e desenvolver a nação: ON, XIII, XLII, 64, 190 a 191, 242; FV, 40 a 41; AA; AB; AE; AL; BM; CK; CP, CQ. [v. *Critica do Conhecimento*, 106 e 138; *Patria e Nação*, 53; *Sociedade e individuo*, 16; *Economia Nacional*, 60 e 61; *Organização constitucional*, 76; *Nacionalidade brasileira*, 24 e 27].

99. — [v. ns. 89 e 165]. — E' certo que os programas dos governos sumariam faces diversas dos problemas nacionais; mas sem o espirito de conjunto, faltando-lhes a luz com que costumam verdadeiros estadistas concentrar, em traços nítidos, o sistema da politica pratica: ON, 6 e 140.

100. — [v. ns. 24, 63 e 73]. — Estudar o Brasil, — eis aí o lema do nosso patriotismo, porque o destino de um paiz é função da sua historia e da

sua geografia: ON, 7. [v. *Critica do Conhecimento*, 16 e 207; *Politica e Governo*, 75].

101. — [v. n.º 108]. — Não tendo ainda a sua Historia, o nosso paiz está com o seu destino dependente da sua geografia e do quadro da sociedade contemporanea: ON, 8, 140; BO. [v. *Origens na nação brasileira*, 6; *Geografia, geologia e climatologia*, 4; *Critica do Conhecimento*, 208].

102. — [v. n.º 27]. — A razão de um povo só se fórma com o conhecimento dos seus interesses; sua energia só se educa com a pratica firme de um programa de soluções; uma e outra, porém, subordinadas á consciencia da realidade objetiva da terra habitada: ON, 16 e 130.

103. — [v. ns. 33, 34 e 47]. — Todas as crises da nossa vida politica resultam da concorrência entre grupos, em cujo seio se encontram as opiniões mais disparatadas e que não apresentam, para justificar as suas batalhas, nenhuma razão decente de divergencia: ON, 52; BB. [v. *Patria e Nação*, 55].

104. — [v. n.º 56]. — Antes de pedir mais homens e mais dinheiro ao velho continente, temos de valorizar os homens e as riquezas que possuímos: ON, 63; A. [v. *Economia nacional*, 105, 120 e 133; *Imigração* 1 e 2].

105. — [v. ns. 26, 27, 70, 139 e 140]. — Sem traçar o nosso destino, na evolução da huma-

nidade, não podemos saber qual deve ser a nossa politica: ON, 64, 190-191. [v. *Politica Mundial*, 90 e 152; *Questão social*, 41 e 59; *Patria e Nação*, 62; *Economia nacional*, 21].

106. — Ninguem pôde pôr em dúvida que a nossa vida social e economica traz o cunho da ação dos governos que temos tido: ON, 118 a 119; AL. [v. *Critica do Conhecimento*, 111].

107. — E' verdade que os nossos presidentes têm preferido o papel de órgãos de facção, em lugar de assumirem a posição de arbitros da orientação politica: ON, 119; CC.

108. — [v. n.º 101]. — Sem embargo dessa fraqueza voluntaria, o fáto é que a classe governamental tem possuido a mais dilatada discreção, a ponto de o nosso paiz ser hoje mais um produto dos governos republicanos do que um resultado de toda a sua evolução durante o regime monarquico: ON, 119. [v. *Critica do Conhecimento*, 111 e 208].

109. — A ação dos governos republicanos, julgar pela valorização do café, tem sido mesmo audaciosamente socialista: ON, 119. [v. *Sociedade e individuo*, 33; *Questão social*, 48].

110. — [v. n.º 145]. — Nós não conhecemos até hoje senão *as politicas* das *teorias partidarias*: ON, 140, 162-163, 223-224, 263; AC; BM; BO; BU. [v. *Patria e Nação*, 62 e 63; *Politica e Go-*

verno, 76; *Guerra*, 49; *Critica do Conhecimento*, 39; *Educação e Ensino*, 16 e 38].

111. — A monarquia foi um regime incompatível com as aspirações nacionais: ON, 142.

112. — [v. n.º 87]. — A nossa independência processou-se por simples amôr á fórmula da emancipação politica; de sorte que, desorganizando, erradamente, as instituições já estabelecidas pela metropole, deixamos, entretanto, em ação os aparelhos e habitos, que nos submeteram, economicamente, a outras potencias: ON, 142 a 143; AE. [v. *Organização constitucional*, 193].

113. — [v. ns. 91, 98 e 139]. — Carecemos de organização e precisamos nos organizar, não como instituição juridica, procurando modelos, mas como nacionalidade, fazendo que as instituições surjam dos proprios materiais do paiz, traduzindo em leis as suas tendencias e corrigindo os defeitos da nossa evolução: ON, 162-163, 215, 219, 232 a 234, 260-261, 264, 270 a 271; AB; AP; AQ; AU; AZ; BM; BP; BV; CD; CK; CM; CR. [v. *Direito*, 1, 19 a 22; *Organização constitucional*, 20, 150 e 179; *Politica e Governo*, 83 e 91].

114. — [v. ns. 119 e 146]. — Não havendo forças morais capazes de conter as tendencias do individualismo capitalista, é óbvio que o nosso paiz só poderá resistir á dominação se opuzer

obstáculos de natureza legislativa: ON, 193; FV, 37, 39-40; AF; AI. [v. *Questão social*, 23; *Política Mundial*, 78 e 126; *Política e Governo*, 56 e 57].

115. — [v. ns. 17 e 98]. — A obra que nos incumbe tem de ser feita hoje, ou daqui a vinte anos, quando nos dispuzérmos a preparar uma nação. Enquanto a não fizérmos, estaremos sacrificando, com a geração contemporânea, a geração de vinte anos depois, porque a sorte desta depende do que houver feito aquela que a precedeu: ON, 198-199; AJ; AO; AV. [v. *Organização Constitucional*, 1].

116. — [v. ns. 13, 16, 84 e 122]. — Ora, em nosso tempo, vinte anos de desidia, na politica de um paiz, decidem da sua sorte, podendo anulá-lo, ou submetê-lo definitivamente, senão ao dominio politico estrangeiro, pelo menos á posição subalterna de um simples logradouro comercial: ON, 199. [v. *Questão social*, 52].

117. — [v. ns. 6, 18, 108 e 168]. — Basta compararmos a nossa vida atual com a dos ultimos anos do regime monarchico, para termos idéa da evolução, que nos arrasta para esse declive: ON, 199. [v. *Organização constitucional*, 209].

118. — [v. n.º 76]. — Hoje as crises da nossa natureza confundem-se com as da anarquia politica, e, por fim, com as do intercambio mun-

dial, conspirando todas contra a Nação, e, dentre desta, contra as classes que suportam, a par dos encargos do trabalho e do fisco, os percalços da pobreza: os produtores e o operario rural, principalmente: FV, 31. [v. *Economia nacional*, 24].

119. — [v. n.º 114]. — O nosso paiz está exigindo, neste instante, um tratamento legislativo e administrativo intensissimo, um *estado de sitio* de policia e de reconstituição economica: FV, 31. [v. *Critica do Conhecimento*, 139; *Politica e Governo*, 33].

120. — [v. n.º 98]. — Os nossos dirigentes não sabem o que é uma nação: FV, 37.

121. — [v. n.º 66]. — As camadas superiores da nossa população formam uma sociedade distinta, *que o estrangeiro emprega*, contentando-lhe as vaidade frivolas, emquanto exgota a nossa terra e emascula o caçáter da nossa gente: PN, 149-150; FV, 37-38. [v. *Economia nacional*, 34].

122. — [v. ns. 13 e 116]. — Ou resolvemos a nossa crise permanente, organizando o paiz pela verdadeira democracia, ou iremos assim até ao momento em que uma agitação violenta convulsionar esta sociedade, para lhe pôr á frente uma força artificial qualquer, surgida das trévas, ou até aquele outro em que ao interesse economico das nações estrangeiras se juntar um interesse politico, que surgira aos seus governos a idéa de

conquista: FV, 26, 39; AI. [v. *Guerra*, 78; *Questão social*, 24 e 59; *Politica e Governo*, 56 e 57, 107 e 119; *Politica internacional brasileira*, 19].

123. — Não ha, no nosso paiz, nenhuma instituição pública que funcione com regularidade e com seriedade: AA; AR; BS. [v. *Organização constitucional*, 209].

124. — [v. ns. 35 e 158]. — A idéa de propriedade domestica da cousa publica atingiu, entre nós, a proporções de eșcandalo: AB; AY. [v. *Economia nacional*, 55 e 70].

125. — O nosso funcionalismo público está sendo constituido por hereditariedade: AB. [v. *Organização constitucional*, 147].

126. — [v. n.º 152]. — Em face da situação, o nosso problema não é o de *ter homens* porque tais homens não se improvisam. Precisamos é de *aparelhos de governo*: AB. [v. *Organização constitucional*, 1, 56, 60, 142 e 165].

127. — [v. ns. 39 e 98]. — Nenhum dos nossos problemas póde ser solvido isoladamente. Temos problemas de economia e problemas de espirito inseparaveis. Nenhum deles independe dos outros. Entrelaçam-se todos no tecido complexo da politica: AB; AF; AJ; AP; AQ; CR. [v. *Critica do Conhecimento*, 106].

128. — Têm-nos faltado as duas capacidades essenciais á ação politica: o espirito filosofico e o espirito pratico: AC; BU. [v. *Politica e Governo*, 121; *Critica do Conhecimento*, 71 a 75 e 160; *Educação e Ensino*, 46].

129. — [v. ns. 14 e 88]. — O problema nacional brasileiro não colide absolutamente nem com os sentimentos e aspirações cosmopolitas da nossa época, nem com os legitimos interesses das nações cultas: AE; AF. [v. *Politica internacional brasileira*, 2, 3, 16 e 21; *Politica e Governo*, 117; *Nacionalidade brasileira*, 11 e 12].

130. — Ao contrario, procurando crear a *nação brasileira*, protege um paiz novo contra possível eliminação, resultante das novas formas de concorrência, e evitando que este paiz venha a ser um campo de lutas dos appetites que essa concorrência gerará, serve aos interesses da especie e ás as pirações de paz: AE; AF; AP. [v. *Politica mundial*, 79; *Economia em geral*, 20; *Questão social*, 28, 41 e 44; *Politica internacional brasileira*, 5; *Guerra*, 74; *Economia nacional*, 20 e 62; *População nacional*, 39].

131. — Depois, a *nação* representa sempre a fórmula incontestavelmente mais alta do poder e da ação social; e não é possível sonhar com um órgão de direção do mundo senão como sendo um élo

de harmonia entre as nações: AE. [v. *Politica mundial*, 9, 119 e 152].

132. — [v. ns. 27, 71 e 162]. — A obra da fundação da nossa nacionalidade depende da formação de uma consciencia e de uma intelligencia dirigentes: AE; AL. [v. *Politica e Governo*, 56 e 57].

133. — A opposição, no nosso paiz, é um estado quasi igual ao ostracismo grego: AF.

134. — Tres grandes traços caraterizam, entre nós, a *realidade politica*: — uma constituição confessadamente nominal; varios agrupamentos particulares lutando por interesses pessoais; e uma sociedade dissolvida, sem vinculo nacional, em crise de produção e crise de vida: AF. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 19; *Organização constitucional*, 180 e 197; *Nacionalidade brasileira*, 24].

135. — Ora, em face dessa realidade, discutir téses de direito público é sugerir a idéa de sermos um povo de mentecaptos: AF; AZ.

136. — Podemos pôr em execução *a nossa politica*, certos de que obteremos no exterior, o apoio de toda a gente que pensa e de toda a gente que sente: AF; AP; AV. [v. *Politica internacional brasileira*, 3 e 16].

137. — [v. ns. 14, 88, 129 e 144]. — Se forem, entretanto, de ordem externa os obstáculos, nenhuma razão ha para nos determos: não é guerra que um povo deve recear; é a subordinação: AF; AL; AV. [v. *Politica internacional brasileira*, 17 e 22; *População nacional*, 29 e 39; *Raças*, 36].

138. — A ausencia de *espírito politico* só pôde provir da falta de instituições adequadas: AF. [v. *Organização constitucional*, 165; *Politica e Governo*, 111 e 121].

139. — [v. ns. 90 e 113]. — Para solver os nossos problemas é necessario que nos emancipemos de qualquer *força* ou *sugestão*, que não resulte do seu estudo: AG.

140. — [v. ns. 9, 53, 82 e 105]. — Não é possivel ignorar-se que os dados exclusivos de um problema nacional contêm implicitamente os elementos de relação com os fenómenos de outros paizes: AG; CR.

141. — [v. ns. 25 e 91]. — O Brasil tem de realizar uma revolução reorganizadora, no seu interesse e no da civilização: AH. [v. *Patria e Nação*, 9].

142. — [v. ns. 71 e 114]. — Se os nossos problemas não forem solvidos governamentalmente, não será de surpreender que se invistam da competencia de os solver empresas e sindicatos estran-

geiros, que já exercem, aliás, muitos poderes de autoridade publica: AI.

143. — [v. ns. 35, 45 e 153]. — Não ha peor fôrma de incapacidade, em dirigentes, do que subordinar o espirito aos sintomas agudos dos males públicos: AI; BB. [v. *Critica do Conhecimento*, 209].

144. — [v. ns. 14 e 137]. — Se o nosso paiz tivér de ser esmagado pela onda da anarquia mundial de após-guerra, ainda assim uma cousa é ser esmagado pela força de ciclones sociais, outra cousa é renunciar preliminarmente á luta: AJ.

145. — [v. ns. 66, 85 e 124]. — O nosso povo — toda a população que não vive nas capitais e nas grandes cidades, associada aos exploradores estrangeiros das nossas riquezas, nem da politica, fruindo a cousa pública — não tem voz, nem patrono, nem instrumento de ação nos centros que deliberam sobre as cousas do paiz: AJ; AZ. [v. *Patria e Nação*, 65].

146. — [v. ns. 91 e 114]. — Só o *meio politico*, ou, em outros termos, o *poder público* tem elementos para solver o problema da nossa organização: AL; AP; CI. [v. *Politica e Governo*, 56 e 57].

147. — [v. n.º 91]. — No tocante á organização os dois problemas iniciais de governo vêm a

ser: organizar o trabalho e organizar a opinião: AL. [v. *Educação e Ensino*, 18; *Organização constitucional*, 53 e 55; *Economia nacional*, 101 e 114; *Economia em geral*, 4, 5 e 38; *Política e Governo*, 75].

148. — [v. ns. 10 e 25]. — O mundo inteiro conhece, melhor do que nós mesmos, a nossa desorganização, e interpreta-a contra nós. Expliquemos a verdade, mas iniciemos a ação reorganizadora: AL. [v. *Nacionalidade brasileira*, 37].

149. — A razão que aconselha evitar passos e soluções impressionistas (como a do serviço militar obrigatório, em 1915), quanto ao temor de perigos eventuais, aconselha antes de tudo a solução dos problemas permanentes do paiz: AP. [v. *Defesa militar*, 3 e 4].

150. — [v. ns. 16 e 86]. — O problema da *defesa nacional* é muito mais vasto que o da *defesa militar*: AP; AZ. [v. *Defesa militar*, 30 e 35; *Questão social*, 20].

151. — [v. n.º 119]. — Como se podem enumerar as soluções necessárias á defesa nacional, em conjunto: AP; BA.

152. — [v. ns. 35 e 126]. — Se o nosso problema consiste em *regenerar*, os governantes não o resolvem, porque vem deles a degeneração: AR. [v. *Moral*, 18 e 21].

153. — [v. ns. 35 e 143]. — Os nossos estadistas olham para os fatos com olhos de repórteres e legislam para os sintomas: AU.

154. — [v. n.º 28]. — O espirito dos nossos homens públicos ainda não alcançou nenhum poder de objetivação superior á objetivação corporea: BB. [v. *Educação e Cultura*, 46].

155. — De sorte que o fáto, por menos que valha na sua realidade fundamental e no seu alcance, acarreta desde logo todos os efeitos da fenomenalidade necessaria: BB.

156. — As nossas lutàs politicas não têm, nem ao menos, o encanto emotivo, que faz a sedução do parlamentarismo; temos apenas as revoluções, que é a fórmula mais baixa dessa estezia: BA; BB. [v. *Politica e Governo*, 125].

157. — [v. n.º 161]. — As revoluções, todas do alto, exatamente porque as mais fáceis, têm perturbado a nossa vida pública: BB.

158. — [v. ns. 35 e 124]. — Aos governos que trazem por programa zelar os dinheiros públicos, o povo lhes diz que isso não é objéto de politica, da alta administração, das magistraturas superiores; é objéto da lei penal: BB.

159. — Aos governos que se preocupam com as finanças, o povo responde que sendo as finanças apenas um meio de se exercerem, para o bem co-

num, os beneficios do poder, em nada lhe adianta que lhe prometam pôr em ordem apenas isso: BB.

160. — Aos governos que lhe pedem socego e disciplina, o povo pergunta se a ordem ainda é, neste paiz, o unico direito de imporem os grandes a força da sua vontade á ignorancia e á miseria dos pequenos: BB. [v. *Direito*, 15; *Evolução historica e progresso nacional*, 10; *Organização constitucional*, 202].

161. — [v. n.º 157]. — As agitações de rua traduzem, entre nós, o estado de espirito de uma população forçada á rebeldia: BB.

162. — Somos dirigidos por homens que não têm *preocupações*, no sentido proprio desta palavra, aplicada aos altos problemas de uma nacionalidade: BO.

163. — Não temos, por isso, estadistas, e nem mesmo o a que se dá, em outros paizes, a denominação de politico\$: BO.

164. — [v. ns. 70, 105 e 131]. — As grandes nações e os povos fortes comandam — por entre os movimentos ainda anarquicos da sociedade mundial — os seus destinos. Nós poderiamos ter realizado um caso privilegiado de desenvolvimento, em meio ás agitações do nosso tempo: BO. [v. *Politica internacional brasileira*, 21 e 22].

165. — [v. ns. 82, 89, 110 e 153]. — Os nossos dirigentes nunca tiveram, nem têm, ainda hoje, a mais leve compreensão do que seja a politica de um paiz: BP; BU; BV; CG. [v. *Patria e Nação*, 62 e 63].

166. — [v. ns. 90 e 110]. — A nossa vida pública é ficticia, artificial, palavrosa, pela impossibilidade de conciliar idéas preconcebidas com a realidade das cousas: BP; BU; CG; CI; CO; CR. [v. *Politica e Governo*, 76; *Critica do Conhecimento*, 39 e 214; *Guerra*, 49].

167. — [v. n.º 110]. — A *orientação politica* é cousa diversa de *orientação doutrinaria*: BO. [v. *Politica e Governo*, 76 e 130; *Patria e Nação*, 62 e 63; *Critica do Conhecimento*, 210].

168. — [v. ns. 6 e 20]. — Não ha grande erro, nem grave abuso governamental na Republica que não encontre o seu modelo, o seu antecedente, ou a sua raiz nas cousas do Imperio: BQ; BV. [v. *Organização constitucional*, 164].

169. — Os nossos homens públicos vêm os quatrienios presidenciais e os periodos legislativos como verdadeiras realidades objetivas de divisão do tempo: BR. [v. *Politica e Governo*, 79].

170. — Somos um paiz de dirigentes sem filosofia, de divulgadores sem idéas e de governantes sem politica: BU; CD. [v. *Organização constitucional*, 56].

171. — [v. ns. 113 e 165]. — Não tendo tido a ação de estadistas que fundassem a nossa politica, *a politica foi substituida pelo direito*, que lhe tomou o lugar e apareceu, desde logo, como a expressão mais alta da nossa cultura: BZ. [v. *Politica e Governo*, 50; *Direito*, 1; *Organização constitucional*, 4].

172. — [v. ns. 91, 96, 126, 136 e 137]. — A nossa organização não é impossível, se a quizerem promover os chefes da politica nacional: CJ.

173. — [v. ns. 80 e 141]. — O nosso problema politico, imposto pelo imperialismo, é este: temos ou não temos capacidade para gerir a nossa terra e para dirigir os nossos destinos, no interesse do paiz e no da civilização? CN. [v. *População nacional*, 13; *Politica internacional brasileira*, 22, 23 e 31; *Economia nacional*, 60 e 61].

CAPITULO XIX

POLITICA INTERNACIONAL BRASILEIRA

1. — [v. n.º 19]. — A economia nacional está não só ameaçada, senão atacada, pelas aventuras financeiras que se estão realizando na America do Sul: PN, XI. [v. *Politica mundial*, 169; *Questão social*, 41 e 44; *Economia nacional*, 19 e 25].

2. — Os governos recusam-se a submeter á decisão arbitral os litigios que tocam aos seus *interesses vitais*. Cumpre-nos invocar esse principio, não contra a autoridade dessa justiça, mas contra a exploração colonial da nossa terra e da nossa gente: PN, XI.

3. — Woodrow Wilson, Bryan e Elihu Root elogiaram esse programa de emancipação dos paizes sul-americanos: PN. XII-XIII. [v. *Politica Nacional*, 129].

4. — Esse programa de emancipação surpreendeu, em começo, a opinião brasileira; habituada a ter por dogmas idéas correntes e a adotar por critério conceitos gerais e fórmulas vagas: PN, XIII; AB.

5. — [v. n.º 21]. — O sistema de exploração colonial do paiz prolonga a corrente de fenómenos que, havendo dado causa ás guerras e revoluções do passado, provocarão, daqui por deante, se não forem tolhidos, ainda maiores e mais desastrados conflitos: PN, XVIII, 106-107, 114, 120-121; ON, 94-95; FV, 36 a 37, 39, 44. [v. *Politica mundial*, 78; *Guerra*, 73 e 74; *Politica nacional*, 130; *Economia em geral*, 16; *Economia nacional*, 19 e 25; *População nacional*, 39; *Defesa militar*, 29].

6. — Os vicios da nossa retórica não nos deixam vêr as realidades que se escondem atraz de certas hiperboles, invocativas da *fraternidade universal*, em prejuizo da *amizade* que nos deve prender ao companheiro e consocio na vida e no trabalho, perdendo nós assim a medida dos sentimentos reais que nos ligam ao irmão no sangue, ao compatricio descendente dos mesmos avós, vizinho no sólo e confrade na lingua: PN, 33-34; ON, 207-208; AL. [v. *Nacionalidade brasileira*, 1 e 4; *População nacional*, 39].

7. — [v. ns. 8 e 34]. — A sintese da politica internacional brasileira pôde ser resumida em bre-

ves termos: politica de paz, imposta pela identidade da evolução politica e das instituições sociais dos paizes do continente americano; direção dessa politica de paz pelos Estados-Unidos; opposição a qualquer aliança internacional: PN, 34-35; AP; CI; CS. [v. *Politica mundial*, 140, 144 e 150].

8. — [v. ns. 7 e 34]. — Não ha motivo nenhum por que alimentemos outra qualquer afeição, entre o nosso patriotismo e o sentimento de hospitalidade humana, com que nos cumpre tratar todos os povos. A aspiração a uma unidade internacional pan-americana infringiria essa norma de solidariedade, a que a nossa civilização nos obriga: PN, 35; AQ; BL; BT; CS. [v. *Politica mundial*, 158].

9. — Para com o estrangeiro o nosso dever está em oferecer-lhe hospitalidade: PN, 35, 37.

10. — A veneração que devemos á metropole dos nossos primitivos colonizadores não deve influir na politica internacional brasileira: PN, 36.

11. — As empresas aqui existentes, embora com denominações americanas, francezas e inglezas, representam principalmente capitais francezes: PN, 95; ON, 142.

12. — Contra a idéa de uma rêde ferroviaria de circulação continental interna: PN, 95, 123, 133.

13. — Nesta fásē da evoluçāo humana, o capital brasileiro está á mercê de tendencias sociais e politicas estranhas, ainda ha pouco dificeis de perceber, mas hoje patentes, até aos olhos dos que se dão ao simp'les trabalho de lêr telegramas e noticias de jornais: PN, 114, 134, 149. [v. *Economia nacional*, 24 e 25; *Politica nacional*, 46 e 67].

14. — Contra a Doutrina Drago, deplora-vel reverso sul-americano da Doutrina de Monroe: PN, 132.

15. — [v. n.º 38]. — E' com inteira justiça que, muitas vezes, os governos estrangeiros patrocinam os interesses dos seus súditos contra os paizes remissos no cumprimento das suas obrigações, provenientes de empréstimos: ON, 24. [v. *Politica nacional*, 68 a 70; *Organização constitucional*, 83].

16. — [v. ns. 5 e 21]. — Com a politica de reparação das nossas terras já exgotadas e de consolidação da nossa sociedade, o nosso paiz presta aos homens cultos e aos politicos previdentes de todo o mundo o apoio que eles desejam: ON, 193; AL. [v. *Politica nacional*, 129; *Agricultura e pecuaria*, 6; *Economia em geral*, 12 a 14, 18; *Questão social*, 46; *Sociedade e individuo*, 16; *Patria e Nação*, 53].

17. — [v. n.º 19]. — Cumpre-nos vêr que, obtendo a subordinação economica, nenhuma potencia arriscará a conquista politica, porque esta

se torna desnecessária: ON, 205-206, 208; FV, 26; AP. [v. *Defesa militar*, 29 e 35; *Politica nacional*, 14 e 15, 58, 137; *Guerra*, 104; *Emigração*, 23].

18. — O advento da paz, desde que se opére sem um orgão de solução dos problemas humanos, não afasta os perigos que nos ameaçam: ON, 206 a 208. [v. *Politica mundial*, 23, 78, 90 e 117].

19. — [v. ns. 1 e 17]. — A batalha real dos imperialismos trava-se em torno das terras novas e dos povos novos do mundo; e o nosso paiz está colocado na linha decisiva dessa luta: FV, 39; AE; AL; BO; CS. [v. *Politica mundial*, 23, 35, 44 e 45; *Questão social*, 41; *Economia em geral*, 11; *Guerra*, 108; *Economia nacional*, 8, 19, 25, 28 e 62; *Politica nacional*, 51 e 52, 79].

20. — Neste periodo da civilização as idéas de *expansão* e de *atividade economica internacional* são dimorfismos superficiais do espirito militar e do espirito de dominação: FV, 44. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 18].

21. — [v. ns. 5 e 16]. — Se a nossa organização nacional tivesse sido empreendida antes da guerra européa, talvez fôsse a origem de um inf'uxo salvador, capaz de desviar a corrente dos fatos para outro curso: AH. [v. *Politica mundial*, 149; *Politica nacional*, 129 e 164; *Emigração*, 1; *Imigração*, 7 e 8].

22. — Na concorrência dos imperialismos de hoje está sempre imanente a idéa de respeito aos povos que reagem: AP. [v. *Política nacional*, 14, 129, 136, 137; *Guerra*, 82; *População nacional*, 29].

23. — Por varios motivos, o nosso paiz está em melhores condições de reagir contra o imperialismo do que outros povos mais fortes: AP.

24. — Necessidade, para o nosso paiz, de fazer, ajudar e incentivar a propaganda pacifista nos paizes armados: AP.

25. — A tendencia do nosso pensamento para a logica dos contrarios levou-nos a antepôr ao pacifismo todas as atitudes e toda a dialetica dos partidarios da guerra: AP.

26. — Ora, se aos fortes convém armar-se para o ataque, e, mais ainda, pregar a utilidade, a necessidade, a fatalidade da guerra, — aos fracos, ao revéz, convindo tambem armar-se, mas para a defesa, convém, sobretudo, pugnar pela paz: AP; AR.

27. — A guerra será, assim, a teoria dos fortes; a paz, a teoria dos fracos: AP.

28. — O nosso paiz nada tem que temer nessa franca posição de pacifismo: AP.

29. — Nada autoriza a hipotese de uma guerra com a Argentina, salva a incapacidade do nosso governo e da nossa diplomacia: AR.

30. — Contra a falta de relatorios sobre as nossas relações exteriores: AR.

31. — O inimigo a combater é o *imperialismo* e não esta ou aquela potencia: AV. [v. *População nacional*, 8].

32. — Era de desejar, para o nosso paiz, que a guerra européa terminasse por um empate: BD.

33. — A nossa revolta contra a invasão alemã era uma attitude de indignidade, em comparação com a que nos inspiram os brasileiros eliminados pelas secas no nordéste e os vitimados pela politica de expansão colonial: BL. [v. *Nacionalidade brasileira*, 4].

34. — [v. ns. 7 e 8]. — A amizade que devemos manter com os Estados-Unidos não impede que nos opunhamos á sua hegemonia, eminentemente perigosa para nós: BL. [v. *Politica mundial*, 140, 143, 169 e 171].

35. — Não deviamos, em face da guerra européa, que era uma luta de imperialismos, dar preferencia a nenhum dos contendores, e, muito menos, áquele que já dominava os mares, centralizava o commercio bancario e a navegação, e se declarava formalmente decidido a manter a sua supremacia sobre os oceanos, contra o imperialismo da potencia nova, que abria ensejo, nesse processo de seleção, á vitoria final da liberdade das

nações: BL; BO; CK. [v. *Politica mundial*, 155; *Guerra*, 104 e 108].

36. — A Alemanha seria, talvez, num futuro mais ou menos remoto, candidata á conquista militar do Brasil. Não era ela, porém, que, na ocasião da guerra, exercia a ditadura da sua vontade e do seu imperio sobre o mundo, nem a que envolvia o nosso paiz numa posição de subalternidade protegida e de asfixia social e economica: BL.

37. — Os debates de *direito internacional*, em face da guerra, eram apenas um meio de dissimular os imensos interesse e os ideais superiores, envolvidos nessa crise: BO; CK. [v. *Defesa militar*, 34].

38. — Contra o habito dos nossos governos de fazerem residir a *hònra nacional* no pagamento dos nossos compromissos externos: BR. [v. *Politica nacional*, 68; *Organização constitucional*, 83].

39. — Contra a idéa de *hegemonia militar* a exercer-se pelo nosso paiz, na America do Sul: CC.

40. — Somos, por méra eventualidade, um paiz fraquissimo: CI.

CAPITULO XX

NACIONALIDADE BRASILEIRA

1. — Exgotando a terra, pela exploração colonial, também não cuidamos de formar a nação: PN, XVIII, 36-37, 124; ON, XII-XIII, 152, 182 a 183, 190 a 191; AB. [v. *Politica nacional*, 26, 98, 120 e 131; *Politica internacional brasileira*, 6; *População nacional*, 39].

2. — Ora abandonando a terra e não cuidando da nação, abandonamos a patria. Fóra disto a patria não exprime senão uma imagem supersticiosa: PN, XVIII. [v. *Patria e Nação*, 31 e 34].

3. — A *nação brasileira* é a associação dos individuos e familias que habitam o Brasil *com animo de permanencia*, protegidos pelo conjunto dos órgãos da sua politica (o Estado), formando, sobre o seu territorio, o Paiz, graças á consciencia de uma continuidade historica de heranças morais e materiais e de uma simpatia e comunidade

entre os vivos (a Patria): PN, 5; ON, XLII, 190 a 191, 197. [v. *Patria e Nação*, 31, 32, 34, 37, 41, 52 e 53].

4. — A estima da nossa terrá só será, pois, um sentimento real, quando fôr um reflexo do sentimento afetivo entre a gente, que nela reside com animo de permanencia: PN, 5; ON, 196 a 197; FV, 40 a 41. [v. *População nacional*, 39; *Politica internacional brasileira*, 33; *Patria e Nação*, 41].

5. — Praticamos, erradamente, o culto mistico de uma patria abstráta, que não é a do povo e do territorio: PN, 55.

6. — Mas a fidelidade ao sangue, ao laço tribal, o zelo do *totem* gentilico, precede a todos os outros sentimentos sociais do homem. A sua força é tão profunda que teve o poder de reunir as primeiras hordas, e se firmou, através dos tempos, como o impulso permanente das energias coletivas; PN, 56, 138; FV, 40 a 41.

7. — [v. n.º 14]. — Esta bela noção de patria, a patria viva dos irmãos, dos pais e dos filhos, não é o simbolo do patriotismo brasileiro. Nós não exprimimos o interesse pela conservação nacional senão com a fórmula dramática do culto da bandeira e do ardor militar: PN, 56, 136, 138 a 141; ON, 15. [v. *Politica Nacional*, 14, 15, 88, 130 e 131; *Patria e Nação*, 1, 8, 9, 28 e 36; *Defesa militar*, 30].

8. — Tal desprendimento é que inspira o simbolo de Canaan para imagem do nosso ideal patriotico, como se essa imagem não envolvesse o sarcasmo de que seremos os canaanitas da tragedia gravada nesse simbolo — o povo condenado ao exilio, nos areais do deserto, ou á submissão perpetua, sob o jugo do conquistador: PN, 56.

9. — Não póde ser esse o ideal da nossa nacionalidade. O simbolo do nosso ideal deve traduzir o paralelismo entre a vastidão do nosso territorio e a vastidão da nossa hospitalidade, entre a ambição, que temos, como homens, e a ambição que respeitamos nos outros homens; a aspiração de receber, em troco do asilo que damos, e do coração que abrimos a todas as fronteiras, a mão estendida para as permutas leais: PN, 57.

10. — [v. n.º 33]. — E' cousa diversa o que entre nós se está fazendo. Mas o povo brasileiro precisa ser *imigrado* á posse da sua terra e ao gozo dos seus bens: PN, 57; ON, 182; AZ. [v. *Politica Nacional*, 43].

11. — A civilização que deve florescer em nossa terra figurará o inverso do mito de Babel: o regresso dos povos dispersos pelo mundo ao solo de uma patria formada sobre a base generosa e pratica do amôr ao homem e do amôr á vida: PN, 57; ON, 101 a 102, 108, 190-191, 196-197; FV, 26 a 27. [v. *Politica Nacional*, 129; *Militarismo*, 18;

Politica mundial, 148; *Emigração*, 1; *Imigração*, 7 e 8].

12. — Esse é o problema que deve ser utilizado pelos nossos poetas e pelos nossos estadistas: PN, 57; ON, 76; AF. [v. *Politica Nacional*, 42; *População Nacional*, 8].

13. — A solidariedade patriótica, fundada na consciencia de interesses comuns, é, em nosso paiz, por força da sua conformação geografica, mais difficil e mais necessaria: PN, 84-85.

14. — [v. n.º 7]. — O patriotismo liturgico é bom apenas quando expresso com austeridade, para recordar os fátos do passado: PN, 142.

15. — Dadas as varias causas de diferenciação geografica do paiz, é de perguntar se o nosso territorio possúe as condições necessarias ao *habitat* de um povo unido pelo laço politico de nacionalidade: ON, 9 a 11. [v. *Politica Nacional*, 98; *Patria e Nação*, 53].

16. — A' luz do conceito moderno de nacionalidade e apesar de certas teorias que apenas sistematizam os fátos do passado, o Brasil é uma nação, embora seja evidente a força de elementos dispersivos, que a abalam: ON, 11, 152, 198; AB; AE; AF; AG; AK; AP; AZ; BR; BT; CG; CN; CO.

17. — A colonização tende a afrouxar os elementos organicos da nacionalidade: ON, 11-12.

18. — Também no ponto de vista da inteligência, do caráter e da atividade, a observação já denota traços distintos, entre os diversos tipos das varias regiões do paiz: ON, 12. [v. *Espírito Nacional*, 9].

19. — Nos paizes vastos e despovoados, o homem tende para o individualismo, como nos de densa população tende para o socialismo. Isso concorre para desunir, social e economicamente, o nosso paiz: ON, 12 a 14.

20. — Para documento desse fenómeno de dispersão a politica oferece um quadro altamente sugestivo, porque a base das nossas organizações partidarias é a politiquice local: ON, 14, 144 a 145. [v. *Organização constitucional*, 106].

21. — O comercio diréto das varias praças com os paizes estrangeiros é outro fator de desagregação: ON, 14.

22. — Também é outro fator de desagregação a rivalidade entre as diversas seitas religiosas: ON, 14. [v. *Religião*, 33].

23. — Por todos esses motivos, o problema da unidade nacional se apresenta como a questão culminante do nosso futuro: ON, 14. [v. *Critica do Conhecimento*, 138].

24. — [v. ns. 34 e 35]. — Esse problema quasi não se define materialmente, porque a uni-

dade politica nos obumbra a vista á realidade da desunião moral, social e economica: ON, 14-15, 145, 203 a 204, 268 e 269; FV, 41; AA; AF; AK. [v. *Organização constitucional*, 106; *Politica Nacional*, 98; *Origens da nação brasileira*, 6].

25. — A unidade politica é que parece não só firmemente consolidada, como livre de qualquer ameaça de separatismo: ON, 15.

26. — [v. n.º 34]. — Um paiz só possúe unidade quando cobre a sua terra e envolve os seus habitantes um forte tecido de relações e de interesses praticos; se estes interesses e essas relações não resultam espontaneamente da natureza da terra e do caráter do povo, é indispensavel creá-los: ON, 16; FV, 40 a 41; BA. [v. *Economia nacional*, 79; *Patria e Nação*, 33, 48, 52 e 53; *Origens da nação brasileira*, 6; *Politica Nacional*, 98].

27. — As nações modernas, feitas sobre terrenos heterogeneos, com raças distintas, não se formam espontaneamente: são obras d'arte politicas, que exigem decadas de trabalho conciente e de calma colaboração, á luz de um programa: ON, 16, 104, 182-183; AI; BD; BM; BP; BV; CD; CI; CQ; CS. [v. *Politica Nacional*, 17, 98 e 164].

28. — A pratica do nosso regime constitucional é nociva á unidade politica do paiz: ON, 18, 269. [v. *Organização constitucional*, 11, 105 e 195].

29. — A nossa vida coletiva não traduz uma soma de esforços redutíveis, politica e socialmente, a uma expressão homogênea; é um amontoado de orientações e vontades anarquizadas: ON, 62; AE; AF. [v. *Critica do Conhecimento*, 33; *Politica e Governo*, 64; *Evolução historica e progresso em geral*, 60; *Politica Nacional*, 77].

30. — Uma nação que ainda se não adaptou ao seu meio fisico não pôde ter constituido o seu meio social: AJ; BS; CQ. [v. *Sociedade e individuo*, 16; *Politica Nacional*, 29; *População Nacional*, 37].

31. — Cada geração de brasileiros é uma geração de bohemios sobre a ruina da sua terra: AJ; AM.

32. — Ninguém conta, entre nós, com a possibilidade de deixar fortuna aos herdeiros, nem com as condições sociais precisas para formar a personalidade dos filhos, ou assegurar-lhes carreira honesta e segura: AJ; AM. [v. *Patria e Nação*, 4 e 11; *Economia Nacional*, 26].

33. — [v. n.º 10]. — O brasileiro é o estrangeiro da sua terra: AM; AP.

34. — [v. ns. 24, 26 e 29]. — A nação está dividida entre os interesses egoistas de cada individuo e de cada grupo; esses interesses cristalizaram um sentimento bravio de despotismo personalista, onde nunca a patria aparece integrada na

sua forma total: AP; AU. [v. *Patria e Nação*, 56].

35. — [v. n.º 24]. — Falta-nos completamente o espirito associativo, e essa falta é de origem politica: BA; CL.

36. — A nossa evolução historica não nos deu o processo de anabolismo seletivo, que distribúe os homens, senão rigorosamente nas posições, ao menos nas suas esferas proprias de atividade: BO.

37. — O nosso paiz não tem culpa dos erros que se verificaram no inicio da sua formação historica: BM; BP; CL; CP. [v. *Politica Nacional*, 10 e 148].

38. — O idioma não constitúe, por si só, um elemento de coesão nacional; mas é fator que se deve zelar nos paizes novos: PM, 160, 164; ON, 69, 85, 89-90; PN, 7.

CAPITULO XXI

POPULAÇÃO NACIONAL

1. — Os fatores mesologicos são determinantes dos caractéres étnicos. Produzidos pelos meios fisicos, estes caractéres assinalam, em cada um desses meios, os tipos mais aptos para aí viverem — os tipos superiores, por conseguinte, para esses meios: PN, XIX, 73; ON, 7, 195; FV, 35. [v. *Raças*, 4 e 7].

2. — Do fenómeno da seleção natural mesologica resultaria que as raças autóctones tenderiam, por natureza, a fortalecer-se, e as outras a decair. Mas, como a perfetibilidade destas está demonstrada pelos fátos, uma outra conclusão se impõe: se o meio artificial, formado pelas condições de vida no estado de civilização, permite a adaptação de individuos de outras raças, o conjunto de tais condições, cooperando com os fatores mesologicos naturais, deve favorecer particularmente as raças indigenas: PN, XIX, 195.

3. — Ora, a nossa população, contendo, infelizmente, pequena fração dos antigos povoadores do sólo, mas podendo aproveitar ainda muito das tribus em estado selvagem, conta grande numero de tipos de raças oriundas de meios identicos — os negros, e, nas suas camadas superiores, possúe decedentes das raças mediterraneas, de meios quasi tropicais, com mescla das raças trigueiras do Oriente e do Norte da Africa: PN, XIX; ON, 84.

4. — Não ha motivo para crêr, outrosim, na degeneração das nossas popu'ações, mesmo levando em conta a historia mesologica da nossa especie, por onde se pode concluir que as raças atuais, contando seculos de vida em sociedade, devem ter, em circulação no sangue, germes de quasi todos os males que assolaram a humanidade: PN, XX.

5. — [v. n.º 25]. — Se a crise da adaptação climaterica não podia deixar de provocar, nos individuos imigrados e na prole da raça que colonizou o paiz, verdadeiras revoluções organicas, a falta de adaptação ao meio fisico ainda mais nos desviou do curso normal da formação progressiva de todas as nacionalidades: PN, XX-XXI, 44 e nota.

6. — Precisamos emancipar-nos do *preconceito da latimidade*, afeição ficticia, de méra sugestão literaria, a repelir, dentro em nós, outras sim-

patias mundiais: PN, 7; BF. [v. *Raças*, 32; *Política Mundial*, 158; *Política internacional brasileira*, 8; *Educação e Ensino*, 4].

7. — A idéa de *raça* é uma das mais abusivamente empregadas entre nós: PN, 8; ON, XL; AM.

8. — Brasileiros, o nosso aféto patriótico deve abranger, numa igual e completa cordialidade, os descendentes dos portugueses, dos negros, dos índios, dos italianos, dos espanhóes, dos eslavos, dos alemães, de todos os outros povos, que formam a nossa nação: PN, 9; ON, 196-197; AI; BM. [v. *Nacionalidade brasileira*, 11 e 12; *Política internacional brasileira*, 31].

9. — Razões pelas quais devemos simpatizar com o negro: PN, 10 a 12; ON, 8, 143 e 196; BE.

10. — O contraste entre o nosso inteiro despreconceito para com o caboclo e o desdém que se mostra pelo negro ilumina a feição literaria e convencional de alguns dos nossos sentimentos sociais: PN, 10-11.

11. — Embora a doutrina da desigualdade das raças tenha perdido os seus pontos de apoio em todas as regiões da ciencia, ha, contudo, um paiz em que essa doutrina teve toda a força e autoridade do mundo intelectual. Este paiz é o que possúe a população mais mesclada do mundo;

o em que se verificam inumeros casos de miscigenação, cruzados entre varias estirpes; o em que a parte mais nobre do povo é formada por gente das raças tidas por inferiores: PN, 53. [v. *Politica nacional*, 30].

12. — Esta singular *abnegação* seria uma interessante virtude, se não exprimisse curiosidade mais rara: a de um povo que os acasos da Historia destinaram a ser orientado, sobre o oceano infinito das idéas, por uma das mais bizarras direções de que ha exemplo: PN, 53-54; FV, 7 a 8. [v. *Educação e Ensino*, 8; *Politica Nacional*, 20].

13. — [v. n.º 29]. — A nossa raça é capaz do esforço de reorganização nacional: PN, XXVII, 57, 61-62; ON, XXIV, XLI-XLII; AH; AM; AP; BU. [v. *Politica Nacional*, 43, 85 e 173].

14. — Considerações sobre os varios elementos étnicos da nossa população, — o indio, o negro, o alemão, o italiano, o espanhol e o portuguez: PN, 61 a 65, 73 e 74, 137; ON, 84 a 85, 196; AM.

15. — Como se explica o nosso preconceito contra o mulato. Em posição superior aos pretos, o mulato não encontra, todavia, apoio para se incorporar aos brancos, e fica, assim, uma vitima do desprezo de uns e da inveja de outros: PN, 62.

16. — [v. n.º 41]. — No estado atual dos povos, não ha motivos para que nos inquietemos com o problema das raças. Deixemos, nesse particular, que a seleção faça a sua obra: PN, 66. [v. *Sociedade e individuo*, 37].

17. — Teremos apenas de resolver o problema do ponto de vista da dificuldade que ele apresenta, em face da ciencia, quanto ao aperfeiçoamento futuro: PN, 66.

18. — A tése mais delicada é a dos cruzamentos, assim no que respeita á fecundidade das uniões de individuos de raças distintas e dos produtos dessas uniões uns com outros, como á harmonia e equilibrio dos caractéres dos pais, nos descendentes híbridos e mestiços: PN, 66-67.

19. — Distinção entre especie e variedade: PN, 67-68.

20. — Não ha ainda nenhum elemento de rigor científico que distinga, com exatidão, o tipo do híbrido do tipo do mestiço. Apenas os naturalistas e etnólogos convergem em chamar híbridos os descendentes de uniões de especies e mestiços os descendentes de uniões de raças: PN, 69.

21. — Da fecundidade, no hibridismo e na mestiçagem. A esterilidade do mulato é, entre nós, um fáto, que póde servir de base a uma politica eugénica: PN, 69-70; AI.

22. — O cruzamento, ou produza a degeneração organica do individuo, ou seja, nesse parti-

cular, indiferente, deve, em razão de tal dúvida, ser evitado: PN, 69 a 71, 74-75; ON, 195-196; AI. [v. *Imigração*, 5; *Raças*, 28].

23. — E' preciso não confundir o *cruzamento étnico* com as *uniões entre individuos da mesma raça*, a titudo de aperfeiçoar a decendencia. Se a união de individuos normais com individuos predispostos á molestia ou á decadencia organica é um dos meios de regeneração fisiologica da estirpe, não é possivel dar por assentada a idéa de que estas uniões devem ou podem consistir em cruzamentos entre raças diferentes. A hereditariedade fisiologica e a hereditariedade étnica obedecem a processos distintos: PN, 71-72.

24. — Não se trata, no caso, de nenhum argumento de superioridade, senão apenas de capacidade vital: o fáto da esterilidade da progenie é um fáto de hereditariedade, que não envolve depreciação alguma do valor pessoal do individuo: PN, 72-73; AI; AM; CB. [v. *Raças*, 1, 37, 43 e 44].

25. — [v. ns. 4 e 27]. — Precisamos reagir contra o habito de menoscabar do nosso sangue, dando-nos por um povo de degenerados. Se ha sinal de algum enfraquecimento nas nossas raças, isso provém do processo de aclimatação dos imigrantes e da ausencia de meios de preservação da vida: PN, 75-76; ON, 84 a 85, 102 e 103; FV, 35. [v. *Raças*, 5 e 28].

26. — A nossa população aumenta; mas o valor social da população não se tem desenvolvido: PN, 101; ON, XXIX, XXXVIII, 105, 179-180; FV, 34. [v. *Economia Nacional*, 100].

27. — [v. ns. 4, 25 e 44]. — O nosso povo é caluniado pelos seus homens de letras e pelos seus homens de Estado: PN, 117-118; ON, 105-106; FV, 10-11, 43; AL. [v. *Educação e Ensino*, 8; *Política Nacional*, 30].

28. — O sacrificio das gerações de brasileiros, nas lutas com as forças da imigração e do capital, não é um fáto étnico; é um fáto social, que se reduz, por fim de contas, a um fáto politico, porque é a obra dos governos: PN, 118, 130; ON, XXVII-XXVIII, XXXVI, 102 e 103, 118 a 119, 190 a 191; FV, 30 a 31, 34 e 35. [v. *Raças*, 30; *Política Nacional*, 55, 66 e 104; *Imigração*, 1; *Economia nacional*, 24, 34, 40, 105 e 122].

29. — [v. ns. 13 e 39]. — As raças são julgadas pelo vigor, pela independencia e pelo brio com que sustentam a sua autonomia: PN, 137-138. [v. *Política Nacional*, 136, 137 e 164; *Política internacional brasileira*, 22].

30. — Um povo que renuncia á gestão dos seus bens, para confiá-la a mãos estrangeiras, não pôde prezar sinceramente a capacidade politica. Essa renúncia implica a idéa de comprar o ocio á custa da miseria da prole: PN, 138. [v. *Política Nacional*, 85 e 115; *Economia Nacional*, 31].

31. — Não é possível esperar grande cousa, no concernente á civilização dos nossos indigenas, de um sistema de educação, que os isola em colonias, que lhes magôa os preconceitos, violando os tabús da tribu a que pertencem, e quér impôr-lhes instituições, como a monogamia, radicalmente contrárias aos seus costumes imemoriais: ON, XXVIII e 103.

32. — A zona intertropical é o berço do animal humano; aí floresceram as primeiras e mais luxuriantes civilizações. Só mais tarde uns tantos accidentes conseguiram arremessar grandes massas de população para zonas frias. Mas é natural que o homem tente voitar para o seu berço. A essa luz são privilegiadas as condições do nosso paiz: PN, 66; ON, 7. [v. *Raças*, 24 e 35].

33. — Não é apoiada em dados positivos a hipótese de que o nosso autóctone descende de antiga civilização: ON, 84.

34. — Precisamos cuidar das populações do nordéste, emquanto não se resolve o problema das secas: ON, 151.

35. — Precisamos organizar um serviço permanente de recenseamento da população: ON, 178; AN.

36. — Necessidade de um serviço permanente sobre os problemas da formação da população e da nacionalidade: ON, 178.

37. — Esse serviço terá em vista as soluções destinadas a fazer dos individuos valores sociais e da sociedade um centro de cultura de elementos sãos: ON, 178; AF; AI. [v. *Nacionalidade brasileira*, 30].

38. — Representamos, na grande maioria da população, um tipo étnico que em curtissimo periodo de ação livre e pessimas condições de competencia com outros, realizou uma brilhante civilização e uma alta cultura: ON, 196. [v. *Raças*, 25].

39. — [v. n.º 29]. — Se alguma posição nos cabe, na obra da civilização, essa posição não póde ser outra senão a da luta pelos nossos patricios, porque esta defesa corresponde á unica politica imposta ao mundo, nos dias de hoje: ON, 197 a 198; FV, 40, 42; AI; CI; CO. [v. *Patria e Nação*, 53; *Politica Nacional*, 56, 98, 104, 129 a 131, 144, 145 e 173; *Politica Mundial*, 79; *Evolução historica e progresso nacional*, 18; *Politica internacional brasileira*, 33; *Emigração*, 6].

40. — Quando condenamos o nosso povo, não nos lembramos que estamos condenando a nós mesmos, individualmente: FV, 43.

41. — [v. n.º 16]. — Admitamos a existencia de raças inferiores, que se destinam a ser vencidas. Mas, por que prejudgar o litigio, ajudando os poderosos e aconselhando-nos a renuncia? FV, 41 a 42; AM. [v. *Sociedade e individuo*, 37].

42. — Deve caber á mais numerosa das nossas raças o direito de dirigir as demais na organização de uma pátria: AM.

43. — A teoria da desigualdade das raças excita entre nós as duas qualidades carateristicas dos estados de decadencia: — a antipatia á attitude objetiva do espirito, que inclina a solver e a produzir usando das forças, dos meios e dos materiais de que se dispõe, sejam quais fôrem, — e a vaidade e egoismo dos dirigentes, para os quais julgar e condenar os outros justifica sempre o fáto de não solver e de nada fazer: AM.

44. — [v. ns. 4, 25 e 27]. — Está hoje abandonada, na opinião culta, o preconceito da inferioridade das nossas raças: BM.

CAPITULO XXII

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E PROGRESSO NACIONAL

1. — O que realmente está em progresso no nosso paiz é apenas o movimento do commercio exterior, — as verbas de importação e exportação, de mercadorias: PN, XVIII, 144-145; ON, 151, 162-163, 180, 183, 248-249; BD; BQ. [v. *Economia nacional*, 115 e 124; *Viação e Transportes*, 3].

2. — A evolução dos paizes creados por áto do homem (descobrimto), ou resulta de uma série de outras creações, tambem deliberadas, ou é reflexo da atividade dos outros povos, *atividade sempre contraria aos interesses dos paizes novos*, cujo desenvolvimento é obstado, desviado, ou esmagado pelas correntes mais poderosas, dessa atividade: PN, XXII, 111-112, 117-118. [v. *Economia Nacional*, 24 e 25; *Questão social*, 41; *Eco-*

nomia em geral, 11; *Politica Nacional*, 129 e 130; *Emigração*, 6].

3. — Em nosso paiz, individuos, grupos e associações agitam-se, enriquecem-se e progridem, á custa da fortuna, da seiva e das energias nacionais: PN, 37. [v. *Patria e Nação*, 55 e 56; *Questão social*, 42; *Politica e Governo*, 62 a 64; *Nacionalidade brasileira*, 29 e 34].

4. — Os paizes americanos possuem uma grande força civilizadora: a falta de tradições e instituições aristocraticas, de espirito de hierarquia, de tendencia para a disciplina e a autoridade: PN, 98; ON, 71; FV, 26; AF; AL; AQ. [v. *Questão social*, 47 e 48; *Politica Mundial*, 84].

5. — Em compensação, trazem uma fonte provavel de ruinas e desordens futuras: a vasta propriedade territorial, a exploração senhorial da terra, o estimulo de intensa exploração, que animaram os seus primeiros habitantes e animam os de hoje: PN, 98; ON, 57 e 58; FV, 13. [v. *Patria e Nação*, 52; *Economia nacional*, 25; *Politica internacional brasileira*, 19; *Questão social*, 41; e 52; *Economia em geral*, 12].

6. — A sociedade é uma realidade complexa, que se estende, num dado momento, sobre o territorio nacional em que existe, e desenvolve-se indefinidamente das épocas remotas da sua formação para o presente, projetando a sua vida e a sua

evolução para o futuro, com uma logica necessariamente previsivel: PN, 16. [v. *Critica do Conhecimento*, 16 e 75; *Politica e Governo*, 3].

7. -- O futuro apenas deixa de ser um fâto, por carecer de apresentação objetiva. O futuro de uma sociedade é, politicamente, uma abstração positiva, uma realidade antecipada: PN, 116; ON, 72 a 74, 186; FV, 41; CC. [v. *Questão social*, 20; *Critica dos Conhecimentos*, 151].

8. — Quando se cogita de preparar o futuro de uma nacionalidade, qual o fim, o escopo, o ideal em mira, no espirito dos estadistas? Aquilo que se traduz, na vida pratica, pelas expressões de bem estar, de felicidade, de contentamento: PN, 117; ON, 94 a 95, 99 a 100, 169, 250; AF. [v. *Organização Constitucional*, 1].

9. — Ao invés do conservantismo a Thiers, nós fazemos apenas o conservantismo das formas e das apparencias: ON, X, nota, 280. [v. *Critica do Conhecimento*, 51, 174 a 176].

10. — O que chamamos *a ordem do Imperio*, como a de hoje, era essa ordem parasidiaca, em que a nossa terra viveu a paz material das feitorias: ON, 58, 177. [v. *Politica Nacional*, 160; *Direito*, 15].

11. — E' uma illusão supôr-se que os Estados têm prosperado graças ao regime federativo: ON,

148; BQ. [v. *Organização constitucional*, 90; *Questão social*, 37].

12. — De fáto, relativamente prosperos são os Estados do extremo sul — Rio Grande e Santa Catarina, e, mais duvidosamente, o Paraná, dada a plena adaptação do colono ao meio fisico e dados os processos de produção a que eles estavam habituados nos seus paizes de origem: ON, 139-140.

13. — S. Paulo e Rio de Janeiro representam, ao contrario, casos de imprevidente exploração da terra, que vai sendo devastada pela monocultura do café: ON, 149 a 150, 180; AF; AZ; CD. [v. *Economia Nacional*, 1, 7 e 116; *Agricultura e Pecuaria*, 6].

14. — No mesmo sentido se processa a atividade economica da Amazonia: ON, 149, 210.

15. — De parte Minas, cuja prosperidade, em relação ao seu territorio e aos seus recursos, é contestavel, todos os mais Estados estão, de fáto, decadentes: ON, 150-151.

16. — [v. n.º 1]. — Não tendo apreendido a feição organica do progresso, obumbra-nos a ilusão de que a forma atual do desenvolvimento dos paizes mais adiantados representa o estado superior da evolução humana: ON, 178, 186 a 187. [v. *Questão social*, 43; *Evolução historica e progresso em geral*, 66 e 76; *Economia Nacional*, 17].

17. — Além disso, nessas velhas civilizações, o progresso material resultou do surto inventivo, que fez surgir a maquina, e, logo depois, a eletricidade; mas as forças que o produziram não sómente vieram a ganhar proporções desmesuradas, como determinaram um retrocesso na evolução do homem: ON, 187. [v. *Patria e Nação*, 46].

18. — Cada invasão disso, a que se chama, entre nós, *civilização material*, se tem traduzido pelo esmagamento e pela eliminação de individuos, familias e grupos nacionais: FV, 42 a 44. [v. *População Nacional*, 39; *Politica Nacional*, 18 e 56; *Economia Nacional*, 115; *Imigração*, 16; *Politica internacional brasileira*, 19 e 20; *Emigração*, 6].

19. — O nosso paiz encontra-se num estado de plena dissolução: AB; AF; AL; AP; BD; BT; CJ; CK; CN. [v. *Politica Nacional*, 18, 25 e 134; *Organização constitucional*, 197].

20. — A nossa *civilização material* põe em contraste o fausto da existencia, nesta cidade de avenidas luxuosas, com a barbaria, a miseria e o abandono de terras e populações do interior: ON, XXXVIII; AB; BH; CC. [v. *Economia nacional*, 102; *Higiene*, 9; *Questão social*, 42; *Politica Nacional*, 145].

21. -- As conquistas já alcançadas pelo espirito humano, quanto ao aperfeiçoamento do homem, são puramente nominais no nosso paiz: AE.

22. — Estamos no mundo inteiro, e mais ainda no nosso paiz, em época de transição: AF; BH.

23. — O *cerimonial* é, entre nós, uma contrafação da arte e do bom gosto, com que imitamos o *parvenu* e falsificamos o temperamento da nossa civilização: BH. [v. *Politica Nacional*, 64].

CAPITULO XXIII

ORGANIZAÇÃO CONSTITUCIONAL

1. — [v. ns. 60, 156, 157, 184 e 197]. — O regime precisa de ser substituído por outro, capaz de levar a termo o encargo da geração presente para com o futuro do paiz: PN, XXVII; FV, 47 a 48; AB; BM; BV. [v. *Politica Nacional*, 17, 115 e 116; *Nacionalidade brasileira*, 27; *Questão social*, 52; *Evolução historica e progresso nacional*, 8].

2. — Toda lei constitucional deve ser flexivel; mas essa flexibilidade deve consistir, não em ser acomodada a fatos passageiros, fortuitos ou accidentais, que fazem exceção á regularidade da evolução politica, nem a interesses esporadicos, mas ás correntes profundas, em que se refletem os fenómenos da vida social: PN, 42, 114-115; ON, 224; AA.

3. — [v. ns. 9, 11 e 90]. — A nossa federação é uma federação de caudilhagem: PN, 133; ON, 221 a 223, 264; FV, 22; AB; AF; BQ.

4. — Leis e regulamentos de todas as procedencias, repartições copiadas de todos os paizes, — essa montanha de preceitos legais, que não interessam ao individuo e á sociedade senão em momentos excepcionais da existencia, e isso mesmo só em relação aos átos que têm origem e natureza juridicas, — fundaram, em nossa existencia positiva, uma vida de teatro entremeada na vida real, com interpretações literais de textos inglezes e norte-americanos: PN, 139-140; ON, 5-6, 143, 255-256; BZ. [v. *Politica Nacional*, 113, 165 e 171].

5. — Dominando tudo isso, duas grandes divindades garantem a segurança e mantêm. entre nós, o direito: a bondade e a probidade do povo, sem igual em qualquer parte do mundo: PN, 146; AA; BS.

6. — [v. n.º 169 e 197]. — Com a sua escassa policia e a sua insufficiente justiça, o Brasil é um paiz em estado de anarquia, com ordem e direitos espontaneamente mantidos pela honestidade popular: PN, 146; AA.

7. — [v. ns. 105, 151, 152, 180, 183, 207 e 212]. — A Constituição de 24 de fevereiro é absolutamente impraticavel, porque inadequada:

ON, VIII-IX, 140; AB; AF; AP; AT; CO; CR. [v. *Direito*, 19; *Política Nacional*, 113 e 138].

8. — [v. ns. 149, 159, 162 e 197]. — O regime republicano foi obra de uma revolta, sem cultivo prévio na opinião e sem preparo organizador, surgida, inesperadamente, das trevas da conspiração política para a realidade, por força de um trabalho subterrâneo, favorecido por alguns acidentes da politica imperial: ON, IX, 59, 141-142, 143; AA; AF; AU; BQ.

9. — [v. ns. 3, 11 e 90]. — O nosso federalismo é meramente nominal; ao invés de federação, temos desmembramento: ON, XXVI, 143, 264, 269.

10. — [v. n.º 147]. — Elogios ao zelo, á intelligencia e á honestidade do nosso funcionalismo: ON, XXXVII.

11. — [v. ns. 3, 9, 90 e 106]. — No texto constitucional somos uma federação; na pratica, entretanto, essa federação é desvirtuada, porque os nossos politicos são estadualistas: ON, 18 a 21, 25, 144 a 145, 147 a 148, 203, 219, 221, 269 a 270; AF; AU. [v. *Nacionalidade brasileira*, 28].

12. — [v. ns. 21, 25 e 27]. — Demais disso, os interpretes do direito constitucional, entregando-se á importação literal dos textos norte-americanos, fizeram com que a aplicação da nossa mag-

na carta deixasse de corresponder aos seus intuitos, truncando-se, dessarte, a efficacia das suas disposições capitais: ON, 21-22.

13. — O nome de *Estados* foi dado ás nossas antigas provincias por simples imitação da técnica norte-americana: ON, 18, 219, 269-270.

14. — [v. ns. 73 e 124]. — Os nossos constitucionalistas importaram as fórmulas norte-americanas de exegese, iludidos pela identidade das duas cartas politicas, mas perderam o ensejo de attribuir aos nossos textos um espirito seu, que adequadamente imprimisse efficácia prática ás suas disposições, de acôrdo com as nossas necessidades e com os fâtos da nossa vida pública: ON, 21, 221 a 222, 225-226, 268, 274, 297-298.

15. — Com o poder de intervir nas provincias, o governo federal póde subrogar-se na autoridade estadual, chamando a seu arbitrio as attribuições, que lhe fôr necessario exercer. Nisto é que propriamente consiste o poder de intervenção: ON, 22 a 27, 147-148, 203-204, 221, 224-225.

16. — No que toca á responsabilidade dos emprestimos externos, os prestamistas não distinguem entre “provincias” e “governo federal”. Qualquer falta de exação passa a refletir-se sobre o crédito de todo o paiz: ON, 24-25, 249.

17. — Como deve ser compreendida a “fôrma republicana federativa”: ON, 25 a 27, 145, 171, 230.

18. — Expressão perfeita do “governo juridico”, a república presuppõe a existencia, em todo o territorio nacional, de autoridades legais, agindo dentro da lei, para garantirem aos individuos a liberdade, a propriedade, a vida, todos os direitos, em suma. Só este conjunto de elementos constitúe a *forma republicana* de governo. Na provincia em que não fôr essa a realidade haverá anarquia, que o regime não póde tolerar: ON, 26, 171.

19. — Todos os preceitos de um estatuto constitucional “rigido” são obrigatorios, assim para os individuos como para as autoridades, e todos, realmente, vêm a ser *princípios constitucionais da União*: ON, 26-27.

20. — A nossa lei fundamental não é uma *constituição*; é um estatuto doutrinario, composto de transplantações juridicas alheias: ON, 29-30, 39-40, 60-61, 219; AF; AG; AK; AQ; AY; AZ; BS. [v. *Politica Nacional*, 110 e 113; *Politica e Governo*, 89, 91 e 111].

21. — [v. n.º 12]. — Por isso, no interpretar o seu pensamento íntimo, precisamos recorrer ás idéas, ás noções e ás doutrinas alheias, que dirigiam o espirito do legislador, no momento em que a elaborava: ON, 29.

22. — Como obra de estética e de ideal político é, talvez, o mais notavel documento da cultura juridica contemporanea: ON, 30.

23. — Não tendo tido por fim regular fatos da vida pública do nosso povo e necessidades positivas do nosso paiz, o legislador abandonou inteiramente o criterio pratico, proprio de um trabalho legislativo assentado sobre o terreno da observação e da experiencia, em que se refletem as fórmas da vida real: ON, 30; AF. [v. *Politica Nacional*, 113, 128, 139 e 167; *Politica e Governo*, 76, 89 e 121].

24. — Haja vista, por exemplo, a discriminação das esferas dos poderes estaduais e federais: ON, 29, in-pr., 32 a 38, 269-270.

25. — [v. n.º 12]. — Das diferenças entre a criação legal da nossa federação e a formação historica da federação americana: ON, 20, 31, 225, 269-270; AF; AH; AQ. [v. *Origens da nação brasileira*, 2].

26. — [v. n.º 170]. — De não se ter considerado nessas diferenças nasceu o deixar o legislador constituinte que os poderes estaduais fôsem definidos por exclusão, como se eles preexistissem ao governo federal: ON, 31, 225 a 226, 297 a 298.

27. — Essa fórma, além de mais trabalhosa para os que tinham de desenvolver o direito nacio-

nal, trazia o perigo de permitir aos Estados uma discricção mais vasta: ON, 31-32.

28. — A *constituição* é a nossa lei suprema, e o instrumento dessa lei suprema é o governo federal, em seu conjunto: ON, 32, 221 a 224, 230, 232 a 234; AF; CR.

29. — [v. ns. 71 e 107]. — Todas as suas disposições são necessariamente *constitucionais*, e destinam-se, por conseguinte, a ter existencia permanente em todo o territorio do paiz: ON, 32, 230, 251.

30. — [v. n.º 107]: — Quando, pois, a *constituição* diz que assegura tais direitos, isso quer significar, não sómente que os proclamará em leis, como tambem que os fará observar, respeitar, ou reparar, quando lesados: ON, 33, 235 a 236, 290; AP; CM; CR. [v. *Politica e Governo*, 101].

31. — Tal compromisso implica a certeza do apoio dos poderes federais ao individuo, quando as leis ou as autoridades estaduais não dérem cumprimento, ou se opuzerem, ás garantias da lei suprema: ON, 33, 232 a 236, 290.

32. — [v. n.º 122]. — Para assegurar a liberdade, temos o *habeas-corpus*, como recurso para o Supremo Tribunal. Não temos, entretanto, com a mesma amplitude, nenhum *instituto consti-*

tucional que proteja os direitos de segurança pessoal e de propriedade: ON, 33 a 34, 236 a 237; CH; CR.

33. — [v. n.º 120]. — Contra a separação feita entre o direito substantivo e o direito processual, e contra a dualidade da magistratura: ON, 34, 269, 281; AB; AF; BP.

34. — Contra a competência da justiça estadual nas causas sobre espólio de estrangeiros: ON, 34-35, 295.

35. — No *recurso extraordinario*, copiado quasi textualmente do *Judiciary Act* dos Estados Unidos, o legislador brasileiro esqueceu que naquele paiz não ha unidade de direito substantivo: ON, 36 a 37, 239, 295.

36. — Daí a interpretação vitoriosa até hoje na jurisprudencia federal, mas contraria á natureza das instituições, ao espirito da lei e á autoridade politica do paiz: ON, 37 a 38, 237 a 240.

37. — E' principio fundamental do nosso regime que os poderes politicos são equipolentes: ON, 38.

38. — A constituição de um paiz é a sua lei organica, o que significa que deve ser o conjunto das normas, induzidas da propria natureza desse paiz, e destinadas a reger a sua existencia, como se materializassem as manifestações da vida social, adequando por esse modo os princi-

pios á verdade objetiva das cousas: ON, 29-30, 39 a 41, 221 a 223, 271, 299-300; AA; AB; AF; AH; AK; BV; CM; CQ; CR. [v. *Politica e Governo*, 80, 83, 89 e 91; *Politica Nacional*, 113; *Direito*, 1, 19 a 22].

39. — Em verdade, todos os paizes possúem um regime constitucional ostensivo e um regime constitucional verdadeiro, mas subterraneo: ON, 40-41. [v. *Politica e Governo*, 99, 100 e 111].

40. — Está aí o terrível problema da arte politica: conciliar a realidade com a abstracção, ou, pelo menos, aproximar a verdade das cousas do nivel ideal da lei: ON, 40, 221-222. [v. *Sociedade e individuo*, 19].

41. — Como este fenómeno é universal, se a arte politica manifesta nisso o seu atrazo, não é dela que resultam, em tése, os perigos e os males que assoberbam os povos: ON, 41. [v. *Politica Nacional*, 48 a 50].

42. — [v. ns. 2 e 15]. — A maleabilidade das fórmás juridicas é, ao contrario, um elemento benefico, quando o espirito politico é plastico e o interprete pode adaptar as leis ás fórmás sociais: ON, 41.

43. — [v. n.º 170]. — A regra geral é que a marcha das nações se opéra, através ou apesar

das instituições nominais, mas de acôrdo com as correntes profundas que as impulsionam. Isso é que explica a identidade de regimens politicos em paizes diversos: ON, 41. [v. *Sociedade e individuo*, 19; *Critica do Conhecimento*, 86; *Politica e Governo*, 89; *Direito*, 21].

44. — O problema de maior complexidade do nosso sistema politico é o da formação dos órgãos do poder: ON, 41-42, 272; CC; CP.

45. — [v. ns. 59 e 167]. — O cunho de *representação* é o verdadeiro fundamento da legitimidade dos governos; mas esta representação não é a representação convencional da ficção da soberania, nem a dos mandados eleitorais: é a que resulta do acôrdo intimo entre as forças da opinião e os seus órgãos, de modo que os homens possam surgir espontaneamente dos sucessos: ON, 42, 117 a 118, 132, 275, 279; FV, 27; AF. [v. *Politica e Governo*, 6 e 113].

46. — [v. ns. 53, 98 e 112]. — Os politicos que ainda lêem pela cartilha do velho constitucionalismo inglez acreditam que a realidade do regime representativo depende da existencia de partidos organizados; mas a verdade é que as lutas modernas da opinião transbordam dos antigos quadros partidarios: ON, 42-43, 263, 266, 279. [v. *Politica e Governo*, 44].

47. — Nos paizes novos, cujas constituições compendiam principios avançados, os partidos de programas politicos só se justificam quando existe uma opinião reacionaria: ON, 43. [v. *Politica e Governo*, 109].

48. — Fóra daí, não passam de agrupamentos adventicios, que servem menos para congregar opiniões do que para estreitar solidariedades pessoais e embaraçar iniciativas livres: ON, 43.

49. — Outra ilusão dos politicos é a de crêrem na eficiencia da verdade eleitoral como base da representação das correntes de idéas, confundindo-se o ponto de vista da moralidade politica com o da realidade representativa: ON, 43.

50. — [v. ns. 153 e 164]. — No ponto de vista moral, um paiz de constituição democratica, cujo processo eleitoral é fraudulento, repousa sobre uma mentira flagrante. Tal democracia não se distingue de qualquer autocracia senão pela irresponsabilidade dos que exercem a ditadura: ON, 43; AB; AF; AT.

51. — Mas inverte-se a posição dos fatos, dando-se esse defraudamento como causa do sofisma da verdade representativa. Esse defraudamento não é uma causa; é um efeito. A verdadeira causa reside na inexistencia de um regime de opinião, pois as eleições mais sérias, que não

exprimirem um resultado das lutas entre opiniões, não têm por efeito senão firmar o poderio dos individuos que se investem das delegações públicas, por uma das fórmulas mais grosseiras da força bruta — a das maiorias inconcientes: ON, 43-44, 115 a 118.

52. — O regime de opinião depende de um certo gráu de cultura e de um gráu maior de civismo. Se temos o civismo, não temos ainda a cultura indispensavel a esse regime: ON, 44; CC.

53. — Para a realidade do regime representativo, no sentido de expressão da nossa mentalidade, é indispensavel que se formem correntes de opinião; e para que estas se fórmem é necessaria a existencia de um centro, ou de centros intellectuais ativos, operando com energia e liberdade: ON, 45, 204; AC; AD; CP; CR. [v. *Educação e Ensino*, 18; *Politica e Governo*, 19; *Politica Nacional*, 71; *Critica do Conhecimento*, 62 e 63].

54. — [v. n.º 47]. — Os partidos são órgãos de repulsa das personalidades definidas e de esmagamento da liberdade de pensar: ON, 45, 279. [v. *Politica e Governo*, 44, 69; *Evolução historica e progresso em geral*, 36].

55. — [v. n.º 59]. — Por varios motivos, o mecanismo do governo é não somente um nucleo de vida intellectual, mas o centro de onde nasce o

estimulo e de onde saem os recursos para a actividade mental do paiz: ON, 45-46, 50. [v. *Educação e Ensino*, 18].

56. — [v. n.º 142]. — O processo de escolha do pessoal que nos dirige é o mais vicioso possivel: ON, 46-47, 50 a 51, 54, 272, 275; FV, 26; AA; AL; AO; BP; BU; CP. [v. *Politica e Governo*, 54 e 123; *Politica Nacional*, 162 e 163; *Educação e Ensino*, 51].

57. — Um governo representativo, sinceramente deseioso de fundar a nossa democracia sobre a opinião esclarecida, deveria começar por elevar ás posições públicas e animar para o trabalho os homens que pensam, que crêem na eficacia das idéas e que têm a coragem das suas opiniões. Só da ação de tais individualidades pôde surgir uma verdadeira democracia representativa: ON, 47, 52-53. [v. *Politica e Governo*, 19].

58. — Os homens capazes, — em regra tímidos e briosos, — evitam confundir-se na massa dos assaltantes das posições. E', preciso, por isso, que as personalidades dominantes ponham em ação todos os recursos do tacto, toda a largueza d'alma, todo o respeito pelo brio e pelo valor alheios a fim de dissipar prevenções e atrair os elementos úteis de todos os matizes: ON, 49 a 54.

59. — [v. ns. 45 e 55]. — Os governos democraticos devem formar a sociedade governa-

mental. O nível da sociedade de que se cercam dá a medida do valor moral e da elevação de vistas dos dirigentes: ON, 54, 275. [v. *Política e Governo*, 19].

60. — [v. ns. 1, 142 a 144 e 157]. — E' impossível pôr em prática o conjunto de medidas que a vida nacional reclama, se quizermos manter o aparelho das instituições vigentes: ON, 129, 147 a 148, 203 a 204, 215; FV, 32, 47 a 48; AB; AF; AH; AL; AY; BQ; BS. [v. *Política Nacional*, 38].

61. — Para reorganizar o paiz, no sentido de uma distribuição mais larga da riqueza e de um nivelamento mais completo das possibilidades e dos meios de ação, não precisamos atacar a propriedade, nem ferir direitos adquiridos: ON, 183. [v. *Política Nacional*, 40; *Agricultura e Pecuaria*, 21; *Questão social*, 34 e 37].

62. — Substituamos a denominação "Republica dos Estados Unidos do Brasil" pela de "Republica Federativa do Brasil": ON, 219 a 220.

63. — Em vez de "Estados", digamos "Provincias Autonomas": ON, 220.

64. — Devem pertencer á União os territorios litigiosos, ao tempo da proclamação da Republica, e poderão vir a pertencer-lhe outros quaisquer, que por necessidade ou utilidade na-

cional fôrem desapropriados, mediante indenizações ás provincias: ON, 220.

65. — Esses territórios tambem constituirão provincias, administradas por delegados da União: ON, 220.

66. — No texto constitucional, em que se assegure a liberdade de consciencia, com a afirmação necessaria de que o pøder público se reserva a missão de promover, pelos meios ao alcance dos seus órgãos de cultura social, o debate das idéas, isentas de qualquer influencia religiosa, cumpre tambem reconhecer o bem que as crenças pødem fazêr, admitindo-se a participação dos seus fieis nos átos officiais que ponham em jogo problemas de ordem moral: ON, 220; AS; CD. [v. *Politica e Govèrno*, 69].

67. — Faculte-se á União o direito de subdividir as “provincias autónomas” de grande área territorial, ou o de reunir em uma só as de menor extensão: ON, 221.

68. — A União poderá privar de autonomia as provincias incapazes de exercer as respectivas funções constitucionais: ON, 221.

69. — Da autonomia das provincias. A idéa de autonomia precisa ser encarada como idéa de utilidade pratica, no interesse da terra e das populações, sem o cunho de um fáto legalmente ne-

cessario. O principio constitucional da autonomia não cinde a estrutura politica do paiz, e, por isso mesmo, deve exprimir tão somente uma certa des-centralização, com o intuito de melhor distribuição dos poderes, de mais seguro conhecimento dos assuntos e de ação mais proxima do meio em que se exerce a governação: ON, 143 a 145, 229; AA; AB.

70. — Como se deve fazer a intervenção para apoiar o funcionamento normal e livre exercicio dos poderes e autoridades federais: ON, 231.

71. — [v. n.º 29]. — E' impossivel, muitas vezes, distinguir a área da autonomia da área da soberania: ON, 229-230, 232, 251.

72. — A intervenção federal deve sempre iniciar-se amistosamente: ON, 231 a 232, 292; AT.

73. — [v. ns. 14 e 124]. — Precisamos substituir o estilo francez de legislar, preferindo sempre ao texto sintético a fórmula explicativa, onde a idéa se expressa com todos os seus desenvolvimentos. Os habitos do nosso espirito recomendam antes a redundancia que a lacuna: ON, 234 a 235, 257; AA.

74. — No texto constitucional deve ficar expresso que a *liberdade de comercio* é um principio admitido em prol dos interesses materiais do povo,

para que este disponha de exata distribuição dos suprimentos necessários á saúde, á educação e á prosperidade. É, pois, como instrumento deste fim que a *liberdade de commercio* assume o carácter de um principio de direito público: ON, 245 a 249, 281, 288 a 289; AF; CI; CO. [v. *Economia Nacional*, 7, 24 e 31; *Politica Mundial*, 121].

75. — Necessidade de um órgão permanente de fiscalização federal nas provincias, em pról da efetividade da autonomia, da verdade do regime representativo e da ordem administrativa: ON, 249 a 250, 290. [v. *Economia Nacional*, 55].

76. — [v. ns. 1 e 112]. — E' necessario fixar, no texto da constituição, que a organização do governo não obedece apenas aos interesses imediatos da sociedade contemporanea; cumprenos solver todos os problemas, prevendo sempre o seu desenvolvimento futuro e levando em conta o principio da continuidade social: ON, 250, 279; CC. [v. *Economia em geral*, 12; *Sociedade e individuo*, 15; *Politica Mundial*, 79; *Politica e Governo*, 3; *Criica do Conhecimento*, 16, 75 e 151; *Politica Nacional*, 42; *Evolução historica e progresso nacional*, 6].

77. — Como se deve lançar o imposto sobre as operações de cambio: ON, 252. [v. *Economia Nacional*, 50 e 61].

78. — Deve passar ao governo federal o imposto de exportação: ON, 252-253.

79. — O imposto de consumo deve tocar ás provincias: ON, 254.

80. — A's provincias deve caber tambem o territorial, que póde vir a ser muito útil, se inteligentemente aplicado: ON, 254.

81. — Contra a autorização, concedida aos Estados, de taxar a importação, revertendo o produto do imposto para os cofres federais: ON, 254 a 256.

82. — Necessidade de assegurar aos estrangeiros todos os meios de fiscalização dos capitais que aqui applicarem: ON, 258. [v. *Politica internacional brasileira*, 15; *Politica Nacional*, 68 a 70; *Economia Nacional*, 59].

83. — Contra o habito de opôr, como idéas antagonicas, o regime unitario ao regime federativo: ON, 259 a 262.

84. — [v. n.º 117]. — O poder coordenador não é um invento da imaginação; é um órgão integrante do regime federativo presidencial, sugerido pela observação da nossa vida e pela experiencia das nossas instituições: ON, 259, 275 a 276.

85. — O regime unitario é, hoje, um anacronismo, e seria, entre nós, um erro politico: ON, 260.

86. — As confederações são tipos institucionais tendentes a desaparecer: ON, 260.

87. — A carta geografica do nosso paiz é um imperativo de autonomia provincial: ON, 263.

88. — Essa autonomia tem sido, aliás, expressa não só na constituição da sociedade nacional como em varios fátos da nossa historia: ON, 261, 263.

89. — [v. ns. 3 e 11]. — Ha um erro em attribuir o mal das nossas cousas públicas á federação, que não temos, como não viriamos a ter o regime unitario, se mudassemos apenas de fórmula juridica: ON, 264. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 11; *Direito*, 1].

90. — O regime unitario foi, na monarquia, órgão de uma politica opressiva que, em troca de favores eleitorais obtidos para os amigos do poder central, prestigiava as figuras mais nulas dos grupos políticos: ON, 264.

91. — Entre as duas fórmulas — a unitaria e a federativa — a artificial, para nós, era a unitaria: ON, 264.

92. — Não é da autonomia que resulta a nossa desordem. A nossa politiquice é um fruto da nossa economia e da nossa educação, que produziram, desde a monarquia, o *politico* e o *candidato a emprego público*: ON, 264 a 265. [v. *Politica Nacional*, 35, 57 e 66].

93. — [v. n.º 208]. — O *parlamentarismo* corresponde ainda menos ás solicitações da politica nacional do que o regime unitario. Restaurá-

lo seria darmos a maior demonstração de incapacidade politica: ON, 265, 268, 279; BP. [v. *Politica Nacional*, 156; *Politica e Governo*, 125].

94. — No regime republicano o parlamentarismo é uma superfetação: ON, 265.

95. — Na propria Inglaterra, seu paiz de origem, começa a tornar-se obsoleto: ON, 265; BS; CR.

96. — Formação historica do parlamentarismo inglez. Resultou este de uma transação entre a autoridade da dinastia, por um lado, e a força politica dos barões e homens livres dos burgos e condados, a principio, e, depois, do povo, por outro: ON, 265; AH.

97. — [v. n.º 46]. — O parlamentarismo supõe tambem a existencia de dous partidos nacionais, e hoje os problemas da sociedade ultrapassam as divisões partidarias: ON, 266, 279. [v. *Politica e Governo*, 108 e 131].

98. — O parlamentarismo é tambem incompativel com a necessidade, imposta pelos problemas politicos contemporaneos, de governos fortes: ON, 266-267; BU. [v. *Politica e Governo*, 13, 14 e 102].

99. — Durante a monarquia não tivemos do parlamentarismo senão as suas manifestações superficiais; foi um regime de ditadura moderada,

nas mãos de um monarca de espirito abstráto e vontade indecisa: ON, 267; AH.

100. — [v. n.º 196]. — No regime republicano, longe de executar-se o governo presidencial, o que se tem feito realmente é prolongar os abusos do parlamentarismo: ON, 267 a 268.

101. — O nosso apelo ao parlamentarismo, como ao regime unitario, exprime apenas a tendencia natural do espirito humano para oscilar entre moldes já conhecidos de pensar e de agir: ON, 268-269. [v. *Critica do Conhecimento*, 15, 47 e 153].

102. — [v. n.º 191]. — Se todos tivessem justa noção dos problemas praticos compreenderiam que substituir regimes politicos raro importa dar-lhes solução. Transformar é mais facil que corrigir, aperfeiçoar e completar; dispensa o estudo; a fórmula está feita e basta adotá-la: ON, 269. [v. *Politica e Governo*, 76; *Direito*, 18 a 22; *Politica Nacional*, 90, 110 e 166].

103. — A descentralização e o governo presidencial são fórmias que convêm á indole da nação e ao temperamento politico do nosso povo: ON, 269.

104. — [v. ns. 7, 171 e 182]. — Se o regime não foi executado, o ensaio de realização, por que passou, serviu para mostrar as suas lacunas, na

adaptação das instituições ás condições objetivas do paiz: ON, 269.

105. — [v. ns. 3, 11 e 90]. — Tres grandes defeitos destacam-se desde logo. O primeiro é que, organizada no sentido favoravel ao desenvolvimento da autonomia, a federação agravou o mal organico da nacionalidade — a falta de solidariedade economica e social, necessaria á homogeneidade nacional, base da união politica; ON, 269. [v. *Nacionalidade brasileira*, 24, 28 e 29].

106. — [v. n.º 11]. — O segundo defeito consiste no enfraquecimento do governo nacional, quasi anulado como poder politico: ON, 269; AA; AB. [v. *Nacionalidade brasileira*, 20].

107. — [v. ns. 3, 30 e 31]. — O terceiro defeito está na insuficiencia dos seus aparelhos para realizarem o principio da *soberania abstráta da lei*, na vida de um povo habituado, de longa data, ao regime da autoridade: ON, 269; AA; AF; AP.

108. — Fez raizes na opinião politica a idéa de que um poder executivo federal e poderes estaduais fortes são da indole do regime; mas a força que se lhes attribuiu não foi a força governamental, senão uma força discrecional, para o abuso e para a malversação: ON, 269; AF; BU. [v. *Politica e Governo*, 13, 102 e 110].

109. — [v. n.º 168]. — As camaras legislativas não devem verificar os poderes dos seus membros: ON, 277.

110. — Os candidatos devem apresentar um programa em que se contenha um estudo sobre os problemas nacionais e as providencias que o candidato julgar necessarias á solução deles: ON, 277.

111. — Como se devem constituir a Camara e o Senado: ON, 277 a 279, 310.

112. — [v. n.º 76]. — Impõe-se a organização do poder legislativo como o expoente da mentalidade do paiz, onde todos os órgãos do espirito e da atividade nacional tenham voto, para apurarem o modo de solver as aspirações e as necessidades do presente, mantendo o desenvolvimento dos fatores gerais e permanentes da evolução do paiz: ON, 279; FV, 39. [v. *Politica e Governo*, 44].

113. — Com a refórma, a idéa de representação das minorias perde toda a significação: ON, 280.

114. — Tambem perde toda a significação a idéa de substituir trienalmente os membros do Senado: ON, 280.

115. — Considerar-se-á dissolvida a Camara dos Deputados, quando tiver decorrido um terço da sessão legislativa sem que os projetos das leis

ânuas hajam sido enviados ao Senado; e o Senado, quando, exgotados os dous terços da sessão, os mesmos projetos não hajam sido devolvidos á Camara ou remetidos á sanção. Tambem se haverão por dissolvidos, simultaneamente, a Camara e o Senado, quando, finda a sessão legislativa, tais projetos não tiverem sido promulgados, ou não tiverem sido tomadas as contas do antepenultimo exercicio financeiro: ON, 283.

116. — Deve considerar-se perdido o mandato presidencial, se ao se abrir a sessão legislativa não forem apresentados: a mensagem do chefe do governo, os relatorios dos ministros, os projetos das leis ânuas e as contas do antepenultimo exercicio financeiro: ON, 285.

117. — [v. n.º 84]. — Da constituição, composição e atribuição do poder coordenador: ON, 289 a 291.

118. — Como devem ser definidas as funções dos Procuradores da União: ON, 291 a 292.

119. — Das funções dos Delegados Federais: ON, 292 a 294.

120. — [v. n.º 33]. — Como deve ser organizado o Poder Judiciario e quais devem ser as suas atribuições: ON, 294 a 295; AF.

121. — O Procurador Geral da Republica deve ser escolhido entre os advogados: ON, 294.

122. — O *mandato de garantia* é destinado a fazer consagrar, respeitar, manter ou restaurar preventivamente os direitos, individuais ou coletivos, publicos ou particulares, lesados por atos do poder publico, ou de particulares, para os quais não haja outro recurso especial, devendo ser ouvida a autoridade competente, quando o direito lesado fôr de ordem politica ou resultar de atos dessa autoridade: ON, 295.

123. — [v. ns. 14 e 172]. — A nossa jurisprudencia constitucional ainda não produziu cousa alguma que demonstre conçiencia da finalidade politica da lei: ON, 268, 274, 297 a 299; AA; AD; AE; AF; BO; BS; CD.

124. — [v. ns. 14 e 73]. — Da interpretação das leis: ON, 299.

125. — Da organização da lei de meios: ON, 300 a 302.

126. — [v. ns. 66 e 128]. — Proibição do voto de obediencia: ON, 303 a 305. [v. *Politica e Governo*, 69].

127. — A favor dos titulos honorificos; em que sentido e para que efeitos podemos admitilos: ON, 303-304.

128. — [v. n.º 126]. — Contra os *contrátos* e os *átos perpetuos*: ON, 304-305.

129. — A *insirução primaria* e o *exercicio de uma profissão* devem ser condições necessarias para o exercicio dos direitos: ON, 305; AF.

130. — Deve converter-se em *retribuição pecuniária* a isenção do serviço militar ao estrangeiro: ON, 306.

131. — [v. n.º 66]. — Como devem ser entendidas as relações da Igreja com o Estado: ON, 290, 306; CC. [v. *Política e Governo*, 119; *Religião*, 28, 29 e 33].

132. — Não se deve consagrar em texto constitucional, deixando para a lei ordinária, o direito de entrar no território brasileiro e dele sair livremente: ON, 306.

133. — Como se deve prescrever a liberdade profissional: ON, 307.

134. — As acumulações de empregos públicos remunerados deve ser proibida, quando essa acumulação prejudicar o exercício regular dos cargos: ON, 306.

135. — Da organização e das atribuições do Instituto de Estudos dos Problemas Nacionais: ON, 308.

136. — Proíbem-se as associações de fins secretos, bem como o uso do hipnotismo: ON, 309.

137. — A justiça deve ser gratuita, pagando as partes uma percentagem, depois de dada a sentença: ON, 310.

138. — Da necessidade da assistência judiciária aos pobres: ON, 310; AF.

139. — Cumpre decidir sumarissimamente as causas de pequeno valor: ON, 310.

140. — Precisamos substituir o sistema de emolumentos pagos aos notarios públicos: ON, 311.

141. — Proibição dos jogos de azar, das loterias, bem como de todas as operações aleatorias: ON, 311.

142. — [v. ns. 1, 2, 56, 60 e 165]. — O nosso problema politico divide-se em dous outros: o problema das instituições e o problema das pes-sôas: FV, 47; AA; AF; AH; AL; AR. [v. *Moral*, 18; *Politica Nacional*, 126 e 152; *Politica e Governo*, 54 e 123].

143. — A nossa organização politica demanda, neste momento, duas ordens de regimes: um regime definitivo e um regime transitorio: FV, 47; AH; AL; AU.

144. — O regime transitorio compreende tambem duas ordens de providencias: providencias de solução ás crises presentes e providencias de adaptação do novo sistema politico: FV, 47 a 48; AD; AF.

145. — [v. ns. 23 e 199]. — Os textos da nossa *constituição*, apresentados por qualquer estudante a um professor de direito, seriam recebidos como disparates: AA; CR.

146. — Contra a eleição do Presidente da Republica pelo Congresso: AA.

147. — [v. n.º 10]. — Contra a má escolha do nosso funcionalismo, os privilégios legais de que goza, e o seu excesso: AA; AB; AJ. [v. *Política Nacional*, 125].

148. — [v. ns. 43 e 170]. — Precisamos estudar *os métodos e os criterios* que habilitam os dirigentes dos povos cultos a dar a cada terra as instituições adequadas: AA; AF; BZ. [v. *Política Nacional*, 9, 53, 90; *Educação e Ensino*, 4, 16, 30 e 38; *Crítica do Conhecimento*, 86].

149. — [v. ns. 8, 159 e 197]. — Não tendo o nosso paiz, até hoje, realizado nenhuma reforma, por obra da opinião pública, a reforma do regime republicano será, de fáto, a nossa primeira constituição: AA; AU. [v. *Política Nacional*, 90].

150. — [v. ns. 4, 23, 170 e 179]. — Se nós tivéssemos uma *evolução histórica*, a nossa constituição deveria basear-se nela; como não a temos, porque não temos *vida nacional*, nem *vida social*, os determinantes da nossa constituição são a nossa terra, a nossa gente, com os seus problemas e interesses, que não pódem encontrar *modelos*: AB; AE; AF. [v. *Política e Governo*, 83 e 89; *Política Nacional*, 9, 53, 101, 102, 108 e 113; *Origens da nação brasileira*, 6; *Direito*, 21].

151. — [v. ns. 60 e 194]. — As nossas *instituições constitucionais* são visivelmente repugnantes ao nosso temperamento político: AB; AF.

152. — [v. n.º 194]. — Desse motivo, e não do fáto de se não praticar a constituição, é que resulta a nossa anarquia: AB; AF; BM; BV.

153. — [v. n.º 50]. — A maioria dos cidadãos não consta dos alistamentos eleitorais: AB.

154. — Entre nós, *o governo é o partido que domina* e o partido é, na realidade, o unico governo: AB.

155. — Razões contra o Ministerio da Agricultura: AB.

156. — [v. n.º 197]. — Contra a idéa de pregar a revisão sem um programa definido: AC; BP. [v. *Politica Nacional*, 8, 26, 39, 69, 80, 102, 105, 132; *Patria e Nação*, 62].

157. — [v. ns. 1; 60, 184 e 197]. — A revisão deve ser apenas *um meio de tornar possível* a realização de um objetivo e de um programa determinados: AC; BP. [v. *Politica Nacional*, 39].

158. — [v. n.º 197]. — A necessidade da revisão resulta, não de ter-se opinião a favor dela, mas dos fatos e do estudo das nossas cousas: AD; AL; AZ; BM; CQ.

159. — [v. n.º 149]. — A revisão não implicava uma nova consciencia das nossas realidades em face das instituições, porquanto a respeito das instituições vigentes não tinhamos nenhuma consciencia feita: AD; AF.

160. — As nações sul-americanas se dizem republicas; mas nenhuma realizou a liberdade e a democracia existente em certas monarquias européas: AD.

161. — [v. n.º 187]. — E' uma difficuldade encontrar á venda exemplares da constituição: AE.

162. — [v. ns. 8, 49 e 59]. — Para se dar idéa exáta da concepção que os republicanos historicos tinham do regime, basta o fáto, muito significativo, de ter sido o projéto elaborado pelo sr. Ruy Barbosa, monarquista até ás vésperas: AF. [v. *Politica e Governo*, 47].

163. — Nos trabalhos da constituinte republicana só uma palavra se destacou, com a apreciação de alcance político. — a do sr. Ubaldino do Amaral: AF.

164. — [v. ns. 50, 166 e 167]. — A nossa farça eleitoral está abaixo da educação e dos costumes do nosso povo, que teve, durante o regime monarquico, algumas eleições perfeitas: AF. [v. *Politica Nacional*, 6].

165. — [v. ns. 56, 60, 142 e 192]. — Não é licito attribuir os nossos males ás pessoas, porque as pessoas, ligadas ao sistema politico, refletem apenas a fôrma de agir, de que o regime é a expressão sintética: AF; BP; BQ; CQ. [v. *Politica Nacional*, 138].

166. — [v. ns. 151 e 164]. — Se quizérmos atribuí-los ao povo, então é porque o regime não regula a representação eleitoral de acôrdo com a índole e o estado do povo: AF.

167. — [v. ns. 45, 112 e 164]. — E' inadmissível a idéa de dar ao paiz outro regime que não *o representativo*, o melhor progresso até hoje conquistado pela liberdade politica e para o qual ele está tão preparado como qualquer outro povo do mundo: AF; CC. [v. *Politica e Governo*, 6 e 133].

168. — [v. n.º 109]. — Contra o nosso processo de reconhecimento de poderes: AF.

169. — [v. n.º 6]. — A *justiça*, no nosso paiz, só a não evitam os que de todo não podem: AF.

170. — [v. ns. 26, 43 e 148]. — Para desculpar o fato de termos copiado o regime norteamericano nenhum valor tem o argumento da *analogia entre as constituições* dos povos contemporaneos, mais ou menos inspiradas na fonte anglosaxonia, — porque essa analogia não suprime, em nenhuma delas, os traços de diferenciação local, e ha, sem dúvida, entre essas varias sociedades, quanto ao meio geografico e á formação historica, muitos pontos de aproximação: AF. [v. *Politica Nacional*, 9 e 53; *Patria e Nação*, 53; *Sociedade e individuo*, 16; *Critica do Conhecimento*, 86; *Direito*, 21].

171. — [v. ns. 14 e 123]. — A nossa jurisprudencia só conta, até hoje, uma sentença de alcance politico: a de Macedo Soares, declarando livres os africanos importados depois da proibição do trafico: AF.

172. — Contra o nosso sistema tributario: ON, 177; AF; BP. [v. *Economia Nacional*, 38].

173. — O nosso regime creou uma serie infindavel de questões sobre *competencia de juizo*, — unica expressão da vida pública no nosso paiz: AF.

174. — O nosso regime não creou nenhum poder supremo, de sorte que, na pratica, os poderes se destróem pela neutralização reciproca dos esforços: AF.

175. — No nosso paiz a lei é a força que menos vive, que menos comanda e que menos dirige: AF.

176. — Ha varios meios de provar que no nosso paiz o regime norte-americano está apenas no papel: AF; AG.

177. — No nosso paiz a posse da autoridade importa a creação de um privilegio para o individuo que a exerce: AF.

178. — A União não tem força para assegurar, em todo o territorio, o direito dos estran-

geiros, — obrigação em que, aliás, está empenhada a sua responsabilidade no exterior: AF.

179. — [v. n.º 150]. — Só ha um criterio possivel para definir a extensão dos poderes de governo: é o criterio pratico da necessidade: AF.

180. — [v. ns. 7, 104, 171 e 212]. — A nossa constituição é confessadamente nominal: AF.

181. — Contra o argumento de que a revisão constitucional agitaria o paiz: AF; AU.

182. — [v. ns. 7, 104 e 204]. — O funcionamento legal das instituições é um fáto de necessidade, e se a legalidade é impossivel por efeito da propria lei, cumpre que esta se refórme: AF; AG; AL.

183. — [v. ns. 7, 171, 180 e 212]. — O que existe entre nós, em materia de organização politica, é imprestavel: AF. [v. *Politica Nacional*, 91].

184. — [v. ns. 1 e 157]. — A revisão constitucional não é, de per si só, toda a solução aos nossos problemas: AF; BV.

185. — [v. ns. 7 e 192]. — A imprestabilidade da nossa constituição está demonstrada pelo fáto de não ter sido cumprida, apesar dos homens eminentes que governaram o paiz: AF; AG; BV; CQ.

186. — Ora, a atual geração não é superior às que a precederam; logo, não é mais possível esperar que a constituição revele as suas virtudes: AF.

187. — [v. n.º 16]. — A nossa constituição, para ser útil, precisa ainda de ser estudada, desenvolvida e propagada: AF.

188. — Ora, o tempo necessario para esse estudo será provavelmente menor do que aquele que se dispenderá com a feitura de uma nova constituição adequada ao nosso paiz: AF.

189. — [v. ns. 7 e 184]. — Mas se a futura constituição assentar os seus fundamentos *na realidade brasileira*, resultando, é claro, da observação dos nossos costumes e dos fatos da nossa historia constitucional, vendo o brasileiro e a sua terra através da verdade e não através de Adam Smith ou de Augusto Comte, — o seu estudo, o seu desenvolvimento e a sua execução decorrerão espontaneamente dos seus textos, por simples dedução rigorosamente lógica: AF; CR. [v. *Politica Nacional*, 113; *Direito*, 19 a 21; *Politica e Governo*, 89].

190. — [v. n.º 201]. — Toda a resistencia á revisão nasce do elemento psiquico da inercia, — como em todas as idéas novas, porque as forças retrogradadas são mais potentes que as forças de ação, e as energias que deviam promover as refór-

mas estão justamente com os privilegiados das instituições velhas, e porque o espirito humano se habituou a ligar a idéa de conservação ás tradições subjetivas da mentalidade social e não aos seus elementos objetivos: AF; AY; BV. [v. *Critica do Conhecimento*, 51, 174 a 176; *Evolução historica e progresso nacional*, 9].

191. — Essa resistencia á revisão complica-se ainda mais, porque os espiritos estão menos preparados para solver e porque os problemas são hoje muito mais complexos, sem fórmulas em livros estrangeiros: AF. [v. *Critica do Conhecimento*, 39; *Politica e Governo*, 76; *Guerra*, 49; *Politica Nacional*, 110].

192. — [v. ns. 7, 171, 180 e 212]. — As constituições, que realmente o sejam, são naturalmente cumpridas: AG.

193. — [v. n.º 195]. — A *constituição imperial* aproveitou as doutrinas em ebulição na politica militante, mas doutrinas que não eram o melhor fruto, nem o fruto proprio da cultura européa, por aqueles tempos: AG. [v. *Politica Nacional*, 87 e 112].

194. — [v. n.º 100]. — As inovações que introduzimos, durante a monarchia, no regime parlamentar, e, no regime presidencial, durante a republica, não honram as nossas faculdades in-

ventivas, porque foram desastradas: AG; BP. [v. *Direito*, 19 e 21].

195. — [v. ns 7, 193 e 199]. — A nação brasileira foi dissolvida pelos dous regimes politicos que lhe outorgaram: AL. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 19; *Nacionalidade brasileira*, 28].

196. — [v. n.º 207]. — As administrações do Imperio caracterizavam-se pela “descontinuidade” e pela “frouxidão”: AP.

197. — [v. ns. 1, 6, 7, 60, 149, 156, 184 e 212]. — A revisão nada resolverá, se não tivémos o intuito de crear a lei, o governo e o direito, que não existem: AU; BQ; CD; CK; CR.

198. — O melhor elogio que se podia fazer da nossa constituição era o de ser profundamente demagogica, no espirito e no alcance dos seus principios gerais, como na estrutura dos seus aparelhos de governo: AU; AY; BA.

199. — [v. ns. 193 e 195]. — Não se póde condenar a constituição republicana pelo fáto de não haver levado em conta as instituições da monarquia, pois que estas não crearam raizes: AY.

200. — Para as chamadas classes conservadoras, a refórma das instituições politicas é indifferente, porque presumem que ela não atinge os seus interesses gerais: BA.

201. — [v. n.º 190]. — Como a verdadeira razão da sua antipatia a refórmãs é mais uma antipatia pelo movimento, succede, não raro, que os seus interesses são comprometidos pelas refórmãs politicas: BA. [v. *Crítica do Conhecimento*, 174].

202. — O *legalismo*, em sua fórmula ainda material de objetividade hierárquica, — pelo respeito aos depositarios do poder — eis o mais alto gráu a que chegou na pratica o nosso ideal de ordem politica: BB. [v. *Politica Nacional*, 160; *Evolução historica e progresso nacional*, 10; *Direito*, 15].

203. — [v. ns. 154, 165, 189 e 192]. — Contra o argumento de que a refórma da constituição não terá *influencia correctiva*, como se o regime não estabelecesse uma orientação e a refórma não visasse exactamente uma orientação diversa: BP.

204. — [v. ns. 7 e 182]. — A existencia da constituição vigente, como a de quasi todas as nossas leis, são méros atestados de anarquia: BP; BS.

205. — Constituição e leis representam um simples titulo de dominação ou de sustentação de caprichos: BP.

206. — A nacionalização da cabotagem foi a única disposição *de natureza constitucional* da nos-

sa lei básica: BP. [v. *Viação e Transportes*, 11; *Economia Nacional*, 32].

207. — Não ha uma só função da nossa vida que não mostre diferença para peor em comparação com o que já foi: BQ. [v. *Politica Nacional*, 168].

208. — [v. n.º 93]. — Contra o argumento de que o parlamentarismo instituiria, entre nós, o regime da responsabilidade, quando, ao revéz, o nosso parlamento nunca fez a tomada de contas ao Presidente da Republica: RS.

209. — O congresso nacional desceu tanto que era até de supôr estivesse agindo, para essa desmoralização, algum sorrateiro inimigo: CC.

210. — [v. n.º 214]. — Nós não possuímos aquilo que em direito público se chama Estado: CC.

211. — A favor do imposto sobre a renda. Necessidade de medidas preliminares para a sua adoção: CC.

212. — [v. ns. 7, 145 e 183]. — A nossa constituição contém, sem dúvida, muitos dislates de senso comum e de razão natural. Não é, porém, aí que está a necessidade da revisão: é na imensidade do absurdo e no incalculavel dos dispartes de todo o sistema constitucional em conjunto: CK.

213. — Os desastres das administrações de serviços públicos têm resultado, entre nós, de causas meramente governamentais: CL.

214. — [v. n.º 10]. — O Estado é, no nosso paiz, um fator de dissolução. A influencia deletéria dos interesses anti-sociais, creados e alimentados em torno do poder público, tem, entretanto, passado despercebida: PN, XXVII; ON, 125.

215. — Não temos estatística, e tanto basta para nos collocar em nivel inferior, na escala das civilizações: ON, 152, 178; AN; CR.

216. — Em nenhum caso deve ser licito ao governo tomar iniciativas de planos politicos ou promover ação politica, ou administrativa, sem ciencia e sem autorização do Congresso Nacional, podendo apenas evitar a publicação dos meios empregados para a execução de sua politica, quando assim convier ao exito dos fins desejados, ouvidas as comissões das duas casas do Congresso: ON, 285.

CAPITULO XXIV

ECONOMIA NACIONAL

1. — [v. ns. 7, 13, 30 e 112]. — Toda a nossa aparente vitalidade consta de extração de produtos e de limitado esforço de exploração extensiva, com que saqueamos a terra, enquanto o commercio, o trabalho estrangeiro e o crédito de usura drenam, em capitais, para o exterior, quasi tudo o que se apura dessa brutal destruição, que não deixa entre nós, em obras e bens volutuários, senão fração minima do seu valor: PN, XVII, 144; ON, XL, 63; AJ. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 1, 5 e 20].

2. — Pertence ao número das mais perigosas ilusões da nossa imaginação a da riqueza do nosso paiz: PN, XXIII, 104; ON, 149, 178 e 212; FV, 41; AI; BG; BQ; BT. [v. *Politica Nacional*, 5 e 29; *Agricultura e Pecuaria*, 37].

3. — Em abstráto, a questão da riqueza ou pobreza do nosso territorio é um problema sem interesse, pela simples razão de que, na pratica, a

nossa terra é pobre para a nossa gente: PN, XXIII. [v. *Nacionalidade brasileira*, 10 e 33; *População nacional*, 28; *Evolução histórica e progresso nacional*, 2; *Política Nacional*, 66].

4. — Temos de fundar a economia da nossa patria, porque a *nacionalidade* é a vida de um povo, feita pelo calor e pela energia de um *espírito*, sobre a saúde de uma *economia*: PN, 32, 116-117; AP. [v. *Economia em geral*, 19].

5. — [v. n.º 73]. — Ha uma tendencia, em todas as sociedades, para o abandono do trabalho e para a especulação. A sorte do brasileiro é, em face dessa tendencia, um bilhete de loteria, pendente do arbitrio governamental, de negocios ficticios e transações imorais, que se fizeram industrias preferidas na nossa sociedade: PN, 38, 117-118; FV, 42 a 43; CD. [v. *Viação e Transportes*, 5; *Questão social*, 17 a 22; *Política Nacional*, 57].

6. — A causa principal do exito de quasi todo imigrante, nos paizes novos, é o estímulo da esperança de enriquecer em terras ricas, prometedoras e fertes. Cumpre que a nossa sociedade mantenha, nos herdeiros, e estimule, nos indigenas e nos descendentes dos colonos forçados que foram os escravos, a mesma ambição laboriosa: PN, 65; FV, 35, 46 a 47. [v. *Viação e Transportes*, 6].

7. — [v. ns. 1, 13 e 30]. — A exploração colonial dos povos sul-americanos foi um assalto

às suas riquezas; toda a sua historia economica é um prolongamento desse assalto: PN, 93, 101 a 103, 117, 147-148; ON, 57 a 58, 97, 149 a 150, 156, 162, 189 a 191, 248-249; FV, 10, 28, 30. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 16; *Agricultura e Pecuaria*, 32].

8. — [v. n.º 58]. — No momento em que os governos de outros povos começam a zelar pelas suas riquezas e a repará-las, nós corremos pressurosos a oferecer vastas e generosas concessões. Para os nossos estadistas, esse ataque às reservas da nossa natureza por sindicatos estrangeiros representa auspiciosas *colocações de capitais*: PN, 94, 105; FV, 21, 33. [v. *Economia em geral*, 20].

9. — Povos semi-barbaros possuem vivissima a sensibilidade do dono da terra, vibratil até á revolta, aos primeiros estudos dos engenheiros. Nós, que não sentimos pressa, e, com razão, de raspar o seio da nossa terra, fazemos, ao contrario, com delicias, o lenocinio do nosso solo: PN, 94-95. [v. *Politica Nacional*, 85 e 88].

10. — Conhecemos apenas, durante o periodo colonial, o regime das explorações por feitorias. Foi preciso que a republica atingisse a maioria para que se nos apresentasse a perspectiva de vêr instalarem-se aqui empresas estrangeiras, dominando todos os canais da nossa atividade econo-

mica: colonias de mineração, estradas de ferro, industria pastoril, commercio de exportação e bancos hipotecarios: PN, 95-96, 134, 149; AI. [v. *Politica Nacional*, 72].

11. — [v. n.º 84]. — Se essas emprezas se viessem formando paulatinamente, no correr da nossa vida, seria agora oportunidade para que o governo brasileiro se dispuzesse a examinar o estado da propriedade industrial estrangeira no paiz, de fórma a impedir, por algum tempo, senão a sustar o seu desenvolvimento: PN, 96, 149-150; ON, 155-156, 208; AP. [v. *Politica Nacional*, 72 e 73].

12. — Pela nossa historia economica se vê que a vitalidade da nação brasileira representa o produto de tres fórmas de atividade: a exploração colonial extensiva das riquezas do sólo; o desenvolvimento do commercio; e, recentemente, um certo surto industrial, creado e animado pelas tarifas proteccionistas; PN, 96; FV, 12 a 13; BT.

13. — [v. ns. 1, 7, 30 e 112]. — Ora, se o trabalho do senhor de vastas terras tem sido um saque brutal ás nossas riquezas, o commercio que ele provocou, instalou e animou, foi e será o mais eficaz instrumento do exgoto, da exportação e do exodo de seus frutos: PN, 96, 101-102, 107-108, 115, 144; ON, XXXIX-XL, 149-150, 247; FV, 34; AZ. [v. *Economia em geral*, 7 e 21].

14. — Em nossa era, os povos novos, rapidamente civilizados, são um tanto megalomaniacos: PN, 98.

15. — Diferenças fundamentais entre a nossa formação econômica e a formação econômica dos Estados- Unidos, face a face das possibilidades de um e de outro paiz: PN, 102 a 105; FV, 28. [v. *Politica Nacional*, 62].

16. — Nas velhas nacionalidades, o comercio interno precede ao comercio de exportação; de sorte que, ao iniciar-se este ultimo, o povo está habilitado a preservar as suas riquezas. O surto das nacionalidades americanas obedece a uma orientação inversa: PN, 101-102; ON, 107. [v. *Viação e Transportes*, 10; *Questão social*, 41 e 42; *Patria e Nação*, 52; *Evolução historica e progresso em geral*, 54].

17. — O caso norte-americano não se póde reproduzir mais no estado atual da civilização, em que ao surto do progresso material hão de suceder novos estímulos e nova posição do problema humano, se quizermos evitar as mais graves perturbações da ordem e a perda das mais preciosas conquistas da evolução social: PN, 105. [v. *Questão social*, 43; *Evolução historica e progresso nacional*, 16; *Politica mundial*, 78].

18. — E quando essa repetição fôsse possível, o nosso paiz seria, com o seu meio insuficien-

temente conhecido, o terreno menos apto ao novo ensaio: PN, 105. [v. *Politica Nacional*, 42].

19. — [v. n.º 25]. — No estado de desequilíbrio entre a distribuição das populações e o aproveitamento das terras, que caracteriza uma das faces mais graves do problema mundial, o destino do nosso paiz não póde ser o de abrir novas regiões e novas riquezas ás ambições immediatas dos povos superpovoados ou excessivamente ricos: PN, 105-106, 119; ON, 190, 192; FV, 21, 25; AI. [v. *Questão social*, 41, 44, 46 e 59; *Emigração*, 1, 20 a 23; *Politica internacional brasileira*, 5 e 19; *Guerra*, 74; *População nacional*, 39; *Imigração*, 1, 14 e 16].

20. — [v. n.º 44]. — Cabe ao nosso paiz ir realizando, á medida que o estudo dos problemas da sua natureza o permitir, — com a instalação quasi patriarcal, a principio, dos colonos, e com o estabelecimento agricola de caráter mais industrial, depois — a solução do problema fundamental da sociedade contemporanea, que consiste em fazer regressar o homem ao trabalho da produção, ás industrias da terra: PN, 106, 115; ON, XXVII-XXVIII, XXXVIII a XL, 103 a 105. [v. *Viação e Transportes*, 5 e 6; *Questão social*, 22; *Economia em geral*, 8, 11, 38 a 42; *Politica Nacional*, 66].

21. — [v. n.º 63]. — O Brasil tem por destino ser um paiz agricola; toda a ação politica ten-

dente a desviá-lo desse destino é um crime contra a natureza e contra os interesses humanos: PN, 106; ON, 104, 211 a 214, 244; FV, 24. [v. *Política Nacional*, 42 e 105; *Questão social*, 60].

22. — Será, dessarte, o paiz da regeneração do homem pelo trabalho, ou representará, na historia da civilização, um roubo das gerações contemporaneas ao progresso humano: PN, 106; FV, 48. [v. *Política Nacional*, 62; *Questão social*, 46].

23. — Para realizar esse destino, cumpre-lhe reagir contra o açodamento dos que procuram fazer a exploração extensiva das riquezas naturais, jogando com os capitais disponiveis nos grandes mercados monetarios do mundo: PN, 106, 130; ON, 182, 191 a 192, 208; FV, 21, 28 a 29, 36 a 37; AL. [v. *Questão social*, 41; *Política internacional brasileira*, 19; *Imigração*, 16; *Economia em geral*, 11; *Política Nacional*, 88; *Defesa militar*, 29].

24. — Nas sociedades novas, como nas sociedades feudais, os elementos parasitas, protegidos pela força, — que, em nosso tempo, está principalmente, no capital, — associam-se contra os produtores. Se a força do capital está no estrangeiro, a produção nacional é sempre vencida: PN, 107 a 108; AP; BR. [v. *Emigração*, 6; *Organização constitucional*, 74; *Política Nacional*, 118; *Guerra*, 74].

25. — [v. n.º 19]. — Não é licito duvidar de que, na actual situação economica da Terra, os interesses dos grandes centros de negocios estão naturalmente em conflito com os interesses dos paizes novos que eles exploram mercantilmente: PN, 111; FV, 14; BR; BU. [v. *Questão social*, 41 e 44; *Imigração*, 16; *Economia em geral*, 11; *Patria e Nação*, 52].

26. — Os capitalistas, se volvessem os olhos para o passado, verificariam que o capital e a riqueza, no nosso paiz, raramente passam de uma geração. Os herdeiros são educados para a dissipação dos haveres: PN, 113, 143; CD. [v. *Imigração*, 20; *Nacionalidade brasileira*, 32].

27. — Em nosso paiz, os habitos de trabalho e de economia, a arte de ganhar, de acumular e de gerir fortunas não são transmitidos aos herdeiros, educados, ao contrario, para a dissipação dos haveres. Não ha combinações juridicas capazes de evitar o esboroamento da riqueza, quando os individuos não tenham sido preparados para defender os seus patrimonios: PN, 113-114; BR. [v. *Politica Nacional*, 25; *Questão social*, 51].

28. — A luta entre o imperialismo financeiro e liberdade economica dos paizes fracos; a luta do imperialismo militar com a independencia, ou, pelo menos, com a autonomia destes paizes, — que será o capitulo seguinte; a luta do capital e do trabalho;

a forma particular do problema social no nosso paiz, despercebida de observadores superficiais; tudo são elementos a se precipitarem com uma celeridade e com um impeto que podem, de um instante para outro, subverter todos os nossos valores sociais: PN, 114. [v. *Politica Nacional*, 50, 51, 122; *Politica internacional brasileira*, 17 e 19].

29. — Precisam convencer-se os homens de dinheiro da necessidade de aderirem a uma politica previdente, que, sem a esperança vã de resistir á evolução inevitavel dos problemas do trabalho e do capital, defenda a economia brasileira do risco de ser imolada, em proveito de interesses alheios, e prepare a nossa sociedade para ir substituindo, sem sacrificios, as suas instituições e os seus costumes: PN, 114-115. [v. *Questão social*, 43, 52 a 55].

30. — [v. ns. 1, 7 e 13]. — A insuficiencia das nossas estatisticas torna impossivel um estudo serio dos resultados do intercambio economico, compreendendo todas as verbas da troca e da deslocação de valores; mas não ha absolutamente a minima dúvida de que, tomando em conta o valor da moeda, o seu poder aquisitivo e o custo da vida, o aumento da riqueza nacional é nulo, em confronto com as nossas perdas colossais, em riqueza exportada, em applicação improduttiva de capitais, em desvalorização da propriedade privada e

desbarato da natureza: PN, 115, 144-145; ON, 123; BQ. [v. *Evolução histórica e progresso nacional*, 1].

31. — [v. n.º 24]. — Para manter independente a nação, é imprescindível preservar os órgãos vitais da nacionalidade, dentro da mais ampla liberdade de comércio e de indústria: PN, 115-116, 129; ON, 208, 245 a 247, 257 a 258; FV, 28 a 29, 37; AE; BP; CI; CL; CQ; CR. [v. *Organização constitucional*, 74; *Política Nacional*, 44, 60, 72, 79, 83 a 85; *População nacional*, 30].

32. — Uma nação pôde ser livre, ainda que barbara, sem garantias jurídicas; não pôde ser livre, entretanto, sem o domínio das suas fontes de riqueza, dos seus meios de nutrição, das obras vivas da sua indústria e do seu comércio: PN, 122; FV, 28 a 29. [v. *Organização constitucional*, 206].

33. — Não é uma reação nativista, que se nos está impondo; é a méra demonstração da nossa consciência sobre a realidade: PN, 122, 150; ON, IX e nota, 155.

34. — [v. ns. 10 e 102]. — Nação, sem nacionalidade, o estrangeiro, trazendo a educação para a luta na concorrência, assentou aqui os seus negócios, e a sociedade nacional, formada com os descendentes dos antigos colonos, com os pretos e com os indígenas, vai sendo relegada, nas classes baixas, para a miséria, nas classes medias, para o

funcionalismo e as profissões liberais, e nas classes elevadas para o capitalismo parasita: PN, 142-143; ON, 60, 102-103, 179-180, 208 a 209; FV, 37-38, 44, 46; AG; AP. [v. *Política Nacional*, 66 e 121; *Educação e Ensino*, 15].

35. — O produtor brasileiro foi sempre dependente da pressão do custeio, quanto ao capital, e da pressão das colheitas, quanto ao trabalho: PN, 143-144; ON, 208-209; FV, 46. [v. *Imigração*, 17].

36. — Poucos serviços deve a produção ao crédito aberto por comissários, e, nos últimos tempos, por exportadores, situação anormal, cujos efeitos se refletem em taxas que atingem á usura: PN, 144; ON, 209.

37. — [v. n.º 107]. — Sem organização do trabalho, sem capital e sem crédito, encontrou sempre a nossa produção adversarios tremendos no sistema onerosissimo do comercio de exportação e no dos mercados de importação do estrangeiro, sujeitos ás vicissitudes dos negocios de produtos exóticos, de difícil senão impossivel pauta: PN, 144; ON, 122 a 124.

38. — A política fiscal, motivada unicamente pelas necessidades dos tesouros públicos, foi sempre adversa á produção: PN, 145; ON, 125, 177,

204, 209; AF; AP; BR; CC. [v. *Organização constitucional*, 173].

39. — Sobre essa vida social pratica, a nossa politica e os nossos legisladores edificaram, primeiro o castelo da monarquia parlamentar ingleza, depois o presidencialismo federativo americano; leis e regulamentos de todas as procedencias, repartições copiadas de todos os paizes: PN, 145. [v. *Organização constitucional*, 4; *Politica Nacional*, 9 e 53].

40. — [v. ns. 8 e 28]. — A supremacia do commercio e das colonias estrangeiras sobre a sociedade nacional, o enfeudamento economico das nossas populações a estrangeiros são fátos já antigos, de que muitos se ocuparam, como Sylvio Roméro, mas a que não deram importancia os governos: PN, 146. [v. *População nacional*, 28].

41. — Não ha, no nosso paiz, nenhum melhoramento material de que não tenha sido iniciado por brasileiros. Só a desorganização geral da sociedade e a desorganização politica explicam que hoje esteja o brasileiro vencido: ON, XXXVI-XXXVII. [v. *Espirito nacional*, 6].

42. — Diferenças fundamentais entre a nossa evolução economica e a evolução economica da Argentina: PN, 99; ON, 63-64. [v. *Politica Nacional*, 62].

43. — Em varios paizes as populações prosperam graças ás cooperativas agricolas, que se empregam em compra e venda de terras e instrumentos de lavoura, cedidos a individuos sem capital. O que a mutualidade tem feito nesses paizes, o governo póde e deve fazer aqui: ON, 104-105, 214, 290, 309; CI. [v. *Questão social*, 35 e 60].

44. — [v. ns. 5, 20, 88 e 107]. — Ao lado da grande cultura das produções que se exportam, podiamos crear a pequena cultura, para as produções de consumo interno; incorporariamos, assim, os nossos párias á sociedade, e teriamos um alimento melhor: ON, 105, 107, 123, 182 a 183, 185, 189 a 190, 211, 213 a 214; FV, 28-29, 47; AJ; AP; BD; BR. [v. *Higiene*, 3; *Viiação e Transportes*, 5; *Questão social*, 35].

45. — Dessarte, á proporção que os imigrantes estrangeiros viessem aportando ao nosso territorio, iriam eles encontrando um povo digno, da nobre dignidade do trabalho, cuja sociedade não lhes repugnaria e á qual se uniriam, em vez de se manterem isolados em *colonias*: ON, 105, 181.

46. — E se os governos velassem pela educação e seleção intellectual da sociedade, facilitando aos capazes menos afortunados o acésso aos cursos superiores e dificultando, quanto possível, o curso academico aos que só o alcançam graças ao privilegio da riqueza paterna, estariamos, então,

em vespas de realizar uma verdadeira democracia moderna, onde nenhum braço como nenhum cerebro se perderia: ON, 105, 245, 282, 305. [v. *Questão social*, 35; *Educação e Ensino*, 18].

47. — [v. ns. 1 e 83]. — Contra o preconceito de que o problema da riqueza nacional está circunscrito ao nosso papel de unidade comercial exportadora: ON, 107, 123, 211 a 212, 217 a 248; AB; AJ; AP; AU; BQ; BR. [v. *Questão social*, 41].

48. — A politica de valorização é audaciosamente socialista, e, além disso, as mais vezes, contraria aos interesses nacionais: ON, 119, 124, 210, 273; BQ. [v. *Economia em geral*, 33; *Politica Nacional*, 109; *Espirito Nacional*, 11].

49. — [v. ns. 13, 95 e 107]. — Necessidade de medidas destinadas a eliminar, nas transações comerciais, e, sobretudo, nas de exportação, os intermediarios, inúteis e as despesas superfluas: ON, 122 a 124, 181-182, 204, 209 a 210, 214, 248, 289; FV, 28 a 29; BQ; CJ. [v. *Economia em geral*, 7 e 21].

50. — [v. n.º 87]. — O regime de exploração colonial do paiz é uma causa permanente de desordem monetaria: ON, 143, 189-190; AJ; BR; CI; CR.

51. — [v. n.º 80]. — A importação do trigo e do xarque demonstram a nossa subordinação á

economia estrangeira, porque o pão e a carne são generos imprescindiveis á alimentação dos povos contemporaneos: ON, 146; FV, 23 a 25.

52. — Mas um paiz, como o nosso, que tem condições para produzir carne e trigo, se os não produz, não póde imputar essa falta, depois de um século de vida independente, senão á inconciencia da politica nacional: ON, 146, 213 a 214. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 23 e 42].

53. — Essa subordinação toma caráter gravissimo, na hipótese de uma guerra: ON, 146-147.

54. — A respeito do cavallo de guerra fizemos, um dia, essa observação; mas da experiençia não veio precaução alguma: ON, 147. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 41].

55. — Necessidade de medidas tendentes a assegurar a honestidade financeira: ON, 77, 249; AF; BS; CJ. [v. *Politica Nacional*, 35, 68 e 124; *Organização constitucional*, 75].

56. — Toda a nossa politica economica gira em torno deste dilema: ou tencionamos crear uma nação, fazendo da nossa terra um novo *plexo* da civilização mundial, — um paiz válido, prospero e feliz, onde os seus filhos e os que com eles vêm cooperar gozem os frutos do trabalho e da intelligencia, na saúde, na paz e na cultura, ou tencionamos envolvê-lo na onda de aventuras que vai asso-

berbando o mundo, e tende a fazer da exploração imediata das riquezas materiais o premio das cobiças, nos desportos colossais da especulação: ON, 190 a 191; CI. [v. *Política Nacional*, 44, 88, 173; *Política internacional brasileira*, 5 e 19; *Patria e Nação*, 56; *Questão social*, 20 a 22, 40 a 42 e 52; *Evolução historica e progresso nacional*, 6].

57. — Se o nosso objetivo é este último, cumpre-nos ir a duas conclusões necessarias: renunciar á aspiração de sermos uma nacionalidade e fazer da nossa patria um simples campo de feitoria, onde cada geração se contente com extrair as riquezas da terra, para entregá-las á especulação estrangeira: ON, 191. [v. *Política nacional*, 98 e 116].

58. — [v. ns. 8, 19, 25 e 47]. — Quanto mais se applicarem os outros povos em restabelecer as condições de produtividade e de habitabilidade dos seus territorios, mais expostos ficamos nós aos appetites da exploração colonial: ON, 192; CB. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 6; *Economia em geral*, 20; *Política mundial*, 79; *Viação e Transportes*, 10; *Questão social*, 41 e 44].

59. — [v. n.º 79]. — Na base da organização nacional está a politica economica, porque sem valor economico o homem não póde ter personalidade: ON, 208; CS. [v. *Política Nacional*, 26, 58 e 70].

60. — Precisamos impôr aos lavradores o regime comercial de escrituração, de forma que lhes seja fácil o exáto conhecimento dos seus negócios e do estado dos seus haveres: ON, 209-210; AL.

61. — [v. n.º 65]. — Precisamos também combater o absentismo: ON, 209, 252 a 253, 258, 293; AP; AZ; BQ; BR. [v. *Organização constitucional*, 77].

62. — [v. ns. 67 e 106]. — Precisamos outrossim de crear um severo regime de liquidações: ON, 209-210; AL.

63. — O Brasil deve ser naturalmente um paiz agrícola, não no sentido norte-americano, de vastas propriedades e fazendas modelos, mas no de pequenos proprietarios: ON, 212.

64. — O governo não deve incumbir-se da propaganda dos nossos produtos de exportação: ON, 248.

65. — [v. ns. 61, 88 e 124]. — Ao poder público incumbe estudar os meios possiveis de reter a riqueza local nos centros em que ela se produz: ON, 293; BR.

66. — A politica de expansão economica agravou-se entre nós por efeito da nossa adoração quasi idílica pelo estrangeiro, adoração que assim como nos prostra diante dos juizos de celebra-

des transitorias, tambem nos entrega á pericia de financeiros e caixeiros viajantes, obstando á formação de uma consciencia nacional, á educação da nossa iniciativa, á consolidação do nosso senso de responsabilidade: FV, 80. [v. *Politica Nacional*, 73 e 95].

67. — [v. ns. 62 e 107]. — A organização do credito, em nosso paiz, depende antes de tudo da criação de um cadastro dos bens de propriedade privada e de condições juridicas capazes de indicar a exata solvabilidade dos individuos: AA; AE; AP; CI.

68. — [v. ns. 88 e 124]. — Precisamos instituir um sistema de providencias destinadas a facilitar a mais rápida circulação possivel da moeda, no mercado interno. [v. *Economia em geral*, 24].

69. — Não é possivel acudir ás necessidades financeiras sem solver os problemas da produção: AF.

70. — A situação das ñossas finanças impõe um severo regime de economias: AF; AP. [v. *Politica Nacional*, 70, 124 e 159].

71. — [v. ns. 30 e 68]. — Não havendo, como não ha, a mínima dúvida de que fechamos sempre com débito a balança real do nosso intercambio de valores com o exterior, entra pelos olhos que o nosso meio circulante, reduzido a méro ins-

trumento de troca cambial, pela ausencia de mercado interno que lhe promova a movimentação, está sempre desvalorizado, não apenas como numerario, senão também como mercadodia: AJ.

72. — E' isso que explica e, ao mesmo tempo, condena o regime de emissões de papel-moeda: AJ.

73. — [v. n.º 5]. — As nossas maiores fortunas derivam de negocios aleatorios e transações suspeitas com os governos: AJ; AY. [v. *Politica Nacional*, 124 e 158].

74. — [v. n.º 79]. — Só pela revisão constitucional poderemos crear os órgãos conservadores da economia brasileira: AU; BA.

75. — Chama-se *classe conservadora*, entre nós, a essa formação social dos que têm o que perder: BA.

76. — A nossa classe conservadora é constituída apenas pelos que detêm apolices da divida pública e possuem predios: BA.

77. — Ora, é óbvio que tais individuos não representam realmente *classes* ou *elementos conservadores* de uma sociedade: BA.

78. — O banco, o comercio, a industria e a produção rural são eixos conservadores da sociedade; a propriedade predial e o gozo de dividendos são, ao contrario, situações mais do que indi-

vidualistas. São posições estranhas á vida social do paiz: BA.

79. — [v. n.º 74]. — Precisamos crear as bases conservadoras desta sociedade, e isto é uma obra politica: BA. [v. *Politica Nacional*, 71; *Nacionalidade brasileira*, 26].

80. — [v. ns. 51 a 53]. — Contra a exportação actual de carnes e de gado: BD.

81. — Contra a livre exportação de madeiras: BD; BQ. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 11 e 30].

82. — [v. n.º 89]. — Precisamos *socializar* a nossa economia, reagindo contra a aventura commercial, que é o mais nefasto impulso da civilização contemporanea: BP; BU. [v. *Economia em geral*, 12, 14 e 16; *Questão social*, 41 e 42].

83. — [v. ns. 1, 7, 13, 25 e 47]. — Não podendo attribuir á má-fé, havemos de attribuir á ignorancia a idéa de que a exploração das nossas riquezas naturais por capitalistas estrangeiros dá proveito ao paiz: BQ; BR.

84. — [v. ns. 11 e 31]. — Precisamos proibir a cessão de terras a estrangeiros: BQ.

85. — [v. n.º 92]. — Contra o erro de attribuir as nossas dificuldades á guerra européa: BR; CL.

86. — Se as desordens comerciais da guerra européa nos têm demonstrado alguma cousa, consiste esta no fáto capital de pôr em relevo os vícios da nossa economia, absolutamente anarquica: BR.

87. — [v. n.º 50]. — Contra as *medidas administrativas*, necessariamente *artificiais*, para crear o equilibrio monetario: BR.

88. — [v. ns. 1, 13, 24, 44, 68 e 124]. — Para corrigir a saída do ouro, devemos desenvolver as produções de consumo interno e ativar a circulação no interior do paiz: BR; CR.

89. — [v. n.º 82]. — Exploração é o que, entre nós, existe com o nome de *produção*; e *especulação* é o que se chama *comercio*: ON, 208; BR.

90. — A favor do *proteccionismo agrario*: BR; CJ. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 22].

91. — Contra a idéa de venda dos proprios nacionais: BS; BT.

92. — [v. 85]. — Em que termos a guerra européa terá influido na nossa economia. BT.

93. — Contra o erro de attribuir á *ação individual* iniciativas de organização economica; economicamente o individuo não tem existencia real: BT; CQ. [v. *Economia em geral*, 32].

94. — Afóra a evidente inépcia com que se avalia, entre nós, a capacidade tributaria da popu-

lação, á luz dos criterios adotados nos paizes de economia nacional secularmente organizada, não sofre dúvida que os nossos impostos, aliás na sua maioria indirétos, sobreexcedem ao peso que o nosso povo poderia suportar, sem reduzir-se á miseria: CJ.

95. — [v. ns. 1, 13 e 49]. — A anarquia economica permite ao comercio auferir, no nosso paiz, lucros de 70% sobre os generos que vende: CJ. [v. *Economia em geral*, 28].

96. — No nosso paiz o *meio economico* se reduz a uma fração muito pequena da população: CJ; CQ.

97. — A escravidão foi uma das poucas cousas com visos de organização, que este paiz jámais possuiu. Deu-nos por longos anos todo o esforço e toda a ordem de que então gozavamos, e fundou toda a produção material que ainda temos: PN, 11 a 12; ON, 196; FV, 29; BE. [v. *Politica Nacional*, 25; *Evolução historica e progresso nacional*, 10].

98. — Ao trabalho escravo não fizemos succeder a organização do trabalho livre, de sorte que o negro saíu do cativo para o aviltamento, para o alcoolismo e para a miseria: PN, 143; ON, XLII, 59, 143, 181, 190 a 191, 244, 264-265, 290, 305 a 306; FV, 29 a 31, 33 a 34. [v. *Politica Nacional*, 147].

99. — Tudo o que temos feito pelo trabalho se resume na importação oficial de colonos e no serviço também oficial de colonização: PN, 143; ON, 59-60, 63, 143, 179-180, 244; FV, 28 a 31. [v. *Imigração*, 2, 18 e 21; *População nacional*, 28].

100. — Não é a densidade das populações que desenvolve as iniciativas e estimula o amôr ao trabalho: ON, 194. [v. *População nacional*, 26; *Imigração*, 12.]

101. — [v. n.º 34]. — O trabalhador dos velhos paizes é o produto de um cultivo multi-secular de varios fatores sociais, e, sobretudo, dos de natureza politica. A vantagem do colono europeu está apenas nisso: ON, 195; FV, 20 a 21, 29, 30, 34 a 35, 43-44; AE; CC; CD; CH; CS. [v. *Politica Nacional*, 75 e 79].

102. — Atinge a proporções de escandalo o ardor com que os nossos governos se têm empenhado por instalar colonos estrangeiros, ao passo que abandonam á ociosidade não poucos milhões de patricios nossos: ON, 244; FV, 29 a 30, 46; BM; CH. [v. *Imigração*, 4; *Evolução historica e progresso nacional*, 20; *Higiene*, 8 e 9; *Questão social*, 42].

103. — Todo cidadão tem direito aos meios de trabalho, mas tem, por outro lado, o dever de trabalhar, exercendo uma profissão. ON, 305 [v. *Economia em geral*, 5].

104. — O nosso paiz não tem trabalhadores rurais porque as nossas classes superiores nunca tiveram interesse pelo patricio proletario: FV, 30.

105. — [v. ns. 34, 93 e 101]. — Este egoismo é, porém, mais imputavel aos governos, porque o problema da organização do trabalho não poderia ser solvido pela iniciativa espontanea de particulares, e os governos não fizeram outra coisa senão solvê-lo contra o homem brasileiro e contra a economia nacional, quando importou escravos e quando importou colonos: FV, 30 a 31, 33 a 35, 46 a 47; CH. [v. *Politica Nacional*, 71, 121 e 247; *População nacional*, 28, 30 e 39; *Imigração*, 9].

106. — [v. n.º 62]. — Para reorganizar a produção precisamos promover a liquidação da actual situação financeira dos lavradores e crear-lhes novas bases de vida: FV, 32-33; AA; AB.

107. — [v. ns. 49 e 67]. — Adotada essa medida de alivio, e promovida a politica de restauração da produtividade do sólo, a da reorganização do commercio de productos nacionais de consumo e exportação, e a da organização do crédito, os nossos lavradores poderão reencetar os seus trabalhos com probabilidades de exito: FV, 33, 46 a 47. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 6; *Politica mundial*, 79].

108. — Como se explica a *suposta indolencia* do nosso trabalhador: FV, 34 a 35. [v. *Espirito Nacional*, 6].

109. — O colono estrangeiro será sempre, pela avidez de ganho que o move, indiferente ou hostil a tudo quanto nos interessa: FV, 36.

110. — Se a lavoura precisa de trabalhadores não é por falta de gente estabelecida no paiz, — gente que conhece ou pôde rapidamente conhecer os trabalhos usuais da nossa agricultura, e fazê-los com regular pericia: FV, 46; AB.

111. — É evidente a necessidade de regulamentar-se o trabalho rural, para o fim de combater a ociosidade e oferecer garantias de estavel prosperidade á gente do campo, atraindo assim para o emprego remunerado as populações nómades do interior: FV, 47; CI.

112. — [v. ns. 1, 13 e 30]. — As duas verbas da exportação e importação equivalem, para a nossa economia, a verbas de um passivo colossalmente precario, enormissimamente lesivo: PN, XVII-XVIII, 96-97, 101, 144-145; ON, 141, 156, 163, 186, 248-249; AA; AB; AJ. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 1].

113. — Contra a exploração immediata da metalurgia, visto como tenderá a perpetuar a applicação de atividades e capitais, muito provavelmente estrangeiros, numa industria impropria á consolidação da economia nacional: PN, XXIII; ON, 212.

114. — Industrias ha que pódem ser exploradas, mas não corresponderão a interesses e necessidades da nossa vida: PN, XXIII.

115. — O nosso proteccionismo apenas favorece limitado número de industriais, excluindo absurdamente, do regime das trocas produtos que ao commercio estrangeiro competia naturalmente fornecer: ON, 212 a 214, 248; BP.

116. — O commercio estrangeiro, aliás, desforra-se, introduzindo mercadorias que deviamos produzir e só não produzimos porque todas as forças lhes são adversas: ON, 212-213.

117. — Contra a passagem das minas para as provincias, e como deve o governo federal rehavê-las: ON, 297.

118. — As nossas industrias se estabelecem por obra exclusiva do proteccionismo: AN; BQ; CL.

119. — O nosso proteccionismo tocou as raias do absurdo: CC; CI; CL.

120. — [v. n.º 28]. — A necessidade de capitais estrangeiros é um dos abrigos do nosso despreparo, em face dos problemas da nossa economia, que não sabemos solver; PN, XIV, 94; ON, XXXVIII, 63; AP; BM; BQ; CD. [v. *Politica Nacional*, 104].

121. — Ninguém concebe o crédito como solução às crises da prodigalidade e da desorganização economica: PN, XIV; AB.

122. — [v. n.º 73]. — Esse recurso ao crédito é um méro expediente protelatorio, explorado por intermediarios que vivem nas capitais e cercam os governos: PN, XIV; ON, XXXIX.

123. — Por não haver organizado o trabalho é que o nosso paiz não recebe, sem solicitação, capitais estrangeiros: PN, 116; ON, XXXIX.

124. — [v. ns. 19, 24 e 68]. — Aqui, como em toda a parte, os capitais, frutos da produção, fluem para as grandes cidades, e os capitais, concentrados nas cidades, resistem á volta á circulação: PN, 142-143; ON, 150-151, 180; AJ; BR. [v. *Economia em geral*, 24].

125. — Até hoje não atraímos senão capitalistas, cousa muito diferente de atrair capitais: ON, XXXVIII, 180; AB; CL.

126. — O capital que atualmente viér para as nossas industrias não será senão o preço antecipado da cessão a estrangeiros das propriedades a que se applicarem: — efeito fatal de um crédito forçosamente de usura, prestado a industrias em situação precaria: ON, XXXVIII.

127. — Esse capital, por outro lado, só acudirá aos que dispõem de prestígio para se recomendarem aos bancos: ON, XXXVIII-XXXIX.

128. — Com o sistema de exploração colonial do paiz, de que o absenteismo é um dos efeitos, e sem a organização do mercado interno, é impossível chegar-se á formação do capital nacional: AA; BR; CI.

129. — O nosso paiz não tem renda nacional, porque o lucro liquido da exploração das nossas terras e da nossa mão de obra é integralmente drenado para o exterior: AA; CC; CQ.

CAPITULO XXV

ESPIRITO NACIONAL

1. — O espirito brasileiro é ainda um espirito romantico e contemplativo, ingenuo e simples: PN, XIV-XV, 96, 101.

2. — O habito da vida em desordem varreu de nós a sinceridade, — virtude profunda e ingenua nos nossos maiores: PN, XV.

3. — Quanto a pendores emotivos as nossas raças denunciam as melhores tendencias humanas: PN, XX, 42, 43, 54, 55, 61, 83, 84, 96, 112, 113, 117, 118, 138, 141-142, 146; ON, XXIII-XXXIV, XXX, XLII, 15, 53, 195, 196; AJ; AK; AL.

4. — Não fôsse a ingenita honestidade deste povo e a sua clarissima intelligencia, o seu bom senso e o seu extraordinario espirito de ordem, e este paiz não contaria mais um só coletor probó:

PN, 28-29, 41. [v. *Moral*, 15; *Politica Nacional*, 124].

5. — Appreciar os fatos políticos e sociais á barra do julgamento é a fórmula predominante, no nosso espirito, da *conciencia moral*: PN, 40.

6. — Contra a idéa corrente de que o brasileiro é preguiçoso. Razões que explicam a aparente ociosidade dos brasileiros: PN, 43 e nota; ON, XXXVI-XXXVII. [v. *Economia nacional*, 108].

7. — Vindo, com laivos de desanimo, da ociosidade a que foi habituado, o nosso povo, ao contacto da civilização, nas grandes cidades, transforma esse desanimo em descrença da raça e da patria, e adota por credo de ação a fórmula negativa da virtude e do patriotismo, que consiste em proclamar e exagerar os nossos defeitos: PN, 43-44. [v. *Raças*, 28; *População Nacional*, 27 e 28; *Educação e Ensino*, 8; *Politica Nacional*, 29, 30 e 41].

8. — Essa attitude intelectual é apenas um éco do modo de pensar dominante, até ha pouco tempo, nas letras dos povos de que somos reflexos. O cansaço dos esforços e das lutas da civilização mediterranea fermentou no levedo do ceticismo. A atividade vitoriosa das civilizações do norte da Europa deixou as sociedades do meio-dia sem objetivo; e os povos, que não andam, ficam sem sen-

timento fortes, sem idéas positivas e sem energias úteis: PN, 44-45. [v. *População Nacional*, 11; *Questão social*, 43; *Crítica do Conhecimento*, 87].

9. — Diferenciação psicológica do brasileiro entre as varias regiões do paiz: ON, 12. [v. *Nacionalidade brasileira*, 18].

10. — Defeito do nosso espirito: ON, 30, 45, 62, 207; FV, 19; AB; AI; AP.

11. — A nossa raça é inseparavel de um certo gráu de socialismo de Estado: ON, 45. [v. *Economia nacional*, 48; *Politica nacional*, 109].

12. — Como se explica a paixão do nosso povo pelo carnaval: BE.

CAPITULO XXVI

EDUCAÇÃO E ENSINO

1. — Nunca chegamos a possuir cultura própria, nem mesmo uma cultura geral. As duas primeiras gerações posteriores á Independencia eram, entretanto, compostas de espiritos de certa solidez e firmeza: PN, XVI.

2. — [v. ns. 10, 13 e 35]. — Mais variada e muito mais vasta, a nossa illustração é, hoje, vaga, fluida, sem assento, incapaz de habilitar os espiritos a formarem juizos e incapaz de lhes inspirar átos: PN, XVI, 76, 110, 113. [v. *Politica e Governo*, 76; *Politica Nacional*, 28 e 70; *Moral*, 22].

3. — [v. ns. 17]. — O aplauso e as satisfações da vaidade fazem toda a ambição dos espiritos; ninguém procura atingir a verdade, ser capaz de uma solução, formar a mente e o carácter, para resolver e para agir: PN, XVI, 110. [v. *Critica do Conhecimento*, 134].

4. — A nossa aspiração de fusão na sociedade mental da nossa época deve conduzir-nos a dilatar, para além da latinidade, o circulo das nossas colheitas de saber, substituindo a atitude passiva, que nos tem trazido a receber idéas exportadas pelo acaso ou pelo instinto politico de outros povos, por um trabalho autonomo de escolha e seleção conciente: PN, 7-8. [v. *Politica Nacional*, 9, 53, 54 e 63; *Organização constitucional*, 148; *Crítica do Conhecimento*, 86; *População nacional*, 6].

5. — [v. n.º 30]. — Aprender com alemães, com americanos, com francezes e com brasileiros, quando fôr possível, a sermos brasileiros: eis a fórmula ideal do nosso cosmopolitismo mental: PN, 8. [v. *Organização constitucional*, 148].

6. — Influencia do romantismo, do positivismo e do realismo na formação da nossa mentalidade: PN, 13 a 15, 45 e 54.

7. — Análise da influencia franceza na formação da nossa mentalidade: PN, 14-15, 55, 109.

8. — Com a literatura romantica da primeira fase não aprendemos a maldizer das nossas cousas; mas quando o naturalismo francez e portuguez começou a circular, ambos impotentes para assimilar a grave filosofia emancipada do século, o contagio pessimista acirrou a severidade dos escritores em sentenças de inexoravel condenação:

PN, 16, 45. [v. *Politica Nacional*, 20 a 24; *População nacional*, 12].

9. — Contra a formação méramente literaria da nossa cultura: PN, 44 e nota, 54, 109, 140; ON, X e nota, 44, 155, 264-265, 268; AB; AE; AF; AM; AN; AP; AU; AX. [v. *Politica Nacional*, 22].

10. — [v. ns. 2 e 13]. — A nossa mentalidade produziu exemplares superiores de illustração; nunca, porém, espiritos dirigidos para os trabalhos pacientes da observação, do descobrimento, do exercicio do pensamento sobre os fátos de experiencia: PN, 54, 109, 113; ON, X e nota, 5-6, 44, 59, 152, 163 a 164, 273. [v. *Critica do Conhecimento*, 132; *Politica Nacional*, 12].

11. — A vida do nosso pensamento reflete uma historia de conflitos entre as idéas decadentes e os impulsos de uma terra e de um povo que tendiam a crescer: PN, 54.

12. — A vida cerebral brasileira gira em torno de dous centros: o mundo dos intellectuais e o dos governantes. E esta vida, inteiramente alheia á vida da sociedade, reflete-se, entretanto, no pensamento de todos: PN, 85-86; ON, 5-6. [v. *Politica Nacional*, 46].

13. — [v. ns. 2 e 10]. — Temos *illustração*, não temos *cultura*: PN, 109, 110; ON, 44.

14. — [v. n.º 30]. — Muitas das idéas em voga nos povos adeantados expressam um estado de sentimentos e de aspirações estranhas, senão hostis, aos nossos interesses vitais: PN, 111-112; FV, 7. [v. *Critica do Conhecimento*, 91; *Politica Nacional*, 9].

15. — Nunca tivemos um serviço de propaganda e de estímulo, para a aplicação das atividades. Organizamos, pelo contrario, uma instrução pública que é um sistema de canais de exodo da mocidade do campo para as cidades e da produção para o parasitismo: PN, 145; ON, 102-103, 204; FV, 31 a 32. [v. *Economia nacional*, 34].

16. — [v. ns. 14, 30 e 41]. — Contra o nosso vicio de querer transformar em fatos as nossas teorias e, especialmente as teorias que importamos: ON, XXVII-XXVIII, XXIX; AY; CI. [v. *Questão social*, 50; *Politica Nacional*, 90 e 166; *Critica do Conhecimento*, 214].

17. — [v. n.º 3]. — Os intellectuais brasileiros consideram o preparo que possuem como um simples meio de exito pessoal: ON, 44; AK. [v. *Critica do Conhecimento*, 134].

18. — Um paiz precisa desenvolver as suas forças intellectuais com a mesma solicitude com que desenvolve as suas forças economicas; daquelas depende a eficiencia de tudo o mais: ON, 45 a 47, 50, 290, 292-293; AF. [v. *Organização constitu-*

cional, 54 a 57; *Economia nacional*, 46; *Politica Nacional*, 147].

19. — Incumbe ao governo federal o ensino exclusivo do nosso idioma nas escolas primarias: ON, 85. [v. *Nacionalidade brasileira*, 38].

20. — Deve ser gratuito o ensino primario, bem coom o ensino profissional no campo: ON, 305.

21. — Contra a tendencia habitual ao nosso espirito para isolar em abstrações e conceber em fôrmas geometricas as questões praticas da realidade: FV, 19. [v. *Critica do Conhecimento*, 234].

22. — Aliados aos grandes problemas da nossa economia, ha decerto uns tantos assuntos, para os quais os estabelecimentos agronomicos podem trazer elementos secundarios de cooperação; mas o ensino superior de agricultura e as altas pesquisas de laboratorio são precipitações de esforços estereis, sem proveito para a generalidade do nosso homem rural: FV, 31-32.

23. — Fóra dos laboratorios experimentais o nosso espirito não recebeu ainda a mais leve educação da realidade: AE; CG.

24. — Principios e idéas não passam, entre nós, de bandeiras de discussão e ornatos de polemica: AE.

25. — Terra onde pouco se estuda e onde os que estudam não são os que mais influem na direção do pensamento, toda a nossa vida pública se inspira na imprensa periodica, que é a fonte única de informação que possuímos: AE; AF. [v. *Politica e Governo*, 37 e 38].

26. — [v. n.º 34]. — A impressão recebida dos estudos que entre nós se publicam é a de uma série de *monologos*, sem continuidade e sem aplicação: AE; AK.

27. — As conquistas já alcançadas pelo espirito humano, quanto ao aperfeiçoamento da especie, são, no nosso paiz, puramente nominais: AL.

28. — [v. ns. 5 e 30]. — O nosso paiz não possúe organização que lhe dê, sem perigos para a liberdade, *instituições privadas de ensino*: AF; AI; CF; CR.

29. — Em materia de ensino temos positivamente retrogradado: AF; AD.

30. — [v. ns. 5, 14, 16 e 18]. — Deixar o ensino sem uma *direção nacional* é sujeitar o pensamento brasileiro a ser dividido entre as muitas correntes de idéas importadas do exterior, idéas na sua generalidade nocivas ao nosso paiz: AF; AI. [v. *Politica Nacional*, 9, 53 e 70].

31. — [v. n.º 28]. — O favor da instrução concedida pelas seitas religiosas á parte do povo

por elas privilegiada salienta o estado de aviltamento geral da população: AF.

32. — Contra o ensino exercido pelos grupos religiosos: AF; CD.

33. — [v. n.º 28]. — No nosso paiz a educação estrangeira só é contrastada pela educação clerical: AI. [v. *Politica Nacional*, 67].

34. — [v. n.º 26]. — Não ha opinião onde a opinião se divida em maior número de côres, porque não ha teoria que entre nós não tenha adeptos: AJ.

35. — [v. ns. 2, 10 e 13]. — Precisamos educar o nosso povo na arte varonil de transformar idéas e sentimentos em átos: AL. [v. *Critica do Conhecimento*, 68, 132 e 155].

36. — A vacuidade é ainda aqui a fórmula comum da atividade mental: AM.

37. — Vingam entre nós facilmente todas as formulas e frases feitas: AM; AZ.

38. — [v. ns. 2 e 10]. — Precisamos fazer a educação do *senso das cousas* e a do *senso das idéas*, aprendendo a vêr e aprendendo a pensar: AN; AP; ON, 273-274. [v. *Politica Nacional*, 9, 28 e 154; *Organização constitucional*, 148; *Critica do Conhecimento*, 91].

39. — Toda educação só é possível mediante a organização, de que é um efeito: AP; CP. [v. *Politica Nacional*, 91; *Moral*, 21].

40. — E' impossível conciliar a educação com o instantaneo: AP.

41. — [v. ns. 14, 16 e 38]. — A intelligencia doutrinaria revela-se pela capacidade de compreender que as idéas não se realizam pela simples decretação das suas téses, mas pelos instrumentos que, no meio estranho aos em que elas surgiram, tornam iguais ao deste último as condições de realização: BP; CM.

42. — Se o analfabetismo é o estado mental de quasi toda a população, o nivel da nossa mentalidade superior desceu até á incapacidade para o raciocinio: BQ; CG; CP.

43. — Precisamos fundar a *hierarquia democratica* pela *hierarquia das capacidades*: CP. [v. *Organização constitucional*, 53; *Politica Nacional*, 147; *Questão social*, 17].

CAPITULO XXVII

VIAÇÃO E TRANSPORTES

1. — As estradas de ferro satisfizeram, entre nós, até certo ponto, a necessidades, e realizaram progressos; mas seria erro supôr que o desenvolvimento da viação implica sempre incremento do progresso do paiz: ON, 185. [v. *Evolução historica e progresso em geral*, 65; *Evolução historica e progresso nacional*, 1, 16 e 18].

2. — [v. n.º 10]. — As estradas de ferro cream transportes, mas não promovem a distribuição da riqueza. O que realmente fazem é estimular a exploração extensiva do solo: ON, 185, 188; FV, 30. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 12; *Economia em geral*, 22].

3. — Além disso facilitando o intercurso das praças comerciais para o interior, contribuem para a falsa troca economica, introduzindo, em grande escala, mercadorias de luxo, pagas com o

desbarato das nossas riquezas naturais: ON, 185, 188 a 189.

4. — Habitados a imitar, não vemos que a viação ferrea foi estabelecida, na Europa, afim de ligar densas populações já existentes, e se foi desenvolvendo, nos Estados Unidos, juntamente com a população: ON, 187; FV, 22. [v. *Economia nacional*, 15; *Evolução historica e progresso em geral*, 54].

5. — Além de que, nas velhas civilizações, o progresso material desmoralizou o trabalho, e excitou as ambições, destruindo uma das melhores bases da civilização: a existencia de populações estaveis, vivendo na paz e no conforto dos labores da terra: ON, 187 a 188; BD. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 16 e 17; *Economia nacional*, 20; *Questão social*, 22; *Economia em geral*, 8, 16 e 22].

6. — Foi sobretudo o deslocamento dessas populações laboriosas que produziu as correntes imigratorias; prolongar, por conseguinte, até os paizes novos aquele mesmo falso progresso é destruir a esperança que move os imigrantes e agravar a inadaptação deles: ON, 187 a 188. [v. *Imigração*, 14, 17 e 18; *Economia nacional*, 6; *Emigração*, 14].

7. — Es estradas de ferro tambem acarretam a decadencia das zonas intermedias: ON, 188.

8. — Com a nossa viação ferrea o que se verifica é que só temos, de fáto, intercambio entre as zonas de produção exportavel e os emporios de exportação: ON, 189 a 190.

9. — As localidades do interior pódem atingir alto gráu de prosperidade, florescimento e cultura, sem estradas de ferro; condenam-se, porém, á ruina, quando atingidas por estradas de ferro, sem as condições fundamentais de segurança economica: ON, 190; FV, 22.

10. — [v. n.º 2]. — O commercio e a viação, sem educação das populações para o trabalho e sem desenvolvimento da produção e da circulação economica interna, prestam apoio á obra de conquista social e de aniquilamento nacional, que se efetúa mediante a exploração crescente de novas regiões e de povos atrasados pelos povos mais avançados na pratica dos processos e no uso dos instrumentos de concorrência: ON, 191, 248-249. [v. *Politica Mundial*, 79; *Economia em geral*, 11 e 20; *Emigração*, 23; *Questão social*, 41; *Politica internacional brasileira*, 19; *Economia nacional*, 16 e 58].

11. — Precisamos manter a nacionalização da cabotagem: FV, 37; CL. [v. *Organização constitucional*, 206].

CAPITULO XXVIII

I M I G R A Ç Ã O

1. — [v. n.º 15]. — A necessidade de braços estrangeiros é um dos abrigos do nosso despreparo, em face dos problemas da nossa economia, que não sabemos solver: PN, XIV; ON, 63; FV, 35 a 37, 45 a 47; AI; CL. [v. *Militarismo*, 18; *Politica nacional*, 104; *População nacional*, 28].

2. — Ninguém concebe a importação de gente como solução ao problema da desorganização do trabalho: PN, XIV, 116; ON, 59 a 60, 101 a 102, 143, 179-180; FV, 36. [v. *Economia nacional*, 99].

3. — Por não haver organizado o seu trabalho é que o nosso paiz não recebe, sem solicitação, imigrantes: PN, 116.

4. — O problema do povoamento envolve dois aspectos fundamentais: o do braço para explorar a terra e o do individuo que vem conviver conosco. Ora, no que toca á exploração da terra, o que devemos querer não é a exaustão das nossas

riquezas nativas pelo assalto ás suas fontes, mas o aproveitamento consciencioso desse patrimonio, á luz do interesse nacional; e, no que concerne á presença da nova gente, a simples contemplação do espetáculo do nosso povo basta para dizêr que a luta com uma avultada massa de colonos e com a força de capitais poderosos não é o remedio que lhe está recomendando como ação politica: PN, 116 a 119; ON, IX e nota, 11-12, 59-60, 178 a 184; FV, 36; AP. [v. *Economia nacional*, 102].

5. — E' erro crasso admitir que a colonização seja meio racional de povoar regiões deshabitadas, descongestionando, efetivamente, outras, porquanto o cruzamento das correntes imigratorias reduz a capacidade procreadora das raças: PN, 118-119; ON, 152, 183, 194; FV, 36; AI; BM. [v. *População nacional*, 22; *Raças*, 28].

6. — Contra a existencia de nucleos coloniais, onde se perpetuam linguas e costumes alheios, e onde governos estrangeiros começam a exercer uma especie de fiscalização politica: ON, 63; AP.

7. — As migrações colonizadoras são um fato da historia contemporanea, que os paizes novos devem aceitar; não são, porém, solução á escassez de gente dos paizes novos nem ao excesso de população dos velhos paizes: ON, 101 a 102, 179, 181 a 182, 194; FV, 38. [v. *Emigração*, 1 e 22; *Economia nacional*, 19].

8. — Essas migrações resolvem apenas o *problema individual* do emigrante, mas levantam outros, em relação á vida social dos povos: ON, 101-102, 180; FV, 36. [v. *Questão social*, 41; *Politica internacional brasileira*, 19; *Emigração*, 1 e 22].

9. — Contra a *imigração subvencionada*: PN, XIV; ON, 102, 179; FV, 36, 38; AE; AI. [v. *Economia nacional*, 105 e 110].

10. — Contra as facilidades concedidas á imigração de japonezes, hindús e outras raças semelhantemente proliferas: ON, 179; FV, 37.

11. — Se no século passado o nosso paiz não recebeu fartas correntes emigratorias foi por causa da sua natureza tropical e em virtude de os europeus o ignorarem: ON, 181.

12. — Se o nosso atrazo economico proviesse da escassez da população, de que resulta a facilidade de vida, em vez da luta pela existencia, a solução estaria no povoamento mais denso das regiões já exploradas e nunca na exploração das terras ainda virgens: ON, 194. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 5; *Economia nacional*, 100].

13. — Precisamos iniciar uma politica de fixação definitiva dos trabalhadores: ON, 182 a 183; FV, 46.

14. — Atrair imigrantes é alterar o processo de formação natural do nosso povo, em equilíbrio com os meios físicos e com as condições sociais: FV, 36; AI; AP; BM.

15. — [v. n.º 1]. — Atrair imigrantes é um expediente sugerido pelo descuido intelectual dos políticos, não para solver o problema da organização do trabalho, mas para acudir á sua crise permanente, cada dia mais grave, por efeito da propria panacéa adotada: FV, 36, 46.

16. — As grandes civilizações não nos exportam senão agentes dessa obra espúria, que é a *civilização material*; FV, 42 a 43. [v. *Questão social*, 41 e 44; *Emigração*, 17, 21 e 23; *Evolução histórica e progresso nacional*, 18].

17. — A colonização jámais correspondeu, entre nós, a necesssidades do trabalho; correspondeu sempre a necessidades da produção, ou, mais precisamente, a necessidades das colheitas, que dá o dinheiro fácil e o dinheiro pronto: FV, 46; AB. [v. *Economia nacional*, 35].

18. — O que nós temos chamado *colaboração do braço estrangeiro* é apenas uma fórmula imoralíssima do *contráto de salario*, com que se sacrifica o trabalhador estrangeiro, alheando-o do habito e da educação do trabalho: AB; CD; CL. [v. *Economia nacional*, 99].

19. — Dos milhões de imigrantes que temos recebido, poucos se naturalizaram: AZ; CD.

20. — A decadência manifestada nas gerações dos descendentes dos nossos colonos evidencia a falsidade da doutrina de que o simples convívio e vizinhança com os colonos estrangeiros tem influencia educativa sobre os nacionais: ON, 80, 156, 179-180; BM; CI. [v. *Raças*, 28; *População nacional*, 25; *Economia nacional*, 26; *Emigração*, 8].

21. — Nós tivemos e temos tido *imigração*; ainda não tivemos *colonização*: CD. [v. *Economia nacional*, 99].

CAPITULO XXIX

AGRICULTURA E PECUARIA

1. — A nossa terra, como a de todos os países intertropicais, é avessa á exploração agricola pelos processos europeus: PN, XXIII, 30, 32, 44 nota; FV, 20, 35. [v. *Politica nacional*, 63].

2. — A zona intertropical tem, contra a sua exploração, o percalço climaterico da falta de geleiras e de neves: PN, XXIV, 104; FV, 13, 17.

3. — Contra as culturas secas: PN, 31.

4. — A nossa terra está ainda por ser estudada: PN, 31-32, 41, 44 e nota; ON, XXVII, 63-64, 244-245; FV, 10; AB; AF; CC. [v. *Politica nacional*, 24 e 63].

5. — Necessidade de concentrar a produção nacional em determinadas zonas, poupando as ainda não exploradas: PN, 31-32, 94, 105, 117; ON, 183, 194; AI. [v. *Imigração*, 12; *Economia nacional*, 19; *Geografia, Geologia e Climatologia*, 3 e 11].

6. — [v. n.º 32]. — Necessidade de restaurar a capacidade de produção das terras depredadas: PN, 31, 94, 105; ON, 156, 290; FV, V, 18 a 19 32. [v. *Economia nacional*, 16, 19 e 107; *Geografia, Geologia e Climatologia*, 3; *Politica Mundial*, 79; *Economia em geral*, 20 e 23; *Politica internacional brasileira*, 16].

7. — Tendo caminhado para o oceano, precisamos regressar ao centro: PN, 41.

8. — Plantamos sementes importadas e ainda não sabemos produzir sementes: PN, 41.

9. — Importamos e cultivamos frutos alheios, abandonado os frutos do nosso clima: PN, 41.

10. — [v. n.º 21]. — A grande propriedade pôde ser útil, se obedecer a um tipo adequado ás nossas necessidades: PN, 44 e nota. [v. *Organização constitucional*, 62].

11. — [v. n.º 32]. — Necessidade de sustar a devastação das nossas matas e florestas; PN, XXIV, 93-94, 104-105; ON, 150, 293; FV, 12, 21, 32; AF; AG; BD; BQ. [v. *Geografia, Geologia e Climatologia*, 2 e 3; *Economia nacional*, 58 e 81; *Economia em geral*, 20].

12. — Contra as culturas extensivas: PN, 93-94, 96, 105 a 107; ON, 149-159, 185, 192; FV, 12. [v. *Viação e Transportes*, 2].

13. — Como se explica a insignificancia da nossa cultura intensiva: PN, 96.

14. — A questão do valor intrinseco do sólo é um problema tão complexo — dependendo ainda de dados, por emquanto insuficientes, de geologia e agronomia, e do estudo comparativo das utilidades, — que toda a pretensão de formular sobre ela juizos categoricos é, pelo menos, prematura: PN, 104.

15. — Da nenhuma regularidade, por força do nosso clima, na quéda anual das folhas, origem da terra vegetal: PN, 104; FV, 17.

16. — [v. n.º 38]. — O lavrador brasileiro ainda não sabe cultivar a sua terra: ON, XXVII, XXXVI; FV, 12. [v. *Politica nacional*, 24 e 63].

17. — [v. n.º 1]. — A nossa terra é ingrata para o trabalho agricola, em virtude da irregularidade dos seus climas e das suas estações: ON, XXVII; FV, 17.

18. — Contra o velho sistema de emprestimos á lavoura: ON, 60; FV, 31.

19. — Sobre o problema da borracha; ON, 63, 210; FV, 25, 32.

20. — Seria insensato abandonar as produções atualmente exploradas: ON, 181, 184 a 185, 211, 290.

21. — [v. n.º 10]. — Precisamos aproveitar as liquidações e as execuções para dividir a propriedade, de fôrma que se disperse a riqueza: ON, 182, 209, 211, 212; FV, 29-30; CI. [v. *Organização constitucional*, 61; *Economia em geral*, 27; *Questão social*, 37 e 52].

22. — Podemos ainda admitir um *proteccionismo agrario*, em beneficio da nossa produção, desde que procedamos com a maior cautela: ON, 211. [v. *Economia nacional*, 90].

23. — Sobre o problema do trigo. Em face das dúvidas suscitadas quanto á nossa capacidade de produzi-lo, por força da ausencia de terras proprias e de outras condições economicas, nada obsta a que cuidemos de habituar o nosso povo aos sucedaneos, de produção nacional: ON, 146, 213-214. [v. *Economia nacional*, 51 e 52].

24. — Se o exodo rural se manifesta entre nós com a fôrma de uma verdadeira repugnancia ao trabalho do campo, isso vem de que as condições economicas e sociais da vida agricola repelem os habitantes: ON, 244; FV, 46 a 47; AB. [v. *Questão social*, 60; *Economia em geral*, 42].

25. — Necessidade de fazermos a policia da caça e da pesca: ON, 293.

26. — Contra a passagem das terras devolutas para as provincias, e como deve o governo federal rehavê-las: ON, 297.

27. — Classificação económica das nossas terras: FV, 11 a 12.

28. — Situação geográfica e valor económico dos nossos campos: FV, 11-12; BD.

29. — Situação geográfica e valor económico das nossas florestas: FV, 12, 17, 21; AG; AH.

30. — [v. n.º 41]. — Situação geográfica e causas económicas dos nossos desertos: FV, 12; AB; AP.

31. — Das possibilidades económicas da nossa lavoura: FV, 12.

32. — [v. ns. 6 e 11]. — A nossa actividade agrícola, desde os tempos coloniais, tem sido um processo de devastação da terra, sem protesto de ninguém: FV, 13, 22-23, 42; AI; AP; BM; CD; CQ. [v. *Economia nacional*, 7].

33. — As nossas terras são as que sofrem, em todo o mundo, a mais intensa irradiação solar: FV, 17 a 18; AB.

34. — Quanto á terra, como corpo de uma nação e como *habitat* de um povo, o primeiro de todos os problemas é o problema higronómico: FV, 17 a 19, 22; AF; AG; AH; AN.

35. — Só a Amazonia tem uma situação privilegiada quanto ao suprimento de água: FV, 18.

36. — Da irrigação, em face do problema higronomico: FV, 20 a 21; AH. [v. *Geografia, Geologia e Climatologia*, 9].

37. — As nossas terras já hoje mal compen-sam os trabalhos da lavoura intensiva. FV, 22; BS. [v. *Economia nacional*, 2].

38. — [v. n.º 16]. — Não resolvemos ainda os dous problemas praticos ligados á alimentação popular: saber quais os generos proprios para o nosso meio, para a natureza do trabalho e para a vida social, e quais os processos de cultura desses generos: FV, 24 a 25; AA; AB. [v. *Higiene*, 3; *Economia nacional*, 51].

39. — Necessidade imediata da extinção das formigas: FV, 32. \

40. — Do valor economico dos nossos cavalos: FV, 35; AP. [v. *Economia nacional*, 54].

41. — Do valor economico do nosso gado: FV, 35; BD. [v. *Economia nacional*, 51 e 52].

42. — [v. n.º 30]. — Em tres séculos de atividade economica transformamos em desertos regiões equivalentes a grandes paizes: AB.

CAPITULO XXX

GEOGRAFIA, GEOLOGIA E CLIMATOLOGIA

1. — O resecamento das terras e do ar já se manifesta até nas grandes cidades, com as crises de *falta de agua* de ano para ano mais penosas: PN, XXIII; ON, 293; AF.

2. — Se as montanhas, os rios e as florestas são, em toda a parte, fontes de fertilidade, e consequentemente, de vida, nas zonas intertropicais assumem valor extraordinario, como unicos mananciais de aguas correntes, de chuvas e de umidade atmosferica: PN, XXIV; ON, 150; FV, 13-14, 17; AB; AG; CL.

3. — Não tendo estudado os meios de conservarmos tão preciosas riquezas, precisamos, doravante, poupar as que nos restam em estado virgem e restabelecer as que já estão comprometidas: PN, XXIV. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 5 e 6].

4. — Necessidade de estudarmos a nossa geografia, no seu aspecto dinámico: ON, 8, 140. [v. *Política nacional*, 23, 63, 100 e 101].

5. — Dada a sucessiva gradação do nosso clima, torrido, tropical e temperado, possuímos um território dividido no ponto de vista físico, e, portanto, no económico, em regiões assinaladamente distintas: ON, 9-10.

6. — Por efeito de sua curiosa estrutura orográfica a quasi totalidade do território eleva-se em taboleiros; assim, desde os vales de depressão mais forte até ás cumieiras das montanhas mais elevadas, as altitudes contribuem para multiplicar no nosso sólo, caracteres diversos de clima e de natureza: ON, 10.

7. — Ainda outras causas de diferenciação, quanto á habitabilidade e á fertilidade: ON, 10-11.

8. — O nosso clima oferece condições de vitalidade, talvez superiores ás dos climas frios: ON, 84.

9. — O problema das secas parece que não será resolvido com a irrigação, ainda que em obras de vulto: ON, 151; AH; BT. [v. *Agricultura e Pecuaria*, 36].

10. — A fundação de cidades nos altos e nos vales superiores das serras revela inteira ignoran-

cia do nosso grave problema climaterico: FV, 13-14; CL.

11. — As terras tropicais não comportam populações densas: AH; CL. [v. *Agricultura e Pecuária*, 5].

12. — Nem a ciência, nem os cientistas estrangeiros, que nos têm visitado, dão exáta noticia do nosso meio fisico: AH.

13. — Não ha, para nós, propriamente, estações solares; as nossas estações são obra virtual das chuvas, ou melhor, dos ventos que trazem e dos ventos que levam as chuvas: AH.

CAPITULO XXXI

DEFESA MILITAR

1. — [v. n.º 29]. — A defesa militar implica uma hipótese de guerra, provavelmente impossível, o que torna essa defesa, por sua vez, provavelmente desnecessária: PN, 141; ON, 205-206. [v. *Politica nacional*, 14 e 15; *Politica internacional brasileira*, 17].

2. — [v. n.º 35]. — Admitindo porém a hipótese da guerra, dada a continuação dos armamentos, confiar a nossa segurança á defesa militar é quasi uma ingenuidade: ON, 203.

3. — A nossa melhor defesa é a que consiste em evitar os motivos, ou, se quizerem, os pretextos de conflitos: ON, 203; AP; AR; AV.

4. — Mas isso só é realizavel com uma austera reorganização do paiz, num regime de estreita legalidade: ON, 203. [v. *Politica nacional*, 91].

5. — [v. n.º 12]. — No tocante á organização militar, não precisamos mais do que melhorar a eficiencia das nossas forças: ON, 204-205; AP; AR; AV.

6. — As classes militares são, não sómente grupos representativos das melhores virtudes da nossa indole, mas tambem o mais genuino nucleo do espirito e do sentimento nacional no nosso paiz: AP.

7. — Essas classes não podiam, entretanto, fugir á regra da dissolução, num paiz que ainda não assentou as bases da sua vida social: AP; AR; AZ. [v. *Evolução historica e progresso nacional*, 19].

8. — [v. n.º 28]. — Nem o exercito, nem a armada, se aproximam de forças permanentes de defesa, capazes de ação eficaz. Esse despreparo vem desde o Imperio, embora armada e exercito fôsem reconhecidos como necessidades de primeira ordem: AP; AR.

9. — O *serviço militar obrigatorio*, não sendo toda a organização da defesa militar, visa apenas a função de suprir o grosso do pessoal ativo; pressupõe, dessarte, a existencia do *exercito* incumbido de prover ao comando, á administração, á disciplina, á instrução, ao exercicio, á mobilização: AP.

10. — Ora, o nosso exercito não tem este ultimo elemento; de sorte que o serviço militar obrigatorio não exprime uma bôa expectativa: AP.

11. — Argumentos contra o movimento de Bilac, a favor do serviço militar obrigatorio: AP; CN.

12. — [v. n.º 5]. — A defesa militar pôde ser organizada com mais eficiencia, e sem o serviço militar obrigatorio, que acarreta despesas: AP.

13. — A caserna educa soldados, para a faina de soldados; e, educando o soldado, não fez ainda senão viciar o individuo, perverter o homem da familia, deseducar o *socius* da comunidade nacional: AP.

14. — O quartel, não podendo crear tais predicados, não chegou tambem, por isso, a fazer bons soldados para o nosso tempo; faz pretorianos: AP.

15. — O serviço militar obrigatorio é a fórma menos democratica que se pôde dar á organização das forças nacionais. Estabelece, com effeito, um *estado feudal de classe*, pela situação em que coloca a massa dos cidadãos perante os officiais: AP.

16. — A officialidade permanente acabaria consolidando-se em casta, com prejuizo da justiça distributiva das posições, — que é o principio basico das democracias: AP. [v. *Questão social*, 35].

17. — [v. ns. 1 e 29]. — E' de vital interesse para o nosso paiz manter a paz com o mundo inteiro, e, mais ainda, com os nossos vizinhos; não havendo, assim, a necessidade de assumir a ofensiva, toda a nossa organização militar deve ser uma organização militar de defesa: AP; AR.

18. — Ora, nas democracias a fôrma preferida para essa organização é a *milicia civica*. E' essa, precisamente, a fôrma estrategica necessaria da nossa organização defensiva: AP.

19. — Com a vastidão do nosso territorio e a extensão da nossa costa, não ha exercito permanente capaz de garantir a nossa defesa contra exercitos regularmente preparados para o ataque: AP.

20. — O tipo do exercito permanente corresponde á concepção das guerras antigas; e se póde parecer favoravel á ofensiva, não é decerto o melhor para a defesa: AP; BF.

21. — O tema da nossa defesa será sempre *impedir desembarques* e impedir o estabelecimento de *ocupações*: AP.

22. — Quanto á marinha, a solução está nos torpedeiros, nos submarinos e nos aeroplanos, a que se devem juntar dous tipos de navios muito pequenos e extremamente rapidos, — um para operar, com as minas, nos rios e nos baixios do litoral, — e outro para atacar embarcações de desembarque: AP.

23. — Quanto ao exercito, a nossa defesa deverá ser confiada á *guarda nacional*, espalhada por toda a extensão do paiz, com instrutores competentes, centros de comando e de abastecimento de munições, convenientemente distribuidos, e adestrada para a guerra de “*harasement*”, com linhas convergentes sobre os pontos de aggressão: AP.

24. — A penetração fluvial dá margem a vastas *linhas de perigo*, em que ha grande número de possibilidades a eliminar, de acôrdo com as republicas vizinhas: AP.

25. — Não temos, e precisamos ter, um sistema de viação estrategica: AP.

26. — A nossa defesa impõe a estrategia da perseguição permanente e incómoda, — com o tiro certo, o socorro pronto, a concentração facil e o movimento rápido: AP.

27. — Como se póde organizar, dentro do objetivo aí exposto, o nosso exercito: AP.

28. — [v. n.º 8]. — A atual organização do nosso exercito e da nossa marinha não assegura a nossa defesa: AP; AR; AZ; CC; CR.

29. — [v. ns. 1 e 17]. — Os fatos de após-guerra, juntos á nossa politica de exploração colonial do paiz e de campo aberto a manobreadores de capitais, cream, sem dúvida, a possibilidade de guerra: AP; AV. [v. *Politica internacional brasileira*, 5 e 21; *Economia nacional*, 23 e 25].

30. — A defesa militar não pode ser o principal, nem o primeiro, nem o mais vigoroso dos meios de defesa, para um paiz que não está envolvido pelas intrigas da politica mundial: AP; AZ. [v. *Politica internacional brasileira*, 5; *Guer-ra*, 74; *Politica nacional*, 130].

31. — A propaganda pacifista nos paizes guerreiros é um meio necessario de auxiliar a nossa defesa: AP.

32. — Em varias crises já demonstramos capacidade de defesa material: AR.

33. — A guerra, venha deste ou daquele lado, é uma possibilidade; mas a absorção, haja ou não haja guerra, é a nossa sôrte fatal: AV. [v. *Politica internacional brasileira*, 15, 17, 19 e 22; *Politica nacional*, 14, 84 e 122].

34. — O que nos cabe defender não é nenhum rotulo de Direito Internacional; é a soberania

real do país: AV. [v. Política internacional brasileira, 37].

35. — [v. ns. 1 e 2]. — Procurar solução para o problema da organização militar sem resolver antes o da organização nacional é uma inépcia e um perigo: AZ. [v. *Política nacional*, 13, 14, 15, 58 e 150].

CAPITULO XXXII

H I G I E N E

1. — A quasi totalidade do nosso povo não possúe ainda habitação conveniente: PN, 76, 99-100; FV, 40.

2. — O nosso povo não conhece habitos e instrumentos favoraveis á saúde: PN, 76; ON, 290, 292.

3. — A alimentação, entre nós, é escassa, e, conforme a camada social, grosseira ou impropria: PN, 76; ON, 146, 152, 213 a 214; FV, 23 a 25; AA; AF. [v. *Economia nacional*, 44; *Agricultura e Pecuaria*, 38; *Politica nacional*, 43].

4. — Ha uma certa atividade do espirito terapeutico em toda a sociedade moderna. Vem daí a mania de vermos a nossa nacionalidade, e sómente a nossa, minada pelas molestias, sem embargo, aliás, de não serem definitivas, na ciencia, quér a noção de saúde, quér a de molestia: PN, 77 a 82.

[v. *Critica do Conhecimento*, 97 a 104; *População nacional*, 4 e 25].

5. — E' de inquirir se, posta em confronto com outros fátos da vida, a *molestia* representa, realmente, o principal fator da decadencia humana: PN, 78-79.

6. — Em nosso paiz, as grandes causas de fraqueza fisica são principalmente de tres naturas: *economico-sociais*, decorrentes da falta de estudo do clima e das condições de vida sã nos nossos meios, geralmente umidos e quentes; *escassez e impropriedade dos alimentos*; e *causas economicas, sociais e pedagogicas*, relativas á prosperidade e educação do povo: PN, 81. [v. *Politica nacional*, 43].

7. — Se fatores patologicos cooperam para a nossa decadencia fisica, a influencia destes fatores é insignificante em proporção á daqueles anteriormente referidos. Todos os esforços da higiene e todas as reformas sanitarias serão luxos profissionais ou simples desvios na focalização dos fátos da realidade, mal atacando as molestias e nunca extinguindo as predisposições morbidas, enquanto o problema geral da economia nacional não fôr solvido: PN, 81-82.

8. — Neste ponto não é possivel dissimular o fáto de uma quasi renuncia da vida, na observa-

ção de certos aspéctos das nossas medidas sanitárias, tomadas, em grande parte, nas capitais, no interesse do estrangeiro, ou da nossa fama no exterior: PN, 82; ON, XXXVIII. [v. *Economia nacional*, 56 e 57].

9. — Vem daí o nenhum zelo do poder público pelo saneamento do interior: ON, XXXVIII. [v. *Evolução histórica e progresso nacional*, 20; *Economia nacional*, 98].

10. — Os desportos são, muitas vezes, uma fôrma de vigor entre ociosos que cultivam a força sem a concomitante educação dos nervos para as labutas úteis: FV, 35.

ABREVIATURAS

Para não repetir indicações, que tornariam enfadonha a leitura do índice, citamos as obras e os artigos pelas abreviaturas seguintes :

OBRAS :

- VP. — *Vers la Paix*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1927.
PM. — *Le Problème Mondial*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1913.
PN. — *O Problema Nacional Brasileiro*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1914.
ON. — *A Organização Nacional*, Primeira Parte: *A Constituição*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1914.
FV. — *As Fontes da Vida no Brasil*, Rio de Janeiro, Papelaria Brasil, 1915.

ARTIGOS, CARTAS E ENTREVISTAS :

- AA. — Entrevista ao *O Imparcial*, aos 24-1-1915.
AB. — *A Revista Constitucional*, carta publicada no *Jornal do Comercio*, de 3-3-1915.
AC. — Carta publ. no *Jornal do Comercio* de 8-4-1915.
AD. — *A Revisão*, carta ao dr. Felix Bocayuva, public. no *Jornal do Comercio* de 16-4-1915.
AE. — Carta com que fez a remessa do opúsc. *As Fontes da Vida no Brasil*, e public. no *Jornal do Comercio* de 28-4-1915.

- AF. — *A necessidade da revisão constitucional*, artigo no *Jornal do Comercio*, de 2-5-1915.
- AG. — *A crise climaterica brasileira*, artigo no *Jornal do Comercio* de 17-6-1915.
- AH. — Carta ao dr. Joanny Bouchardet, public. no *A Noite* de 3-7-1915.
- AI. — *As nossas raças e a nossa nacionalidade*, artigo no *O Imparcial* de 5-9-1915.
- AJ. — *Uma explicação*, artigo no *O Imparcial* de 24-9-15.
- AK. — *Sementes de bôa planta*, artigo no *A Noite* de 24-11-1915.
- AL. — *A Revisão*, artigo no *O Imparcial* de 29-11-1915.
- AM. — *O Brasil e os mestiços*, artigo no *A Epoca* de 4-12-1915.
- AN. — *O "Ultimo Adeus" de Washington*, artigo no *A Tribuna* de 17-12-1915.
- AO. — Carta public. no *Correio da Manhã* de 18-12-1915.
- AP. — *A Defesa nacional e o serviço militar obrigatorio*, artigo no *O Estado de S. Paulo* de 22-12-1915.
- AQ. — *Pan-americanismo e doutrina de Monroe*, artigo no *A Noite* de 29-12-1915.
- AR. — *Regeneração?* (À margem de um artigo sobre a nossa defesa militar), artigo no *A Noite* de 3-1-1916.
- AS. — *Pan-Americanismo e liberdade de consciencia* (A proposito de palavras e atos do Presidente Wilson). artigo no *A Noite* de 11-1-1916.
- AT. — Carta public. no *A Noticia* de 13-1-1916.
- AU. — *Revisão?*, artigo no *A Tribuna* de 14-1-1916.
- AV. — *Preparemo-nos* (Ainda a proposito do pan-americanismo), artigo no *A Noite* de 17-1-1916.
- AX. — *Idéas que vivem e idéas que morrem* (A proposito do preconceito popular da virtualidade imanente das idéas), artigo no *A Noite* de 24-1-1916.

- AY. — *Conservadores e Conservatismo*, artigo no *A Tribuna* de 11-2-1916.
- AZ. — *As armas, cidadãos!*, artigo no *A Noite* de 14-2-16.
- BA. — *Conservadores e conservatismo*, II, artigo no *A Tribuna* de 18-2-1916.
- BB. — *Pobre povo, grande criança!*, artigo no *A Noite* de 21-2-1916.
- BC. — *A Constituição*, artigo no *A Tribuna* de 25-2-1916.
- BD. — *Salve-se quem puder!*, artigo no *A Tribuna* de 3-3-1916.
- BE. — *Um carnaval que morre...*, artigo no *A Noite* de 9-3-1916.
- BF. — *Portugal e a guerra*, artigo no *A Noite* de 13-3-16.
- BG. — *A guerra*, artigo no *A Noite* de 20-3-1916.
- BH. — *Um cerimonial*, artigo no *A Tribuna* de 24-3-1916.
- BI. — *Roma versus Cartago*, artigo no *A Noite* de 27-3-1916.
- BJ. — *Rilha de galos*, artigo no *A Tribuna* de 31-3-1916.
- BK. — *Com rumo ao Futuro...*, artigo no *A Tribuna* de 7-4-1916.
- BL. — *Singular contraste...* artigo no *A Tribuna* de 15-4-1916.
- BM. — *Marcando os passos...* artigo no *O Imparcial* de 15-4-1916.
- BN. — *A angustia do tempo*, artigo no *A Tribuna* de 28-4-1916.
- BO. — *O nosso rumo*, artigo no *A Tribuna* de 6-5-1916.
- BP. — *Um documento*, artigo no *O Imparcial* de 15-5-1916.
- BQ. — *Os Fatos...*, artigo no *A Tribuna* de 20-3-1916.
- BR. — *Circulos viciosos*, artigo no *A Tribuna* de 27-5-1916.

- BS. — *Finanças e regime político*, artigo no *A Tribuna* de 5-6-1916.
- BT. — *Córtes e impostos, empréstimos e alienações*, artigo no *A Tribuna* de 12-6-1916.
- BU. — *Um raio de luz?...* artigo no *A Tribuna* de 17-6-1916.
- BV. — *Juizo! muito juizo!*, artigo no *A Tribuna* de 15-6-1916.
- BX. — *Carta ao O Imparcial* de 8-8-1916.
- BZ. — *A proposito de Teixeira de Freitas*, artigo no *O Imparcial* de 21-8-1916.
- CA. — *Entre dous "motos"*, artigo no *A Tribuna* de 21-8-1916.
- CB. — *Bôa viagem!*, artigo no *A Tribuna* de 24-6-1916.
- CC. — *Córtes e impostos*, artigo no *A Tribuna* de 1-7-1916.
- CD. — *Reformas e reformadores...*, artigo no *A Tribuna* de 8-7-1916.
- CE. — *A justiça do egoismo e a justiça do altruismo*, artigo no *A Tribuna* de 22-7-1916.
- CF. — *A guerra das almas*, artigo no *A Tribuna* de 29-7-1916.
- CG. — *Um "film" instantaneo*, artigo no *A Tribuna* de 12-8-1916.
- CH. — *Lei illusoria, num regime de mentiras*, artigo no *A Tribuna* de 14-8-1916.
- CI. — *O imperialismo norte-americano*, artigo no *O Imparcial* de 25-8-1916.
- CJ. — *Más finanças, má economia e máu governo*, artigo no *O Imparcial* de 28-8-1916.
- CK. — *Guerra de absurdos e guerra de disparates*, artigo no *O Imparcial* de 14-9-1916.

- CL. — *A mercê dos ventos...*, artigo no *O Imparcial* de 18-9-1916.
- CM. — *Verso e reverso*, artigo no *A Tribuna* de 4-9-1916.
- CN. — *Nacionalismos...*, artigo no *O Imparcial* de 4-9-1916.
- CO. — Entrevista publicada no *A Tribuna* de 24-3-1915.
- CP. — Carta a João Ribeiro, publicada no *Jornal do Commercio* de 25-3-1915.
- CQ. — Carta publicada no *O Imparcial* de 3-12-1916.
- CR. — *Um retrocesso*, artigo no *O Imparcial* de 15-10-1916.
- CS. — *O Problema Mundial*, carta publicada no *Jornal do Commercio* de 20-12-1913.

OBSERVAÇÕES:

Queremos advertir que, resumindo as idéas, guardamos a estas inteira fidelidade, a ponto de aproveitarmos as proprias palavras de Alberto Torres.

A Companhia Editora Nacional manteve a ortografia do nosso revisor, que não tem, ao que parece, nenhuma.

A todos os que compulsarem este livro solicitamos o obséquio de nos remeterem as criticas que lhes ocorram, ainda que as não desejem publicar. O endereço é: Av. Rio Branco, 117, 4.º andar, sala 423.

No mesmo genero, e com os mesmos intuitos de méra facilitação oferecida aos que precisam economizar o seu tempo ao terem de conhecer as idéas fundamentais dos grandes mestres, vamos dar a lume, sucessivamente, outros indices de idéas. Neste instante, para serem publicados, dependem apenas do contrato de edição os de Ruy Barbosa, Maçhiavel, F. D. Roosevelt, H. Ford e Joaquim Nabuco.

EXPOSIÇÃO PRELIMINAR

(Depoimento auto-biografico de Alberto Torres)

I

ORIENTAÇÃO GERAL DO SEU PENSAMENTO

1. — “Verdades tiradas do concreto e do vivo, as que aqui se encontram são superiores a divergencias de escola, de orientação e de sistema; são fatos; e, como fatos, impõem consequencias, que é força aceitar.” PN, XXI. — “Homem publico em toda a extensão do termo, se é fato que, com relação ás idéas politicas, incorrí, muitas vezes, como todos os que se dedicam a esta carreira, no erro de aceitar, sem critica, principios e formas puramente doutrinarios, é tambem fato que, desde os primeiros ensaios da minha ação publica, se manifestou em meu espirito a tendencia por buscar na realidade os dados e fundamentos da minha orientação. Encontro disso frequentes documentos nos mais antigos dos meus escritos, onde são muitas vezes caracterizados traços capitais da marcha do paiz, antecipados os seus fatos mais notaveis, os ciclos mais salientes, as crises mais agudas, da nossa evolução.” BM.

— “Fui político e cumpri o regime vigente: a minha experiencia demonstrou-me o seu absurdo e a sua impraticabilidade. Acompanho com cuidado os fatos da nossa vida publica: eles confirmam a minha conclusão. Dessa experiencia e dessa observação, com elementos severamente tirados do estudo da nossa terra e da nossa gente, resultou o programa que exponho em meus livros e de que o meu projeto de revisão constitucional desenha as linhas exteriores do conjunto.” BX. — “. . .os resultados de meus estudos, entendidos, com ardor e devotamento, na análise concreta das causas e dos fatos da nossa gente e da nossa terra.” CQ.

2. — “As causas das nossas crises e do nosso endemico estado de dissolução aí estão demonstradas com ilações e interpretações induzidas diretamente dos fenomenos historicos, geograficos e sociais do nosso paiz, e não fundadas — como sóe acontecer, nos estudos até hoje feitos, — sobre inferencias analogicas e associações de contiguidade ou de semelhança, ou por deduções de idéas e doutrinas de sociologos e filosofos estrangeiros.” PN, XXI. — “Os meus trabalhos estão surpreendendo a alguns espiritos, justamente porque são trabalhos politicos, isto é, trabalhos de solução aos nossos problemas, e não deduções de teorias estrangeiras. Conto que deixarei essa demonstração integralmente feita, na tribuna e na imprensa, durante este ano.” AC.

3. — “Estes trabalhos contêm os resultados de estudos detidos e de observações assentadas durante uma já longa carreira politica. São trabalhos de reflexão e de experiencia sobre elementos positivos da historia e da vida social, em que dados scientificos e

fátos foram elaborados para as conclusões com o rigor empregado nas pesquisas da ciência.” AE.

4. — “Quando se fundou a republica, tudo quanto possuíamos, em contribuições para a organização do novo regime, eram manifestos doutrinarios, incertos na orientação, vagos no plano e sem espirito pratico; e, da concepção que se tinha do regime, dão noticia as idéas expostas nos discursos da Constituinte, como em outros trabalhos, e o fáto, muito significativo, de haver sido formulado o projéto da Constituição pelo sr. Ruy Barboza, monarquista até ás vespéras do novo regime. perante o aquiescente silencio dos seus colégas do Provisorio. Dos trabalhos anteriores pouco foi aproveitado; e, nos debates da Constituinte, só uma palavra se destaca, entre os discursos teóricos da assembléa, com apreciações de alcance politico: a do sr. Ubaldo do Amaral, que antecipou com argumentos, que valem hoje por verdadeiras profecias, o desazo do regime que se estava fundando. Diz-me a consciencia que depois do apélo dirigido, durante cinco anos, aos homens de saber do meu paiz, apresento á opinião nacional um projéto de constituição, como não será comúm encontrar nos antecedentes de nenhuma das reformas institucionais até hoje feitas.” AF.

5. — “E’ irisorria, aliás, a pécha de exagero, lançada contra os fatos para que estou chamando a atenção, quando o espetaculo da miséria do nosso povo se oferece á contemplação de quem quer que queira informar-se da realidade fóra das avenidas, dos palacios, das repartições publicas e dos escritorios comerciais desta cidade, correndo aos distritos rurais desta capital: a Jacarépaguá e a Guaratiba, por exemplo.” AG.

6. — “Os dados exclusivos de um problema nacional contêm implicitamente, para quem os sabe colher e classificar, os elementos de relação com os fenomenos dos outros paizes; fique esta advertencia, para os que me têm atribuido, contra a mais positiva verdade, o pensamento de isolar o Brasil da cultura e dos interesses mundiais.” AG.

7. — “Os escritos já publicados parecem-me, aliás, suficientes para dar a inteligencias capazes de vêr os fatos e as cousas a convicção de que, se eu não estou de posse inteira da verdade, estou muitissimo mais perto dela do que todos os outros.” AC.

8. — “Tenho-me esforçado por conduzir os meus trabalhos de forma a que as suas ilações e inferencias se possam dizêr conclusões imediatamente assentadas sobre dados concrétos ou processos rigorosamente logicos sobre series sucessivas dessas conclusões; análises e sínteses positivas, em summa. Disto resulta que, não só o conjunto destes trabalhos fórma um todo harmonico de pensamento, senão, tambem, que cada uma das suas partes, como cada conceito e cada palavra, têm uma força e uma expressão nitidas e inconfundiveis.” AE.

9. — “Análises dos varios dados da nossa vida economica, social e mental, e sínteses da combinação desses dados no conjunto da atividade nacional, as minhas conclusões formam um sistema de indicações e de soluções. Eis porque não posso deixar de reivindicar para elas o caráter de uma sintese organica e de um programa práctico que, nesta hora gravissima da historia humana e da evolução da nossa patria, poderão ser rejeitados, porventura, pelos que para isso tiverem boas razões, mas que se não justificaria vêr

dilacerados e dissolvidos na tibieza das energias fracionais ou das energias vãs." AE.

10. — "Meu pensamento sobre este (a imigração), como sobre os demais problemas sociais e políticos do paiz, era um juizo proprio, formado em consciencia, no estudo concrêto dos fâtos; e, não tendo inspiração nativista, nem sendo deduzido de prejuizos sistematicos, sofreu, naturalmente, em algumas fâses da minha vida — nunca, porém, em âtos e afirmações que pudessem ser tidos por compromissos politicos — as oscilações inevitaveis em todo espirito novo, balouçado no torvelinho das agitações de um meio politico, onde no decurso de uma já longa historia, não se encontra um só documento de percepção sintética do problema nacional, politico-social ou economico, e onde os governos se succedem, os ministros substituem-se, e os politicos se degladiam, sem que, no mesmo periodo presidencial republicano ou, no mesmo gabinete, durante o Imperio, seja possivel vislumbrar o fôco de um designio geral e o fio de uma diretriz pratica, conduzindo a politica." ON, IX, nota. — "Nesta balburdia mental não era de surpreender que eu cedesse, mais de uma vez, á pressão da massa das opiniões, aceitando postulados em voga. Foi assim que, em dois ou tres escritos de jornal, no *Vers la Paix*, e na primeira publicação dos trabalhos aqui reunidos, fiz afirmações contrarias ás minhas conclusões de politico e de homem de governo, e hoje definitivamente condenadas em meu espirito, após estudos mais serios sobre os problemas da formação e do desenvolvimento das populações, não só em nosso paiz, como em todo o planeta. As idéas de meus trabalhos atuais exprimem opiniões definitivas." ON, XI, nota. — "Em 1.º de Janeiro de 1887 —

já la se vão quasi trinta anos — publicava o escritor que assina este artigo, na “Vida Moderna”, de Artur Azevedo e Luiz Murat, uma “Nota Política”, que vai exumar do esquecimento a que foi condenada na massa de papel impresso que passa diariamente sob os nossos olhos, confundindo idéas com bombas retóricas e raciocínios indutivos com deduções aéreas, tiradas de conceitos abstratos, tão respeitadas, pela vetustez e pelas maiúsculas de suas iniciais, quanto falazes em sua aplicação e desmentidas pela experiencia dos seculos... As linhas aí transcritas dizem tudo quanto interessa ao autor recordar... Ha uns pontos, contudo, em que importa ressaltar diferenças fundamentais entre as idéas que então sustentava o escritor e as suas idéas de hoje. Nesta ressalva cumpre que seja destacada uma observação preliminar, de grande importancia aos olhos do leitor criterioso: é que as “diferenças” se referem todas ás soluções “então” indicadas, e de caráter “teórico”, ao passo que o autor mantém, em absoluto, as suas idéas de outrora, “induzidas dos fatos”, — a que as soluções que hoje propõe se adaptam rigorosamente. O escritôr da “Vida Moderna” tinha muito pouco mais de vinte anos, e não é de surpreender que acreditasse, nessa idade, piamente, na adaptação dos postulados da doutrina republicana federativa, “deduzidos da organização de outros paizes”, e em algumas inspirações positivistas, que formavam, com pequenas variantes, o sistema inteiro das soluções dos seus chefes, para a politica do nosso paiz, como as idéas da monarchia constitucional representativa formavam toda a “conciencia” politica dos homens do Imperio... São estes os pontos essenciaes em que o pensamento do autor daquele e deste artigo diverge

por completo, entre os dois escritos: o escritor de vinte anos não hesitava em receber, aceitar e divulgar, como verdade biológica, a idéa, já então circulante em nosso meio — sem que lhe seja possível afirmar, como pôde fazer hoje, que essa idéa tem o apoio de uma escola filosofica muito prestigiada, entre nós, pela Igreja Catolica e por elementos reacionarios da nossa politica, — da degeneração da nossa raça e da sua inferioridade intrinseca. Os seus estudos não o haviam habilitado ainda a chegar á conclusão “cientifica” da relatividade da existencia e do progresso das raças aos meios geograficos e á evolução social, de forma a poder assegurar, sem temôr do debate que as raças “escuras” são as raças “proprias” dos meios tropicais, e que elas pôdem, se é que não devem, vir a ser as raças superiores desses meios, quando a extensão dos fatores sociais que estimulam a “civilização” tender a fazer das sociedades negras, por exemplo, sociedades de Luiz Gamas e de Rebouças... A natureza da federação nacional e a da autonomia local, que ele acreditava ser solução conveniente ao nosso pais, era, evidentemente, — ainda sob pura inspiração doutrinaria, — exagerada, quando pregava a idéa de uma autonomia estadual tão ampla, ao ponto de qualificar de “patrias” as futuras divisões do pais, limitado a um simples laço politico o caráter da união nacional.” CN. — “Nunca tive ocasião de pensar sobre problemas criminaes, e, menos ainda, sobre o da pena de morte. Quanto a este ultimo, dei uma vez opinião — numa dessas rapidas palestras de encontro em que tão comumente debatemos aqui assuntos graves, — considerando-o legitimo, nos casos de criminalidade patologica verificadamente incuraveis. Este parecer, sem estudo anterior, não assentava,

aliás, em meu espirito senão sobre a autoridade, geralmente havida por valiosa, dos modernos antropologistas criminais. Não dou hoje a menor fé a essa pretensa ciência antropologica, convencido, como estou, que os fatores sociais da evolução humana envolvem completamente o individuo, a ponto de tornar quasi, senão de todo, nulos os determinantes da evolução individual, e que os fenomenos de correlação das funções mentais com os caractéres organicos acham-se ainda muito aquem de exáto conhecimento, para que se possa distinguir, em assuntos de imputabilidade, o fisiologico do patologico, o anormal do normal, o inhumano do humano." CE.

11. — "A objeção que venho discutindo (a de que toda a lei é bôa quando executada) é muito prestigiada entre os oponentes da revisão; e já um grande órgão desta capital se aproveitou do trecho de um dos meus livros em que faço referencia — "*aos outros tempos, do periodo de romantismo politico que succedeu á revolução francesa, quando a questão das fórmulas de governo era a tésese prediléta dos publicistas*", — para basear a sua argumentação, inquinando-me de contraditório. Mas o meu pensamento, como o principio trivial em que se apoia, não favoréce, opõe-se, pelo contrario, radicalmente, ao uso que dele fizéram. Não tem nenhuma aplicação ás nossas cousas, ao nosso tempo, ao nosso paiz, e á lei que temos, — de principios estrangeiros pela origem e pelas causas, erradamente compreendidos e applicados, — a verdade salutar do conceito politico da indiferença, em abstrato, das fórmulas de governo, deturpado, assim, a serviço de uma causa injusta. Da idéa abstrata de que não ha regimes necessarios, corrente na politica, para a que toda a lei é bôa, vai a

distancia que separa uma tése da sua antítese. Envolve aquela, pelo contrario, o principio de que os regimes não se pôdem dizêr bons, senão quando adequados á terra e ao povo que se destinam reger, apropriados aos seus problemas, interesses e necessidades". AF. — "Mais de um equívoco de interpretação das minhas palavras e dos meus átos se estão, aliás, manifestando, de varios lados e por varias fórmãs: um dos resultados, justamente, do atropêlo e da confusão em nossos debates e lutas politicas — que procurei, de ha muito, prevenir e evitar, — nesta balbúrdia de nossa opinião e de nossa ação pública, em que ninguém presta atenção a antecedentes e ninguém toma em consideração, em cousas do pensamento, as relatividades necessarias do tempo, da ocasião e das condições." AD.

12. — "O desenvolvimento destes trabalhos contém a melhor das lições de otimismo, conduzindo, depois de consignar e de comprovar a verdade, a estas outras conclusões animadoras; que este nosso estado não resulta nem de uma inferioridade etnica, nem de uma degeneração da nossa gente; e, apontando as causas fisicas, sociais e historicas, que explicam, não só as nossas crises, como as razões da aparente superioridade de outros povos, propõe, depois do estudo critico, os meios de restabelecer a nossa marcha evolutiva." PN, XVIII-XIX.

13. — "As idéas destes trabalhos convergem para uma conclusão final, que deve representar, como conquista do progresso contemporaneo, um principio juridico da Humanidade culta; é a sua doutrina geral: A civilização tem o dever de conservar as riquezas inexploradas da Terra, reservas destinadas ás gerações futuras, e de defender as que estão em produção, contra a exploração imprevidente, assim como o de proteger

todas as raças e nacionalidades contra as fórmulas de concorrência que possam importar ameaça a seus interesses vitais, bem como á segurança, propriedade e prosperidade de suas descendências. O Brasil tem os interesses organicos da sua sociedade e os da sua economia, não simplesmente ameaçados, senão efetivamente atacados, pela sua anarquia social e politica, e pelas imprudentes aventuras financeiras que se estão praticando na America do Sul. Para dar idéa da justiça de sua causa, bastaria lembrar que, segundo um principio ainda vigente entre as nações cultas, os governos recusam-se a submeter á decisão arbitral os litigios que tocam a seus "interesses vitais". Invocar o mesmo principio, não contra a serena e alta autoridade da justiça arbitral, mas contra a exploração colonial da sua terra e da sua gente, vale por invocar o mais limpo, o mais certo dos direitos." PN, XI.

14. — "Foi meu unico intuito, ao dirigir á imprensa a contestação á varia do "Jornal", destruir, de pronto, a impressão, que considerava perigosissima, de que o paiz póde descansar do devêr de solver, com as muitas crises adventicias parciais que o conturbam, a crise nacional, que é o eixo e causa principal de todas. Permita-me dizêr-lhe agora que não ha nenhuma contradição nos termos da minha carta. Haverá, quando muito, um descuido de clareza num dos seus periodos, facil de cometer, para quem se dirigia a um leitor como o meu illustre coléga. O motivo do meu desacôrdo com a sua iniciativa estava bem nitidamente expresso, nos trechos em que eu assinalava a inconveniencia de se promover um movimento e uma organização em prôl da *revisão, sem objetivo determinado e sem programa*, como se a *revisão* exprimissem por si mesma alguma coisa

mais que o meio de mudar ou de emendar a Constituição, mudança e emenda que podem ser em sentidos diametralmente opostos, como, por exemplo, para fundar a monarquia ou a republica sociocratica, para instaurar um regimen individualista ou o falansterio de Fourier. O perigo de agravação da nossa anarquia mental era evidente e o unico meio de salvar a opinião brasileira do delirio de palavras em que vive confundida, é fazer-se um esforço por crear no paiz aquilo que a nossa intelectualidade não lhe deu ainda: uma corrente de pensamento, fundada na mais cuidadosa aproximação da realidade e expressa em conceitos que definam e diferenciem as idéas e os fatos com a maxima precisão possiyel. No Brasil ha atualmente muita gente que sabe escrever periodos, muito pouca que saiba lêr, raras pessoas que saibam pensar, e não ha ninguem que saiba pensar para agir". AD.

II

ORIENTAÇÃO GERAL DA SUA CULTURA

15. — “Estudos desordenados me tinham feito entrever a tremenda confusão das idéas de nossa época. Insubmisso ao despotismo mental da autoridade, formar consciencia propria sobre os problemas que me interessavam, como homem e como brasileiro, foi a ardente aspiração que me dominou; e, abandonando sistemas, categorias e divisões de conhecimentos; des preocupado de ser filosofo, sociologo, economista, ou cultor de qualquer outra ciência, abrí caminho ás minhas pesquisas politicas e sociais, tomando por guias os primeiros ideais de minha vida e a ambição de

cooperar praticamente para a sua realização, através de ciências e de sistemas, mas, principalmente, através das realidades e dos fatos, á proporção que as interrogações se iam formulando em meu espirito. Esclarecendo a intelligencia, e resolvendo as dúvidas, eu ia chegando, assim, a formar juízo meu e a educar o criterio, para solver com dados correntes da vida os problemas da pratica. Foi um preparo essencialmente humanista o que me dispúz a realizar, mas humanista num dos sentidos contemporaneos da palavra, como expressão de uma filosofia da vida e dos fatos, capaz de abrir e de iluminar os olhos a toda a luz da claridade, para os horizontes do futuro." PN, IX-X.

16. — "...não tendo jamais conseguido realizar a cultura enciclopédica que fôra o ideal de minha existencia, nem podido sequer completar, classificar, e unificar em programa as diversas linhas de orientação, que estudos e observações me iam suprindo..." ON, XI, nota.

17. — "...um brasileiro que está estudando as cousas do seu tempo e da sua terra com a atenção e o cuidado pratico de um capitão de navio: em ação e para a ação." AB. — "Representando este trabalho o prosseguimento em uma ação politica, — empenhando-me, com extremo esforço, por me conservar imune das excitações do nosso meio agitado, — em prôl de uma obra de organização, depende o exito inteiro de meus passos da liberdade de discussão, — base da ordem nas sociedades modernas." AQ.

18. — "O problema das aguas interessa-nos praticamente, sob multiplos aspectos, não só para o efeito da irrigação... Não lhe posso dar, entretanto, ainda,

parecer fundamentado sobre os seus trabalhos, porque estou estudando o assunto com muito cuidado. A materia é mal conhecida aqui, na propria Europa, e até, talvez, nos Estados Unidos, com relação aos paizes tropicais." AH.

19. — "...mas a maior gravidade da situação do paiz não vem dos encargos do Tesouro, oriundos quasi todos de um enorme pessoal inútil ou inativo, nem da falta da ação governamental e administrativa: está na anarquia social e economica, de que estes fatos são sintomas. Ora, é para estes aspectos fundamentais e essenciaes das nossas crises que, justamente, ninguém olha. Para mim, pelo contrario, que os tenho mais em mira, demorar a atenção sobre os incidentes da vida publica, discutir os projétoes que se apresentam, sugerir reformas parciais e oferecer medidas isoladas, nada mais importa que acumular palavras sobre palavras, agitar lufadas de retorica e divagação, dispersar os espiritos, desvariando-os cada vez mais, — quando a hora da ação se está fazendo tardia, e a ação só pôde consistir na reorganização geral do paiz, sob um regime pratico." AJ.

20. — "Meu olhar viu sempre muito nitidas as fronteiras entre o espiritual e o secular, e entre o ideal e a ficção; e se, ainda nos tempos em que mais obedeceu a influencias religiosas, não pôde confundir as cousas da terra no cirro luminoso da crença, e envolver os problemas da vida no misterio do sobrenatural e os do futuro na treva do incognoscivel, — não se permitiu, tambem, transigir, quando de todo livre para o estudo dos fatos correntes da realidade pratica, com o dever de investigação e a responsabilidade de procurar solver... O interesse pelo semelhante, em sua

realidade objetiva, como base dos métodos de estudo e de ação, — submetidos os conceitos, acumulados durante toda a historia do espirito humano, ao contraste deste criterio positivo — é a unica bussola á empreza de solução ás crises sociais e politicas da nossa espécie.” ON, X-XI.

21. — “Nunca me dei aos trabalhos minuciosos de pesquisas historicas — e por esta razão, que o meu critério e o meu método de estudo não precisam encontrar em Descartes: é que as creações e visões politicas dignas destes nomes não conseguem, em nosso tempo, occultar-se no pó dos arquivos e no anonimato das filas de relatorios e anáís de parlamentos. Levadas a efeito, convertem-se em obras e traduzem-se em leis; abortadas, deixam uma tradição á tona das correntes historicas... Ora, eu tenho estudado um pouco a nossa legislação, pobrissima em massa, e absolutamente incolôr, como expressão de orientação politica — que não é a mesma cousa que orientação doutrinaria; e a minha simples atividade, como homem publico, pôs-me sempre em posição de encontrar e de avaliar os traços de ação publica vivos em nossa tradição. Da Independencia, que realizamos como aspiração de sentimento, mas que não concebemos como obra construtiva, até hoje, — toda a nossa historia politica é uma sucessão amôrfa e heterogenea de preferencias doutrinarias e de tendencias estranhas aos nossos impulsos, aos nossos fatores, aos nossos destinos.” BO.

22. — “Justamente, porém, o direito penal foi sempre alheio á minha cogitação. Mal perlustrando seus assuntos, quando estudante, só o consultei, depois, em estudos parciais, para os mistéres do officio. Destes estudos não resultou para o meu espirito nenhuma ge-

neralização que lhe sirva de guia ou de fio condutor. Advogado ou juiz, tive sempre em pouquíssima conta esse direito, que — estou hoje convencido — nada mais é que um resquício do pervessíssimo impulso da vindita; não aparecí jamais em tribunais, senão para defender; raras vezes, e só muito benignamente, condenei, na posição de juiz — que exercí á força, por poucos anos.” CE.

23. — “Não se fizéram citações no curso deste trabalho senão quando tenha sido mistér atribuir aos seus autores a paternidade de idéas verdadeiramente originais e, mais raramente, para apoiar afirmações sobre elementos de fáto, e para ligar as idéas do livro ás idéas dominantes no alto pensamento contemporaneo. Cumpre, todavia, registrar aqui a minha divida para com Ernest Nys nos seus eruditos trabalhos sobre a Historia do Direito Internacional, quanto a um grande numero de ensinamentos reunidos no capitulo sobre a evolução da idéa da paz; algumas notas e ligeiros apanhados da obra de Paul Janet — Historia da Ciência Política —; e um pequeno numero de fátos, de interesse sobretudo anedótico, colhidos na *Evolução Política* de Letourneau.” PM, XVI-XVII.

III

RETROSPÉTO DOS SEUS ESTUDOS E DA SUA ATUAÇÃO

24. — “Meus estudos eram o reatamento de uma vida intelectual e moral, nascida com as primeiras inspirações da mocidade, que os azares da existencia, e,

principalmente, os da politica, haviam perturbado. Quem atravessa uma crise revolucionaria, sem temperamento revolucionario, é vitima de todos os seus embates. Tal foi a minha sorte, durante os vinte e quatro anos em que a republica tem procurado aplicar ao Brasil a forma adotiva com que foi concebida. Duas aspirações viviam em combate em meu espirito durante todo este tempo: servir ao meu paiz e ao regime republicano, e completar a minha formação mental, que o advento da republica interrompera. Dos meus serviços, prestados com despreendimento, que resgata seus erros provaveis, nem todos aproveitaram, porque a republica foi sempre volúvel, e não fundou glorias e reputações senão sobre as ruinas da suas obras. Não foi sem certo contentamento que aceitei, assim, com a inatividade na ultima das minhas funções publicas, a liberdade de trabalhar, para repôr minha carreira no ponto em que a deixára, quando entrei em atividade politica.” PN, VII-IX.

25. — “Ha cerca de quatro anos, quando me foi possivel voltar o espirito para o estudo dos assuntos politicos do paiz, que haviam sido objéto de meus trabalhos, durante mais de metade da minha vida, precisáram-se em meu espirito os traços da tendencia que ia tomando a evolução do Brasil, em face da politica e da economia dos outros povos. Em estudos que fui publicando, procurei mostrar aos que dirigem a opinião e aos que nos governam os sináis da crise proxima, advertindo-os da necessidade de prevenir perigos que se iam acumulando sobre as nossas cabeças, de reparar erros e descuidos que temos cometido, resultantes de estranhavel despreocupação dos nossos problemas práticos e dos da politica mundial.” PN, 83. — “Quando distribuí á imprensa os meus dois livros recentemente

publicados, dirigí a todos os jornais uma carta em que pedia aos que dispõem dos meios de esclarecimento da opinião popular, que applicassem toda a sua atenção ao exame desses estudos, para informarem á nação do seu pensamento, com a segurança de consciencia que impunham a relevancia do assunto e a gravidade com que era tratado. Foi essa carta entregue ás folhas desta capital em janeiro do corrente ano e marcava mais um passo no esforço que, desde 1910, venho fazendo, por provocar um movimento de estudo da situação geral do paiz, dos nossos problemas, e, particularmente, do *problema nacional* (noção esta que anda por aí muito mal comprehendida), para solverem-se, com as muitas crises de diversas ordens, que nos perturbam, a crise fisica, moral e politica da progenie brasileira." AF. — "Desde que tomou maior vulto em meu espirito, por volta de 1910, a convicção, já anteriormente firmada e manifestada, de que o nosso paiz carecia passar por uma reorganização geral, que enfeixasse as normas, os preceitos e os instrumentos de ação, que demandam os processos, absolutamente novos, da sua natureza e da sua formação social, e tendo por eixo (pois que lhe faltam de todo instituições, sociais ou politicas, que dêem estrutura permanente á nacionalidade) — uma constituição de caráter pratico, não poupei esforços para chamar a atenção e provocar o estudo dos que o governam e dos que lhe dirigem a opinião para essa necessidade inadiavel." BM. — "Data de principios de 1911 o meu primeiro apêlo aos governantes e dirigentes do Brasil para o estudo metódico dos *problemas nacionais* desta terra, cuja existencia está comprometida... Data ainda, de Dezembro de 1912, a publicação das conclusões a que cheguei, quando me dispús a promover

os estudos para os quais havia convidado todos os homens de saber do paiz. Ao meu novo ultimo apêlo, dirigido aos revisionistas, pôr alcançar deles o alargamento de seus estudos até aos problemas fundamentais que venho examinando, respondeu, por duas vezes, o lider do recente movimento, meu distinto amigo e eminente senador sr. Leopoldo de Bulhões, com duas sêcas e terminantes reafirmações do seu pensamento de revisão limitada da constituição. Era o encerramento da minha proposta de discussão. Mas a propria idéa da reforma constitucional recebeu, depois, varias contestações, em termos tão breves e superficiais quanto autoritarios, e acaba de sofrêr um golpe teatral de morte com o recente *ukase* com que o sr. Rodrigues Alves declarou, categoricamente, baseando-se em dados tão estranhos á realidade e tão alheios ao senso das cousas quanto descosida é a logica que os liga, a desnecessidade da refôrma. Maior agravação em meu precario estado de saude quasi me impêde agora de escrever. Espero, porém, que a minha fôrça moral e o ardente impulso de devêr que me têm apoiado a fragilidade das forças pessoais e sociais contra os embaraços opostos até hoje aos meus tentames, me darão ainda energias para replicar mais uma vez ao sr. Rodrigues Alves, como aos outros adversarios da refôrma constitucional...” CQ. — “Sou forçado a interromper a série de artigos com que vinha procurando encaminhar o debate sobre a revisão constitucional para o estudo preliminar das bases, do método e dos limites e alcance desta grave iniciativa politica, para, detendo-me perante um novo incidente, renovar a questão que, depois de estudos esparços, de átos parciais e de medidas isoladas, no Congresso Federal, no governo do Estado do Rio, na im-

prensa e em trabalhos particulares, venho pondo em conjunto desde 1911.” CR. — “Quando distribuí á imprensa os primeiros volumes dos meus recentes trabalhos, dirigi a todos os jornais uma carta em que lhes pedia, em pungentes termos, atenção para a ação politica que neles proponho. E’ o esforço que venho fazendo, desde 1910, em prosseguimento á politica de previdencia e de solução, que me dirigiu sempre os passos. Não tenho mais que fazêr senão renovar aos homens de governo e aos diretores mentais do paiz o mesmo apêlo.” CO.

26. — “Este paiz ha muito que não deveria estar parado, como se acha, — aos embates das suas crises internas, causa principal, remota e profunda da sua anarquia, e dos accidentes da politica, que os interesses e as paixões impulsivas transformam em problemas. De que lhe faltam os proprios elementos germinais da nacionalidade — cousa que venho dizendo desde 1888 — se ha alguém que o duvide ainda, olhando para os fátos da nossa vida quotidiana, de um flagrante, nestes ultimos tempos, capaz de dar vista ás pedras, e lendo as folhas diarias, é que, então, não ha remedio possivel para a cegueira dos dirigentes...” BM.

IV

RETROSPÉTO DA SUA VIDA PUBLICA

27. — “Aqui fica, sr. redator, — provocada pela sua alusão ao caso (o do seu governo, no Estado do Rio) — uma página desconhecida da historica politica do meu

Estado e do meu paiz, como desconhecido é, por cômpleto, tudo quanto nela representa a minha cooperação. Estou decidido a não perder daqui por diante as oportunidades que se me oferecerem para ir preenchendo, nas efemerides da republica, essas paginas em branco." AT.

28. — "...a noticia da minha opinião pacifista circulou com uma notoriedade maior que a dos meus trabalhos politicos, e quasi exclusiva de toda a minha ação publica, no decurso de uma carreira, não pouco ativa, que, abrangendo a propaganda da republica e da abolição, data de trinta e tres anos, e, contando a ação propriamente politica e governamental, tem a duração da republica." AP. — "Sou homem publico desde os dezeseis anos de idade. Republicano e abolicionista, posso dizêr que a atividade politica foi, na realidade, a carreira a que me dediquei." BM.

29. — "E' essa confiança que ilimitadamente nutre o autor desta carta, — homem publico que, depois de ter posição em todos os órgãos superiores do nosso regime constitucional, não trouxe deles, com a certeza da impraticabilidade deste regime para qualquer ação leal e honesta de gestão publica, senão a prova absoluta da bôa vontade e da simpatia dos brasileiros por toda a obra honesta de governo e pelos mais nobres ideais politicos." AO.

30. — "E podia o presidente (do Estado do Rio) a quem cabiam as responsabilidades do governo, nessa época, reclamar igualmente que se reconhecessem a sua isenção e a sua retidão, recordando que não era uma personalidade improvisada, que o não trouxêra para o posto que ocupava uma reputação feita de reclamos e lances teatrais, nem o apoio de um corrilho pessoal,

podendo atestar o seu culto intimo pela verdade representativa com todos os átos de uma vida publica, cuja integridade se havia expressado, quanto a este objéto, já no regime monarchico, quando aos vinte anos recusára uma candidatura á Assembléa Legislativa, porque os votos que lhe dariam os seus amigos pessoais não exprimiriam adesão ás suas convicções republicanas; que não consentiu em ver incluído o seu nome na lista dos candidatos á Constituinte Federal dos amigos do primeiro governo fluminense da republica, para não dar o seu apoio a uma politica e administração que conspurcavam a obra santa da fundação do regime; que, para manter ilésa a sua lealdade entre um posto de ministro e o seu partido, entregára uma pasta de ministro ao presidente da republica; e que — pôr fim, — por causa desse mesmo caso de Campos, não hesitára em submeter-se á magua de romper com os seus amigos, a bem da autoridade politica do governo, reagindo contra o sacrificio da autoridade a interesses partidarios, e com o protésto, logo após o rompimento declarado, de que, ao terminar o seu periodo presidencial, se alheiará inteiramente da politica militante”. AT.

31. — “O politico, a que os azares da nossa vida restringiram a atividade para o jornalismo, e, agora, para os limites desta seção hebdomadaria, só foi juiz por acaso, e, ainda mais, contra sua vontade...” BT.

32. — “Um telegrama daqui expedido levou ao distinto jornal paulista, nos termos secos de uma informação, a noticia do meu desacôrdo com a medida proposta por Olavo Bilac; e o meu ilústre coléga, que da minha vida publica não tinha presente á memoria senão a parte de escritôr e de publicista — a que me foi, nestes últimos anos, reduzida a atividade politica,

inferiu da noticia que recebia, em confronto com idéas que me conhece de trabalhos de propaganda pacifista, uma certa interpretação e explicação ao meu pensamento. Peço licença para replicar-lhe que interpretou e explicou mal". AP. — "Os esforços que empreguei, por cartas dirigidas a personalidades eminentes, pelos muitos artigos publicados, pelos livros em que reuní os trabalhos que os accidentes da crise em progresso me iam sugerindo, as repetidas solicitações de atenção dirigidas á imprensa e aos homens públicos, representam já uma soma valiosa de "átos", — os únicos átos ao meu alcance na posição em que me encontro na sociedade brasileira". BM.

33. — "A estes casos ha a acrescentar o incidente ocorrido na Assembléa Legislativa (do Estado do Rio) entre dois deputados, de que se encontram similares em todos os parlamentos do mundo, e que documenta, pelo carácter inteiramente pessoal que assumiu, — quando a luta empenhada na Assembléa, em torno do processo de responsabilidade que me foi instaurado, foi uma luta intensamente grave, digna de confronto com os mais nobres exemplos de energia politica da história de povos de verdadeira consciencia civica, — o vigôr do esforço pela legalidade, da calma e da retidão, que partiu do homem publico que, tendo a responsabilidade de dirigir os seus amigos no torvelinho dos enredos creados em torno da sua pessôa e da sua autoridade legal, entendia de vêr cumprido o seu dever de autoridade e o seu dever civico, podendo apontar clara, aos olhos de amigos e de adversários, a linha das fronteiras da lei e das fronteiras da lealdade, dentro das quais se mantinha". AT. — "Quanto ao que me toca pessoalmente, posso afirmar que, no cargo que exercí em vir-

tude das eleições em que pus todo o empenho por me sentir realmente o delegado dos meus concidadãos, coube-me presidir, entre outras, ás eleições destinadas a preencher as camaras de alguns municipios onde se haviam dado anteriormente conflitos dos mais violentos, exprimindo o resultado das urnas nessas eleições o que de mais regular e de mais puro se terá feito neste paiz... A segunda questão de Campos, causa do rompimento com o meu partido e motivo do processo de responsabilidade que me foi instaurado, resultou do fáto de não haver eu dado execução a uma lei, votada em fins do ano que precedeu ao meu trienio, sem o meu conhecimento e que me investia da autoridade de resolver casos de duplicata de camaras municipais, — quando a constituição do Estado entregava as proprias camaras, em primeira instancia, e ao Tribunal da Relação, em segunda, a atribuição de resolver as questões de verificação de poderes de vereadores, entre as quais se incluem — parece evidente — as duplicatas, e a Assembléa Legislativa havia votado tambem, nesse mesmo ano, uma outra lei pela qual se regulava o processo para fazer subir ao Tribunal da Relação, com intervenção dos promotores publicos, os recursos relativos ás duplicatas. Em Niterói, onde a politica do meu partido era dirigida por meu pai, dando-se tambem uma duplicata, o caso foi submetido, por acôrdo dos chefes politicos adversos, e em cumprimento desta lei, ao Tribunal da Relação”. AT. — “A grande lição, a lição profunda, que deste e de outros casos da mesma natureza ha de aproveitar para a vida constitucional do paiz, já eu a registrei em uma das paginas do livro “A Organização Nacional”. E do profundo respeito ao alto in-

teresse nacional que sugeriu esse passo, deu o meu governo, em tempo, pela fôrma e nos casos próprios, demonstrações que não teme qualificar de exemplares". AT.

V

RESENHA DA SUA PRODUÇÃO INTELECTUAL

34. — "O fim deste trabalho (*Vers la Paix*) está formulado num projéto. Projéto, dizemos... E' bem audacioso este nome, dado á conclusão de tão rápido estudo sobre um assunto de tal vulto! A nossa consciencia nos faz vêr, sem ilusões, quão ousado seria atribuir a este estudo a vã ambição do seu titulo. E', todavia, um sentimento sério que no-lo inspira: o de lhe dar o valôr, muito fraco pelo seu mérito, mas muito grande pela intensidade da nossa fé, de um ensaio de organização. Fruto dum velho sonho alimentado em nossa alma pelo amor da liberdade e da civilização, guias supremos da nossa vida publica, este livro exprime o voto de esperança na realização do ideal que domina os espiritos na era de progresso cujos humbrais estamos a transpôr". VP, 115-116.

35. — "Análises dos varios dados da nossa vida economica, social e mental, e sínteses da combinação desses dados no conjunto da actividade nacional, as minhas conclusões formam um sistema de indicações e de soluções. Á leitura destes trabalhos conviria, para seu inteiro conhecimento, fazer preceder a leitura do *Le Probleme Mondial*". AE.

36. — “Este livro (*Le Probleme Mondial*) é o desenvolvimento de estudos feitos no curso dos anos de 1910-1912. Estes estudos não os destinava a serem reunidos em volume. Tendo sido publicados alguns deles na imprensa do Rio de Janeiro, enquanto outros esperavam os ocios que me permitissem dar-lhes a ultima demão, não visavam ultrapassar os limites dessa publicidade, devendo as idéas gerais, aí expostas, formar o vigamento duma futura obra definitiva de politica mundial”. PM, IX. — “A publicação deste livro foi retardada por motivos absolutamente involuntarios. Vencendo dificuldades sem conta, o seu autor se julga obrigado a dar-lhe publicidade no momento em que a humanidade, á volta com todos os seus problemas sem solução, córre o perigo de obedecer á sugestão dos seus impulsos e de seus preconceitos, ou de aceitar a sentença de um fatalismo cético sobre o alcance do seu pensamento. Este livro é ainda um ensaio. As suas idéas serão desenvolvidas numa outra obra: “*Orbis Humanus*”. PM. V.

37. — “Dos trabalhos aqui reunidos (no livro *O Problema Nacional Brasileiro*), é o primeiro inteiramente inédito; compõe-se o segundo de um estudo publicado em 1912 no *Jornal do Comercio* sob o titulo “Canaan”, de trechos do discurso que pronunciei, no mesmo ano, perante o Instituto Historico e Geografico Brasileiro, ao tomar posse do logar de sócio honorario desta instituição, e mais um longo desenvolvimento inédito; e os dois últimos, de estudos publicados tambem em 1912, no mesmo jornal, o penúltimo com o titulo “Nação ou Colónia?”, e o último com o de “Nacionalismo”, que conserva. Estes dois últimos receberam alguns aditamentos, e todos os escritos já pu-

blicados sofreram as alterações de forma impostas pela diversidade dos fins que têm em vista. Representavam os escritos já publicados antecipações, impostas pela urgencia dos acontecimentos, de estudos empreendidos para trabalhos definitivos, sem a forma de combate que os fatos me impuseram. Ainda uma vez ficou aqui demonstrado que a maior independencia moral é garantia fragilima á firmeza de projéto e á segurança de planos. Uma sociedade perturbada, aos azares do desgoverno, não deixa livre a mais sólida vontade". PN, VII. — "Foi no trabalho de reunir os resultados de meus estudos, para obras definitivas, que a crise que atravessa a nossa pátria me veio encontrar. Não tinham os estudos, então publicados, a pretensão de assentar conclusões gerais definitivas. Formavam, entretanto, os principios aí sustentados, certezas bastante firmes para os mais vivos interesses da nacionalidade e do próprio futuro da nossa espécie". PN, XI.

38. — "Das tres seções deste livro, a primeira é composta de trabalhos publicados na *Gazeta de Noticias*, em Novembro e Dezembro de 1910 e Janeiro e Fevereiro de 1911; as duas últimas, escritas por volta de 1913, não foram publicadas, sendo apenas comunicadas, para estudos, a dois amigos. Todos estes trabalhos, e particularmente os dois últimos, redigidos em época em que me seria de todo impossivel cuidar da linguagem e do estilo, sofreram correções de forma". ON, VII, nota.

39. — "Em artigo que publicarei, dentro em poucos dias, nesta capital, sob o titulo *A natureza do Brasil, a politica de expansão economica, as nossas raças e o trabalho nacional*, darei, nos mais concisos termos, outra imagem da gravidade da nossa situação economi-

ca e social, — de que os nossos dirigentes estão longe de ter a noticia e a sensação.” CO (*Obs: esse artigo apareceu em folheto intitulado As Fontes de Vida no Brasil*).

40. — “Dos artigos que publico semanalmente na *A Noite* e na *A Tribuna*, e cuja regularidade periodica se explica pela necessidade — que as condições materiais da minha vida me impõem — de procurar trabalho remunerado, alguns teriam vindo á publicidade como atos de dever politico, a exemplo de muitissimos outros escritos publicados antes e depois desta minha fase de atividade jornalística. Estes artigos não representam, assim, trabalhos definitivos; não são sequer etapas naturais, na execução do meu programa. Notas brevemente registradas á margem dos acontecimentos, para publicações sujeitas ao limite das colúnas de pequenas folhas diárias, eles estão muito longe de valer por contribuições regulares, contendo a massa da documentação que tenho colhido, em confirmação das minhas teses e em desenvolvimento do meu pensamento”. BM.

41. — “Aos que me têm dado a honra de me ouvir, nada me cumpre dizêr senão que prossigo em meus trabalhos, que tenho dois livros mais em via de publicação...” AJ.

42. — “A última série dos seus artigos, já eu os havia cortado, colecionando-os para leitura vagarosa, quando, na sucessão dos estudos que venho fazendo, chegar a vez de tratar em particular de cada um dos problemas da nossa economia, entre os quais avulta o das aguas”. AH.

43. — “O autor precisa consignar, em nota, uma pequena observação a respeito destas razões (as do

artigo *Singular Contraste*), antecipando seus novos estudos sobre a atual guerra e sobre o seu alcance na politica mundial e nos destinos futuros do Brasil". BL.

VI

EM TORNO DO PROBLEMA MUNDIAL

44. — "Não é verdade que exista, nas sociedades modernas, uma necessidade de luta física, que procura expandir-se na guerra civil, após longos estados de paz internacional. As revoluções e as guerras civis do nosso tempo não são efeitos nem do espirito de combatividade das massas nem de manejos dos politicos; resultam de causas muito mais profundas: da existencia, em todas as sociedades, de problemas ainda não resolvidos, e da longa e dolorosa irritação das massas, sob a pressão de necessidades e aspirações jamais satisfeitas. Para bem apanhar este carater das guerras civis e das revoluções, cumpre ter em vista o pensamento que liga e penetra todo o conjunto deste trabalho: as perturbações violentas da ordem social são fatos politicos, e derivam da hierarquia e da organização impostas ás sociedades". PM, 88-89.

45. — "Todo ensaio sério de estabelecimento da paz deve ser precedido da solução radical e completa dos conflitos, dos litigios e das causas de divergencia, existente entre as nações. Esta idéa não é nova. Foi objéto de uma proposição feita ás potencias por Napoleão III. O que nos parece dar uma certa originalidade ao nosso trabalho é o carater práctico das soluções propostas, a filiação do problema da paz armada

a outros que lhe entravam a solução, e o conjunto das medidas preparatorias e complementares do regime de ordem internacional”. VP, XIV.

46. — “Minha interpretação sobre as causas prováveis da origem das guerras não é a interpretação común. Ela está, aliás, de acôrdo com as conclusões da ciencia, que attribuem aos fenomenos geograficos maior importancia na evolução primitiva da espécie e filiam a origem das guerras a um estado já adiantado do desenvolvimento humano. Razões de ordem antropologica, historica e psicologica me convenceram que, nascida por ocasião de accidentes naturais e de migrações, a guerra ganhou logo, com as primeiras organizações sociais, uma natureza essencialmente politica”. PM, XV.

47. — “E de quanto acertei neste trabalho de caracterização da fásese contemporanea da politica humana, ofereço aos que não dispensam o testemunho do fáto consumado para julgar da exatidão de previsões politicas, uma espécie de confirmação que realiza o bizarro de um “corpo de delito ante fáto”, — nas páginas do primeiro capitulo deste último livro (*Le Problème Mondial*)”. AP.

48. — “Graças á predominancia, em nossa imprensa, das preocupações literarias sobre as preocupações politicas, tomadas estas, bem entendido, em seu verdadeiro sentido, — porque a politicagem, que domina e absorve tudo, chega a subjugar a literatura, — os meus trabalhos de propaganda pacifista, vistos com esse olhar rapido e ligeiro com que, entre nós, se confundem numa mesma fórmula ambigua de divagação e de retorica, cousas de literatura com cousas de ciencia, idéas teoricas com idéas práticas, pensamentos e es-

peculação com pensamentos de ação, — a noticia da minha opinião pacifista circulou com uma notoriedade maior que a dos meus trabalhos politicos”. AP.

49. — “Não envolvendo o programa e a propaganda pacifista abandono da defesa material, senão, unicamente, e por motivos óbvios, combate ao desenvolvimento do espirito militarista e a descabidas instituições militares, improprias ao nosso paiz e capazes, por isso mesmo, e por efeito da natureza coesiva e dominadora de corporações arregimentadas, de nos desvirtuar a indole politica, arrastando-nos a aventuras de orgulho e de agressão, — não podiam ser recebidos senão como um meio auxiliar da defesa. Não succedeu tal cousa. E o pacifismo, de que nos deveramos ter feito propagandistas e servidores, para o outro lado do Atlantico, encontrou aqui a opposição das mesmas objeções e dos mesmos argumentos com que os imperialistas alemães, franceses, ingleses e norte-americanos sustentam a legitimidade da guerra; enquanto que, com a politica de atração de capitais e de colonos, lançamos para aqueles lados — terreno adubado de ambições e de cubiças — novas e boas sementes de guerra, contribuindo, assim, sem a menor dúvida, para excitar as rivalidades e envenenar as paixões de que nasceu a conflagração atual”. AP.

50. — “Se, propagando o pacifismo e propondo a adesão do governo á ação pacifista mundial, alvitrava eu um meio mais de defesa da nossa independencia e integridade, — a que juntava reiterados e veementes apelos pela reorganização do nosso governo e administração como a melhor base á nossa tranquillidade, por entre as agitações da politica externa — não fazia eu mais, com as duas propagandas, que dedicar-me á politica que, de acôrdo com as condições da epoca, quanto

á nossa vida interna, e tendo em conta, com respeito á externa, as crises que “antevia e descrevia”, se me apresentava como mais favoravel aos interesses do paiz. Era, em última análise, uma attitude geral de previdencia, por todos esses meios, — equivalente, no relativo da oportunidade, á mesma attitude que me aconselhara, muitos anos antes, a apoiar como deputado e relator da comissão de orçamento — muito severo na resistencia a aumentos de despesa — os creditos pedidos pelo marechal Floriano Peixoto para reforma do material do exercito e da armada. Era o prosseguimento, consequente e logico, nesse mesmo pensamento que me havia levado, pouco tempo depois — quando tive de responder, na Camara dos Deputados, á proposta, apresentada por ocasião da occupação da ilha da Trindade pelo governo inglez, de supressão da nossa legação em Londres — a concluir as minhas razões obvias, aliás pela rejeição dessa proposta, com estas palavras: “Façamo-nos fortes!” A minha attitude de hoje pode ser resumida em palavras identicas: Sejamos fortes! —; mas fortes, principalmente, de força de espirito; fortes, no pensamento que nos deve guiar; fortes de energia moral, na sustentação desse pensamento...” AP. — “Em cartas que dirigí ao sr. Olavo Bilac expús o meu desacordo com a decretação do serviço militar obrigatorio, dizendo-lhe, sucintamente, as razões; e as razões expostas nenhuma relação tinham com os meus sentimentos e as minhas idéas pacifistas”. AP.

51. — “Não são senão de grande estima e de verdadeiro apreço os sentimentos que consagro ás classes militares do Brasil, — em que me habituei, de ha muito, a vêr, além de grupos representativos das melhores virtudes da nossa indole, dignos do maior respeito por

sua abnegação no serviço da Pátria, o mais genuíno núcleo do espírito e do sentimento nacional em nosso país. Ao caráter e probidade, comuns nessas classes, como, em geral, nos brasileiros, a idoneidade e competência pessoal de não poucos, a solidariedade em ideais e aspirações com grande número deles — entre os quais, muitos com que me não foi dado nunca trocar sequer cumprimentos — prestei sempre um culto, que se refletia em meu espírito com a forma de uma viva alegria patriótica. Simplesmente, as nossas classes militares não podiam fugir à regra da dissolução geral num país que ainda não assentou as bases da sua vida social. Posso agora entrar em matéria. Com a oposição ao “serviço militar obrigatório”, dá-se agora o terceiro caso da ação minha contra o modo por que se tem procurado dar organização às nossas forças militares. Ocorreu o primeiro por ocasião da discussão do projeto que autorizou as últimas construções navais, e o segundo, por ocasião da revolta de marujos ao mando de João Candido. Mantinha eu em «O País», no ano de 1907, uma seção diária, onde fazia, nos termos ligeiros que comportava o espaço que me fôra fixado, o comentário das idéias e dos fatos correntes quando irrompeu o movimento de reorganização naval de que resultou a construção dos “dreadnoughts” e dos outros navios recentemente incorporados à nossa esquadra. Considerei então, num desses pequenos artigos, que não parecia conveniente a forma pela qual se queria tentar a reconstituição da armada. A marinha — ponderava —, anarquizada por uma série de causas de ordem política e de ordem administrativa, padecia, principalmente, de falta de pessoal apto e exercitado, na oficialidade e na maruja; e dado este defeito, nada mais inconsequente do que se construir esse conjunto de com-

plicadas máquinas de guerra, para cuja manutenção e eficiencia faltaria o primeiro dos elementos. Os “dreadnoughts” — concluia — corriam o risco de vir a tornarem-se — “cavalos de Troia”, dentro das nossas forças... Quando se deu a revolta da maruja, foi ainda do terreno de fáto — desse fáto — que me viéram para o espirito as sugestões que apresentei, em solução á crise em que resultava a tentativa de reorganização naval, perante o caso: venda dos “dreadnoughts”; intelligencia com as nações sul-americanas para redução dos armamentos, mediante uma politica de cordialidade e solução arbitral dos conflitos; e volta ao programa de educação e preparo técnico da marinha”. AP.

VII

EM TORNO DO PROBLEMA NACIONAL

52. — “O sentimento da personalidade nacional, a posse do seu ser politico e social, a confiança no seu valôr e nos seus destinos são as bases sobre as quais cumpre fundar a nossa vida... «O problema da nação “o problema nacional brasileiro”, como propositadamente o denominei, dando enfase, com este titulo que parece a primeira vista pleonastico, á natureza intima, essencial e profunda da obra elementar da nossa constituição, é o próprio problema da formação, neste territorio e com esta gente, da organização embrionaria de todos os povos, que falta aos paizes de origem colonial e que mais difficil tornou no Brasil o conflito da natureza e do clima com a gente colonizadora”. AE. — “Contemplando a anarquia do nosso direito, da nossa politica, da nossa administração, da nossa economia

e das nossas finanças — de todo o conjunto, enfim, da nossa vida social, e antevendo a temerosa crise que se desenhava no horizonte da politica mundial, convenci-me de que a nossa pátria, moralmente escusada da responsabilidade de suas desordens pelas causas historico-sociais que as produziram e prestigiada, perante as outras nações, por antecedentes de dignidade e de bom senso, que a distinguem com honra na sociedade mundial, precisava, entretanto, concentrar todos os seus esforços numa obra de organização, que lhe desse ao poder publico a força e os órgãos precisos para assimilar num todo e para dirigir numa ação sinérgica os agrupamentos e atividades da sua sociedade, disseminados e desagregados, aos azares da colonização e da exploração material, sobre vastissimo territorio”. BM.

53. — “Na Mensagem que dirigi, como Presidente do Estado do Rio de Janeiro, á Assembléa Legislativa, em 15 de Setembro de 1899, escreví estas palavras, que vêm a pelo, na introdução deste trabalho: “No Brasil ha atualmente duas correntes de opinião que legitimamente deveriam arregimentar-se: a dos adeptos da Constituição e a dos revisionistas”. Estava eu, então, no segundo ano do meu trienio presidencial, iniciado, em 1.º de Janeiro de 1898... Minha confiança na Constituição de 24 de Fevereiro era, então, completa; e as idéas do meu programa de politica social e economica — formuladas em um conjunto de projetos de lei, elaborados por mim, e votados pela Assembléa Legislativa, na sessão de 1897, para serem regulamentados e executados durante o trienio de 1898 a 1900 — foram objeto de varios decretos e atos da administração, durante esse periodo, alguns executados, outros levados a inicio de execução, sendo outros preteridos por efeito de perturbações politicas, de que não fui causa. Ao

passar, em 31 de Dezembro de 1900, o governo da terra fluminense a meu sucessor, o General Quintino Bocayuva, já não podia ser tão firme — desiludida, como fôra, pelos fátos — a minha confiança no regime politico que havíamos adotado; e quando no decurso de alguns anos de magistratura vim a fazer trato mais intimo com a Constituição da Republica, fixou-se em meu espirito a convicção da sua absoluta impraticabilidade”. ON, VII, VIII-IX. — “Do meu tirocinio politico resultou, graças a uma experiencia maduramente refletida, a verificação da imprestabilidade do regime vigente para o nosso paiz. Aos que clamam hoje para que se dê cumprimento á Constituição em vigor, como remedio aos nossos males, — espiritos teoricos quasi todos, diletantes literarios, na maior parte, — posso replicar que cumprí e vi cumprir a Constituição de 24 de Fevereiro, deparando a cada passo com a demonstração do conflito entre seu espirito e seus preccitos e as cousas e a vida da nossa terra”. BM.

54. — “. . . não posso, porém, melhor justificar-me da ousadia que tomo, do que declarando-lhe que só o faço por força da intima e profunda convicção em que estou de que este paiz segue pleno caminho da dissolução, e que o remedio é a revisão constitucional que proponho”. AB. — “Desorganizados por efeito de forças e impulsos que, céga e atropeladamente dirigindo os nossos destinos, nos desviaram do curso de evolução de todas as outras nações — fonte de que derivam as idéas teoricas que pretendem pôr em pratica os nossos governantes, e com que jogam os nossos criticos — tarde chegamos á consciencia dos fátos da nossa vida e das necessidades do nosso desenvolvimento. . . Não posso, por isso, ocultar nem atenuar a convicção de que o trabalho de constituição nacional, que nunca

se fez, já vem tardio. A revisão constitucional que proponho, sendo a obra organizadora reclamada pelo paiz, é a obra de correção e reparação, que incumbe á nossa época". AO. — "Venho pedir ao meu distinto coléga — a quem tantas demonstrações de estima pessoal devo — o obsequio de aceitar os cinco exemplares dos meus livros de politica nacional que com esta remeto para os distribuir á redação d'*O Imparcial*. Infelizmente a escassez dos meus recursos não me tem permitido executar o meu programa de propaganda e publicidade, com a brevidade necessaria; mas estou certo que homens inteligentes e imparciais, que leiam esses livros, não hesitarão em reconhecer que aí está a solução aos males da nossa vida publica. *Que me leiam: eis o que peço*". BX. — "O programa destas soluções praticas está compendiado no meu projéto de revisão constitucional, que não obedece a principios de escola, a teorias de opinião, a doutrinas de partido: são instituições para o Brasil, que ele propõe, com os meios, os instrumentos e as condições, da sua realização efetiva". CO. — "Não tenho outro apelo, senão este, a dirigir aos meus patricios: que vivam para a Pátria, provocando, neste paiz, a nobre reação do reerguimento dos seus brios, e da sua capacidade organizadora, em lugar de prosseguirem nessas deprimentes e aviltantes campanhas e obras, sem fito e sem metodo, que, a titulo de moralização, e de regeneração nos estão inspirando o nosso desnorteamento e o nosso ceticismo, com o que renovamos nesta época, com estranho esquecimento da experiencia historica, as mais arcaicas formas da reação, mil vezes repetidas e desprestigiadas". CP. — "Tal a obra arquitetada em meu projéto de revisão constitucional: — obra conservadora, pela orientação organica, pela estabilidade e pela

energia legal conferida á autoridade, — e obra liberal, pelas garantias praticas efetivamente dadas, não só as liberdades primarias do individuo — as liberdades individuais propriamente ditas — como ás liberdades sociais, sujeitas á concorrência, e dependentes de meios, oportunidades e possibilidades”. CR.

VIII

NACIONALISMOS

55. — “Meus estudos sobre nacionalismo não tiveram a felicidade de ser compreendidos por muita gente — o que não é de surpreender, dado o estado de espirito do nosso povo, sujeito, em sua paixão extatica por imagens, e em sua crise de indolencia mental, a confundir as cousas mais claras e admitir as maiores extravagancias. Tomou-se por aggressão ao estrangeiro o que não era senão quasi tardia advertencia da progressiva ruina e eliminação do nacional na luta economica dentro do paiz, e justa demonstração da necessidade de tonificar as nossas energias e o nosso espirito de cooperação social: politica urgente, para minorar os males de hoje, e para preparar gerações de homens capazes de servir ao paiz, entregue ao fortuito dos impulsos pessoais e das tendencias de cada geração, sem nexco coletivo e sem orientação social”. ON, 155. — “E se, para construir a Nação brasileira, se faz mistér, como entendo, limitar certa ordem de poderes e atividades a estrangeiros no paiz, nem tal limitação se compara com os abusos do proteccionismo com que estamos virtualmente fechando a Nação ao comercio exterior — e que eu condeno intransigentemente — nem se traduzem senão pelo combate aos abusos do

capital e da expansão monetaria que, não se convertendo, para nós, em fatos de cooperação capitalista com os nossos interesses, valem realmente por verdadeiras evicções das nossas forças economicas das nossas riquezas e das nossas terras. São os abusos e as delapidações do capital — combatidos, em sua politica interna, por todos os governos: são os sofismas, em homenagem á liberdade nominal, sob a égide metafisica de uma liberdade abstrata a que se atribuem não se sabe que virtudes magicas de *fetiches* verbais, á liberdade efetiva dos povos, abusos e sofismas só permitidos pelas grandes potencias aos seus manobradores de dinheiros, em proveito da acumulação da sua riqueza nacional — que eu combato”. CQ.

56. — “Esta idéa (a do movimento de Bilac a favor do serviço militar obrigatorio) surgiu, em verdade, de duas origens: o movimento nacionalista, que vem sendo derivado, distraído e confundido, mas que resiste, tenaz e imperioso, como o próprio ditame da consciencia brasileira, — e a inquietação resultante do estado de guerra na Europa e de agitação em toda a politica mundial”. AP. — “A leitura do artigo da “Vida Moderna”, a que não seria difficil juntar muitos outros trabalhos, mesmotalvez anteriores, caracterizando a falha fundamental da natureza do Brasil como sociedade e como “constituição” politica em confronto com estes trechos da Mensagem de 1899 e com as idéas que venho desenvolvendo em meus trabalhos mais recentes, serve para acentuar a divergencia capital que me sepára dos varios tipos de “nacionalismo”, que têm, por aí, surgido nestes ultimos tempos e que, ou transportam para o nosso meio — como se nos tem importado uma infinidade de outras paixões, utopias, formulas, tendencias e reformas improprias e alheias — o nacionalismo emotivo de além-mar ou agitam na opi-

nião, a titulo de “regeneração patriótica” como expressamente se diz, uma dessas cruzadas de excitação de que a Historia exhibe inumeros exemplares, como productos românticos de sonhadores politicos, — sempre terminadas em crises histericas de fanatismo. Nenhum dos problemas da nossa vida publica terá solução, com estes remedios. Não é de “afetividade” patriótica que temos falta. Em sentimentos, “impulsos” de fraternidade, tendencias para a abnegação e para o sacrificio, somos iguais aos melhores povos do mundo e nisto, as palavras iniciais da “nota politica” refletiam tambem a influencia da literatura da época... Uma Pátria de concepção idilica, todos nós a temos, mais ou menos, no espirito; disposição de ir para a guerra, não só ha muitos milhares de brasileiros que a possuem, sem saber bem porque, muitas vezes, aliás, como encontrarão todos, no momento irremediavel em que os politicos puzerem para a massa do povo o problema ultimo desse sacrificio, — o estimulo para o fazer... O que nos faltou, e o que nos falta é, objetivamente, á Nação, que não pode ter por élo no Brasil, entre descendentes de portuguezes, de italianos, de alemães, de indios, de negros, de polacos e até de sirios, sucessivamente imigrados em poucos seculos — para nenhum espirito esclarecido e leal do nosso tempo — qualquer dos laços que fundiram as nações classicas, nem encontra, em nosso meio, uma forja de fusão intensa — com muitissimas falhas, aliás, ainda — como a dos Estados Unidos e o que nos tem faltado, no que se pode chamar a subjetividade superior do paiz, é a direção capaz de constituir a organização e de manter a politica apropriada a crear e nutrir esses laços...” CN.

IX

REIVINDICAÇÕES

57. — “Ao contemplar — no bronze que lhe perpetua a grave e serena figura — a memoria de Teixeira de Freitas, póde quem escreve este artigo — o primeiro, talvez, que reclamou para o seu operoso esforço e seu lucido subsidio na consolidação do nosso Direito Civil e no preparo do nosso Codigo um monumento de gratidão popular — trazêr um testemunho quasi pessoal da grandeza dessa nobre figura brasileira...” BZ.

58. — “...melhor demonstração da verdade das minhas afirmações não poderia ter do que no que se tem passado depois que levantei este grave problema nacional”. AB. — “Não tivesse eu outras vitorias a creditar-me nesta campanha e a esperança de conquistar melhores, para consolidação desta e para realização da “politica nacional” que este paiz não tinha, e cujas bases me coube a fortuna de indicar, e já isto me compensaria de muitas amarguras”. AB.

59. — “Basta recordar que, quando iniciei este movimento, era cousa assentada na opinião letrada do paiz, propagada pelos seus professores e diretores mentais, a idéa da inferioridade das nossas raças, hoje, felizmente, abandonada — sem nenhuma demonstração de aprêço, aliás, ao brasileiro que tomou a si prestar esse «pequenino» serviço á consciencia moral de sua pátria...” BM.

60. — “Compare-se, agora, sobre o meu objéto, a utopica aspiração da constituição de 24 de Fevereiro com a

organização judiciária, ou ainda melhor, com a organização do poder coordenador — e não tenho a menor dúvida da vitória, sobre a feição romanticamente teorica da primeira, do espirito de realidade pratica, de espontanea exequibilidade da segunda”. AF.

61. — “Quando publicada no *Jornal do Comercio* esta parte deste estudo (*Em pról das nossas raças*, cap. II do livro *O Problema Nacional Brasileiro*) trazia por titulo o nome tradicional da Terra da Promissão. Não foi a lembrança do titulo do admiravel romance de Graça Aranha nem uma interpretação do seu pensamento em sentido desfavoravel ao valor das nossas raças, que sugeriu o titulo do artigo”. PN, 56, nota.

X

NORMAS DE PENSAMENTO E DE AÇÃO

62. — “Empenhado por um programa politico, preciso legitimar os meus titulos á iniciativa — que só agora me julguei autorizado a assumir — de tomar uma attitude pessoal e de falar em meu próprio nome, documentando, por outro lado, as razões desta minha campanha contra o insensato e inépto sistema de preceitos, de normas e de formulas — incoerentes, falhos e impraticaveis, que adotamos por nosso regime politico, e que se tem a coragem de considerar áto de criterio manter — o que só se concebe possivel com a reserva mental de não se lhe dar a menor importancia aos principios, atribuiundo-lhe ás palavras todos os sentidos convenientes...” AT.

63. — “Desculpe a forma deste apêlo ao homem modesto e isolado — o mais fraco e mais esquecido dos

seus patricios, ao mais abandonado dos trabalhadores mentais desta terra, que cumpre deveres de consciencia e não deveres de cargo..." AB.

64. — "Os problemas que venho submetendo ao estudo dos homens que governam este paiz e dos que dirigem a sua opinião são de ordem a me não permitirem delongas nem vacilações no esforço a que me julgo forçado, para abreviar-lhes a solução, pelos meios e com as condições de exito e de segurança necessarios". AG.

65. — "...entendí, em todas essas posições, dever expôr á publicidade a mais ampla, os criterios e normas da minha condúta politica. Tanto basta para pôr a salvo da pécha de pretensão, de audacia, ou de impertinencia, a attitude que assumo, já muito para além da idade da experiencia, e da tarefa, em que outros pleiteiam e alcançam — sem palavra de programa. ou de orientação, — posições de chefia". BM.

66. — "...não usando, pelas minhas idéas, hoje, como, aliás, em toda á minha carreira, do menor elemento de força, nem do mais ligeiro ardil de astucia ou de sugestão..." BM.

67. — "Buscando a publicidade, solicitando a discussão, — posso dizêr que tomo posição, na sociedade brasileira, na última linha dos simples cidadãos e usando o mais comúm dos seus direitos". BM. — "Disposto a lutar pela discussão, — único procésso de ação publica que admito". BM.

68. — "Ha casos em que falar da própria pessoa é tomar uma posição impessoal. Acresce a isto que a necessidade que se me impõe de falar de mim mesmo não se explica justamente senão pela direção e inspição inteiramente impessoal de toda a minha vida..." BM.

69. — “À minha Pátria, como ao regime político a cujo serviço me devotei desde moço, prestei durante trinta e tres anos, todos os serviços que o dever me foi apontando, na linha de ação que a minha conciencia me indicava. Dessa linha, que não passou nunca da fileira dos soldados, quando fóra das posições officiais — posições que jamais ambicionei, jamais pleiteei e jamais conservei, em detrimento do meu devêr, que repeli e a que renunciei, quando incompatíveis com a conciencia das minhas responsabilidades — nunca fui elevado ás comissões politicas que exercí, senão por escolha absolutamente espontanea dos meus chefes e dos meus correligionarios”. BM. — “...ocupeí em meu paiz — por escolha espontanea dos meus concidadãos e dos meus chefes, e com surpresa minha, quasi sempre — as mais altas posições...” BM.

70. — “Foi assim que — e esta é uma das novas declarações que muito me interessa consignar — consultado já muito depois de haver deixado de prevalecer a razão de escrúpulo que me impusêra o arredamento de funções politicas, sobre a aceitação de cargos federais de eleição pelo meu Estado, declarei, por duas vezes — não obstante estar convencido que uma posição no Congresso pouco adiantaria á efficácia da minha ação — que aceitaria a candidatura, desde que tivesse probabilidade de exito e não fosse tomada por expressão de adesão ou de apoio á politica e á administração que se vinham fazendo na União e no Estado. De outra vez, adiantei-me, mesmo, a tomar uma iniciativa, comunicando a varios amigos, por ocasião de uma das crises de escolha do candidato á Presidencia do Estado do Rio, que aceitaria a candidatura a esse cargo, se me fôsse oferecida com probabilidade de exito”. BM.

71. — “Eu não cometerei a covardia de afetar modestias pueris. Estou convencido de haver compreendido o meu paiz e de ter achado o programa da sua vida”. CP.

72. — “Não pretendendo nem ambicionando aplausos, creio, contudo, que o objéto e os fundamentos destes trabalhos não são de ordem a se porem á margem, com simples sentenças categoricas de rejeição liminar; precisam ser estudados, refletidos, analisados, comparados com outros”. AE.

73. — “Se eu fôsse egoista, consolar-me-ia com a consciencia e com a satisfação da responsabilidade exonerada; não o sendo, porém, habituei-me, desde muito, a só ter idéas para serem executadas”. AC.

74. — “Prosseguindo em meu plano de organização, não posso, só, como sou, neste esforço — e não dispondo de recursos para os labores de uma atividade muito intensa, ficar á mercê dos desvios e distrações a que me possa arrastar a polemica”. AG.

75. — “Em discurso que pronunciei em Petropolis, como paraninfo de normalistas que recebiam o gráu, usei de uma imagem para definir a natureza da civilização que deve florescer em nossa terra, em que a figurava como a inversão do mito de Babel: regresso de povos, dispersos pela terra, ao solo de uma pátria, formada sobre a base generosa e pratica do amôr ao homem e do amôr á vida. Esta imagem, verifiquei-o depois, havia sido antecipada por um dos grandes apóstolos da igreja catolica”. PN, 57.

XI

DAS SUAS RESPONSABILIDADES

76. — “Durante todo o longo decurso da minha carreira política — afirmo-o sem receio da mais completa análise e da mais ampla discussão — estou certo de que não se encontram nos meus atos, nas minhas palavras e nas minhas abstenções nenhuma responsabilidade pelas causas da ruina das finanças publicas, da desordem, dos erros e da anarquia da politica e da administração, do nosso miseravel estado de pobreza economica — só disfarçada, nos centros onde se fazem negocios, pelos abusos da “exploração”, que se tomam por progresso e enriquecimento nacional — como, pelo contrario, posso apontar em meu passado, com relação a cada um dos artigos de accusação contra o regime e contra os seus homens, palavras e atos de advertencia, de protesto e de reação, inumeras iniciativas de previdencia, de esclarecimento e de correção, contra lacunas, desvios, abandonos e descuidos, relativos a objéto vitais da nossa constituição e do nosso desenvolvimento”. BM. — “...póde afirmar não ter responsabilidade por nenhum dos erros e dos desastres da Republica, haver prevenido em tempo o despontar de grande número das nossas crises...” BX.

XII

DA SUA SITUAÇÃO PESSOAL

77. — “Desculpe a forma deste apelo ao homem modesto e isolado — o mais fraco e mais esquecido dos

seus patricios, ao mais abandonado dos trabalhadores mentais desta terra, que não conta, para compensação da alma, do sangue e dos nervos que põe em seus trabalhos, senão com a consoladora animação, puramente moral, da sua divisa: *In posterum.*" AB. — "Hesitei, no escolher o assunto deste artigo, entre varias questões de interesse. Seduzia-me, a principio, escrever alguma cousa sobre este titulo — "Militarismo, civismo e defesa nacional"; mas o objéto — muito vasto e complicado — pedia forças maiores que as minhas forças físicas neste momento." CL. — "Tendo sofrido de ha cerca de dois mezes forte abalo em minha saúde física, era natural que esta causa mais de fraqueza, junta ás muitas que fazem de mim o mais debil dos homens publicos deste paiz, e junta aos tremendos obstáculos que tenho encontrado ao cumprimento do devêr que me impús de estudar e propôr soluções aos problemas vitais do Brasil, me ditassem uma certa restrição aos trabalhos em que tenho vindo expondo... os resultados dos meus estudos..." CQ.

78. — "Trabalhando completamente só, com sacrificios que importam, para os meus recursos nunca desembaraçados de ónus acumulados durante longa vida publica, um tributo não pouco pesado, sem o apoio de correligionarios de qualquer ordem, de *egreja* (...), de partido, de nenhuma dessas solidariedades que se formam em agrupamentos, arregimentações e associações eventuais da vida, de associações de interesse, de amparo mutuo, ou de troca de favores; havendo interrompido a minha carreira politica sem devêr nada aos amigos — que ficaram de posse das posições que legitimamente podiam esperar de mim — para sancionar com a renúncia ás posições da carreira a que me havia dedicado, como a um apostolado, a reação que

opus, no governo do Estado do Rio, á supremacia do partidarismo sobre a autoridade governamental e á consolidação das oligarquias estaduais..." BM.

XIII

NA ARENA DA LUTA

79. — "Tendo por objetivo dar á nossa Patria uma racional organização pratica, os estudos que estou publicando interessam á opinião e carecem lhe ser expostos como a unica fonte de onde podem surgir a expressão de um pensamento representativo livre e átos espontaneos de uma vontade coletiva. Eis por que tanto me empenhei por obter o estudo atento desses escritos, e porque venho ainda pedir agora — ao oferecer á imprensa, nas cincoenta paginas do folheto "As fontes da vida no Brasil", mais um quadro, incisivo e rapido, da crise dos órgãos estruturais mais intimos da vida nacional: a natureza e o trabalho, — a atenção dos meus colégas da imprensa. Não pretendendo nem ambicionando aplausos, creio, contudo, que o objeto e os fundamentos destes trabalhos não são de ordem a se porem á margem, com simples sentenças categoricas de rejeição liminar: precisam ser estudados, refletidos, analisados, comparados com outros. Os problemas que eles expõem aí tem á vista do proprio "corpo de delito" nos fatos da nossa natureza e nos da nossa vida social." — AE.

80. — "A indole organica da politica aqui proposta não póde deixar de encontrar adesão no criterio de toda a gente que reflete sem ter o cerebro obstruido pelas massas de preconceitos que cada filosofia, cada

escola e cada sistema da época exalta á altura de ciência." ON, XXX. — "Obra pratica, o exito das soluções que proponho não depende senão de serem conhecidas dos muito bons caracteres e inteligencias sãs que ainda possui o Brasil. Tenho inteira confiança em que o meu programa será vitorioso, no dia em que a nação o compreender." AP.

81. — "A verdade intensa das afirmações que estou fazendo se ha de impôr aos olhos dos que me contestam." AG.

82. — "Foi essa carta entregue ás folhas desta °capital em Janeiro do corrente e marcava mais um passo no esforço que, desde 1910, venho fazendo... Para os outros esforços não logrei alcançar atenção: e os meus novos livros não obtiveram até hoje estudo sinão da parte de um meu talentoso e culto conterraneo, o sr. dr. Oliveira Viana, que, pelas colúnas d'"O Paiz", lhes está fazendo uma admiravel analise, ardente de patriotismo e penetrantemente lucida, a que Osorio Duque-Estrada juntou um brilhante relance de conjunto e a que concedeu o "Jornal do Comercio", em duas colúnas de honroso apreço intelectual, meia duzia de categoricas sentenças de condenação." AF. .

83. — "Sob a influencia de tal impressão, habituaram-se, o mundo politico e a imprensa, a tratar com a forma de um aplauso literario, não só os meus trabalhos de politica internacional, como os de politica interna, posteriormente publicados. E' desta atitude de indiferença que resulta, para as idéas novas, toda a dificuldade que se lhes depara." AP. — "E' certo que, de tempos a tempos, uma ou outra das minhas idéas vem á tona da publicidade, que aqui ou ali o meu nome recebe um desses vagos elogios pessoais que nada ex-

primem; mas, quando a obra é aproveitada, o nome desaparece; e, quando o nome aparece, é sempre com o ar indefinido de quem falasse num literato ou num escritor de livros didaticos, por exemplo." BX.

84. — "De um grande obstaculo ao exito das minhas idéas tive plena consciencia, desde os meus primeiros passos nesta campanha: o de ter de enfrentar, em resistencia inérte contra os dados e as conclusões da politica que propunha, os preconceitos e sugestões superficiais que os aspectos apparentes das nossas cousas e a aceitação de idéas trazidas por livros, cronicas e jornais estrangeiros, põem em circulação e fazem prevalecer entre os nossos dirigentes... todos os preconceitos teoricos, todos os interesses materiais e todos os habitos, tendencias e paixões acumulados em torno das formulas e dos aparelhos do nosso regime politico". BM.

85. — "Queria isso dizêr que me propunha a acompanhar os órgãos de publicidade e os homens eminentes, a quem tenho distribuido os meus livros, na discussão metodica, assentada e cuidadosa dos dados objetivos e das idéas do meu projéto... Foi inutil a minha solicitação; mas, se tem falhado a critica, e não se quer conceder o debate, mal consigo evitar a impressão de que, atenções e bondades pessoais á parte, a imprensa fluminense resolveu fazer ao meu projéto e á politica que proponho a guerra — extremamente danosa — do silencio, deixando em olvido idéas e soluções, que o povo fica desconhecendo, porque não lê senão jornais, e sumariamente condenados com alguns periodos de pontificias contestações e replicas de rejeição liminar. Tal o efeito que produzem as objeções até hoje opostas á idéa da revisão e á sua oportunidade: simples contestações por negação, como se diz

em linguagem processual, ás téses desenvolvidas em meus trabalhos." AF.

86. — "Ressalvados estes pontos, permitir-me-ei solicitar-lhe que releia os meus livros. Constrange-me, até dar-me quasi a sensação da dôr física, têr de ousar esta súplica; não posso, porém, melhor justificar-me da ousadia que tomo, do que lhe declarando que só o faço por força da intima e profunda convicção em que estou de que este paiz segue pleno caminho da dissolução e que o remedio é a revisão constitucional que proponho."

AB — "Os livros que lhe mandei são o espelho desta realidade e contêm o remedio para esta anarquia. Leia atentamente esses meus trabalhos, mas leia-os na terra e na vida, e não de camarote de teatro, seja de teatro comico, dramatico ou tragico; e, se tivér dúvidas e objeções, dê-me a honra de vir conversar comigo." AB. — "Suplico-lhe que leia e releia os meus livros. Ha de encontrar em suas paginas refutação ás suas dúvidas e aos seus temores." AB. — "...mas estou certo que homens inteligentes e imparciais, que leiam esses livros, não hesitarão em reconhecer que aí está a solução dos males da nossa vida publica. *Que me leiam: eis o que peço.*" BX

87. — "Seria para mim motivo de alegria e de honra trabalhar com um brasileiro do seu valor (ref. a Felix Bocayuva), ligado á minha afeição pelo laço de uma grande saudade, de uma profunda admiração. Se isso não fôr, entretanto, possivel, já me sentiria feliz com o prazêr da sua convivencia." AC.

88. — "Para mim, pelo contrario, que os tenho mais em mira, demorar a atenção sobre os incidentes da vida publica, discutir os projéto que se apresentam, sugerir reformas parciais e oferecer medidas isoladas,

nada mais importa que acumular palavras sobre palavras, agitar lufadas de retorica e divagação, dispersar os espiritos, desvairando-os cada vez mais — quando a hora da ação se está fazendo tardia e a ação só pode consistir na reorganização geral do paiz, sob um regime pratico. Para promover esta obra senti, logo ao começo da campanha que tomei a mim, a necessidade de possuir imprensa propria e de obter meios de divulgação dos meus trabalhos. Neste esforço, eu me disporia a uma intensa atividade. Dado uma vez a publico o programa que me parece conter o quadro e a base da nossa reorganização, era inutil vir frequentemente á imprensa, com artigos isolados. Não tendo encontrado discussão — tal nome não cabendo ás vagas objeções que me foram opostas, direta ou indiretamente, sem estudo e sem reflexão, e em que, ou se me atribuíram cousas que nunca escrevi, ou me retrucaram, como quem inicia estudos politicos, ás minhas *soluções*, os proprios principios gerais e idéas abstratas de que elas são deduções e applicações, ou se cometiam erros palmares de logica, transpondo e confundindo, na argumentação, teses, idéas e sistemas de pensamento, — não era possivel sustentar, por meio de artigos avulsos em jornais alheios, demorados quasi sempre na publicação e nem sempre publicados, a propaganda necessaria a criação de uma corrente de opinião que exprimisse, com todo o senso e toda a energia de deliberação, o movimento, a ação, o esforço, em que devem traduzir-se a angustia, os direitos, os interesses e as esperanças dos quinze milhões de brasileiros que não têm órgão em nenhum dos instrumentos da sociedade ativa do paiz e os da Nação a formar-se. Foi, por isso, meu maior empenho e maior esforço fundar o órgão de publicidade de que carecia, sem embargo dos passos

que dava para divulgar o meu pensamento, fazendo-o conhecido, pelo menos dos que dispõem de prestígio na direção e no governo do paiz. A oportunidade para agir vai correndo, e correm, também, ao lado dela, todas as chances de acaso e de imprevisto, cada dia mais possíveis e mais varias. O azar, que já uma vez decidiu dos nossos destinos, remetendo-nos a Casa de Bragança e a Côrte de D. João VI, nos pode estar ainda preparando, nesta hora, outra surpresa semelhante... Aos que me tem dado a honra de me ouvir, nada me cumpre dizer senão que prosigo em meus trabalhos, que tenho dois livros mais em vias de publicação e que continuo a fazer todo o possível para fundar o meu órgão de publicidade." AJ. — "O presente artigo deveria ter sido publicado segundo-feira, pelas colunas da *A Noite*, na colaboração que aí mantinha o seu autor. Essa folha recusou-lhe a publicação, sob fundamento de que, tendo *convicções* favoráveis aos aliados, não podia publicar um trabalho que era, segundo a sua propria expressão, "uma defesa da Alemanha" — "os nossos dominadores de futuro", no dizer de um seu redator. O autor precisava consignar, em nota, uma pequena observação a respeito destas razões... As palavras deste ligeiro trabalho só podem ser interpretadas como importando "uma defesa da Alemanha" — em consequencia da attitude leviana de uma imprensa e de homens publicos brasileiros que, *desde o começo desta conflagração*, tomaram partido por um dos beligerantes, dando preferencia, num pleito internacional que tem objéto manifesta e confessadamente imperialista, a um dos contendores contra o outro e optando pelo imperialismo que já domina os mares, que centralisa o commercio bancario e a navegação e se declara formalmente decidido a manter a sua supremacia sobre os

oceanos, contra o imperialismo da potencia nova, recém-vinda na concorrência mundial, que vem pleitear com a outra o exercicio das suas energias e atividades abrindo chanças, neste processo de competência e de seleção, — como em todos os embates humanos — á victoria final da liberdade das nações...” BL. — “Disposto a lutar pela discussão, — não renunciei, jamais, ás esperanças de crear os órgãos de publicidade que me eram necessarios, para, em propaganda das minhas idéas, fazer nos espiritos a convicção e a persuasão, e para ativar, afinal, o movimento politico — a ser iniciado, logo ás primeiras manifestações do apoio publico pela organização de um centro de direção. Não tendo conseguido, apesar de muitas tentativas, realizar o meu projéto de fundação de imprensa — ponto de partida e base de qualquer ação publica — e havendo verificado, desde o começo de meus esforços a inutilidade de artigos avulsos — para cuja publicação nem sempre encontrei, aliás, boa vontade, da parte dos jornais desta capital — resolvi contemporizar com esses e outros embaraços, e prosseguir em meus estudos e no preparo dos trabalhos que formam o meu programa de ação politica pessoal, ao passo que iria trazendo ao publico as advertencias e ressalvas que os acontecimentos me fossem impondo... Foi o que fiz até hoje, e é o que continuo a fazer. O meu programa continuará a ter execução, daqui por diante, por meio de conferencias e de publicações.” BM. — “Enquanto a crise que atravesso não me permite renovar, mais uma vez, outra demonstração mais detalhada das minhas convicções — que ninguém discutiu até hoje, — permitir-me-ei apenas destacar, depois das observações que aí ficam, para expôr a toda a luz a inverosimel extravagancia desta situação politica, o fáto, talvez unico em todo o mundo,

de serem apontadas como causas da desordem publica e do sofrimento da Nação a imoralidade reinante e a falta de juizo (!) e de administração, por parte justamente dos homens que mais longamente tem exercido o poder, cuja biografia é uma sucessão continua de occupação de funções publicas e que a sorte favoreceu sempre com todos os favores e todas as facilidades da fortuna, da influencia social, do apoio de todas as forças — para o exercicio da ação mais livre e da mais intensa eficiencia pratica. Quando o criterio, a moralidade e a regularidade na administração — condições primarias de todas as cousas, no governo e na politica como no mais, e não objéto nem fim do governo — assumem as proporções do problema principal, de causa capital e unica da desordem nacional, a primeira consequencia, de intuição, a tirar-se é que duas cousas estão preliminarmente condenadas, por esta sentença: o regime que trouxe o pajiz á este estado e as pessoas que o têm dirigido na ação governamental, como na politica.” CQ. — “...vagas objeções que me foram opostas, direta ou indiretamente, sem estudo e sem reflexão, e em que, ou se me atribuiram cousas que nunca escreví, ou me retrucaram como quem inicia estudos politicos...” AJ. — “Num artigo publicado nesta folha, de que tive noticia pela transcrição de alguns trechos n’“O Estado de S. Paulo”, reabre o sr. dr. Assis Chateaubriand o debate sobre o valor e capacidade do mestiço brasileiro, repetindo, com calorosas e pungentes palavras, a sentença condenatoria da quasi totalidade da nossa população — sentença tão grata ao pessimismo catedratico dos nossos intellectuais. E alude ao meu nome, incluindo-me entre os que aceitam o “veredictum” dessa sentença. Sinto-me assim for-

gado a, mais uma vez ainda, esclarecer e precisar o meu pensamento, não só sobre o interesse e relevancia dessa aferição intrínseca de valores etnicos — debate academico, para teóricos de outras terras, que se converte, travado entre nós, em simples fraqueza do senso politico — como sobre a attitude do meu espirito em face dos problemas discutidos a proposito dessa tése abstrata de Etnologia que não tem e não pode ter, para cerebros de orientação pratica, senão um tribunal julgador: o curso ordinario dos fatos, operando, ao jogo de todos os elementos e de todos os fatores do “habitat” e da vida, o joeiramento das seleções... Ora, essa teoria da desigualdade definitiva das raças é a premissa maior do silogismo que leva á “condenação” do mestiço; e um dos mais esforçados, justamente, dos meus trabalhos tem consistido, em todos os estudos já publicados, em combater a influencia desta tése sobre o espirito dos meus patricios. Adota-la envolve, obviamente, a conclusão da inutilidade, da improficuidade, da luta. Foi isso o que fiz nos capitulos do *Le Probleme Mondial*, do *Problema Nacional Brasileiro* e da *A Organização Nacional*, que tratam da questão das raças.” AM.

XIV

IMPRESSÕES...

89. — “A minha obra é uma obra penosa de ação politica, executada por entre as linhas paralelas de dois sacrificios: o sacrificio dos meus proprios esforços, na fraqueza dos meus meios e a angustia das minhas desilusões sob a dôr de ver que não ha éco em nosso

paiz para palavras e para átos de abnegação... Eu, porém, não desanimo, e não pararei. Não me submeto a aceitar como juizo sobre a nossa terra que tudo entre nós está reduzido a engrossamento, ao prestigio do poder ou da fortuna e á camaradagem pessoal ou nepotismo..." BX.

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Outubro de 1938.